

Elisiana Trilha Castro

**AQUI JAZ UMA MORTE:  
ATTITUDES FÚNEBRES NA TRAJETÓRIA DA EMPRESA  
FUNERÁRIA DA FAMÍLIA HAAS DE BLUMENAU**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Bernardete Ramos Flores

Florianópolis,  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Castro, Elisiana Trilha

Aqui jaz uma morte : atitudes fúnebres na trajetória da empresa funerária da família Haas de Blumenau / Elisiana Trilha Castro ; orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores - Florianópolis, SC, 2013.

399 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Morte. 3. Ritos fúnebres. 4. Empresa funerária. I. Flores, Maria Bernardete Ramos . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de PósGraduação em História. III. Título.

Elisiana Tilha Castro

**AQUI JAZ UMA MORTE: ATITUDES FÚNEBRES NA  
TRAJETÓRIA DA EMPRESA FUNERÁRIA DA FAMÍLIA HAAS  
DE BLUMENAU**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor”, e aprovada em sua forma final pelo Programa Pós-Graduação em História.

Florianópolis, 5de abril de 2013.

Prof.<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

Prof.<sup>a</sup> Maria Bernardete Ramos Flores, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof.<sup>a</sup> Maria Elizia Borges, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Goiás -  
UFG

Prof.<sup>a</sup> Fabiana Comerlato, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof.<sup>a</sup> Leticia Borges Nedel, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa  
Catarina - UFSC

Prof.<sup>a</sup> Marlene de Fáveri, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade do Estado de Santa  
Catarina - UDESC

Prof.<sup>a</sup> Janine Gomes da Silva, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal de Santa  
Catarina - UFSC



## AGRADECIMENTOS

### *œ Agradeço œ*

*Aos que estiveram presentes nesta caminhada de contratempos e de conquistas. Durante o doutorado, nasceu o meu filho Tássio e a experiência de ser mãe em tempo integral, sem creches ou babás, fez de cada linha uma pequena vitória pessoal.*

#### ***Primeiramente***

À minha orientadora Maria Bernardete Ramos Flores que sempre mostrou entusiasmo e respeito ao tema que pesquisei. Também a CAPES pela bolsa que financiou este estudo.

#### ***Especialmente***

À família Haas, nas pessoas de Ronald e Rolf Haas, por terem partilhado uma vida e um acervo familiar magnífico que tornou possível a tese.

#### ***Carinhosamente***

À Associação Brasileira Estudos Cemiteriais (ABEC), em especial, a Elizia, Clarissa, Eduardo, Henrique, Marcelina, Luiza, Kate e Thiago, e ao pessoal do *Interditus*.

Aos amigos do coração: Adelson (amigo e compadre), Anderson (irmão de longa data), Oscar (meu amigo e Guru), Fabiana (nana), minha querida Julia Tomasi, Cláudia (a dinda do Tássio), Fabinha, a prima Fabrina (na verdade, irmã de coração) Gisa Machado, Rafaela, Michele, Lucésia, Noeli, Fabrícia, Anelise, Ana Paula, Carla, Dóris... como vocês eu queria ter outros mais e vê-los sempre. À linda Olívia e o seu Leonardo pelo apoio com os últimos e importantes detalhes.

**œDedico este trabalhoœ**

*Aos meus pais, Edi e Aída, com amor de filha.*

*Ao meu filho Tássio, pois o amo demais.*

*Ao meu esposo Juliano, com o meu amor de sempre.*

*Aos mortos... tema de estudo, de sonhos e de reuniões em família  
onde desde criança aprendi que a vida segue.*

œ

*In memoriam*

*Mathias Haas*

*Vó Olívia Apriletti Castro*

*Vó Dacy Teixeira Trilha*

*Tio José Carlos Trilha*

*Querida Alice de Faria Araújo*

œ

*Se me perguntassem, agora,  
senão estou arrependido de ter gasto tanto tempo  
de minha vida em assuntos exóticos,  
e que eram normalmente rejeitados por todos os estudiosos,  
assuntos que antes nunca mereceram capítulo  
quanto mais livros e vasta documentação iconográfica,  
hoje responderia que não tenho do que me arrepender.*

*Clarival do Prado Valladares  
(Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros, p. 15-16)*

Prezado Clarival,  
faço das suas, as minhas palavras.  
Saudações, Elisiana!





## RESUMO

Desde os primeiros anos do século XX, a empresa da família Haas de Blumenau (Santa Catarina, Brasil) dedica-se ao mercado funerário. A pequena oficina, fundada por Mathias e seu pai, estabeleceu-se com a fabricação de túmulos e a arte dos marmoristas, com destaque para o próprio Mathias que esculpiu na pedra, túmulos e ornamentos funerários. A administração da empresa, sempre a cargo de membros da Haas, depois de algumas décadas de dedicação à arquitetura funerária e também civil, concentrou seus esforços na gerência de uma agência funerária. Com a funerária, a empresa ofereceu aos seus clientes uma série de serviços voltados ao cuidado do corpo e por último, entrou no segmento de vendas de planos funerários. Desde a sua fundação, a empresa enfrentou mudanças e teve que administrar momentos de transição e de adequação de seus produtos e investimentos para conciliar mudanças nos ritos e a entrada de novidades no mercado funerário. A trajetória da família Haas possibilitou as reflexões desta tese que buscou pensar sobre as atitudes fúnebres e a morte, em diferentes momentos, por meio de sua empresa. Contando com um acervo documental formado por imagens, escritos pessoais, partes de construções tumulares, *blogs*, notas fiscais, documentos administrativos, catálogos de modelos tumulares e depoimentos, foram percebidas mudanças no tratamento do corpo morto e no seu destino final.

**Palavras-chave:** Morte. Ritos fúnebres. Mercado funerário.



## ABSTRACT

Since the early years of the twentieth century, the Hass family company from Blumenau (Santa Catarina, Brazil) is dedicated to market funeral. A small workshop founded by Mathias and his father, settled with the production of art and tombs of marble workers, highlighting the Mathias who carved in stone, tombs and funerary ornaments. The company's management, always in charge of members of family, after a few decades of dedication to funerary architecture and also civil, focused its efforts in the management of a funeral home. With the funeral home, the company offered its customers a range of services aimed at the care of the body and finally entered the segment sales of funeral plans. Since its founding, the company faced changes and had to manage moments of transition and adaptation of their products and investments to accommodate changes in the rites and the entry of new market undertaker. The trajectory of the Haas family allowed the reflections of this thesis that sought to think about the death and funeral attitudes at different times, through his company. With a document's collection made up of images, personal writings, parts of buildings gravestones, blogs, invoices, administrative documents, catalogs and models gravestones statements were perceived changes in the treatment of the dead body and to your final destination during the twentieth century until the present.

**Keywords:** Death. Funeral rites. Funeral market.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de túmulo em negativo de vidro .....	27
Figura 2 - Capa e página de Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.....	42
Figura 3 - Capa e páginas de Interessant und lehrreich Eindrücke.....	43
Figura 4 - Coletânea de páginas de Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.....	45
Figura 5 - Polenz & Bauer.....	49
Figura 6 - Polenz & Bauer.....	50
Figura 7 - Cartão comemorativo profissional de Mathias .....	50
Figura 8 - Mathias e Rosa no cartão comemorativo.....	59
Figura 9 - Mathias em sua oficina em Nova Bremem (placa em destaque) .....	63
Figura 10 - Trabalhadores e matérias-primas .....	65
Figura 11 - Oficina de Mathias Haas em seus primeiros anos .....	67
Figura 12 - Cartão de 50 anos no Brasil.....	68
Figura 13 - Anúncio e Mathias em sua oficina.....	70
Figura 14 - Cortejo Carlos Renaux.....	77
Figura 15 - Anjos diversos e o espreme-limão (em destaque) .....	83
Figura 16 - Modelos de cruzeiros da Haas .....	85
Figura 17 - Uma marmorista mulher na Casa Aloys .....	94
Figura 18 - Vandalismo.....	101
Figura 19 - Painel (em destaque) e o busto de Rosa.....	105
Figura 20 - Modelo no cemitério São Francisco de Assis.....	107
Figura 21 - Material publicitário .....	109
Figura 22 - Anúncio Haas .....	110
Figura 23 - Modelo com medidas e fotografia .....	111
Figura 24 - Desenho e modelos.....	112
Figura 25 - Dos primeiros projetos a montagem .....	113
Figura 26 - Sede da Haas em 1929 e fachada atual.....	116
Figura 27 - Fachada sede da Haas.....	117
Figura 28 - Cartão de bodas de ouro .....	117
Figura 29 - Residências e sítio da família Haas .....	121
Figura 30 - Diagrama .....	122
Figura 31 - Produtos para arquitetura civil.....	123
Figura 32 - Registro de Bruno Kitzer .....	125
Figura 33 - Fontes para grava�o e lápide.....	126

Figura 34 - Páginas do livro com anotações .....	130
Figura 35 - Processo de polimento.....	133
Figura 36 - Monumento Carlos Renaux.....	135
Figura 37 - Propaganda em almanaque.....	136
Figura 38 - Anúncios de jornais e materiais publicitários.....	136
Figura 39 - Publicidade do atelier de Arno J. Wollmann.....	138
Figura 40 - Publicidade da Haas .....	140
Figura 41 - Publicidade da Fundação Artística Moderna .....	143
Figura 42 - Equipamentos.....	143
Figura 43 - Instalações da marmoraria na década de 1930 .....	144
Figura 44 - Materiais publicitários - com anúncio de prêmios, em destaque .....	146
Figura 45 - Diplomas recebidos pela Haas .....	148
Figura 46 - Produtos na varanda - peças em mármore de Carrara .....	150
Figura 47 - Modelo de cabeceira do cemitério de Santa Maria - Antônio Carlos (SC) .....	160
Figura 48 - Produtos de arquitetura funerária - diversos.....	160
Figura 49 - Obras cemitério Monumental de Staglieno .....	165
Figura 50 - Obras cemitério Di Certosa na Bolonha.....	167
Figura 51 - Altares e arquitetura civil .....	169
Figura 52 - Sede da Haas .....	172
Figura 53 - Quadro do artista Pellarin.....	175
Figura 54 - Carros e caminhões da empresa e detalhe da portada da Marmoraria em 1938.....	178
Figura 55 - Detalhe aproximado da lápide de José de Mendonça Nogueira.....	186
Figura 56 - Publicidade que anuncia Guido como sucessor.....	189
Figura 57 - Cartões de apresentação da Haas - diversos .....	191
Figura 58 - Equipamentos utilizados em marmorarias.....	196
Figura 59 - Publicidade da Casa Aloys .....	198
Figura 60 - Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre (RS) .....	202
Figura 61 - Sepultura jardim ornamentada.....	205
Figura 62 - Urna de fabricação artesanal, década de 1940.....	231
Figura 63 - “Inauguração” da capela velatória.....	242
Figura 64 - Estragos na empresa: a sede atingida e caixões perdidos.	249
Figura 65 - Haas e Blumenau cercadas pelas águas na década de 1930 .....	250
Figura 66 - Modelos de urnas para cinzas.....	251

Figura 67 - Banners utilizados na exposição.....	266
Figura 68 - “A morta” de Victor Meirelles .....	277
Figura 69 - Imagem post mortem .....	279
Figura 70 - Modelo de caixão norte-americano .....	282
Figura 71 - Obituário do portal da Haas.....	340





## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cemitério Comunidade Braço do Sul .....	128
Quadro 2 - Cemitério Comunidade Rega II .....	129
Quadro 3 - Cemitério Comunidade Rega I.....	129
Quadro 4 - Epitáfios de pais.....	157
Quadro 5 - Epitáfio de uma mãe .....	158



## SUMÁRIO

O fim como começo: anotações primeiras sobre a morte como tema ...	21
Capítulo 1 - Uma tradição de morte e arte no Brasil .....	41
1.1 - A tradição da cantaria: Mathias e sua oficina .....	55
1.2 - Da cova ao túmulo: a formação de um importante espaço de trabalho marmorista .....	71
Capítulo 2 - A produção da marmoraria Haas: uma empresa, uma família .....	93
2.1 - A nova sede: expandir para acompanhar o mercado .....	115
2.2 - Uma arte funerária teuta em terras brasileiras .....	153
Capítulo 3 - O tempo do granito: dos mestres às máquinas .....	169
3.1 - O aumento da produção em série e novos tempos: a administração de Guido .....	176
3.2 - Pensando novos rumos: a administração de Rolf .....	191
3.3 - Algo mudou: o luto e os enlutados .....	207
Capítulo 4 - Da pedra ao corpo: a mudança para o ramo das funerárias .....	229
4.1 - A morte em parcelas: a administração de Ronald e os planos funerários .....	248
4.2 - Corpos mortos, corpos vivos: tanatopraxia, necromaquiagem e reconstituições .....	270
Capítulo 5 - Trabalho de morte: o aparecimento de um novo profissional e suas especializações.....	285
5.1 - Da foice à UTI: algumas questões sobre morte, medicina e imortalidade .....	298
5.2 - O odor da morte: o mercado funerário atual e seus profissionais .....	303
5.3 - Novidades na vitrine, futuros negócios: mortes virtuais, criogenia e diamantes .....	339
O começo como fim: considerações sobre o momento final.....	355
Referências Bibliográficas .....	363



## O FIM COMO COMEÇO: ANOTAÇÕES PRIMEIRAS SOBRE A MORTE COMO TEMA

*Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos.*

*Ney Matogrosso*

A vida e a morte estão sempre lado a lado ou, ao menos, cruzam a mesma estrada. Por vezes, ignoram-se e, outras vezes, encaram-se mutuamente. Desse encontro nascem desesperanças, aflições, lágrimas, impotência, desesperos, força e superação. O conflito entre essas duas protagonistas, arrebatando o vivo lançando-o de encontro ao seu contrário: o morto. Para falar desse embate nem sempre as palavras alcançam o seu intento, pois quem conduz a caneta goza da mesma condição: o que aflige e perturba. O amparo veio da possibilidade de ver o tema no decurso de quem o converteu em trabalho e introduziu vida em um tema que diz respeito à sua ausência. Eis a empresa da família Haas que fez da morte a sua lida.

A proposta do trabalho é refletir sobre as atitudes fúnebres e a morte em diferentes momentos por meio da trajetória da empresa da família Haas.<sup>1</sup> Um de seus objetivos é perceber como o mercado reagiu ao fim de determinados ritos e à adoção de outros, adaptando e criando produtos, e como homens e mulheres reagiram às intervenções de um mercado que tornou o evento da morte cada vez mais “comerciável”.

Primeiramente, começamos pelo título “Aqui jaz uma morte”. A palavra “Jaz” vem de jazer do “latim *jaceo, ere, estar estendido, estar na cama, estar doente*”<sup>2</sup> e corresponde a permanecer imóvel, prostrado, morto.<sup>3</sup> Esse primeiro título não pretende afirmar o fim da morte. Ele refere-se mais ao gradativo desaparecimento de um arquétipo do qual participavam uma série de rituais funerários que tinham uma visibilidade social e urbana mais acentuada e que se desenvolviam com um maior caráter familiar. Desde os primeiros momentos da pesquisa foi percebido que o evento e os ritos relacionados à morte estavam passando por uma reformulação profunda de seu formato. O

---

<sup>1</sup> A Haas é uma empresa do ramo funerário sediada em Blumenau. Para saber mais: <<http://www.haas.srv.br/>>.

<sup>2</sup>Jazer. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=jaz>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

<sup>3</sup> Jazer. **Dicionário do Aurélio**. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Jazer.html>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

prosseguimento da escrita reforçou mais a noção de transfiguração da morte do que sua interdição, sem desprezar o seu paulatino distanciamento do âmbito familiar e cotidiano, apontando mudanças importantes nas atitudes e no mercado em torno desse momento.

O “Aqui jaz uma morte” diz respeito a um modo de lidar com a mudança dos sinais mortuários e a fuga dos sentimentos relacionados às perdas e desilusões, com ênfase no interdito em torno das manifestações de luto e dos enlutados. Algo que se manifestou com mais vigor a partir da segunda metade do século XX no Brasil, e arrefeceu os sinais mortuários clássicos, em nossa contemporaneidade como: os cemitérios secularizados<sup>4</sup>, os velórios residenciais, as roupas pretas e o estar de luto. O arrefecimento desses elementos pode fortalecer uma noção da morte como tabu em nossa contemporaneidade<sup>5</sup> e o seu possível perecimento, aparece no título. Mas, apesar de todos os arranjos estéticos, mercadológicos e a suposta imposição de uma secularização, que aparenta ter retirado, de homens e mulheres, seus velhos aportes religiosos feitos de cruzeiros, santos e purgatório, a morte não desapareceu totalmente.

Esse primeiro título também tem relação com os meus trabalhos anteriores<sup>6</sup>, monografia e dissertação, que iniciavam com a mesma

---

<sup>4</sup>Entende-se por cemitérios secularizados ou convencionais aqueles, em sua maioria, surgidos no Brasil no século XIX e que se caracterizam pela presença de sepultamentos realizados em construções funerárias, como túmulos ou mausoléus, podendo ainda aparecer na forma de cova simples, fora do espaço interno das igrejas. Também conhecido como a “céu aberto”, tradicionais, extramuros ou monumentais.

<sup>5</sup> O autor José Carlos Rodrigues utiliza a palavra tabu como título de sua publicação sobre o tema. Ver: RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. Diferentes autores destacam como característica da morte nos tempos atuais, o seu desaparecimento ou interdito. Mais adiante serão apresentadas essas visões que cercam a finitude humana na contemporaneidade. Ver: MEYEREWICZ, André Borges. Poesia, morte e contemporaneidade. **Belo Horizonte**, v. 8, p. 47-53, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Em-tese-2003-pdfs/05-Andre-Borges-Meyerewicz.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em-tese-2003-pdfs/05-Andre-Borges-Meyerewicz.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2012, p. 48.

<sup>6</sup>Ambos os trabalhos estão referenciados a seguir: CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério**: a transferência do cemitério público de Florianópolis, 1923-1926. 2004, 82p. (Monografia) Curso de História da Universidade Estadual de Santa Catarina, UDESC, 2004; CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério ( o caso do Cemitério do Imigrante de

expressão “Aqui jaz”. No caso da monografia, ela tratou da transferência do primeiro cemitério público de Florianópolis, que foi retirado durante as obras da Ponte Hercílio Luz e do qual, poucas pessoas e pesquisas, sabiam de sua existência e utilizei “Aqui jaz um cemitério”. A dissertação abordou a questão do patrimônio funerário e a sua inexpressiva participação nas políticas de preservação, e como referência à temática utilizei “Aqui também jaz um patrimônio”.

Em minha vida acadêmica estive, por muito tempo, envolvida com os cemitérios e seu rico acervo patrimonial, pouco valorizado pela sociedade e pelos órgãos públicos de preservação. Sempre inquietou-me o modo como as pessoas reagem ao meu trabalho com o patrimônio funerário e por diversas vezes perguntaram-me porque eu estudava ou trabalhava com “essas coisas”. Philippe Ariès utilizou expressões como “a crise contemporânea da morte”<sup>7</sup> e “pornografia da morte”<sup>8</sup> para definir a relação distanciada e a pouca disposição em refletir sobre a finitude humana na contemporaneidade e que talvez possam explicar tais reações.

Confesso que, prestes a completar dez anos de estudos sobre o tema, sinto-me menos sozinha do que em 2003. Contudo, apesar de ter encontrado outros interessados na temática e mesmo tendo participado da fundação da nossa associação de pesquisadores cemiteriais<sup>9</sup>, os olhares que misturam espanto e medo ainda acompanham minhas histórias.

Ao longo de minha trajetória de estudo e profissional, que compreendeu a visita a mais de uma centena de cemitérios, conversas com coveiros, entrevistas com agentes funerários e enlutados, conhecer forns crematórios e ajudar a organizar enterros, sempre tive que me

Joinville/SC, 1962-2008). 2008, 195p. Dissertação (Mestrado do programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../257466.pdf?...1>. Acesso em 4 abr. 2012.

<sup>7</sup> ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 227.

<sup>8</sup> Ibid., p. 229.

<sup>9</sup> A Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) foi fundada pelos participantes do 1º. Congresso brasileiro de cemitérios realizado em 2004 na Universidade de São Paulo, sendo a pesquisadora uma de suas fundadoras e atualmente ocupa o cargo de vice-presidente da associação. Para saber sobre a ABEC: < <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>>

deparar com a morte e esse foi o grande desafio. No meu trabalho com os cemitérios<sup>10</sup>, as lápides lembravam-me da finitude, mas nunca pude abordar de forma mais contundente tal questão em minhas pesquisas patrimoniais. Sempre preocupada em resguardar o conteúdo dos acervos cimiteriais, desde as primeiras pesquisas constatei que, além de partilhar das dificuldades dos órgãos de preservação como outros acervos, a morte também impunha certas barreiras ao resguardo do seu patrimônio material e imaterial.

Ao lidar com tais situações percebi que entender mais sobre a finitude humana poderia contribuir para meu trabalho pela preservação dos acervos funerários, o que se confirmou depois desses quatro anos de estudos para o doutorado. A possibilidade de adentrar nas relações em torno da finitude permitiu conhecer os inimigos que os acervos funerários enfrentam em sua existência: eles são a triste memória daquilo que pouco estamos dispostos a lembrar, o que permitiu compreender melhor sua especificidade patrimonial.

Porém, como já havia sido avisada, a proposta de olhar a relação com a morte e os mortos foi não tarefa das mais tranquilas. Conquanto, não sou a única que o tema desafia e faz questionar a possibilidade real de tratar a morte de forma objetiva, visto que tratamos de uma situação que nos diz respeito como humanos “e aparentemente por isso, às vezes deixa esquecer toda objetividade”<sup>11</sup>, é bem verdade. Apesar disso concordo com o pesquisador Ralph Michael Becker quando diz que o tema nos aproxima “de um fenômeno que há importância, validade e universalidade para a humanidade inteira”.<sup>12</sup> Acredito inclusive, “que o exame de questões atinentes à morte possibilita o acesso às concepções elaboradas por cada grupo social acerca da pessoa, de sua existência, corpo, vida, morte e sistemas de crenças a elas associadas”.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> A pesquisadora já coordenou projetos na área de patrimônio funerário para prefeituras e via leis de incentivo fiscal, que serão citados mais adiante.

<sup>11</sup> BECKER, Ralph Michael. A dança em cima do túmulo: o imaginário da morte enquanto fenômeno cultural. **Revista Antropológicas**, ano 12, volume 19 (2): 137-156, 2008. Disponível em: <[www.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/.../100](http://www.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/.../100)>. Acesso em: 11 jan. 2012, p. 138.

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**. Departamento de Antropologia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências



Contudo, para entender mais sobre os caminhos dessa pesquisa é preciso antes contar a minha história com as fontes e sobre o meu encontro com o que se tornou tema e entusiasmo. Em um dos meus trabalhos de inventariamento funerário, que realizo desde 2007, encontrei-me com uma família interessada em preservar o acervo de sua empresa guardada por cerca de cem anos. A intenção era promover a formação de um centro cultural,<sup>14</sup> mas ao conhecer o conjunto documental, vislumbrei outras possibilidades.

Depois de folhear os documentos impressos, as fotografias, o material de publicidade e o “diário”<sup>15</sup> do fundador, tive a ideia de abordar a morte e os ritos fúnebres por meio da história dessa família. Até então, contava apenas com a leitura de diferentes estudos sobre o tema e tinha feito buscas em arquivos e outros, mas nada tinha conseguido fazer com que eu pensasse tanto no tema, como o material que eu encontrei naquela sala na antiga residência da família em Blumenau, cidade onde nasci. Um acervo bastante incomum guardado durante anos, de forma cuidadosa, por gerações da família Haas.<sup>16</sup>

---

Humanas Universidade de São Paulo, Volume 54 (1), janeiro-junho, 2011, São Paulo, p. 89-132. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>>. Acesso em: 8 out. 2011, p. 94.

<sup>14</sup> O acervo está em fase de inventariamento e conta com o apoio de instituições museológicas. Está sendo estudada a proposta de criação de um museu para receber o acervo da Haas, por iniciativa da própria família.

<sup>15</sup> O livro principal utilizado por Mathias para o registro de suas memórias foi usado, inicialmente, para fazer o registro fiscal da marmoraria e possui diversas estampilhas de imposto de cada exercício ( com abertura em 1931 e utilizado até 1935). Os registros no livro iniciaram em agosto de 1937 conforme o carimbo ali presente e tem na capa o seguinte título: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil), 1937.*

<sup>16</sup> As pesquisadoras Maria Teresa Ramos Cunha e Ana Chrystina Venancio Mignot destacam que: “Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo.” MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; Maria Teresa Ramos Cunha. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. Educação em Questão, v. 25, p. 40-61, 2006. Disponível em: < <http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2012, p. 41.

O acervo chama a atenção por sua diversidade e é composto por recortes de jornal, fotografias de túmulos e pessoais, negativos de vidro como o que está na Figura 1, modelos de formas, partes de construções tumulares, notas fiscais, recibos de compra de material, documentos de contratação de serviços, registros de empregados, catálogos de modelos tumulares, escritos pessoais, dentre outros. Não é comum encontrar acervos de empresas do ramo funerário tão bem preservados, algo observado pela pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho e especialista em arte funerária, nesses termos “a preservação dos arquivos destas firmas é praticamente inexistente ou muito rara, o que torna os cemitérios a única fonte de tessitura de suas trajetórias”.<sup>17</sup>

A cada documento que eu encontrava e na conversa com o atual administrador da empresa, parecia ficar cada vez mais irresistível refletir sobre a morte, tendo como aporte a vida de uma empresa que incorporou as mudanças e modernizou seu produto para sobreviver no seu segmento de mercado. Instalada nos primeiros anos do século XX a empresa atendia um ramo de negócio voltado, exclusivamente, para a construção de túmulos. As demais etapas do funeral eram realizadas pela família. Atualmente a empresa oferece produtos e serviços voltados para o cuidado do corpo, como tanatopraxia e necromaquiagem, além de planos de seguros funerários, tendo deixado de produzir os jazigos.

A empresa da família Haas, com a sua dedicação ao mercado funerário, é o fio que conduz essa pesquisa. Ao longo de seu decurso, as suas denominações apontam as reestruturações pelas quais passou: Marmoraria Haas, Marmoraria Haas & Filhos, Casa Haas - Oficina de Mármore, Marmoraria e Funerária Haas, e Funerária Haas.<sup>18</sup> O ingresso

---

<sup>17</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Entre a lembrança e o esquecimento: implicações do descaso patrimonial para a arte funerária do Rio Grande do Sul. 2010. In: XIX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. ANPAP, 2010. Anais do Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, Bahia, 2012. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/2010/html/chtca.html>>. Acesso em: 2 maio. 2011, p. 542.

<sup>18</sup> Para atualizar a situação administrativa da empresa, Ronald Haas esclarece que todas são ou foram empresas gerenciadas pela família, mas já sofreram modificações. A “Marmoraria e Funerária Haas” é a “Funerária Haas” somente. A “Haas Agenciamento” abrangia o plano “Boa Vida” e o serviço funerário. Atualmente, a parte de funerária é denominada “Funerária Blumenau” e tem composição societária distinta da “Funerária Haas”. Em 2008 foi criada a

de novas gerações está nos nomes a partir do segundo, como também a dedicação ao trabalho de esculturas visto no terceiro. A entrada para o ramo das funerárias provocou suas mudanças presentes em uma das últimas razões sociais e a parte de planos e o incremento da parte de atendimento da funerária está no atual registro da empresa.

Figura 1 - Modelo de túmulo em negativo de vidro



Fonte: Acervo da Família Haas

Nesta tese, a narrativa é advinda da memória: do acervo de Mathias, o fundador, de seus escritos cercados por muitas fotografias de viagens, da família, da empresa, das mudanças nos negócios e dos prédios construídos. Somadas às lembranças de seu neto Rolf, que em entrevista narrou sobre a rotina da empresa e as dificuldades de lidar

---

empresa “Boa Vida Serviços Póstumos” para separar o plano funerário da atividade de serviços funerários, propriamente dita. A Farmahaas foi vendida em 2012. Haas, Ronald. **Atualização da situação empresa - razões sociais** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br> em 1 fev. 2013.

com um mercado em profunda mudança, durante a sua administração. Além do relato de Ronald, bisneto do fundador e atual administrador que, apesar de não fabricar mais tûmulos, dedica-se ao mesmo mercado, com outros produtos e serviços.<sup>19</sup>

Confesso que foram os escritos de Mathias o que mais me encantou, especialmente, o livro com letras douradas na capa. A experiência de folhear as folhas datilografadas, os registros sistemáticos de uma vida em um caderno espiral, a escrita de um imigrante com suas apreensões em letra cursiva, encheu-me os olhos.

Cercada de relatos, apesar de ter como aporte outros documentos, a pesquisa está cercada de lembranças que vêm e vão compondo o traçado de uma história. Em seu excelente artigo sobre memórias e arquivos pessoais, Luciana Quillet Heymann chamou-me a atenção para o que há de resíduo social nessas memórias, assim dito:

o que há de social na produção deste tipo de memória dos indivíduos, localizando neste tipo de fonte um campo estratégico para a exploração de um tema “clássico” nas ciências sociais, qual seja, o da relação entre indivíduo e sociedade (grifo da autora).<sup>20</sup>

O conceito de memória é central no trabalho desta tese e ao longo de sua escrita ela conduz o olhar sobre as relações entre os relatos e escritos pessoais e o contexto maior que se inserem para falar de mudanças e permanências nas atitudes fúnebres. Na relação entre memória e os acervos pessoais ainda devemos nos ater às seleções e escolhas feitas ao longo de sua trajetória, pois também “o que é legado à posteridade, nestes acervos, resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo.”<sup>21</sup> E retomando as considerações de Maurice Halbwachs ainda é importante destacar:

---

<sup>19</sup> Os depoimentos farão parte do museu que abrigará o acervo da Haas.

<sup>20</sup> HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 41-67, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041>>. Acesso em: 12 nov. 2011, p. 42.

<sup>21</sup> PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria. Acervos privados: indivíduo, sociedade e história. **Saeculum** (UFPA), v. 23, p. 123-133, 2010.

que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.<sup>22</sup>

A minha escrita esteve cercada por essas apreensões, igualmente partilhadas por Haike Roselane Kleber da Silva. A pesquisadora fala sobre as intenções da pesquisa que parece não ir muito além de uma esfera e de referências bem pessoais. Desse modo, a pesquisa pouco poderia contribuir para o estudo da história com a descrição de posturas que poderiam indicar a criação do indivíduo exemplar, parecendo uma volta aos grandes biografados de nossa história.

Contudo, percebeu-se que a partir “de trajetórias particulares, também é possível se chegar às redes de relações mais amplas e visualizar diferentes aspectos do social, muitas vezes não revelados se não fosse reduzido o foco do olhar”.<sup>23</sup> O meu foco foi reduzido para observar as histórias que surgiram da escrita e da fala e, na maioria das vezes, fui surpreendida pelo alcance desses documentos que remetiam a momentos de uma história e de uma memória que é social, presente no cotidiano particular de uma família.

Atualmente, a história tem retomado às pesquisas biográficas, de forma diferente dos escritos sobre os grandes personagens históricos, considerando a importância de relatos e sentidos deixados sobre o mundo, de homens e mulheres considerados comuns<sup>24</sup>. Ainda sobre tal perspectiva nos falou Sandra Jatahy Pesavento:

---

Disponível em: <  
<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11524/6621>>. Acesso em: 15 abr. 2013, p. 130.

<sup>22</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 51.

<sup>23</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs? **Métis: história & cultura**, América do Norte, 2, ago. 2011. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1046/712>>. Acesso em: 12 jun. 2012, p. 142.

<sup>24</sup> DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época.<sup>25</sup>

Apesar desta tese não se propõe a ser uma biografia da empresa ou da família, ela flerta com o gênero, principalmente, pelo caráter de sua narrativa e pelos documentos, e algumas questões ajudaram a pensar a sua composição. Dentre elas, a observação de François Dosse, para quem “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”.<sup>26</sup> O estudo desenvolveu-se contando a vida de uma empresa familiar e considerou a todo o momento, o propósito de promover no âmbito da pesquisa histórica, a “interação que ocorre por intermédio de uma vida”.<sup>27</sup>

Considero ainda como fundamental para este estudo, a contribuição da História das sensibilidades que permite olhares e possibilidades de refletir sobre a história a partir do indivíduo. Nesse sentido, as fontes pessoais podem permitir “traduzir o mundo em razões e sentimentos”<sup>28</sup>, um mundo que surge das palavras, dos olhares, das lembranças e das notas de um diário.

Daí surgiu, principalmente, no relato de Mathias, dentre tantos registros, detalhes de sua vinda para o Brasil e a vida na colônia de Blumenau nos primeiros anos do século XX, as particularidades da profissão de escultor de arte funerária e a dinâmica do mercado fúnebre até as primeiras décadas do XX. Depois seguiu com a vida e a experiência empresarial de Rolf, relatadas por ele mesmo, com informações sobre o ramo das marmorarias e o aparecimento dos serviços de empresas funerárias. Com o depoimento de Ronald foi possível acompanhar a modernização recente do setor, a incorporação de procedimentos, como a tanatopraxia e a expansão do ramo de planos funerários.

---

<sup>25</sup> PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios**, 2005. [En línea], 04 fev. 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 17 out. 2011, p. 1.

<sup>26</sup> DOSSE, François. Op. Cit., p. 11.

<sup>27</sup> Ibid., p. 249.

<sup>28</sup> PESAVENTO, Sandra. Op. Cit.

A partir dos documentos, dos depoimentos e de diferentes pesquisadores foram escritos os cinco capítulos. Os caminhos da escrita e o modo como foram tratadas as fontes apontam para uma pesquisa, que tem por desafio pensar a história, a partir de histórias individuais, dos escritos produzidos em diversos momentos, por Mathias e Rosa, e dos depoimentos de seus descendentes. Os escritos pessoais, tanto manuscritos como datilografados,<sup>29</sup> foram cinco, a saber:

- HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil) que está em seu diário intitulado: “*Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil), 1937”;
- HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat/Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva) presente em um caderno intitulado: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas= Experiências de viagem 1904 - 1954), Blumenau, 1955;
- HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas), s/d. Manuscrito datilografado;
- HAAS, Mathias. *Bilanz - Auszug aus dem Manuskript Lebensbekenntnisse* (Saldo - Trecho do manuscrito

---

<sup>29</sup> As partes consideradas essenciais para a escrita da tese foram, gentilmente, traduzidas por Rolf e Ronald Haas.

Confissões de vida), 7 agosto de 1950. Manuscrito datilografado;

- HAAS, Rosa. *Errinnerungen* (Memórias), 1975. Manuscrito datilografado.

Pelas fontes orais foi possível acompanhar a vida da família e da empresa utilizando uma documentação peculiar, que remete às experiências, sensações e vivências, onde corre-se o risco de

resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para “coincidir” com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores.<sup>30</sup>

Apesar das múltiplas possibilidades, as lembranças da família foram a matéria-prima dos testemunhos,<sup>31</sup> que conduziram as explorações de momentos do passado e do presente, entre vidas envolvidas no trabalho com a morte. Devo ainda acrescentar que

Não obstante suas limitações, a história oral deve ser entendida como um método capaz de produzir interpretações sobre processos históricos referidos a um passado recente, o qual, muitas vezes, só é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento.<sup>32</sup>

Além dos escritos e relatos pessoais contribuíram para o trabalho, as publicações, os catálogos especializados em arte funerária e

---

<sup>30</sup> BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 28.

<sup>31</sup> SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Curitiba: DAP, 2005, p. 4.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 3.



as teses de medicina de fins do XIX e do começo do XX.<sup>33</sup> Destaco igualmente, os anúncios, os *blogs*, os documentos filmográficos, as notícias de jornais, as muitas fotografias do acervo da Haas e os vídeos de tributo aos falecidos encontrados na *web*.

As teses de medicina de Gabriel Cardoso Fanzeres<sup>34</sup> e Manuel Pereira da Cruz<sup>35</sup>, de 1910 e 1882, respectivamente, foram documentos imprescindíveis para a aproximação de percepções específicas sobre o destino final dos corpos mortos, a partir da defesa feita por cada um dos autores para as propostas de cremação ou inumação. Sem serem contemporâneos em suas produções, eles teceram argumentos para entender o antigo debate sobre a melhor maneira de inumar.

Igualmente a publicação “*Grabmale aus naturstein*” (Túmulos em Pedra Natural) de Hans Van Bracht,<sup>36</sup> escrita em alemão gótico (o que exigiu esforço maior de transcrição),<sup>37</sup> contribuiu com elementos para análise das características da arquitetura funerária teuta presentes na produção da empresa Haas e nas regiões de colonização dessa origem.

As fotografias, cartões comemorativos e anúncios da empresa dariam com certeza outra tese, pelo volume e riqueza de sua composição. Sendo a maioria de autoria de Mathias, as fotografias formaram parte de sua escrita ao serem coladas nas folhas e sem recorrer a legendas, elas foram documentos que subsidiaram o olhar sobre diferentes momentos narrados por cada um dos depoentes. O mesmo posso dizer dos cartões comemorativos e dos anúncios publicitários, que mesclando dois âmbitos bem presentes na narrativa, a família e a empresa, participaram da construção do texto de forma ativa.

---

<sup>33</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. **Inhumação e Cremação**: ligeiro estudo sob os pontos de vista higienico e médico-legal. Porto: Typographia Universal (a vappor), 1910. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/17219>>. Acesso em: 8 fev. 2012; CRUZ, Manoel Pereira da. **Cemitérios**. Dissertação inaugural apresentada a Escola de Médico-Cirurgica do Porto. PORTO: Typographia Ocidental, 1882. Disponível em: <[http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16457/3/31\\_7\\_EMC\\_I\\_01\\_P.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16457/3/31_7_EMC_I_01_P.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2011, p. 80.

<sup>34</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit.

<sup>35</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 80.

<sup>36</sup> BRACHT, Hans van. *Grabmale aus naturstein*. Munique: Georg D. W. Callwey, s/d.

<sup>37</sup> A tradução dos textos em alemão foi feita, em sua maioria, por Ronald e Rolf Haas, com exceção dos epitáfios de Vila Itoupava.

Para pensar o mercado e as atitudes fúnebres na contemporaneidade, as fontes consultadas remetiam a dinâmica do mercado mortuário e às mudanças no modo de “compartilhamento” dos sentidos em torno de nossa finitude. Os anúncios e *sites* dos empreendimentos cemiteriais modernos, como os crematórios e cemitérios parques, permitiram o acesso ao arranjo do mercado funerário e as novidades do setor. Por último, os vídeos-tributos feitos para a homenagem póstuma, os *blogs* sobre falecidos, as redes sociais deram subsídios para o debate sobre a face virtual da morte e dos novos lugares de partilha dos sentimentos lutuosos.

A empresa da família Haas já ultrapassou os cem anos de funcionamento, caso seja considerado a criação da oficina por volta de 1908 e não o seu registro oficial em 1918. O seu percurso permite pensar sobre a morte e o seu mercado, e os seus cinco capítulos buscaram estar em consonância com as mudanças relevantes no modo de gerenciar a empresa. A trajetória da empresa ofereceu os marcos de mudanças mercadológicas e culturais e possibilitou a aproximação com algumas das questões presentes na formação desse mercado, que conta com muitas críticas em sua história, mas que não dizem respeito à trajetória da Haas.

O primeiro capítulo acompanhou os primeiros anos a partir da chegada do fundador da empresa Haas, em 1904. Por meio dos escritos de Mathias, fonte primordial desse capítulo, foi possível aproximar-se de impressões acerca de sua vinda ao Brasil, o trabalho na oficina e a atuação de Mathias como escultor. Esse primeiro capítulo aborda a abertura da “Marmoraria Haas”, a arte de Mathias, a tradição da cantaria, elementos circundados por antigos ritos fúnebres, como os cortejos, o luto nas roupas pretas, com destaque para a popularidade do seu espaço primordial de trabalho: os cemitérios convencionais.

O segundo capítulo segue os rumos da “Marmoraria Haas” e do mercado em que atuou nas primeiras décadas, com destaque para a figura do marmorista, importante elemento do mercado da morte nesse momento. O capítulo aborda o período de crescimento em torno da produção marmorista e a construção da nova sede, pronta em 1929. São abordadas a produção de cantaria e as peculiaridades da produção de Mathias e de sua empresa, profundamente, relacionada com a arte funerária teuta. Nesses dois primeiros capítulos, as fontes são as muitas imagens do acervo da família, os materiais como cartões, as propagandas, os escritos pessoais e os depoimentos de Rolf e Ronald, que seguiram contribuindo nos demais capítulos.

No terceiro capítulo chega-se aos últimos anos da administração de Mathias, quando ele enfrenta importantes alterações no mercado e nos formatos tumulares, com a entrada do granito e o aumento da produção em série. Antes de transferir a gerência para o filho Guido, ele volta à Alemanha e enfrenta problemas com o uso do idioma alemão, em lápides. O capítulo segue com a administração de Guido, a frente da “Marmoraria Haas & Filhos” que começa em fins da década de 1930 quando os investimentos em arquitetura mortuária decrescem e o mestre marmorista perde seu espaço de trabalho nos cemitérios. Em 1967, quatro anos depois da morte de Mathias, Rolf Haas assumiu a condução da empresa e a “Casa Haas - Oficina de Mármore” enfrenta dificuldades trabalhistas, com o asseveramento da crise no mercado de obras de arte funerária. São percebidas mudanças consideráveis na sensibilidade fúnebre e um novo mercado se anuncia. No término do capítulo é abordada a mudança de foco da empresa com o início do funcionamento da “Marmoraria e Funerária Haas”.

O quarto capítulo percorre os primeiros momentos da “Marmoraria e Funerária Haas”, administrada por Rolf. É o período das funerárias, do incremento das técnicas de preparo do corpo e da passagem para o plano. Com o fechamento da parte de marmoraria, a “Funerária Haas” incrementou os trabalhos em torno do cadáver e no capítulo está a última passagem administrativa da empresa para o atual administrador, Ronald. Ele assume a administração da empresa para implementar a parte de vendas de planos funerários, com a “Haas Agenciamento e Comércio Ltda.” e enfrenta um momento de maior especialização do profissional do setor. Esse capítulo conta com fotografias, cartões, propagandas, lápides, regulamentos profissionais, documentos administrativos, os depoimentos e as teses de medicina de fins do século XIX e do começo do XX, como fontes para a sua composição.

No quinto e último capítulo são debatidas as relações em torno da morte dando maior atenção à formação de um profissional especializado do setor, com destaque para o agente funerário. Desde os primeiros momentos de sua atuação, com participação especial do embalsamador, discutem-se a especialização, as mudanças do ramo e as peculiaridades do setor. A formação do mercado profissionalizado e especializado culmina com a apresentação de possíveis novos caminhos e novidades para o mercado funéreo. As fontes são as mesmas dos capítulos anteriores com o incremento de documentos filmográficos, série de TV, anúncios e *sites* de empreendimentos do setor, teses de

medicina de fins do século XIX e do começo do XX, notícias de jornais, vídeos tributos, *blogs* e o contrato de assistência funerária da Haas.

Os estudos e pesquisas consultados foram essenciais para promover o debate com as fontes, levando a pesquisadora a questionar a escrita e liberar o olhar do foco individualizante. Destaco, primeiramente, as reflexões de Phillipe Ariès.<sup>38</sup> O seu estudo é basilar por indicar pontos importantes para a reflexão das mudanças na relação com a morte na sociedade ocidental.

Cercada por questões sobre a morte, tive o aporte de Michel Serres com sua obra “Hominescências: o começo de uma outra humanidade”<sup>39</sup>, onde pude acercar-me de reflexões pertinentes sobre as novas relações com o corpo, com a saúde e a participação das mudanças na área médica na formação de uma nova sensibilidade fúnebre.

As contribuições da filosofia acerca da morte foram possíveis pela obra de Bernard N. Schumacher em “Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte”. A contemporaneidade das nossas relações com a finitude foi trazida por José de Anchieta Corrêa,<sup>40</sup> que em diferentes momentos fez pensar aspectos e novos arranjos para os assuntos que envolvem a morte.

Por meio dos trabalhos de Maria Elizia Borges<sup>41</sup> pude entender mais sobre o ofício dos marmoristas, seu campo de atuação e a participação de sua arte na construção da imagem da morte, o que também foi percebido no trabalho de Marcelina das Graças de Almeida<sup>42</sup> e de Luiza Fabiana Neitzke Carvalho<sup>43</sup>, que ainda

---

<sup>38</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit.

<sup>39</sup> SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

<sup>40</sup> CORRÊA, José de Anchieta. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008. Destaco ainda a contibuição de: BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007; DANTAS, Jurema Barros. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 10, p. 898-910, 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a16.html>> Acesso em: 20 jul. 2011.

<sup>41</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.

<sup>42</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções**: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 320 p. Tese (Doutorado) Programa em História Social da Cultura, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

acrescentou questões sobre o frágil estado do acervo de arte funerária em nosso país. Destaco ainda, os trabalhos de Henrique Sérgio de Araujo Batista<sup>44</sup> para o reconhecimento dos múltiplos sentidos, que podem estar no túmulo e em suas representações.

O ambiente dos cemitérios e a complexidade da produção tumular foram abordados por meio de obras como de Antonio Motta - “À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros”<sup>45</sup> e artigos como: “Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas”<sup>46</sup> boas referências para pensar sobre os túmulos como depositórios de valores sociais e interesses de posteridade prometida pela pedra sepulcral. Também Fernando Catroga<sup>47</sup> arrolou pontos essenciais na dinâmica cemiterial,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VGRO-7BYFBK>>. Acesso em: 14 fev. 2012, p. 182.

<sup>43</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino:** pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930). 2009, 256p. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte), Porto Alegre: PPGAV/UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/15708>>. Acesso em 80 abr. 2011.

<sup>44</sup> BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Jardim regado com lágrimas de saudade:** morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009; BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida:** arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915). Dissertação de mestrado - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

<sup>45</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra:** formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2009.

<sup>46</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, nº 33, p. 55-80, jan./jun. 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ha/v16n33/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n33/05.pdf)> Acesso em: 9 fev. 2011. Outro trabalho: BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais:** memória pública, étnica e artefactual (1858-1950), 2010. 169p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, 2010. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO\\_Elaine\\_Maria\\_dissertacao\\_2010.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO_Elaine_Maria_dissertacao_2010.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2012.

<sup>47</sup> CATROGA, Fernando. **O céu da memória:** cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.

sobre sua simbologia religiosa, as lógicas de poder e sociais presentes nesse espaço e lançou olhares sobre as obras mortuárias, onde elas surgiram como representação do corpo que se oculta por baixo da pedra para esconder a decomposição.

A pesquisadora Clarissa de Franco em “A cara da morte”<sup>48</sup> discutiu questões sobre os profissionais do setor e a especialização dos serviços e em “A crise criativa do morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade”<sup>49</sup> contribuiu com noções contemporâneas sobre a morte e os rituais em uma sociedade embalada por questões de ordem estéticas e fórmulas de antienvelhecimento.

Sobre o luto, o amplo estudo de Mauro Guilherme Pinheiro Koury<sup>50</sup> traçou um panorama das relações ltuosas e do isolamento vivido pelos atingidos pela perda e subsidiou algumas das constatações sobre a morte contemporânea. O mercado funerário foi debatido com o aporte de trabalhos como “Pela hora da morte: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia no Grupo Parque das Flores, em Alagoas”<sup>51</sup> e sua análise sobre as características do mercado na atualidade. Já o trabalho de Paula Cristina Freire Guerra Moura Carvalho<sup>52</sup> apresentou relevantes apontamentos sobre a

---

<sup>48</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

<sup>49</sup> FRANCO, Clarissa de. A crise criativa do morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. **Revista Kairós**, v. 10, p. 109-120, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2577/1631>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

<sup>50</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Ser discreto**: um estudo sobre o Brasil urbano atual sob a ótica do luto. Relatório de Pesquisa, João Pessoa, Grem/DCS/UFPB, 2001. Contribuiu igualmente para o estudo: VILAR, Márcio. Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica. **Caos** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba. nº 1, abril de 2000. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1.html>>. Acesso em: 29 maio 2012.

<sup>51</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia no Grupo Parque das Flores, em Alagoas / Isabela Andrade de Lima Moraes. Recife: O Autor, 2009. Acrescento também a contribuição de: FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. Mercado Funerário: novas representações sobre a morte, seus espaços e ritos. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online)**, João Pessoa, Grem, Dez/ 2004, v. 3, nº 9, p. 404-413, 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

<sup>52</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. **Six Feet under**: a

profissionalização do mercado norte-americano e da afirmação do *funeral home* como lugar por excelência das ações sobre o corpo morto nesse país. José Alberto Olivença Duarte,<sup>53</sup> por meio das ações desempenhadas pelos diretores funerários e seu papel no processo de morte, contribuiu para aprender a participação do modelo funerário norte-americano no incremento do mercado mortuário atual.

No mesmo caminho, relacionada à crítica ao setor, está Jessica Mitford com sua célebre obra “*Muerte a la americana: el negocio de la pompa fúnebre en Estados Unidos*”,<sup>54</sup> que apresenta críticas contundentes ao mercado funerário e seus representantes, sinalizando determinadas ações não elogiosas empreendidas pelos representantes do setor, aproveitando-se de um cliente em situação especial.

Sobre o lugar da morte e as ações mais contemporâneas a ela relacionadas, pude contar com Norbert Elias em “A solidão dos moribundos”,<sup>55</sup> onde o isolamento do sofrimento e dos moribundos ganha importância no estudo das ações diante da morte. E com o “Tabu da morte”<sup>56</sup> de José Carlos Rodrigues, foi possível ampliar determinadas

temática da morte nos Estados Unidos da América. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos). Universidade Aberta, Lisboa, 2009. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1356>>. Acesso em 4 abr. 2012.

<sup>53</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. “**Da beleza das almas**”: para uma autópsia do corpo físico e social em Six Feet Under de Allan Ball. 2009, 142p. Mestrado (Mestrado em Estudos Anglófonos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 6 set. 2012. >. Sobre o modelo de mercado funerário norte-americano destaque ainda o trabalho: GURGEL, Ayala. Silogismo da Morte: a relação orgânica entre o Estado e a Morte nas sociedades capitalistas. **Ciências Humanas em Revista**, Universidade Federal do Maranhão, v. 4, p. 91-112, 2006. Disponível em: <[http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2006\\_2/wildoberto\\_gurgel\\_v4\\_n2.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2006_2/wildoberto_gurgel_v4_n2.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2010.

<sup>54</sup> MITFORD, Jessica. *Muerte a la americana: el negocio de la pompa fúnebre en Estados Unidos*. Barcelona: Globalrhythm, 2008.

<sup>55</sup> ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>56</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit. Cito também a contribuição de BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer**. São Paulo: Paulus, 1996.

questões por meio de seu rico estudo sobre a morte e seus diferentes momentos e ritos.

Contando com a contribuição de muitos, mas sentindo-me um pouco sozinha diante da finitude, busquei levantar questões sobre as atitudes fúnebres e a morte em diferentes momentos, por meio da trajetória empresarial da família Haas de Blumenau. Para tanto, recorri a fontes, pesquisas e a experiências pessoais, como o relato sobre a morte de minha avó. A utilização dessa experiência foi útil para perceber que a história nos cerca e é feita de muitos “nós”. E antes de seguir para o início dessa história, que tem “o fim como começo”, a partir de uma lápide para uma vida que chegara ao seu término, posso dizer que a tarefa empreendida entre mortos e mortos, contribuiu sobremaneira para pensar sobre a vida: aquela que se ausenta quando a morte chega.



## CAPÍTULO 1 - UMA TRADIÇÃO DE MORTE E ARTE NO BRASIL

Certa vez, nos primeiros anos do século XX, o imigrante Mathias Haas e seu pai, Anton Haas, foram procurados para esculpir a lápide de uma criança. Eles já realizavam pequenos trabalhos em arenito, como pedras de amolar, mas pela primeira vez alguém solicitou um trabalho no ramo funerário, o que viria a ser a especialidade de sua oficina e futura empresa.<sup>57</sup>

A necessidade de sepultar um filho e o desejo de marcar o lugar de seu sepultamento fez surgir a empresa funerária da família Haas. A morte, fonte de trabalho para Mathias e sua família, era uma realidade assídua no cotidiano deles e dos demais imigrantes recém-chegados ao sul do Brasil, sendo possível afirmar que “podem ser considerados ‘sobreviventes’ muitos descendentes de imigrantes alemães que atingiram a idade adulta, em função das altas taxas de mortalidade infantil da época” (grifo do autor).<sup>58</sup>

A morte que frequentemente atingia os moradores da recém-inaugurada colônia de Hamonia, atual Ibirama, deu novo rumo aos negócios de Mathias. Ele, poucos anos antes de receber o pedido para fazer a lápide, havia partido de Strassburg com destino ao sul do Brasil junto com o pai, Anton Haas, mestre canteiro, nascido em Oberweier no ano de 1864, a mãe chamada Monika Haas e os irmãos, dentre eles, Anton, Joseph e Berta.<sup>59</sup> Fixou-se no Vale do Itajaí, em Santa Catarina,

---

<sup>57</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

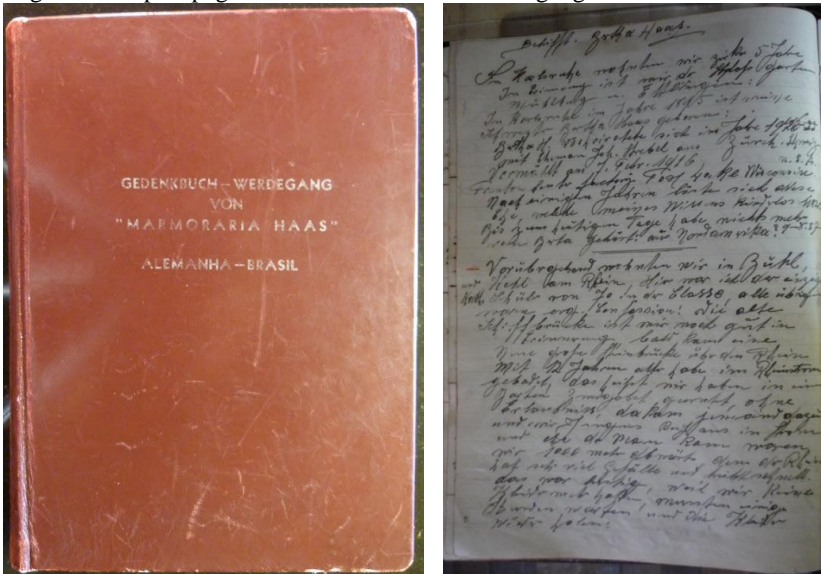
<sup>58</sup>BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do rio grande do sul**: recortes do cotidiano. 2010, 290 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <[http://btdt.unisinos.br/tde\\_arquivos/8/TDE-2011-03-16T132038Z-1351/Publico/SandroBlumeHistoria.pdf](http://btdt.unisinos.br/tde_arquivos/8/TDE-2011-03-16T132038Z-1351/Publico/SandroBlumeHistoria.pdf)>. Acesso em 4 abr. 2012, p. 267.

<sup>59</sup>Original: “*Im Jahre 1904, 19. Februar, wannederten meine Eltern von Strassburg nach Kolonie Hansa/Blumenau/Santa Catharina/Brasilien aus: die Überfahrt dauerte 3 Wochen, von Hamburg bis Paranaguá, nach Rio de Janeiro kamen wir nicht: in São Francisco waren wir ausgeschifft*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von***

primeiramente na cidade de Ibirama e depois na cidade de Blumenau. Nesta última, constitui uma numerosa família e montou sua marmoraria.

A história de sua vida e empresa é contada, inicialmente, por meio de suas autobiografias e duas delas estão destacadas a seguir. O livro principal, conhecido como diário e intitulado “*Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas - Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas*”, foi escrito perto de completar seus 50 anos, em fins da década de 1930. Junto à capa, presente na Figura 2, está uma de suas primeiras páginas onde vemos a escrita cursiva.

Figura 2 - Capa e página de *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*



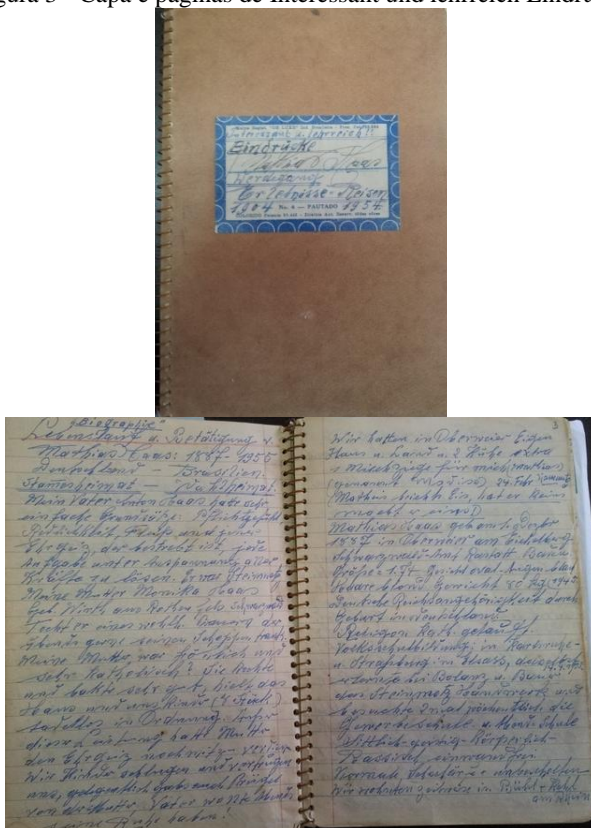
Fonte: Acervo Família Haas

O outro escrito intitulado “*Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse - Reisen 1904 - 1954 - Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas - Experiências de viagem 1904 - 1954*” (Figura 3) é da década de 1950. Aos escritos de Mathias somam-se os depoimentos de seu neto Rolf e de seu bisneto Ronald para contar a história.

---

**Marmoraria Haas.** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 13.

Figura 3 - Capa e páginas de Interessant und lehrreich Eindrücke



Fonte: Acervo Família Haas

Mathias dedicou-se a guardar suas impressões, memórias e também seus poemas, em vários escritos. O *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas* é chamado de “diário” pela família, mas não podemos afirmar que os dois supracitados foram frutos de uma escrita assídua. São autobiografias ou memórias de si, em outra definição e podemos acrescentar que pertencem ao gênero literário confessional, pelo “fato de haver uma identidade entre autor, narrador e personagem”.<sup>60</sup> Os escritos de Mathias falam de sua vida, de sua

<sup>60</sup>BATISTA, Patrícia Pereira. Do diário ao blog confessional: continuidade ou o surgimento de uma nova prática?. In: II SEMINÁRIO INTERNO DOS ALUNOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

empresa e para a historiadora Maria Teresa Ramos Cunha, tais escritos autobiográficos, que por muito tempo permaneceram resguardados em baús, guardam “em folhas amarelecidas pela passagem do tempo, idéias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações de um outro tempo, elevando a significados/produzindo sentidos à ordem do existente”.<sup>61</sup>

As memórias de Mathias estão divididas entre: a rotina empresarial que trata dos trabalhos realizados, clientes atendidos, concorrências, lista de bens, preços de produtos e a rotina familiar, com relatos sobre os filhos, a importância da esposa, dos momentos de lazer e a paixão pela música. A escrita, por vezes, fragmenta-se e dá espaço a fotos e observações sobre viagens e paisagens. É o que pode ser visto no *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. As fotografias ajudam a contar parte da história de Mathias, de sua família e empresa, como está na Figura 4.

Nas histórias que estão em seus cadernos e folhas avulsas, Mathias conta que eles zarparam para a província de Santa Catarina em 19 de fevereiro de 1904, desembarcando em terras brasileiras no auge do verão. Aportaram em São Francisco do Sul, dali seguiram até Itajaí e, posteriormente, em direção a atual cidade de Ibirama. Em seu diário, ele descreve a travessia e as primeiras impressões sobre a chegada ao novo lar:

Passada a terrível viagem, a cabine feito cova abafada, cheia de pobreza, miséria e fedor. A nova terra cumprimentamos onde leite e mel correm. Mas logo ela se revelou em miséria e morte. És tu a felicidade que nos chamaste? Mas nunca houve um retorno ao que era! Somente arbustos, florestas e pântanos sombrios, cheios de espinhos e taquaras/bambus, úmido e sem brilho. Alguns valentes sucumbiram no corte das árvores enquanto outros a febre e a fraqueza levou. Outros

---

DA UERJ, 2008, Rio de Janeiro. Anais do II Seminário Interno dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, 2008. v. 1. p. 105-118. Disponível em:

<[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_11ex/07\\_PatriciaBATISTA\\_IISeminarioPPGCOM.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCOM.pdf)> Acesso em: 14 jul. 2011, p. 105.

<sup>61</sup> CUNHA, Maria Teresa Ramos. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Memória** (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007.

Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/8>>. Acesso em: 18 fev. 2012, p. 54.

ainda foram picados por cobras. Muitos morreram sob as flechas dos bugres. Olhando em retrospecto podemos dizer com orgulho: “Nada nos foi presenteado” (grifo do autor).<sup>62</sup>

Figura 4 - Coletânea de páginas de Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas



Fonte: Acervo Família Haas

<sup>62</sup> Original: “Vorbei die schreckliche Fahrt, der Schiffsraum wie ein muffiges Grab voll Elend, Not und Gestank. Das neue Land haben wir gegrüsst wo doch Milch und Honig fliesst. Doch bald sah es aus wie Not und Tod Bist du das Glück das uns rief? Doch es gab nimmer ein Zurück! Nur düsters Dickicht und Wald und Sumpf, voll Dornen und Rohr, Fieberdünste, schwül und dumpf. Manchen Wackeren der Baum erschlug der andere vom Fieber krank u. siech. Oder einer starb an Giftschlangen-Stich. Mehrere verstarben durch des Bugers-Pfeil. Wenn man so zurück denkt kann man wohl sagen: Mit Stolz: uns wurde nichts geschenkt”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 3.

De suas anotações surgem detalhes sobre sua vida antes de rumar para o Brasil no vapor de nome Argentina. Nascido em 1º de dezembro de 1887 em Baden na Alemanha, Mathias relembra a vida nos primeiros anos na propriedade da família:

De quando tinha 3 a 4 anos, tenho em minha memória que os meus pais possuíam casa e propriedade com: dois cavalos, duas vacas, vários porcos, galinhas, etc. Sem esquecer a cabra, da qual era tirado o leite que me nutriu, já que minha mãe estava severamente adoentada.<sup>63</sup>

Em fins do século XIX, eles viviam em uma pequena vila, na região de Baden, onde a maioria dos moradores eram arrendatários de terra, que passavam por dificuldades, sem conseguir solo disponível para trabalhar.<sup>64</sup> Na Alemanha, o seu pai dedicava-se a produção de esculturas com oficina e pedreira própria em um barranco repleto de nogueiras, castanheiras e videiras.<sup>65</sup> A lida começava cedo e Mathias descreve que:

---

<sup>63</sup> Original: “*Es blieb in Erinnerung von meinen 3. bis 4. Lebensjahr: meine Eltern besaßen Haus und Hof, zwei Pferde, zwei Kühe, einige Schweine, Hühner usw. Nicht zu vergessen eine Ziege von dessen Milch ich ernährt wurde, da meine Mutter schwer erkrankt war*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 11.

<sup>64</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>65</sup> Original: “*Mein Vater betrieb eine Steinhauer-Werkstatt mit dazu sässigen Steinbruch. Im Steinbruch war eine Schlucht bewachsen mit grossen Nuss- und Kastanienbäumen, der Rest war mit Reben bepflanzt*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 11.

Toda madrugada, às 3h30min - 4h00min, minha mãe seguia de carroça (puxada por uma vaca), em direção ao campo, onde colhia trevos, tarefa na qual eu, geralmente, a acompanhava, sentado no alto do monte de capim, à época com 4 anos de idade. Após a ordenha eu recebia minha caneca de leite. Café eu fui conhecer somente aos doze anos.<sup>66</sup>

Apesar das dificuldades, Mathias considerava boa, a condição financeira da família até seus seis anos de idade. Posteriormente, por conta de especulações mal sucedidas e outros maus negócios, seus pais perderam casa e eles se mudaram para Karlsruhe, também em Baden, onde seu pai trabalhou como canteiro até 1895, ano que nasceu sua irmã Bertha.<sup>67</sup> Ali viveram por cerca de cinco anos, depois passaram por Bühl e Kehl e anos mais tarde, Mathias ainda guardava pequenas recordações desse período, trazendo “na memória, a imagem da velha ponte elevadiça”<sup>68</sup> sobre o rio Reno.

---

<sup>66</sup> Original: “*Des morgens in der frühe, um 3,30-4,00 Uhr fuhr meine Mutter mit dem Wagen, eine Kuh vorgespannt, ins Feld um Klee zu mähen, wozu ich meistens mitgenommen wurde um hoch oben auf dem Futter zu thronen, da war ich 4 Jahre alt. Als gemolken war, erhielt ich meine Tasse Milch; Kaffee habe ich erst kennengelernt im zwölften Lebensjahr*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 11.

<sup>67</sup> Original: “*Bis zu meinen 5-6.Lebensjahr war alles schön und wir waren ja reich (?). Durch Fehlschlagen des Steinbruchs verkehrte Spekulation, usw. verloren meine Eltern Haus und Hof. Nun gings los nach Karlsruhe-Residenz im Grossherzogstum Baden. Da arbeitete mein Vater als Steinmetz im Jahre 1895. [...] im Jahre 1895 ist meine Schwester Bertha Haas geboren*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 12 e 13.

<sup>68</sup> Original: “*Die alte Schiffsbrücke ist mir noch gut in Erinnerung*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica

Ele tinha grande paixão por música, mas nunca teve um instrumento. Frequentou a escola elementar em *Strassburg* e se formou em 18 de março de 1902, sendo o único aluno católico em uma classe de luteranos. Depois frequentou a escola de formação profissional e estagiou como aprendiz de escultor na empresa Polenz & Bauer, conforme está a seguir:

*In der Stadt Strassburg in E. besuchte ich die Elementar-Schule und erhielt im Jahre 1902 am 18. März meine Schulentlassung-Reifezeugnis. Hernach besuchte die gewerbliche Fortbildungsschule und trat bei Polenz und Bauer als Steinmetzlehrling ins Geschäft ein. In meiner Jugend hatte immer grosse Vorliebe für Musik, jedoch habe nie ein eigenes Instrument bekommen können.*<sup>69</sup>

Mathias relatou que foi em Estrasburgo, na Alsácia, onde aprendeu o ofício da cantaria.<sup>70</sup> Em seu diário ele colocou fotos da empresa Polenz & Bauer, com datas de 1901-1904, o que indica que ele deve ter trabalhado ali próximo a sua vinda para o Brasil. Sobre a folha branca do caderno, as fotos mostram a rotina da empresa (Figura 5) e

---

familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 13 A.

<sup>69</sup> Tradução: “Em Strassburg frequentei a escola elementar, onde me formei em 18 de março de 1902. Depois frequentei a escola de formação profissional e estagiei como aprendiz de canteiro na empresa Polenz & Bauer.

Na minha juventude eu tinha grande paixão por música, mas nunca tive a oportunidade de possuir um instrumento”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937.

<sup>70</sup> Original: “*In Strassburg im Elsass erlernte ich das Steinmetzhandwerk*”. HAAS, Mathias. ***Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas*** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 1.



pode-se observar o trabalho em esculturas (Figura 6). Nestas últimas, os funcionários estão esculpindo alegorias, anjos e um Cristo, o que indica que Mathias teve contato com a produção de esculturas sacras e, até mesmo, ornamentos tumulares, apesar de não termos comprovação da realização de trabalhos em arquitetura funerária, quando vivia na Alemanha.

Figura 5 - Polenz & Bauer

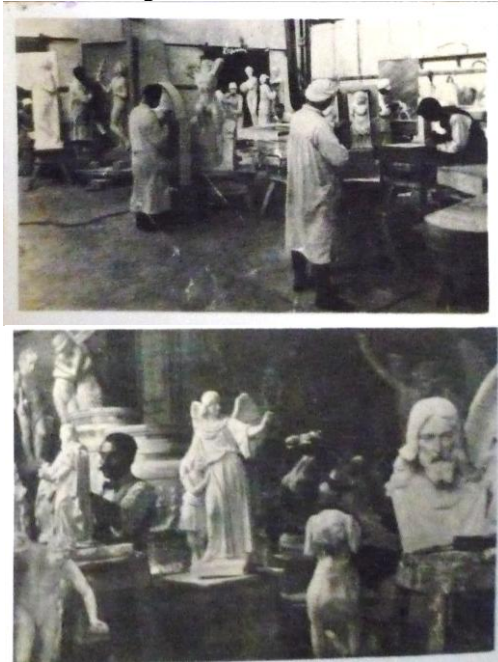


Fonte: Acervo Família Haas

Em um cartão comemorativo (Figura 7) feito por Mathias em 1942, pela passagem de seus 40 anos de profissão e inserido em seu diário, ele registra a data de 1902 como o início de sua carreira profissional, mesmo ano que trabalhou na Polenz & Bauer. Nas fotografias, em preto e branco do cartão, Mathias aparece em dois momentos, em 1902 e 1942, junto a paisagens de Blumenau e a imagem da sede da empresa em Blumenau. Esses temas, juntamente com a família, ele iria priorizar em diferentes impressos que fez ao longo de sua carreira. Nesse cartão destacado na Figura 7 Mathias saúda a todos com os dizeres em alemão: “*Gruss aus Blumenau / SteimetzBetrieb /*

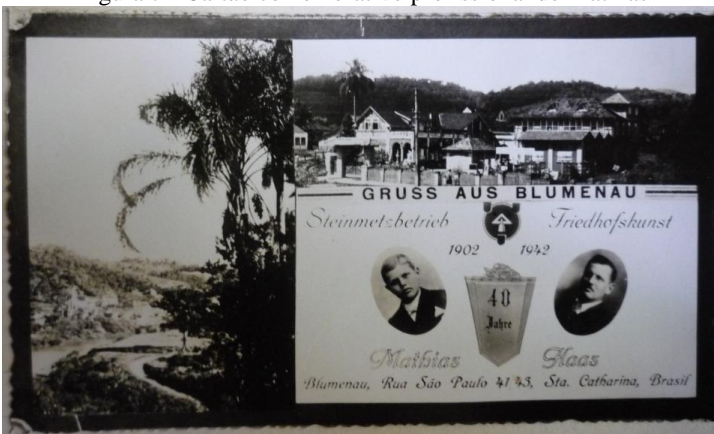
*Friedhofskunst*: Cordiais saudações de Blumenau / Empresa de cantaria / Arte cemiterial”.

Figura 6 - Polenz & Bauer



Fonte: Acervo Família Haas

Figura 7 - Cartão comemorativo profissional de Mathias



Fonte: Acervo Família Haas

Ainda na Alemanha, Mathias chega a sua adolescência e sua família, sem encontrar boas condições de trabalho e diante das dificuldades pelas quais passava o velho continente, decide deixar o país. Aos 17 anos, Mathias rumo para o Brasil e enfrenta uma travessia de Hamburgo até Paranaguá que durou três semanas, sem aportar no Rio de Janeiro. Ao desembarcar no porto de São Francisco do Sul, Mathias e sua família receberam uma refeição de batata com sardinhas.<sup>71</sup> Na sua narrativa estão outros pormenores desses primeiros momentos no Brasil:

Às 10h de 19/03/1904 chegamos a Blumenau. No Hotel Holetz nos foi servido um jantar: pão com lingüiça de fígado; e depois disso dormimos no chão. As 4 horas da manhã seguimos a pé e de carroça, sob chuva torrencial, em direção a Hansa Hamonia. No Warnow (Indaial) almoçamos e em Aquidaban-Ribeirão dos Bugres nós jantamos. Mulheres e crianças viajavam na carroça. Vez por outra todos eram obrigados a desembarcar e ajudar a empurrar.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> Original: “*die Überfahrt dauerte 3 Wochen, von Hamburg bis Paranaguá, nach Rio de Janeiro kamen wir nicht: in São Francisco waren wir ausgeschifft, da staunten wir über die Grösse des Schiffes “Argentina”, so hiess unser Dampfer. Da gab es Kartoffeln und Heringe in Hülle und Fülle, was in Deutschland ärmere Leute immer assen, ist hier immer noch eine Delikatesse?*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 13

<sup>72</sup> Original: “*Am 19/3/1904 abends um 10. Uhr Ankunft in Blumenau. Im Hotel Holetz bekamen wir Abendbrot: eine Leberwurst und ein Stück Brot, dann schlafen auf den Fussboden: Früh morgens, 4 Uhr ging es per Fuss und Wagen bei strömenden Regen ab, Richtung Hansa-Hamonia: in Warnow Mittag, in Aquidaban-Bugabach Abendrot. Frauen und Kinder konnten fahren, stellenweise musste abgestiegen werden*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von***

Como as carroças emperravam, de vez em quando, a viagem era interrompida. A chuva torrencial foi companheira na jornada e, na memória de nosso narrador, ficou gravada “a romântica visão do morro do Cocho, com suas incontáveis quedas d’água”<sup>73</sup>, onde ele alvejou “pela primeira vez um pequeno ‘crocodilo’, que pelas dimensões não passava de um lagarto bem crescido”.<sup>74</sup> Durante três dias percorreram cerca de 100 km até o seu destino final.

Em Nova Bremen, que hoje pertence ao município de Ibirama, ele vendeu seu relógio de bolso com o intuito de adquirir uma canoa para transportar a bagagem pelo rio. No meio da floresta deram início à instalação da colônia que contava com alguns poucos moradores, em uma rotina de trabalho que incluía o embate constante com indígenas.<sup>75</sup> Em seu diário, ele registra que tempos antes da sua chegada “Um

**Marmoraria Haas.** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 13.

<sup>73</sup> Original: “*In steter Erinnerung blieb mir der höchst romantische Cocho-Berg mit seinen zahlreichen Quellen*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14A.

<sup>74</sup> Ibid. Original: “*Hier schuss ich das erste “Krokodil”, es war natürlich nur eine grosse Eidechse*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14A.

<sup>75</sup> Original: “*in Neu-Bremen angekommen verkaufte ich meine Taschenuhr für eine Kanu (ein Kahn-Einbaum) damit konnten wir unsere Kisten den Fluss aufwärts schaffen, über Felsen und Saltos (Stomschnellen): zu der Zeit gab es auch noch Indianer-Überfälle*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 13a.

homem havia sido alvejado mortalmente com uma flecha enquanto serrava tábuas”.<sup>76</sup>

Distâncias a percorrer, era o que esperava Mathias e sua família em seu novo lar. As terras adquiridas por Anton Haas ficavam a muitas horas a pé da sede da colônia,<sup>77</sup> local onde tinham acesso a mantimentos e contato com a vida social. Os trabalhos de construção da colônia eram realizados por apenas oito pessoas, mas em suas palavras: “com pouco conhecimento, muita boa vontade e confiança, e assim aos poucos fomos alcançando pequenos progressos”.<sup>78</sup>

A sua primeira casa foi erguida com “1\$200, três pessoas e quatro dias de trabalho”,<sup>79</sup> precisamente e as camas eram feitas com

<sup>76</sup> Original: “*Einige Wochen vor unsere Ankunft wurde ein Mann durch Pfeilschuss tödlich getroffen, beim Brettersägen*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14A.

<sup>77</sup> Original: “*Die ersten zwei Jahre kam ich alle vier Wochen nach Hamonia was immer ein Tag Reise war, vom Wald bis zur Direktion, da war Zahltag*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14.

<sup>78</sup> Original: “*Das Siedlungswerk begannen wir mit wenig Verständnis, viel Zuversicht und Mut, tüchtig an Leib und Seele. Und so gings halt langsam gut*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: ***Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954*** (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 3.

<sup>79</sup> Original: “*Barauslage für die erste Villa 1\$200, 3 Personen, 4 Tage Arbeit*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von***

madeira e folhas de palmitos. Em julho, no primeiro inverno em terras catarinenses, eles enfrentaram um frio de cinco graus, mas continuaram a trabalhar serrando madeira vestindo roupas pouco apropriadas: mangas de camisa e chinelos de madeira.<sup>80</sup>

Inicialmente, seu pai e irmãos cuidavam da roça, enquanto Mathias e o irmão mais velho, Josef, trabalhavam na construção de estradas. Até 1907, Mathias exerceu a função de auxiliar de agrimensor e relatou que:

*die ersten Tage mussten wir Kanella-Bohlen tragen, immer zwei Mann eine Bohle: mir als 17 jähriger Junge war das zu dumm: zwei Mann eine Bohle ? Da trug ich halt alleine eine Bohle = zwei Bretter. Bald wurde ich der Brückenbau-Abteilung zugefügt, was mir eine Lohnzulage einbrachte: von 2\$000 auf 2\$800 pro Tag. Auf diese Weise arbeitete ich 4 Jahre und lehrnte dafür gründlich Strassen und Brückenbau, was mir später sehr zu nutzen kam.*<sup>81</sup>

---

**Marmoraria Haas.** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14A.

<sup>80</sup> Original: “Bei 5. Grad Celsius sägten wir Holz in Hemdsärmeln im Juli 1904, ohne zu frieren: barfuss in Holzpantoffeln”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14a.

<sup>81</sup> Tradução: “Nos primeiros dias tínhamos que carregar toras de canela, sempre dois homens por tora. Para mim, com 17 anos, isto soava como desperdício. Logo fui transferido para o setor de construção de pontes, o que me rendeu um aumento, passando de 2\$000 a 2\$800 por dia. Neste trabalho eu permaneci durante quatro anos, onde aprendi basicamente a construir estradas e pontes, o que me acabou sendo útil mais para frente”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14.

No trecho do diário, Mathias destaca que o trabalho com a construção de pontes e estradas foi de grande utilidade para sua vida profissional. Posteriormente, em sua oficina de túmulos e de produtos para construção civil, ele utilizou o que aprendeu nos trabalhos desenvolvidos na Alemanha, junto com o pai que possuía oficina e pedreira própria, na feitura de “muros, construções de castelos e de edifícios”<sup>82</sup> e na empresa *Polenz & Bauer*. A sua experiência, desde a adolescência, foi fundamental para que Mathias conseguisse dar seguimento aos trabalhos na oficina de pedras.

Nos anos que se sucederam, Mathias e os irmãos faziam trabalhos de frete para Blumenau, Gaspar e Brusque realizando o transporte de produtos para a colônia. Mas foi entre 1907 e 1911, quando Mathias e seu irmão Josef Haas trabalhavam como freteiros com a carroça da família,<sup>83</sup> que seu pai Anton, além de trabalhar como agricultor passou a fornecer peças feitas em pedra, escreveu Mathias. Depois de atender ao pedido da lápide de uma criança, a família Haas deu seguimento à produção de túmulos e assim iniciava-se o seu trabalho no ramo funerário.

### 1.1 - A tradição da cantaria: Mathias e sua oficina

Por volta de 1907, que Anton e Mathias Haas abriram sua oficina de lápides em Ibirama. De acordo com o bisneto de Mathias, Ronald, foi do bisavô que partiu a ideia, de abrir a oficina aproveitando a grande disponibilidade de matéria-prima e a experiência como canteiro.<sup>84</sup> O conhecimento no ramo foi aproveitado então “no Brasil, e

---

<sup>82</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>83</sup> Original: “*Von 1907-1911 beschäftigte ich mich als Frachtfahrer mit dem Fuhrwerk meines Vaters ebenfalls mein Bruder Josef Haas. Wir holten Lebensmittel von Blumenau-Gaspar-Brusque: fuhren ein- und abwanderer von und zu der Kolonie*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas***. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 16a.

<sup>84</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

com isso começaram a fabricar monumentos de pedra natural”, conta-nos Rolf, o neto de Mathias.<sup>85</sup> Mathias fala mais sobre os primeiros anos de trabalho na oficina de artefatos em pedra:

*Sobald wir Futter hatten für 2 Pferde und 1 kuh verlegten Vater Anton und Sohn Mathias sich auf Ausübung ihres Handwerkes: Erste Lieferung bestand aus Schleifsteinen und grabdenkmälern aus Natursan 1.Abnehmer die Familien: Probst, Rabe, Numstaedt, Huscher, Hoeschel, Malburg, Asseburg, Lueders, u.s.w. Die Arbeiten waren geschätzt und gut bezahlt. von 1908 bis 1911 lieferten wir per Ackerwagen Grabmale von Hansa nach Blumenau, Itajai und Umgegend. Von 1917 bis 1925 arbeitete ich 1/2 Tag in Molckereibetrieb und 1/2 Tag im Steinbruch.<sup>86</sup>*

Anton e Mathias, aos poucos, intensificaram a produção de peças esculpidas, inicialmente, pedras de amolar e lápides de arenito. Ele relembra as famílias que foram seus primeiros clientes, na citação anterior, como os Probst, Raven, Nünstaedt, Malburg. Eles se dedicaram, de forma especial, à arquitetura mortuária atendendo a uma demanda da região carente de profissionais para a fabricação desses produtos.

A produção de jazigos mostrou-se bastante promissora considerando a procura e o bom preço pago. Mathias descreve, com certo orgulho, que em 1911, já possuíam quinze cavalos e oito vacas, sendo que “[...] um bom cavalo custava de 100 a 150\$000 réis. Uma

---

<sup>85</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>86</sup> Tradução: “Uma vez tendo comida suficiente para dois cavalos e uma vaca, iniciaram o pai Anton e o filho Mathias, o exercício do seu ofício: a primeira entrega consistia de pedras de amolar e lápides de arenito. Dentre os primeiros clientes estavam as famílias: Probst, Raven, Nünstaedt, Huscher, Höschel, Malburg, Hasseburg, Lueders, etc. As obras eram valorizadas e bem pagas. De 1908-1911 nós entregávamos os túmulos, de carroça, de Hansa para: Blumenau, Itajai e arredores”. HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 1.



vaca custava entre 40 e 60 mil réis, 60 kg de açúcar = 6mil réis”.<sup>87</sup> E nos dá outros detalhes:

*Die ersten zwei Jahre kam ich alle vier Wochen nach Hamonia was immer ein Tag Reise war, vom Wald bis zur Direktion, da war Zahltag und wir konnten uns sogar ein Bananen-Kuchen kaufen oder ein Brot für 400 Reis. Ein Mittag im Hotel für 700 Reis, eine Bier 300 Reis, eine Flasche Schnaps für 100 Reis zum innerlichen und äusserlichen Gebrauch: dies war Universal-Medizin verordnet von Dr. Rübel.*<sup>88</sup>

Apesar dos bons resultados conquistados com a instalação da oficina Anton, que sempre sonhara em ir para o Canadá ou Estados

---

<sup>87</sup> Original: “*Ein gutes Pferd kostete 100-150 Mil Reis, Eine Kuh 40-60 Mil Reis, 60 kg. Zucker 6 Mil Reis, 25 kg Honig 5 Mil Reis, 22 kg Weizenmehl 5 Mil Reis, 1 kg Rindfleisch 600 Reis, 1 Flasche Wein 300-500 Reis, 1 Flasche Bier 200-300 Reis, dies im Jahre 1904-1908*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 15. Utilizando valores de referência aproximado fornecidos por Laurentino Gomes, em 1911 cada cavalo custava cerca de R\$ 5.600,00 a R\$ 8.400,00, uma vaca custava entre R\$ 2.240,00 e R\$ 3.360,00 e o açúcar cerca de R\$ 5,60 por quilo. GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

<sup>88</sup> Tradução: “Nos dois primeiros anos eu ia a Hamonia a cada 4 semanas, o que tomava um dia de viagem, do mato até a administração, onde ocorria o pagamento e até conseguíamos um bolo de banana ou pão por 400 reis. Um almoço no hotel custava 700 reis, uma garrafa de cerveja 300 reis, uma garrafa de pinga por 100 reis, para uso interno e externo, receitado como remédio universal pelo Dr. Rübel”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: ***Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas.*** (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14.

Unidos, partiu em 1911 para terras norte-americanas levando sua família e lá viveu até sua morte em 1932<sup>89</sup>. Permaneceram em Ibirama, apenas seu filho Josef e Mathias, decidindo o último a tocar a pequena oficina herdada do pai.

No mesmo ano que seus pais partiram para os Estados Unidos, Mathias casou-se com Rosa Johanna Reichmut no dia 7 de abril de 1911. Ela era imigrante, nascida em Weimar, Saxônia-Turíngia, em 2 de maio de 1890 e havia emigrado para Blumenau em 1903. O casamento no religioso não foi realizado, já que ele era católico e ela luterana. Somado ao fato de ter poucos recursos, o casamento religioso não pareceu ser uma necessidade naquele momento. O casório civil foi realizado junto com outros três casais, que serviram mutuamente como testemunhas, momento assim descrito por Mathias:

*Am 7.04.1911 wurden wir getraut, gerichtlich in Hamonia: kirchliche Trauung unterblieb, da ich katholisch, meine Frau aber evangelisch war, damals war das heiraten nicht so pflichtig denn mein Barvermögen betrug 60 Mil Reis. 54 Mil Reis kosteten die Traupapiere, 4 Mil Reis das Frühstück, es blieben mir Rest: 2 Mil Reis. Ein schönes Anfangskapital für unser fernerer Wohlergehen im neuen Ehestand? Als wir getraut waren, ging meine Frau weiter zuhause zu ihren Eltern im Sellin und ich zu meinen Eltern in NeuBremen. Wir wurden drei Paare an einen Tage getraut und dienten gegenseitig als Zeugen.<sup>90</sup>*

---

<sup>89</sup> Original: “Aber mein Vater schwärmte halt immer noch von Kanada - US, wo er auch 1911 hinreiste, alles auflöste + Familie nachkam. Ausser ich (M.H.) und Josef Haas blieben hier”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: ***Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954*** (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 3.

<sup>90</sup> “Em 07/04/1911, eu me casei no civil em Hamonia. O casamento religioso ficou em segundo plano, pois eu era católico e minha esposa luterana. Naquele momento, dado que meu limitado capital era de 60\$000 réis, o casamento

A seguir, podemos observar em um cartão comemorativo, o casal Rosa e Mathias em suas bodas de pérola. Na passagem de seus trinta anos de casados, Mathias confeccionou esse cartão (Figura 8) no qual cumprimenta seus clientes e amigos:

*Herzliche Grüße*  
*aus Blumenau Santa Catarina 7.4.1911 - 1941*  
*zur freundlichen Erinnerung an*  
*Mathias Haas and Frau Rosa Joh. Reichmuth*<sup>91</sup>

Figura 8 - Mathias e Rosa no cartão comemorativo



Fonte: Acervo Família Haas

religioso não era uma necessidade. Os custos do cartório ficaram em 54\$000, 4\$000 foram gastos com lanche, sobrando-nos 2\$000. Após o casamento minha esposa seguiu para a casa dos pais, no ribeirão Sellin, enquanto eu fui para a casa de meus pais em New Bremen. O casamento foi realizado simultaneamente com três casais, que além do matrimônio, serviram mutuamente como testemunhas. Festejamos nosso casamento somente duas semanas mais tarde”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 17A.

<sup>91</sup> Tradução: “Saudações Cordiais/de Blumenau-SC/ 7.4.1911 - 1941/Lembranças ternas de Mathias Haas e Esposa Rosa Johanna Reichmuth”.

Após o casamento e a partida dos pais e irmãos, o trabalho na oficina seguiu de vento e popa. Contudo, o trabalho com a cantaria para cemitérios não era a principal e única ocupação de Mathias. Em seus primeiros anos de casado, dedicou-se ainda à agricultura e à produção de leite.<sup>92</sup> A cantaria em pedra era feita no período da tarde em sua própria pedreira, o que deveria demandar o investimento de pouco capital e ferramentas, além de sua força de trabalho.

Em 1975, prestes a completar 85 anos, Rosa Haas também registrou suas impressões sobre esses primeiros anos e uma parte de seus registros foi traduzida a tempo de utilizar neste trabalho<sup>93</sup>. Para Rosa, os poucos recursos e a labuta intensa eram presença certa na vida das mulheres da colônia que trabalhavam duro ao lado dos familiares. Ela descreve passagens de sua vinda ao Brasil que se aproximam das experiências vividas por Mathias:

*Die Reise ging weiter jetzt auf einem Flussdampfer. Man sah schon Urwald, Viehweiden und Einwohner des Landes. Die Hütten war meist aus Lehm und Strohdächer erbaut. Davor spielten nackte Kinder die sich freuten und uns zuwinkten. Wir sahen das alles mit kritischen Augen an und dachten, da wo wir erst hinkommen da wird es schöner sein. So kamen wir in die Stadt mit den deutschen Namen Blumenau die nach den Gründer genannt wurde. Es war Abend geworden und die Quartiere sollten verteilt werden. Viele Neugierige der Stadt kamen uns zu begrüßen. Darunter waren Frauen die den*

---

<sup>92</sup> Original: “Von 1917 bis 1925 betrieb Milchwirtschaft und Nachmittags Grabmal-Anfertigung aus Sandstein eingen Brüche”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 5.

<sup>93</sup> Dos escritos de Rosa apenas uma parte foi traduzida, o que impossibilitou explorar mais substancialmente as suas memórias.

*Ankömlingen Furcht einflössten, indem sie warnten vor dem Urwaldleben.*<sup>94</sup>

Na passagem acima, ela descreveu sua chegada a Blumenau e a visão das terras e das cabanas feitas de barro e de folhas de palmeira. A recepção, na nova terra, foi feita por crianças que acenavam, porém não deixou de sentir-se decepcionada com os poucos recursos encontrados. Tal como Mathias, Rosa e sua família foram advertidos das vicissitudes que encontrariam na floresta, mas em suas palavras: “*Sie hatten wohl Recht, aber jetzt ging es auch nicht mehr zu ändern*”.<sup>95</sup> Como mãe, em seu escrito, recordou da dificuldade de criar os filhos na mata fechada e de momentos em família onde reunidos partilhavam a comida e faziam pequenas apresentações. Mantendo essas ocasiões de encontro “a vida dos colonos era suportável”,<sup>96</sup> ela escreveu depois de uma reunião com familiares.

Assim como na vida de Mathias, fazia parte da rotina de Rosa e dos demais imigrantes de Blumenau, as muitas mortes, por falta de medicamentos e de outros recursos. Mathias, por exemplo, relatou acidentes ocorridos e os perigos da presença de cobras, assim como a ocorrência de “gripe, febre e similares, muitas vezes sem assistência médica”.<sup>97</sup> A morte era uma ameaça persistente. Faltavam remédios e

---

<sup>94</sup>Tradução: “A viagem seguiu agora num vapor fluvial, aqui já víamos floresta, pastos e terras habitadas nos quais se viam cabanas feitas na sua maioria de barro e cobertas com folhas de palmeira, em frente às quais brincavam crianças que nos acenavam. Víamos aquilo com olhos críticos e imaginávamos que algo melhor nos esperava. Dessa forma chegamos à cidade com o nome germânico ‘Blumenau’ onde diversos curiosos nos recepcionaram e dentre os quais alguns nos advertiam das dificuldades da vida na floresta” (grifos da autora). HAAS Rosa Johanna. *Errinnerungen (Memórias)*, 1975. Acervo particular da Família Haas, Blumenau (SC), p. 3.

<sup>95</sup>Tradução: “Apesar de, provavelmente, terem razão, agora não havia como mudar a situação”. HAAS Rosa Johanna. *Errinnerungen (Memórias)*, 1975. Acervo particular da Família Haas, Blumenau (SC), p. 3.

<sup>96</sup>Original: “*So wurde das Kolonistenleben erträglicher*”. HAAS Rosa Johanna. *Errinnerungen (Memórias)*, 1975. Acervo particular da Família Haas, Blumenau (SC), p. 8-9.

<sup>97</sup>Original: “*Giftschlangen forderten mehrere Opfer, Grippe und Typhus und dergleichen meist ohne ärztliche Hilfe. Ich habe später mal mit 4 Pferde bespannt Zuckerrohr geholt, mit einem Mal scheute ein Pferd, zog mich vom hochgeladenen Wagen und die 4 Pferde rasten davon. Meine Mutter hörte das Gerassel und wollte das Gefährt aufhalten und wurde nieder getreten und böse*

médicos nos primeiros anos de vida na colônia e estas condições foram vivenciadas pelos imigrantes.

Tais narrativas apresentam parte do cotidiano de Rosa e Mathias e de um contexto onde a morte era costumeira e previa bons investimentos em obras funerárias. Sabe-se que continuamos tão mortais como nossos antecessores, Rosa e Mathias, mas a modernidade “trouxe enormes avanços na arte de repelir toda e qualquer causa de morte (isto é, exceto a causa de todas as causas, que é a própria e inata mortalidade humana) - e impedir que tais causas ocorram”.<sup>98</sup>

Apesar das condições encontradas em países de terceiro e quarto mundo,<sup>99</sup> podemos acrescentar que atualmente é comum os médicos encontrarem pacientes idosos que jamais sofreram com dores fortes,<sup>100</sup> conseguindo alívio rápido. Isso não deveria ocorrer nos idos do século XX a muitos imigrantes que contavam em muitas situações, com apenas uma garrafa de cachaça receitada pelo Dr. Rübél, conforme relatou Mathias.<sup>101</sup>

Contando com as condições descritas, as encomendas de arquitetura cemiterial na oficina de Mathias cresciam. A fabricação dos túmulos compreendia todas as suas partes, incluindo os ornamentos, sendo os mais comuns, as cruzes com adornos de flores e troncos

*zugerichtet von den Pferdehufen. Nach monatelange ärztliche Behandlung wurde alles wieder gut*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessante e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 24.

<sup>98</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 194.

<sup>99</sup> SERRES, Michel. Op. Cit., p. 31.

<sup>100</sup> Ibid., p. 28.

<sup>101</sup> Original: “*Eine Flasche Schnaps für 100 Reis zum innerlichen und äusserlichen Gebrauch: dies war Universal-Medizin verordnet von Dr. Rübél*”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 14.

quebrados com guirlandas floridas nos primeiros anos. Na Figura 9 vemos Mathias em sua oficina. É dele a caligrafia encontrada no canto superior da foto onde se lê: “1917-1927 / New Bremen”. As datas devem ter sido alteradas por ele mesmo e, com certo esforço, é possível ver que eram inicialmente “1913-25”.<sup>102</sup>

De acordo com Ronald, as datas remetem ao período em que ele trabalhou em sua pequena oficina. A alteração das datas feitas, pelo próprio Mathias, pode ter relação com a escrita de seu diário e a organização das fotografias com legendas e observações feitas por ele mesmo. A placa<sup>103</sup> que indicava a existência da oficina está preservada no acervo da família e aparece em destaque na Figura 9, do lado direito. Nela está escrito:

Esquerda:	Centro:	Direita:
<i>Anfertigung von Grabplatten</i>	<i>Esculptura de "Math. Haas" - Steinmetz</i>	<i>Grabsteine in allen Stil- Arten</i>
Produção de lápides para túmulos	Esculturas de Mathias Haas - pedreiro escultor	Lápides de todo tipo e estilos

Figura 9 - Mathias em sua oficina em Nova Bremem (placa em destaque)



<sup>102</sup> Informações passadas por seu neto Ronald Haas.

<sup>103</sup> A imagem da placa foi manipulada digitalmente para aumentar a nitidez do letreiro.



Fonte: Acervo Família Haas

Aos clientes, a placa comunicava que ali eram produzidos lápides e túmulos de tipos variados. Na imagem, Mathias está em plena atividade, esculpindo uma cabeceira<sup>104</sup> ornamentada na parte superior por uma cruz, o que fez até o começo da década de 1950. Na mesma imagem, estão outras peças como lápides e ornamentos, e por sua quantidade, percebe-se a importância desse segmento para o trabalho de Mathias. No ofício de canteiro, ele tinha que esculpir e dar forma a diferentes materiais com o auxílio de ferramentas, como vemos na Figura 9. No exercício de sua profissão, a cantaria diz respeito:

a pedra que, tendo sido afeiçoada manualmente, com o uso de ferramentas adequadas, apresenta-se pronta para ser utilizada em construções e equipamentos. Atua ora como elemento estrutural, ora como ornamentação e, muitas vezes, atende às duas funções.<sup>105</sup>

Rolf, neto de Mathias, que chegou a trabalhar com o avô, tem sua própria definição para cantaria. Para ele, a cantaria é “o trabalho do

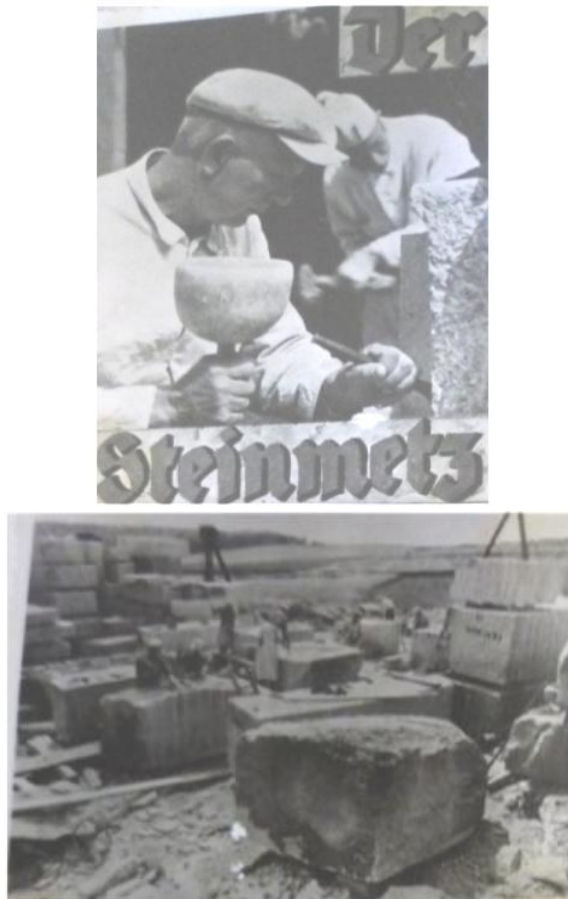
<sup>104</sup> Por cabeceira entende-se o elemento localizado na parte superior da sepultura onde costumam estar os dados sobre o morto, epitáfio e ornamentos.

<sup>105</sup> VILLELA, Clárisse M. Artes e ofícios. A cantaria mineira. Arquitextos, São Paulo, 4.41. **Vitruvius**, out. 2003. Disponível em: <<http://70.32.107.157/revistas/read/arquitextos/04.041/646>>. Acesso: 2 fev. 2011, p. 1.



canteiro, que trabalha com cinzel, com martelo, que esculpe e dá formato a pedra”.<sup>106</sup> Rolf morou no mesmo prédio da empresa e acompanhou o trabalho dos escultores por muitos anos. Seguem outras imagens de esculturas e de pedras em seu estado bruto (Figura 10), que apresentam parte da rotina do ofício e materiais utilizados pelos marmoristas:

Figura 10 - Trabalhadores e matérias-primas



Fonte: Acervo Família Haas

---

<sup>106</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

Na imagem de cima, a palavra em alemão “*Steinmetz*”, que quer dizer “pedreiro” ou “escultor”, apresenta o “marmorista” ou “canteiro”, como são conhecidos no Brasil, utilizando um de seus instrumentos, o cinzel e o martelo, para lapidar a pedra. Na imagem abaixo, vê-se o que se assemelha a uma pedreira ou jazida com blocos maciços, matéria-prima das obras dos escultores.

Conquanto, apesar de trabalhar com cantaria desde os primeiros anos de sua chegada ao Brasil, oficialmente a marmoraria inicia em 1918, conforme registro feito pelo próprio Mathias, em Ibirama (SC). Eram os primeiros anos da “Marmoraria Haas” e de acordo com o próprio Mathias, durante três anos, ele trabalhou em companhia de seu sogro Hugo Reichmut e seus dois filhos mais velhos, Elsa e Guido Walter, e obteve bons progressos.<sup>107</sup> A imagem da pequena oficina (Figura 11) mostra outro momento da empresa na década de 1920, com suas instalações em madeira e os produtos, lápides e ornamentos, expostos ao longo de sua parte frontal.

Mathias confeccionou diversos cartões comemorativos e no acervo da família Haas, esse tipo de material é bastante encontrado. Os cartões dizem respeito aos diferentes marcos de sua vida, principalmente, as comemorações. No cartão (Figura 12), que comemora a passagem dos 50 anos de sua chegada ao Brasil, o nome de Anton Haas está relacionado com o *Steinmetz*, mas de acordo com Rolf, a imagem não parece ser de seu avô Anton. Junto à figura, cuja legenda identifica como Anton, está a imagem de Mathias e de seu filho mais velho, Guido Haas, com as respectivas datas de nascimento de cada um 1864, 1887 e 1913 e alguns símbolos. No canto superior esquerdo, em destaque, vemos a tocha ou archotes,<sup>108</sup> que invertidos, simbolizam o

---

<sup>107</sup> Original: “*Im Jahre 1925 siedelte nach Blumenau über, wo das Geschäft einen raschen Aufstieg nahm. 3 Jahre wirtschaftete ich mit meinem Schwager Hugo Reichmuth und meinen beiden ältesten Kindern: Elsa und Guido Walter*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 5.

<sup>108</sup> Ciclo Cultural dos Cemitérios. In: **Câmara Municipal cidade do Porto (Portugal)**. Disponível em: <<http://www.cm->

fim da vida. A escolha desse símbolo funerário, muito provavelmente, está relacionada com a atuação no mercado mortuário, que foi responsável pela sua prosperidade, representado no cartão, ao centro, pela sede de sua empresa.

Figura 11 - Oficina de Mathias Haas em seus primeiros anos



Fonte: Acervo Família Haas

Rolf Haas, que aprendeu a executar trabalhos de lustração e fundição, conta que o ofício de marmorista é um trabalho realizado em sua família há muitas gerações. Considerando Mathias, o fundador da Marmoraria Haas, e seu pai, Anton que trabalhava com cantaria, somando com o filho de Mathias, Guido e o neto Rolf são pelo menos quatro gerações envolvidas diretamente no trabalho com pedras. Sem contar o trabalho no ramo funerário continuado por Ronald, bisneto do fundador, o que perfaz cinco gerações em torno do mercado funéreo.

Figura 12 - Cartão de 50 anos no Brasil



Fonte: Acervo Família Haas

De Anton a Rolf foram longas décadas dedicadas à produção de peças em pedras esculpidas e, posteriormente, lustradas. Até Mathias o trabalho era, em grande medida, o mesmo e exigia habilidade na execução de esculturas. Já com Guido e Rolf eles aos poucos deixaram de trabalhar com esculturas e passam a fabricar peças em granito, com poucos ornamentos. Mathias foi o último da família que desempenhou, praticamente, por toda a vida, o ofício de marmorista ou escultor, nomes pelos quais são conhecidos aqueles que executavam trabalhos, dentre outros, de arquitetura cemiterial. Os canteiros, como Mathias, tiveram papel preponderante na produção de obras que compuseram os acervos cemiteriais, pelo Brasil e pelo mundo.<sup>109</sup>

O trabalho dos marmoristas chega ao auge quando predominava a execução de obras repletas de signos religiosos e uma estatuária requintada, que ganhou força com a criação dos primeiros cemitérios públicos, convencionais ou secularizados. Esses cemitérios espelharam-se, em grande medida, no parisiense Père-Lachaise. Para Henrique

<sup>109</sup> BORGES, Maria Elizia. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. In: VII ABANNE: GT ANTROPOLOGIA DA EMOÇÃO, Edições do GREM, 8, 2004, CD-Room. Disponível em: < Disponível em: < [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_11ex/07\\_PatriciaBATISTA\\_IISeminarioPPGCOM.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCOM.pdf)> Acesso em: 14 jul. 2011, p.1.

Sergio de Araújo Batista, a circulação de publicações com imagens do Père-Lachaise, fundado em 1804, corroboraram para sua popularidade.<sup>110</sup> Do Père-Lachaise, que inspirou marmoristas em diversas partes do mundo, pouco resta nos cemitérios atuais que deixaram de lado a arte marcante das esculturas.

A profissão do marmorista é antiga e, de acordo com Elizia Borges, foi durante a Renascença que os marmoristas passaram a se reunir em corporações.<sup>111</sup> Uma boa parte desses profissionais aprendia o ofício dentro das próprias oficinas e, muitas vezes, precisavam adquirir especialidades de artista ou escultor. Em Santa Catarina não havia escolas de formação. É o caso também de outras cidades, como Belo Horizonte, como assinala a historiadora Marcelina das Graças de Almeida. A aprendizagem da profissão ocorria dentro da própria marmoraria, no dia-a-dia, onde era mantida a “hierarquia oficial mestre-oficial-aprendiz”.<sup>112</sup>

Do mesmo modo, no Rio Grande do Sul, o ofício era aprendido no ateliê. O marmorista Jacob Aloys Friederichs, dono da Aloys Friederichs, importante marmoraria do Rio Grande do Sul, começou “como aprendiz de canteiro aos 16 anos; com 19 anos, já era oficial, e aos 22 anos, tornava-se mestre. Em fevereiro de 1891, passou a ser proprietário da oficina e, a partir daí, conseguiu fazer dela uma referência no ramo”.<sup>113</sup>

No caso da Haas, a maioria dos trabalhadores contratados era de Blumenau e, poucas vezes, possuíam experiência. De acordo com Rolf, quando eles tinham alguma prática era preciso ensinar “tudo de novo porque não faziam o trabalho bem feito, dentro da qualidade”. Ele complementa que neste segmento de mercado havia pouca rotatividade “porque nesse trabalho leva tempo para fazer um funcionário”.<sup>114</sup> No caso da Haas, pela fala de Rolf, percebe-se que havia a preocupação em dotar o aprendiz de algumas exigências e habilidades que os diferenciavam de outras oficinas. Algo que ele define como “dentro da

---

<sup>110</sup> BATISTA, Henrique Sergio de Araujo. **Jardim regado com lágrimas de saudade**. Op. Cit., p. 78.

<sup>111</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 51.

<sup>112</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Op. Cit., p. 182.

<sup>113</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Biografando um imigrante*. Op. Cit., p. 149.

<sup>114</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

qualidade”, o que deve dizer respeito ao modo como Mathias passou o seu ofício para seus familiares e funcionários.

No anúncio de 1943 (Figura 13), ele está ao centro, em sua oficina junto a seus funcionários, dentre eles, um jovem aprendiz em primeiro plano na fotografia.

Figura 13 - Anúncio e Mathias em sua oficina



Fonte: Acervo Família Haas

O material publicitário e a fotografia reforçam o papel de Mathias como o mestre instrutor das técnicas utilizadas em sua oficina. Sentado, junto as encomendas e funcionários, a sua pose ativa destaca-o dentro os demais. Ele empunha uma ferramenta, firme entre suas mãos, confirmando a sua posição de líder e mentor.

A profissão que era um orgulho para Mathias, tem o seu aparecimento assinalado pela pesquisadora Maria Elizia, em seu estudo sobre os marmoristas em Ribeirão Preto, na exploração das pedreiras de onde era extraído o material para ser transformado em obras pelas mãos do escultor, nas oficinas.<sup>115</sup> Mathias em um de seus vários cartões, no qual comemora seus 50 anos e apresentado anteriormente, utiliza a imagem de pedreiras e de materiais brutos, uma provável menção ao local de onde provem a matéria-prima de seu trabalho.

Se sua formação dependeu dos mestres e suas oficinas, onde o aprendizado era feito no exercício de sua atividade, o seu campo de atuação muito deve ao cemitério onde as obras dos marmoristas, por longas décadas, encontraram espaço depois que os mortos deixaram de ser sepultados dentro das igrejas. O cemitério secular ofereceu um importantíssimo lugar para o trabalho dos marmoristas, como Mathias, gerando um campo mais amplo a ser explorado pelo mercado de esculturas.

Diferente dos padrões atuais, o interior das igrejas católicas, de muitas cidades brasileiras, já foi o local de sepultamento até meados do século XIX. Examinar o processo que levou os sepultamentos para os cemitérios a céu aberto, entender a estreita relação entre a Igreja e os mortos, primeiro acolhendo-os em suas entranhas e, posteriormente, benzendo o terreno dos novos campos-santos, pode acrescentar elementos para entender a paisagem dos cemitérios e a força da temática religiosa nos trabalhos dos canteiros, dentre eles, Mathias Haas. O campo de atuação desses profissionais dependeu fundamentalmente desses novos arranjos funerários, onde reside a relação, por vezes, *sui generis*, com os mortos em nosso país.

## **1.2 - Da cova ao túmulo: a formação de um importante espaço de trabalho marmorista**

A forma ideal de sepultura até as primeiras décadas do século XIX era estar o mais perto dos altares das igrejas, algo que mudou sobremaneira na atualidade. A maioria dos sepultamentos ocorria nos assoalhos e paredes dos templos católicos, onde vivos e mortos dividiam o mesmo espaço com rezas, batizados, casamentos e outros eventos. A partir do século XVIII surgem interdições e discussões acerca dessa

---

<sup>115</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 50.

prática, juntamente com as primeiras idealizações de como deveria ser o lugar dos mortos. Basicamente, deveriam ser fora das igrejas, a certa distância dos centros, murados, ordenados e individualizados, onde cada família poderia adquirir sua campa e dela fazer o lugar de descanso eterno de seus antepassados.<sup>116</sup>

Aqui no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, o ato de enterrar os mortos no ventre das capelas não fazia mais parte dos planos para o espaço urbano, que se encontrava em lenta, mas progressiva laicização. Questões relacionadas à saúde pública começaram a alimentar os debates e os mortos, inumados nos templos católicos, tornaram-se focos de enfermidades para médicos e sanitaristas. Dentre as sanções, algumas categorias de mortos eram mais

ameaçadoras, como aquelas relacionadas aos suicidas e aos que trespassaram sob condições súbitas e violentas. Porém, a princípio, todos os falecidos poderiam gerar o perigo da contaminação, tanto física quanto espiritual, que resultariam potencialmente em enfermidades ou, na pior das hipóteses, em novos óbitos.<sup>117</sup>

Acreditava-se que os gases produzidos pela decomposição dos cadáveres seriam maléficos para os vivos. Grande parte dos estudos que abordam a secularização dos cemitérios cita a teoria dos “miasmas” como basilar nesse processo e uma definição do século XIX, contribui para apreender sobre o medo que sustentava a necessidade de espaços apartados para os mortos:

Miasmas, dizemos nós, são legiões de microorganismos, micróbios innumeráveis, resultantes da decomposição cadavérica, descobertos e postos em evidencia por Pasteur e

---

<sup>116</sup> Philippe Ariès em “Do moderno sentimento de família nos testamentos e nos túmulos” reflete sobre o contexto que transfere para o túmulo os valores religiosos e sentimentais da família. In: ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 194-198.

<sup>117</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Representações e Práticas Mortuárias na Cultura Popular Brasileira: Influências e Apropriações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, p. 239-265, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto10.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2012, p. 253.



que, arrastados na atmosfera, podem originar doenças terríveis.<sup>118</sup>

Os pedidos para o fim desse modo de sepultamento falavam em nome da saúde pública e da civilidade. Assim fez João Carlos Pardal, presidente da província de Santa Catarina, em 1838, ao defender que

a fundação de hum Cemitério Publico, medida hoje adoptada em todas as Cidades do Mundo civilizado, são outros tantos melhoramentos, que não deixarão de merecer vossos desvellos, e que por isso não duvido passem mui breve a effeito.<sup>119</sup>

Porém, o movimento que deu espaço ao trabalho dos marmoristas criando os cemitérios a céu aberto, sofreu resistências. Fora das igrejas eram sepultados os condenados, indigentes, acatólicos e escravos. No caso do primeiro cemitério público de Desterro, ele foi instalado no Morro do Vieira<sup>120</sup>, em 1848, onde já eram realizados sepultamentos de escravos, indigentes e animais.<sup>121</sup> Dos embates do período temos ainda a Cemiterrada, descrita na obra de João José Reis<sup>122</sup> que ocorreu em 1836, em Salvador. Esse foi um movimento contra a construção de um campo santo por uma companhia privada que reuniu populares convocados pelas irmandades e ordens terceiras.

Essencialmente, o espaço e o “mercado” da morte eram gerenciados, em grande medida, pelas irmandades religiosas que

---

<sup>118</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 80.

<sup>119</sup> PARDAL, João Carlos. Discurso pronunciado na Abertura da Assembleia Legislativa da Provincia de Santa Catharina na primeira sessão ordinária da segunda Legislatura Provincial em 1838. In: **Center for Research Libraries - Brazilian Government Documents**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/953/>>. Acesso em: 4 set. 2012.

<sup>120</sup> O chamado Morro do Vieira ficava no local onde atualmente está o Parque da Luz nos altos da Rua Felipe Schmidt no centro de Florianópolis.

<sup>121</sup> SILVA, Dalton da. **Os serviços funerários na organização do espaço e na qualidade sócio-ambiental urbana**: uma contribuição ao estudo das alternativas para as disposições finais funerárias na Ilha de Santa Catarina. 2002. 216 f. Tese (Doutorado). Curso de Engenharia de Produção, Departamento de Pós Graduação, UFSC, Florianópolis, 2002. Disponível em: <[repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82268](http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82268)>. Acesso em: 21 nov. 2010.

<sup>122</sup> REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Séc. XIX. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

buscavam atender aos finados e seus familiares com a organização do funeral, comércio de covas dentro das igrejas, o cortejo até o fornecimento dos caixões. Esse comércio além de constituir-se em um modo de firmar presença em um dos eventos sociais de maior importância nesse período, também possibilitou aos “institutos religiosos, a rentabilização do exíguo espaço sagrado disponível”<sup>123</sup> no interior dos templos onde eram enterrados os mortos.

Para João José Reis, as irmandades resistiram ao fim desse costume, porém a alta administração da Igreja tinha interesse em dar fim aos sepultamentos nos templos, incomodada, sobremaneira, com a aproximação entre o culto dos ancestrais (familiares) e o divino.<sup>124</sup> Em lares de nosso país, os mortos da família dividiam o altar com os santos, um costume perpetuado pelos portugueses, advindo dos antigos ritos aos ancestrais dos romanos.<sup>125</sup>

Mas, em grande medida, a ocorrência dos sepultamentos dentro dos templos garantia uma boa renda para a Igreja, com a venda das covas de fábricas, localizadas em espaços internos melhor vistos para tal fim.<sup>126</sup> Além disso, lucravam as irmandades e as confrarias que cuidavam dos ritos de seus irmãos e dos interesses da Igreja que recebia por parte dos rituais.<sup>127</sup> O “comércio” girava entorno de caixões,

---

<sup>123</sup> COSTA, Adelaide Pereira Millán da. O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da baixa Idade Média. In: MATTOSO, José (org). **O reino dos mortos na Idade Média peninsular**. Lisboa: João Sá da Costa, 1996, p. 180.

<sup>124</sup> REIS, João José. Op. Cit., p. 135.

<sup>125</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 250.

<sup>126</sup> Adalgisa Arantes Campos fez um estudo detalhado da administração das covas intramuros e explicou que: “A fábrica era a proprietária e administradora das sepulturas internas (ad sanctos), próximas aos altares, contíguas aos corredores e casas (cômodos) do templo, fonte preciosa de rendimentos, através dos ‘direitos de fábrica’. As covas existentes no adro, pouco desejadas em todo o setecentos, também eram administradas pela fábrica, mas delas a legislação sinodal não permitia cobrar” (grifos da autora). CAMPOS, Adalgisa Arantes. A freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: Locais de sepultamentos e escatologia através de registros de óbitos da época barroca. **Varia História**, nº 31, janeiro de 2004, p. 159-183. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/31p159.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2011, p. 174.

<sup>127</sup> SALES, Tatiane da Silva; BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos. Mercado Católico de Bens Fúnebres: notas sobre os óbitos de São Luís do século XVIII (1739-1749). **Revista Brasileira de História das Religiões**.

alugados ou vendidos, cortejos, missas encomendadas nos testamentos, dentre outros.<sup>128</sup>

Essas organizações faziam parte do ritual de morte no século XIX. A suntuosidade dos ritos por elas organizados, era a equivalência do lugar no céu e o enredo que sustentava tais práticas tinha a marcante presença de um imaginário acerca do inferno e do purgatório. A morte era mais um momento para garantir um lugar no “Paraíso” e contava com investimentos nos ritos funéreos, organizados pelas irmandades, que ainda serviam para promover socialmente, mostrar as “posses” e “desfilar os ouros”, ou seja, de firmar um lugar dentro do corpo social com funerais,

concebidos por uma grande parcela da população, como eventos sociais e como uma das raras oportunidades para desfilar a riqueza e poder. A importância do morto era medida através da suntuosidade do cortejo fúnebre e da variedade de pompas e ornamentos usados nas exéquias. Mesmo os indivíduos destituídos de posses viam, nessa forma de conceber a morte, a chance derradeira de alcançar, mesmo que por alguns minutos, um lugar de destaque dentro da sociedade.<sup>129</sup>

Um bom exemplo do que era possível encontrar em um cortejo e nos costumes funéreos desse período, que perduraram até as primeiras décadas do século XX, pode ser visto, guardada as diferenças entre países e adequação de materiais, no ritual vitoriano.<sup>130</sup> Com o

---

ANPUH, Ano IV, nº 11, Setembro 2011 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acesso em: 11 mar. 2012, p. 287.

<sup>128</sup> Ibid., p. 290.

<sup>129</sup> PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p. 19.

<sup>130</sup> A rainha Vitória governou a Inglaterra, entre 1837 e 1901, período conhecido como vitoriano. In: MORAIS, Flávia D. Costa. A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística. **Falla dos Pinhaes**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.1, nº 1, jan./dez.2004. Disponível em: <[ferramentas.unipinhal.edu.br/ojs/falladospinhaes/.../getdoc.php?...](http://ferramentas.unipinhal.edu.br/ojs/falladospinhaes/.../getdoc.php?...)> Acesso em: 26 out. 2012, p. 63.

falecimento do rei Edward, a Rainha Vitória adotou o preto em seus trajes e o usou até a sua morte, hábito imitado por muitas mulheres, principalmente, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Nas classes menos afortunadas, os esforços para acompanhar tais ritos exigiam, muitas vezes, que as mulheres tingissem seus trajes e das crianças enlutadas para poder cumprir com seus deveres de viúvas. Sem renda para sustentar a família, as viúvas poderiam contrair novas núpcias passados dois anos de luto e “muitas retomavam o preto após a cerimônia”.<sup>131</sup>

No cortejo vitoriano não podia faltar a carruagem preta que seguia logo a frente, podendo ter plumas pretas que se erguiam do teto e da “cabeça dos cavalos atrelados a esse carro fúnebre que transportava um caixão polido, com alças de metal, às vezes, coberto com um rico tecido negro ou roxo. O espaço vago era preenchido com flores”.<sup>132</sup>

Da pompa vitoriana participavam homens e mulheres, com trajes e cartolas negras para os homens e, as damas, usavam longos vestidos de crepe e véus cobrindo o rosto e portavam luvas nas mãos. O detalhamento do vestuário era essencial já que o cortejo “desfilava” pelas ruas da cidade, buscando prolongar, por vezes, “o trajeto para uma exposição máxima, e depois parava na capela, no centro do cemitério”.<sup>133</sup> Outro costume encontrado era o envio de convites para o funeral e de cartões de pêsames para a família enlutada.

Nas imagens<sup>134</sup> do funeral do Cônsul Carlos Renaux, ocorrido em 1945<sup>135</sup>, por exemplo, alguns desses elementos estão presentes, como o carro funerário decorado com coroas e flores, além do acompanhamento do cortejo por várias pessoas e de uma longa fila de

---

<sup>131</sup> MENDONÇA, Míriam da Costa Manso Moreira de. Amor em branco e preto. In: XII ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES, 2011, Salvador. Anais do XII Encuentro da REd e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 1. p. 32-38 (cd rom), p. 37.

<sup>132</sup> Ibid., p. 36.

<sup>133</sup> Ibid.

<sup>134</sup> Cônsul Carlos Renaux. Fotos antigas de Brusque In: **Secretaria municipal de educação de Brusque.** <<http://www.semebrusque.com.br/eefrb.antigo/projetos/antigas/html/Consul.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

<sup>135</sup> Carlos Renaux (1862-1945), imigrante alemão, fundou a Fábrica de Tecidos Carlos Renaux no ano de 1892 em Brusque. In: História. **Renaux.** Disponível em: < <http://www.renaux.com.br/conteudo/index.aspx?codigo=2>>. Acesso em: 20 set. 2012.

carros. A notoriedade do morto na cidade de Brusque transformou o seu funeral em um acontecimento, concedendo-lhe tanto as pompas do cerimonial fúnebre, como o registro fotográfico desse momento, documentado em muitas imagens, como as que seguem (Figura 14).

Figura 14 - Cortejo Carlos Renaux



Fonte: Site da Renaux

Foi no influxo do ritual vitoriano, então, que os cemitérios ganharam destaque com uma arquitetura refinada feita para ser vista pelas famílias. Diante da fama dos cemitérios em nossos dias, chega a ser algo estranho saber que um dia receberam a alcunha de “passeio das famílias” o que, por muitos anos, manteve a linha de produção tumular da Haas em alta. Na detalhada descrição de Míriam da Costa Manso Moreira de Mendonça é possível observar que o cortejo era mais do que um momento para as despedidas: era uma forma de colocar-se frente aos demais, expor as posses e a importância, não só do morto, mas também

dos acompanhantes do féretro.<sup>136</sup> Algo que ocorria nos sepultamentos dentro dos templos e mesmo depois no cemitério.

Com o fim dos enterros intramuros e com a instituição das necrópoles seculares, a tensão entre as irmandades e o poder público foi resolvida à medida que as organizações e confrarias foram autorizadas a construir seus próprios espaços de sepultamento nos locais implantados pela administração pública. Esses espaços eram, usualmente, separados por muros e com túmulos, muitas vezes, padronizados. Ao chegar ao Brasil, Mathias encontrou consolidado esse modelo de gestão cemiterial com espaços a céu aberto. Além dos gerenciados pelo poder público, outros tipos criados nas comunidades rurais, juntos ou não a templos religiosos, eram muito encontrados na região do Vale do Itajaí. Em comum entre os dois, está o túmulo, de maior ou menor investimento, como seu elemento fundamental.

Porém, desde as primeiras décadas do século XX, os cemitérios públicos, que foram criados para solucionar o problema dos sepultamentos intramuros, em pouco tempo, passaram a ser questionados em sua eficácia. Isso contribuiu para comprometer o trabalho dos marmoristas, o que será visto mais adiante, e possibilitou a criação de outros projetos para o mesmo fim. Nos Estados Unidos, a criação dos cemitérios rurais foi a alternativa encontrada para a má situação dos cemitérios, recolocando os mortos em lugares afastados e cercados pelo verde, sanitariamente mais adequados, com destaque para o *Mount Auburn*, pioneiro nesse modelo.<sup>137</sup> Em vários países e também no Brasil, os cemitérios ficaram com a fama de contaminar os vivos com seus miasmas, tal como um dia os enterramentos dentro dos templos católicos, como está neste documento de 1910:

Suppozeram os higienistas, ainda fieis á inhumação, que, com a proibição dos enterramentos nos adros e nas igrejas e a instituição de cemitérios sob a inspecção e vigilância da auctoridade civil regulando as dimensões e intervallos das covas e determinando o tempo da sua renovação, não mais a Hygiene bradaria contra tal estado de coisas. Assim não succède. Pondo já de parte o lastimoso e nunca assaz condemnado factó de ainda se fazerem inhumações nos adros e nas igrejas somente

<sup>136</sup> MENDONÇA, Míriam da Costa Manso Moreira de. Op. Cit., p. 36.

<sup>137</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 27.

devido á incúria e á superstição, vamos provar, com o auxilio dos auctores que compulsamos, que as condições impostas em obediência aos preceitos hygienicos são muitas vezes insufficientes e algumas outras até irrealisaveis para que os cemitérios deixem de exercer uma influencia funesta sobre a saúde publica.<sup>138</sup>

Para os críticos das necrópoles, do começo do século XX, “o facto de se entrar num cemitério e não se sentir o mau cheiro a que as decomposições dão origem”<sup>139</sup> não era o suficiente para garantir a eficácia de sua função. Com base em estudos de gases e outros, eles não escaparam de acusações bastante próximas as que foram atribuídas aos sepultamentos intramuros, como o represamento do odor característico da decomposição dos corpos, visto que mesmo a céu aberto, já no começo do século XX, acreditava-se que:

O hydrogenio sulfurado ou carbonado, por exemplo, chegam rapidamente á superficie de uma camada de areia com muitos pés de espessura, oppondo o solo apenas alguma resistência á sua passagem, tal é a tendência d'estes gazes para attingirem a superficie.<sup>140</sup>

Preocupados sobremaneira com a salubridade, em vez de terrenos encharcados de chorume, os manifestos pediam terrenos que pudessem decompor devidamente, considerando que “os terrenos mais próprios para o estabelecimento de um cemitério são os calcareos e ferruginosos, mediocrementemente permeáveis ao ar e á agua e cujo sub-sólo permita um escoamento regular ás aguas pluviaes”.<sup>141</sup> Além disso, os especialistas daquele período recomendavam que nesses locais

perto de cada cova haja, com pequeno intervallo de uma para a outra, uma arvore purificando a atmosphaera e de maneira que as raizes penetrando nas sepulturas e até nos esquifes contribuam para apressar a decomposição; outros querem para cada

---

<sup>138</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op Cit., p.44.

<sup>139</sup> Ibid., p. 47.

<sup>140</sup> Ibid., p. 42.

<sup>141</sup> Ibid., p. 49.

sepultura uma arvore para melhor desempenho da missão que lhes é imposta.<sup>142</sup>

De cada época, o seu ideal. Nos dias atuais além de prever questões sanitárias, a escolha dos locais deixa clara a presença das regulações do mercado imobiliário, o que acabou por conduzir a instalação dos cemitérios em terrenos que não servem para “las necesidades de las personas vivas, ni como vivienda ni como terreno agrícola”.<sup>143</sup> Conquanto, parece que não é somente o cemitério que sofre com sua relação com a morte. Diante da necessidade de instalar a Central funerária do município de Blumenau, ela foi colocada na garagem da prefeitura, o que dificultava o atendimento ao público, afirma Ronald.<sup>144</sup>

Apesar dos embates e das críticas que muitos vieram a sofrer, foi nos cemitérios extramuros que a arquitetura tornou-se um importante diferencial entre os sepultados. Embora os mais abastados tenham usufruído de algum destaque nos enterramentos nas igrejas, com a utilização de espaços privilegiados e detalhes ornamentais em lápides,<sup>145</sup> foi no cemitério a céu aberto que a distinção dos túmulos ofereceu aos entes falecidos, uma identidade formada por anjos, cruzes e epitáfios.<sup>146</sup>

Contudo, a separação desses locais e a Igreja era basicamente física, destacando que “o sagrado e o religioso ainda eram presenças dominantes na cenografia cemiterial brasileira”,<sup>147</sup> ainda mais se considerarmos que os cemitérios em sua inauguração

precisavam ser bentos pela autoridade eclesiástica da localidade para que entrassem em funcionamento, do mesmo modo que os enterramentos só seriam autorizados mediante a

---

<sup>142</sup> Ibid., p. 51.

<sup>143</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 147.

<sup>144</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>145</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Op. Cit., p. 172.

<sup>146</sup> Inscrição encontrada nos sepultamentos. São palavras, frases ou textos adicionais que aparecem junto aos dados do sepultado (datas e nome). Podem ser citações bíblicas ou frases celebrativas do morto ou de sua memória geralmente presentes nas lápides, mas podendo vir também, horizontalmente sobre o túmulo.

<sup>147</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 62.



apresentação de uma declaração paroquial de encomendação do cadáver. Fatos que asseguravam portanto a jurisdição eclesiástica sobre as necrópoles.<sup>148</sup>

Na retirada dos mortos das igrejas, a representação religiosa segue para os espaços extramuros. Fernando Catroga considera que boa parte dessa simbologia religiosa, excetuando as cruzes, foi utilizada como mero elemento decorativo, em suas palavras: “pelas conotações claramente profanas de alguns deles”.<sup>149</sup>

As opções e modelos, principalmente, de ornamentos oferecem bons indicativos do tipo de arquitetura que foi utilizada nos cemitérios. Uma série de elementos compõe o repertório cemiterial na criação de sua arquitetura e seus detalhes que era oferecido aos clientes para expressarem estilos, crenças, gostos e possibilidades. A leitura dessas escolhas tem que levar, em consideração, diferentes agentes que podem concorrer para a composição dos túmulos. Elas podem estar relacionadas com as crenças, ser fruto do gosto ou da oferta de materiais e modelos, sujeitos aos estilos produzidos e aos preços encontrados. Mas independente dos motivos envolvidos na confecção, é preciso considerar que

a morte é vista, antes de tudo, como transpasse, travessia, ultrapassagem de fronteira, de modo que os cerimoniais fúnebres e as diferentes formas de edificações, inscrições funerárias, toda a ideologia presente nas representações pictóricas e esculturais da morte - ainda que variando de acordo com o enquadramento cultural distinto em que se inscrevem na história dos povos -, assumem a mesma função social de partes integrantes de *rituais de passagem* (grifo do autor).<sup>150</sup>

---

<sup>148</sup> RODRIGUES, Cláudia. Os cemitérios públicos como alvo das disputas entre Igreja e Estado na crise do Império (1869-1889). **Diálogos** (Maringá), v. 13, p. 119-142, 2009. Disponível em: <[http://historiayreligion.com/wp-content/uploads/2012/01/Revista\\_D...pdf](http://historiayreligion.com/wp-content/uploads/2012/01/Revista_D...pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2011, p. 128.

<sup>149</sup> CATROGA, Fernando. **O céu da memória**. Op. Cit., p. 112.

<sup>150</sup> GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, SP, v. 38, n° 1, p. 13-19, 2005. Disponível em:

Tomando como base os artigos oferecidos pela Haas, que podem ser vistos em fotografias, álbuns e catálogos de seu acervo, vê-se que as cruzeiras e os anjos destacam-se na preferência. A paisagem dos cemitérios, em diferentes lugares, confirma a primazia desses elementos de forte influência da religiosidade católica. Mesmo nos cemitérios teutos brasileiros, onde vigoram poucos ornamentos, as cruzeiras e os anjos, são os elementos ornamentais, geralmente, mais encontrados. Atendendo várias regiões do estado, a Haas precisava manter em seu estoque elementos dos mais variados, inclusive os conhecidos anjos “espreme-limão”, em destaque na Figura 15 onde está com outros ornamentos no pátio da empresa Haas, que compõem muitos acervos mortuários de nosso país.

Na definição de Tânia Andrade de Lima, esse ornamento “apresenta uma notável persistência temporal: trata-se de um anjo/criança ajoelhado sobre uma almofada em atitude de oração, designado nos álbuns dos marmoristas à época como “anjo espreme-limão”, em virtude da posição das suas mãos”.<sup>151</sup> Ainda sobre os anjos e sua utilização na arquitetura mortuária:

Mediadores entre o céu e a terra, os anjos e os arcanjos adultos ocuparam posição privilegiada na decoração tumular. Suas fisionomias se alteravam em função do estado de tristeza ou de alegria que se pretendia comunicar: ora anunciadores, ora tomados pelo êxtase, de alma exultante; ora repletos de esperança, de alma liberta; ora abatidos pela desolação, e outras intermitências da alma romântica. A expressividade era também realçada pelo movimento de suas asas: em repouso, fechadas, inclinadas, semiabertas, prestes a alçar voo.<sup>152</sup>

---

<[http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2011, p. 14.

<sup>151</sup> LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiras e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, nº 1, 1994, p. 106.

<sup>152</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 63.

Figura 15 - Anjos diversos e o espreme-limão<sup>153</sup> (em destaque)



Fonte: Acervo Família Haas

<sup>153</sup> O anjo “espreme-limão” em destaque foi retirado de: Anjo “espreme-limão”. Imagem de José Antônio de Ávila. In: **Bolcidades**. Disponível em: <<http://bolcidades.nafoto.net/photo20101104093305.html>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

A cruz é outro tipo ornamental muito utilizado. Símbolo da fé cristã, ela tem

uma função de síntese e de medida. Nela se juntam o céu e a terra... Nela se confunde o tempo e o espaço... Ela é o cordão umbilical, jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original. De todos os símbolos, ele é o mais universal, o mais totalizante.<sup>154</sup>

E se o Ocidente, ao longo do último século, pareceu declinar dos emblemas da morte, é fato que ele “vive de uma morte: a morte de Jesus na cruz”.<sup>155</sup>

Em diferentes tamanhos e detalhes, como na Figura 16, as cruzes integram paisagens cemiteriais, em muitas localidades, e sinalizam o sagrado nos espaços laicizados sob administração pública. Dos altares, a cruz passou a marcar a individualidade do espaço familiar ou pessoal, carregando valores, em grande medida, devocionais. É o símbolo da morte e da ressurreição de Cristo. Uma atitude rememorada e ritualizada nos altares, onde o corpo e o sangue são dados pela vida de seus fiéis.

A cruz simboliza a morte e a vida presente no ato de Cristo. Mas podemos acrescentar e isto possivelmente seja um ponto fundamental, uma morte que não existe, efetivamente, já que Cristo ressuscitou no 3º dia e a cruz que carregou tornou-se o símbolo de sua vitória. A ressurreição de Cristo tem a negação da morte em seu âmago. Para a crença cristã, quem segue os preceitos da fé não morre totalmente, o que aparece em sua famosa oração: “é morrendo que se vive para a vida eterna”.<sup>156</sup> A negação da morte pode guardar alguns sentidos, dentre eles, a de que ela não existe, sendo uma passagem para

---

154 CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 2008, p. 309.

155 CARDITA, Ângelo. Pensando a morte desde a religião: para pensar a cultura desde a morte. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXII, 2011, p. 39-53. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9899.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2012, p. 46.

156 Parte da oração de São Francisco de Assis, santo católico fundador da Ordem Franciscana. In: **Portal Angels**. Disponível em: <<http://www.portalangels.com/oracoes/oracoes-para-os-santos/oracao-a-sao-francisco-de-assis.html>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

aqueles que viveram na fé, cujo destino final poder ser o Purgatório ou o Céu.

Figura 16 - Modelos de cruzes da Haas



Fonte: Acervo Família Haas

Aí, provavelmente, reside uma das questões fundamentais para compreender a morte ocidental. A sociedade cristão-judaica fundou-se entorno de uma figura que vence a morte e assim, os que seguem seus preceitos podem acessar o mesmo poder. Seus seguidores, pela fé e mantendo-se fiéis aos ensinamentos de Cristo, podem vencer a morte tendo a cruz como o símbolo maior dessa crença. A negação de morte apresenta-se no âmago da crença que forma os valores de nossa sociedade.

No repertório da Haas eram encontrados outros ornatos como a Pietá,<sup>157</sup> alegorias, santos, guirlandas, lápides com diferentes ornatos, esculturas com temas civis, Cristo em diferentes formatos como o crucificado ou a caminho da crucificação, obeliscos, vasos, ânforas e

<sup>157</sup> A Pietá é um tema que representa a Virgem com o corpo morto de Jesus nos braços, após a crucificação. A representação é recorrente na arte cristã, sendo a mais famosa das pietás, a obra esculpida por Michelangelo no século XV e que hoje está na Basílica de São Pedro, em Roma. Michelangelo: pintor, escultor, poeta e arquiteto renascentista italiano. In: **UOL Educação**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u560.jhtm>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

bustos, sendo a maioria, obras e detalhes de cunho religioso. A partir desse acervo é possível perceber a importante participação da temática religiosa nas obras e elementos tumulares. Tal constatação indica que mesmo com o fim das inumações dentro das igrejas, não se finda a presença do sagrado e do religioso na cena cemiterial, sendo elementos recorrentes como destacou anteriormente Antonio Motta.<sup>158</sup> Apesar de Fernando Catogra considerar que a maioria desses elementos de cunho religioso tenha sido utilizada como recursos decorativos,<sup>159</sup> não há como afirmar que a retirada dos mortos de dentro das igrejas, tenha sido também uma ruptura com o imaginário religioso: as muitas cruzes e santos não permitem ignorar o alinhamento desses âmbitos.

Na criação de espaços externos para a inumação dos mortos existiam muitos interesses envolvidos. Além das questões sanitaristas, pesou para a decisão de acabar com os sepultamentos intramuros, a crescente secularização do século XIX, ficando cada vez mais difícil negar a cova àqueles que gozavam do direito da cidadania, pagando impostos e acatando leis, como os imigrantes protestantes. Importante dizer que a “[...] palavra secularização, não tem a conotação de declínio da fé ou religiosidade, mas apenas, indica a transferência de responsabilidade e poder da autoridade religiosa para o Estado”.<sup>160</sup>

Conquanto, antes que os católicos experimentassem a utilização de monumentos mortuários a céu aberto, outros já haviam conhecido essa forma de inumação, por não poderem acessar o recinto das igrejas católicas, dentre eles: os protestantes, suicidas, usurários, escravos, natimortos sem batismo e maçônicos.

O arquiteto Renato Cymbalista destaca que “as cidades agora deviam garantir um sepultamento a todos, independente de credo, cor ou posição social”<sup>161</sup> diante dos novos ideais e novos agentes, imigrantes em sua maioria protestantes, que ingressaram em grande número na

---

<sup>158</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 62.

<sup>159</sup> CATROGA, Fernando. **O céu da memória**. Op. Cit., p. 112.

<sup>160</sup> GARCIA, Valéria Eugênia. **O cotidiano na separação entre igreja e cemitério**: Um exercício de investigação metodológica. 2005, 49p. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono\\_valeria\\_garcia.pdf](http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono_valeria_garcia.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2012, p. 18.

<sup>161</sup> CYMBALISTA, Renato. **A cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2002, p.63.

sociedade brasileira, a partir das primeiras décadas do século XIX. O poder público pretendia estender sua ação sobre a vida de seus cidadãos, controlada pela Igreja que era responsável, inclusive, por todos os registros dos indivíduos, desde o nascimento até a morte.<sup>162</sup>

Com relação aos preceitos higienistas, uma das principais bandeiras a favor da criação dos cemitérios, é importante dizer que tais preceitos estavam sujeitos às lógicas de poder e de distinção social,<sup>163</sup> como destaca Fernando Catroga. O cemitério transmutaria na pedra, os valores e signos de distinção social desejados pelas novas classes urbanas que vinham ganhando destaque na política e na economia. Ou seja, com a consolidação do modelo cemiterial a céu aberto, os túmulos, de preferência monumentais, passam a constituir

por excelência a afirmação de uma posse simbólica do espaço cemiterial por parte de determinados segmentos burgueses da sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, que reivindicaram para si suas singularidades de classe, através da recomposição dos liames familiares e, posteriormente, já nos primeiros decênios do século XX, pela progressiva individualização de seus membros, em túmulos individuais e personalizados.<sup>164</sup>

Na construção mortuária, a imortalidade pode ser alcançada pelo monumento que se debruça sobre o corpo. Para Bauman, a

---

<sup>162</sup> FONSECA, Humberto José. **Vida e morte na Bahia colonial**: sociabilidade, festa e rituais fúnebres. 2006, 250p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-6Y8M3B/tese\\_de\\_humberto\\_jos\\_fonseca.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-6Y8M3B/tese_de_humberto_jos_fonseca.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 6 set. 2012. >. Acesso em: 6 set. 2012, p. 94.

<sup>163</sup> CATROGA, Fernando. A Monumentalidade funerária como símbolo de distinção social. In: **Os brasileiros de Torna-Viagem**. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, 2000, p. 168.

<sup>164</sup> MOTTA, Antonio. Cemitérios oitocentistas: nas fronteiras entre antropologia e história. In: AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica**: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação. Dourados: Editora da UFGD, 2010, p. 209.

imortalidade pode ser a vitória sobre a morte pela construção de uma memória a ser reverenciada, como os monumentos aos heróis que parecem negar a morte deles, lembrando e comemorando seus feitos.<sup>165</sup> No trabalho do marmorista buscava-se, com a pedra, conceder a eternidade auferida por aqueles que buscavam os seus trabalhos.

Depois de afirmados como lugares ideais para receber os corpos mortos, os cemitérios contaram com a arte funerária, para recobrir os túmulos, que ficou sob a responsabilidade do marmorista. A arte funerária como o “conjunto de esculturas, lápides e pequenos adornos encontrados nos cemitérios”<sup>166</sup> esteve, praticamente, ausente nas inumações intramuros. O sepultamento a céu aberto possibilitou a afirmação da identidade individual do morto que, por meio de investimentos financeiros em arquitetura, deixou de ser somente um número em solo eclesiástico.

Novas concepções e desejos de uma sociedade cada vez mais industrializada e moderna foram afirmados nos cemitérios, cumprindo um papel de convencimento e legitimação das ações que criaram novos códigos de sociabilidade, posturas e que atingiram a forma de se despedir dos mortos. Eles deram oportunidade às expressões de poder e dinheiro, como parte das mudanças que foram empreendidas na cultura funérea cristã, chegando a uma crescente personalização do funeral com uma valorização dos sentimentos envolvidos na perda.<sup>167</sup> Devendo-se ainda acrescentar que

Não se pode esquecer que a morte no mundo burguês, além de sua dimensão dramática, é também transmissão de um patrimônio, de uma herança, quando não material, simbólica. Por essa razão, no túmulo de família se configurava não apenas o desejo de continuidade e de perpetuação dos laços familiares, como igualmente se exibiam, por meio de sua arquitetura, na maioria das vezes suntuosa, signos de classe, marcando, assim, a posição social do morto e de seus descendentes.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Op. Cit., p. 55-56.

<sup>166</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino**. Op. Cit., 40.

<sup>167</sup> CATROGA, Fernando. **O céu da memória**. Op. Cit., p. 28.

<sup>168</sup> MOTTA, Antonio. Cemitérios oitocentistas. Op. Cit., p. 223.



Com a criação dos cemitérios foi possível eternizar a família em túmulos como faziam em suas próprias casas.<sup>169</sup> É o cemitério, então, que permitiu por meio dos túmulos, o surgimento de mais um bem de família. Na concepção de seu espaço, eles deveriam ser lugares agradáveis à visitação, além de guardar os entes queridos e, mais do que um lugar de sepultamento, deveriam ser o espaço dos grandes homens, para expor suas memórias e feitos. Um local dos cidadãos, dos heróis, uma área arborizada para a melancolia e o romantismo, para a introdução dos signos ligados ao civismo, aos seus valores morais e às suas crenças, enfim, para práticas inspiradas pelas mudanças nos regimes e costumes,<sup>170</sup> onde

Por volta da segunda metade do século XIX, as visitas aos cemitérios passaram a ser cada vez mais frequentes e, com elas, o culto dos mortos tornava-se prática familiar, ao mesmo tempo, que afetiva e reputada como de boa conduta moral, sendo popularizadas por meio de crônicas e outros gêneros literários.<sup>171</sup>

As sepulturas a céu aberto deram suporte ao culto privado que permitiu “exibir” a todos a importância de quem está enterrado por meio de seus sobrenomes, falando de origem e perpetuando a diferença e o *status* social. Algo que, anteriormente, era proporcionado mais pelos cortejos, pelos enterros nos altares e pela encomendação das almas. Os livros de registros de óbitos apresentam tais diferenciações que já ocorriam antes do surgimento dos mausoléus:

Enquanto alguns registros realçam a amplitude solene da cerimônia, enfatizando que o corpo foi “solenemente encomendado” por três, quatro ou até sete sacerdotes, denotando prestígio e posição

---

<sup>169</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 116.

<sup>170</sup> BORGES, Maria Elizia. Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Na travessia das artes, São Paulo, 11: ANPAD, 2001, p. 10 - 15. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/imagens%20devocionais%20nos%20cemiterios%20do%20brasil.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2011.

<sup>171</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 57.

social, outros registros mais sucintos denotam sepultamentos realizados sem a presença do sacerdote, feitos pelo sacristão ou pelo professor da localidade (grifo do autor).<sup>172</sup>

Nessa perspectiva, foi sob a forma arquitetônica das representações mortuárias que se materializou o cemitério secularizado, os primeiros sepultamentos e sua forma, as ocupações posteriores e suas novas tendências arquitetônicas. Para entender o sucesso do cemitério no século XIX, basta dizer que

O cidadão burguês passa a ter gosto pela ornamentação tumular, e o cemitério torna-se um espaço de ostentação de diferenças, bem como de convívio social. Na realidade, a diferenciação apenas foi transferida de lugar, já que antes dos cemitérios ela estava marcada pelas inumações na igreja e na vala comum.<sup>173</sup>

Na afirmação de um novo espaço para os mortos, o túmulo, lugar primordial para as produções dos marmoristas, recebeu lugar de destaque na organização cemiterial e reuniu valores perpetuados em pedra, alvenaria e outros materiais. A presença do túmulo acarretou mudanças que fortaleceram o mercado da arte cemiterial para atender os novos desejos para o último momento e

a multiplicação dos túmulos individuais no início contemplou os poderosos, nobres e clérigos; em seguida, os burgueses; depois, os pequenos burgueses; finalmente os proletários, operários e camponeses. Todos passaram lentamente a ter, não apenas a vontade, mas, ao menos em teoria, o direito a uma sepultura individual. Exceto talvez em condições de cataclismo social, no final desse processo o mais indigente dos seres humanos no Ocidente passou a merecer, no mínimo

---

<sup>172</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 143.

<sup>173</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino**. Op. Cit., p. 33.

teoricamente, o direito a uma sepultura individual, fosse ela a mais simples das covas-rasas.<sup>174</sup>

O ofício dos escultores atendia clientes que buscavam eternizar a memória de seus entes. O seu trabalho dependeu da afirmação da supremacia do cemitério sob o claustro das capelas e do valor atribuído ao lugar de sepultamento, principalmente, em fins do século XIX, como espaço privado do culto das famílias onde “o túmulo não é um lugar qualquer. Aos poucos se transforma em um jorrar vulcânico de desejos”.<sup>175</sup>

Os cemitérios, de acordo com Luiza Carvalho, são os territórios ideais para o estudo da atuação desses artesãos que eram responsáveis por talhar a pedra, riscá-la e nela imprimir valores, lembranças e dores. Em fins do século XIX, a morte “torna-se um espetáculo que carrega simbologias de amor, saudades, dor, reflexão, memória, respeito, aprendizado, identidade, carinho”<sup>176</sup> e os jazigos passaram a reproduzir, além disso, a posição social. Os marmoristas ganharam prestígio e, os materiais e estilos utilizados em suas produções, era algo que importava para as classes mais abastadas. Elas buscavam nos ateliês a distinção necessária por meio de uma arquitetura que requeria um significativo investimento.

Os marmoristas, muitos vindos do exterior, utilizavam no Brasil seus conhecimentos de ofício, recorrendo muitas vezes aos modelos europeus apresentados em catálogos. Mathias também o fez. Mas, não podemos desprezar a presença de uma série de outros elementos, de crenças e representações que participam do conjunto de significações que ganhariam os espaços cemiteriais pelo Brasil.

Na relação entre os mortos, os vivos e os cemitérios, estão diferentes visões, contos e histórias que contruíram para a imagem dos cemitérios e que vão além dos contributos dos marmoristas com suas obras. Em muitas localidades de nosso país são encontrados, por exemplo, os causos de fantasmas e de mortos que pedem rezas, noivas de branco na porta do cemitério, dentre outros. São diversos personagens fúnebres encontrados nas cercanias dos cemitérios, próprios da cultura popular, como

---

<sup>174</sup> RODRIGUES, José Carlos. Sentidos, sentimentos. **ALCEU**, v.1 - n°1, p. 47-63 - jul/dez 2000. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n1\\_Rodrigues.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Rodrigues.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2011, p. 56.

<sup>175</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>176</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 116.

o escravo que arrasta correntes, a “noivinha” que aparece nos cafezais, os choros de bebês, os passos inexplicáveis, isso para não falar dos túmulos milagrosos (inclusive em metrópoles) que jorrariam água, curariam enfermidades e outros milagres. Não se tratam apenas de estórias fantásticas, mas de uma fonte de memória que permite e elaboração de identidades sociais.<sup>177</sup>

Não é difícil encontrar quem se surpreenda com isso, como o pesquisador Oscar Calavia Saez, que descreve um Brasil onde os mortos são invocados e lembrados, ganhando muitas vezes o *status* de entidade, onde crenças de diferentes origens compõem o acervo religioso que tributa aos mortos e também ao cemitério, um lugar especial na sociedade brasileira.<sup>178</sup> Os mortos, muitas vezes, surgem dotados de poderes e aptos para interceder por um pedido, como os santos ou “milagreiros de cemitério”, na denominação utilizada pelo pesquisador Lourival Andrade Júnior para tratar daqueles que são reverenciados em diferentes cemitérios de nosso país.<sup>179</sup> Os túmulos tornam-se o lugar de romaria e os mortos, um recurso para conseguir a solução de problemas, a cura de doenças e a sorte no amor, dentre outros pedidos regados a velas e oferendas sobre os túmulos.<sup>180</sup>

É possível afirmar que o cemitério tem papel fundamental na construção do imaginário fúnebre brasileiro e no caso do Vale do Itajaí, endereço e principal mercado da Haas, é preciso destacar a participação dos imigrantes de origem teuta para entender algumas das particularidades da produção da marmoraria de Mathias e de sua clientela, o que será aprofundado no capítulo a seguir.

---

<sup>177</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 251.

<sup>178</sup> SAEZ, Oscar Calavia. **Fantasma Falados**: Mitos e Mortos no Campo Religioso Brasileiro. São Paulo: Unicamp, 1996.

<sup>179</sup> ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo**: Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção, 2008. 284 p. Tese (Doutorado em História). Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1884/17236>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

<sup>180</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 250.

## Capítulo 2 - A produção da marmoraria Haas: uma empresa, uma família

A profissão do marmorista contou, de forma particular, com o mercado de construção de túmulos, além da arquitetura civil que fez uso de seus dotes artísticos em várias construções cidadinas. Contudo, quem eram os marmoristas? Pouco vistos e falados, chamados de artistas por uns e negligenciados pelos críticos de arte - que poucos olhares dispensaram aos túmulos e outras de suas edificações - eles eram, em sua maioria, imigrantes que popularizaram no Brasil, um determinado estilo arquitetônico responsável por cobrir túmulos com obras alegóricas, santos, anjos e cruzeiros.

Eles eram artistas-artesãos, na denominação adotada por Maria Elizia Borges<sup>181</sup> e na grande maioria, estrangeiros que trouxeram o ofício para o Brasil, tal como Mathias, com destaque para os marmoristas de São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre. Nesse cenário é evidente a contribuição dos imigrantes italianos inspirados em grandes necrópoles como o Di Certosa na Bolonha.<sup>182</sup> Da mesma forma,

no nordeste concentraram-se marmoristas portugueses e italianos; no sudeste e sul, portugueses, italianos, espanhóis e alemães e, nas demais regiões, a prestação de serviços era requisitada as mesmas firmas especializadas.<sup>183</sup>

Aqui no sul, a Casa Aloys, de Porto Alegre, foi uma conhecida firma do ramo. Em 1927, Mathias a visitou e registrou imagens da empresa. Em seu livro de memórias ele fez a seguinte anotação “*Officina von A. Friedrich P. Alegre - maschinelle Anlage seit 1914*: Oficina de Aloys Friedrich Porto Alegre e instalação de maquinário

---

<sup>181</sup> BORGES, Maria Elizia. A estatutária funerária no Brasil. Op. Cit.

<sup>182</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Op. Cit., p. 123.

<sup>183</sup> BORGES, Maria Elizia. Cemitérios convencionais: espaço de popularização da arte erudita no Brasil (1890-1930). In: XXIV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA NAÇÃO E CIDADANIA. Anais XXIV Reunião brasileira de antropologia nação e cidadania, 2004, Olinda: ABA, 2004. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/cemiterios%20convencionais.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2011, p. 7.

desde 1914”. A oficina da Casa Aloys alcançou destaque no mercado exportando suas obras para várias cidades, inclusive, Mathias adquiriu obras feitas em suas oficinas.

Mathias fez várias imagens durante a sua visita, entretanto, algo chama a atenção em uma delas: uma mulher está confeccionando uma escultura (Figura 17). São poucas as mulheres encontradas exercendo esta função nas oficinas, mas a fotografia não deixa dúvida: o porte, a vestimenta e os traços são de uma mulher que trabalha na execução de detalhes da parte superior do que aparenta ser uma alegoria em mármore branco.

A participação de mulheres na execução de obras em cantaria parece ter sido algo raro. São os homens que dominam a profissão e o mercado, porém em Belo Horizonte a escultora Jeanne-Louise Milde (1900-1997) fazia obras para o cemitério do Bonfim e “mantinha um atelier particular no térreo do Grande Hotel (demolido) situado na Rua da Bahia com Avenida Augusto de Lima”.<sup>184</sup>

Figura 17 - Uma marmorista mulher na Casa Aloys



Fonte: Acervo Família Haas

Em Belo Horizonte, igualmente os marmoristas vindos da Itália ganharam destaque no mercado, dentre eles destaca-nos Marcelina das Graças de Almeida,

<sup>184</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Op. Cit., p. 216.

os Lunardi, fabricante de ladrilhos e mármore, os Falci, Boschi, Maltini e outros responsáveis por atividades variadas na cidade recém-nascida. Suas lembranças reafirmam a hegemonia italiana não somente na cidade, bem como no cemitério.<sup>185</sup>

A participação dos imigrantes no mercado da produção artística mortuária foi bastante significativa. Igualmente, a influência de mestres e artesãos vindos da Europa foi preponderante na organização e no estabelecimento da forma de produzir arte cemiterial, mas sem deixar de considerar que houve uma adequação de materiais e a presença de estilos variados em um mesmo espaço.<sup>186</sup> Os marmoristas participaram ativamente da formação de um tipo de cemitério que se baseou na construção de memórias e da história de seus “moradores” com uma arquitetura monumental, alegórica, carregada de símbolos e referências sobre sua origem e a de sua família. No Rio Grande do Sul, a pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho assinala:

Hoje, no Rio Grande do Sul, visualizamos os cemitérios como conjuntos prontos, e que dificilmente sofrerão acréscimo em seu acervo tumular escultórico já que a prática caiu em desuso a partir da década de 1940. Desta forma, cada cemitério vai possuir um acervo distinto em sua história e principalmente, em sua arte. Podemos entender que estes são os territórios ideais para o estudo da atuação das marmorarias - firmas que colocavam os túmulos e que possuíam mestres escultores responsáveis pela modelagem e execução de determinadas obras.<sup>187</sup>

Por muitas décadas, os investimentos na arquitetura cemiterial foram equivalentes aos feitos em residências ou outros bens, e o ritual funerário iniciava muito antes da morte. Os testamentos evidenciam uma preocupação com a hora derradeira, onde era fundamental determinar o local de sepultamento, o vestuário, o velório, o número de missas, a doação de esmolas, o cortejo e o pagamento de dívidas

---

<sup>185</sup> Ibid., p. 181.

<sup>186</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p.112.

<sup>187</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Entre a lembrança e o esquecimento. Op. Cit., p. 542

terrenas e celestiais. O emprego de recursos nesse setor produziu túmulos com ricas ornamentações, o que chamou a atenção de Laura Dalva. Para ela, as obras deixavam pouco espaço para ações que não fossem elogiosas, como observou em um artigo para o jornal “O conciliador” em 1929:

A soberba humana prolongada além-túmulo é ridícula e espetaculosa nos reclamos e ostentações do amor proprio insculpido nos marmores dos belos cemiterios das capitais. [...] Viram, por acaso, já alguma lousa que advirta ter sido quem nella dorme, uma má creatura, um peccaminoso christão, ruim esposo, pessimo filho, e inaturavel sogra? [...] Que transformação a da boca dos epitaphios?<sup>188</sup>

Laura Dalva, casualmente chegou ao cemitério da cidade de Lages, em Santa Catarina, com sua amiga Bertha em uma “fresca manhã serrana, aromatisada dos suaves perfumes das selvas lageanas”. De sua visita, ela nos deixou um relato valioso de quem presenciou muitos monumentos da arquitetura cemiterial. Nesse período o investimento tumular ainda era

uma importante referência para as elites brasileiras urbanas, que logo se adaptaram aos novos padrões de uso e apropriação dos espaços cemiteriais públicos, bem como de suas lógicas de enterramento. Depois de alguns anos de inaugurados, os cemitérios passaram a concorrer entre si pela grandiosidade e luxo que suas construções tumulares eram capazes de exibir.<sup>189</sup>

Apresentando-se como contrária a tais manifestações do que chama de soberba humana, ao seu olhar não escapou “a pedanteria do marmore nem o comico dos epitaphios” dos cemitérios das capitais, que a fez recordar, de maneira tristonha “como seriam feitos os sepultamento de milhares de creaturas que morreram diariamente na

---

<sup>188</sup> **Jornal O conciliador**, Lages 13 de novembro de 1929. n° 31, ano 1, p. 1.

<sup>189</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 61.



conflagração européa ao serviço da Patria”.<sup>190</sup> Laura Dalva faz menção aos muitos mortos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Diante da visão dos grandes mausoléus e túmulos, que considerou ridícula e “espectaculosa”, lembrou-se de sua preferência pela simplicidade das aldeias, onde “o morto não faz rir [...] importando-se bem pouco com os que passam, por cima”.<sup>191</sup> O exagero encontrado em muitas sepulturas e que a aborreceu nos permite pensar se, tal como Laura Dalva, outros igualmente se incomodaram com a prática de sepultar com grandes pompas.

A produção da oficina de Mathias esteve por muito tempo envolta nas premissas de um mercado tumular aquecido. Para atender a clientela, principalmente nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, os

barcos cruzavam o Atlântico com todo tipo de material para ornamentar as casa dos vivos e dos mortos: mármore italianos, gradis de ferro fundidos ingleses, as pedras de cantarias portuguesas e preciosas esculturas de artistas europeus renomados.<sup>192</sup>

Diferente situação viviam os moradores de zonas distantes dos grandes centros. Para os consumidores das áreas rurais, por exemplo, as oficinas especializadas em produtos mais requintados eram poucas e por conta dos altos custos, a utilização dessas firmas era uma forma de afirmação de sua condição socioeconômica, destaca o pesquisador Sandro Blume.<sup>193</sup>

Apesar da grande contribuição dada por esses profissionais na afirmação de uma cultura fúnebre que era sustentada, principalmente, pelo culto aos cemitérios e às obras monumentais, são raros os estudos sobre esse tipo de produção no Brasil. Com destaque, os pesquisadores

---

<sup>190</sup> **Jornal O conciliador**, Lages 13 de novembro de 1929 nº 31, ano 1, p. 1.

<sup>191</sup> **Jornal O conciliador**, Lages 13 de novembro de 1929 nº 31, ano 1, p. 1.

<sup>192</sup> RODRIGUES, Paula; ARRAES, Rosa. Artes nos Cemitérios Históricos da Amazônia: Estudo de Dois Casos Específicos nas Cidades de Belém(PA) e Manaus (AM). In: XIIº ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES, 2011, Salvador. Anais do XII Encontro da Red e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 01. p.172-178, p. 174.

<sup>193</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 112.

como Clarival do Prado Valladares e Maria Elizia Borges contribuíram com estudos sobre o grande valor artístico da produção dos marmoristas cemiteriais. O acervo dessas obras está relegado ao tempo em seus sítios de origem e não ganham ao menos um registro, submetidos a uma situação “delicada, uma vez que a sua preservação depende do interesse da família em manter o túmulo, e do cemitério, em conservá-lo, angariando fundos e protegendo-o por meio das ações necessárias”, conforme Luiza Carvalho.<sup>194</sup> Para Elaine Maria Tonini Bastianello é preciso dar visibilidade às obras e aos artesãos que, de alguma forma,

foram reconhecidos pela sociedade da época como altamente qualificados para produzir uma arte complexa, que combinava conhecimento sobre elementos e símbolos da arquitetura e arte clássica e medieval, laica e cristã.<sup>195</sup>

Nota-se aqui que, a pesquisadora assinala certo reconhecimento desses artistas da parte de seus clientes. Porém, a pesquisadora Maria Elizia Borges nos alerta que, mesmo diante de um mercado forte e crescente, do marmorista esperava-se mais que ele

fosse um genérico produtor de determinados objetos, cuja oferta era regida pela procura. Para produzi-los, ele deveria possuir seja os instrumentos de trabalho, seja uma particular habilidade técnica. Enfim, pertencia ao ramo das artes mecânicas, consideradas um trabalho desprovido de especulação intelectual, ocupando uma posição específica na escala social da sociedade da época.<sup>196</sup>

Combinando as duas afirmações, Luiza Carvalho concorda que a execução das obras contemplava a repetição em série de obras para um mercado que tinha demanda específica “justificando sua condição

---

<sup>194</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Entre a lembrança e o esquecimento. Op. Cit., p. 548.

<sup>195</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Op. Cit., p. 98.

<sup>196</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 52.

profissional ou industrial. Porém, não podemos excluir a fatura de peças únicas, que requerem alto grau de habilidade elevando o executor da obra à categoria de artista ou a obra à categoria de arte”,<sup>197</sup> destaca a autora.

A visita a cemitérios, do Brasil e do mundo, comprova o caráter artístico presente na execução de monumentos e detalhes tumulares encontrados em diferentes formas e tamanhos. Um passeio pelos mais conhecidos, como o Père-Lachaise (Paris), o Recoleta (Argentina) e o da Consolação (São Paulo), confirma a grandiosidade da arquitetura mortuária tratada, nesses locais, como coletâneas de obras de valor inestimável atraindo, ao Recoleta e Père-Lachaise, milhares de visitantes. Além dessas belas necrópoles pouco é feito por tantas outras, mesmo do século XIX, período onde abunda obras e esculturas de grande valor. O que dizer ainda, da situação de cemitérios mais contemporâneos, inevitavelmente, nem ao menos vistos como locais que expressam e guardam nossos valores culturais.

Clarival do Prado Valladares registrou obras e, seus autores, em cemitérios brasileiros ao longo de várias décadas. Muitas dessas obras desapareceram de seus sítios e graças, ao trabalho de Valladares, a identidade desses artistas nos foi revelada. No início da década de 1970, ele denunciou a ameaça que esses conjuntos sofriam por não estarem em um reconhecido espaço de expressões culturais e artísticas.

Valladares cita Jean Magrou que fez monumentos para o São João Batista no Rio de Janeiro e as obras tumulares dos imperadores D. Pedro II e D. Teresa Cristina, além de George Gardet, artista com criações no mesmo cemitério, ambos franceses. No São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, destaca o italiano Rodolfo Bernardelli, e defende que “não é somente no Rio de Janeiro que se deve clamar por um melhor destino para essas obras de arte, antes que os vândalos e o tempo destruam-nas!”<sup>198</sup> É fato que excelentes artistas destinaram parte

---

<sup>197</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. A palavra para o historiador da arte - a palavra como história da arte: noticiário semanal da Casa Aloys e algumas considerações a partir dos escritos de Jacob Aloys Friederichs. In: IIIº ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, GOIÂNIA, 2008. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Goiânia, 2008, p. 5.

<sup>198</sup> VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. **Revista brasileira de cultura**. Conselho Federal de Cultura, nº. 15, jan/março 1973, Rio de Janeiro, ano 5, p. 15. Disponível em:

de sua produção para os cemitérios e nesse sítio a céu aberto, as suas obras estão sujeitos a padecer condenadas por sua própria localização. Não faltam provas de que se muitos desses exemplares de arte refinada fossem encomendados para os palácios e teatros teriam melhor sorte.<sup>199</sup> E muitos artistas, que não tiveram seu nome arrolado nas listas de arte, poderiam participar também dos méritos advindos de sua produção, dentre eles, o nosso Mathias.

O problema da pouca atenção e proteção igualmente incomoda a pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho que adverte sobre o perigo de uma arte que conta com os frágeis acervos cemiteriais como fontes para o estudo, o que seria equivalente a dizer que em poucas décadas, sem ações de proteção, pouco restará de sua presença.<sup>200</sup>

Os caminhos patrimoniais e a infeliz situação dos acervos funerários, materiais e imateriais, são temas que dariam um capítulo a parte. Em concordância com os autores supracitados deve-se acrescentar a necessidade de ações pontuais, como a catalogação por meio de inventário ou a criação de banco de imagens para o registro e preservação das informações acerca das obras e artistas, antes que as intempéries e os furtos devastem o que restou. Como exemplo das ações a que estão submetidos os acervos cemiteriais, as fotografias tumulares a seguir (Figura 18), não estão expostas para venda em ponto de comércio do ramo, elas foram deixadas por ladrões em um cemitério de Porto Alegre, interessados no metal de suas molduras.<sup>201</sup> Os furtos são cada vez mais comuns e tão, ou mais, nocivos do que o vento, a chuva e o sol que atingem as sepulturas.

---

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002996.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2011.

<sup>199</sup> Ibid.

<sup>200</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Entre a lembrança e o esquecimento. Op. Cit., 548.

<sup>201</sup> Vandalismo em cemitério de Porto Alegre atinge 60% das sepulturas, 12/08/08. **G1: Portal de notícias**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL720094-5598,00-VANDALISMO+EM+CEMITERIO+DE+PORTO+ALEGRE+ATINGE+DAS+SEPULTURAS.html>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

Figura 18 - Vandalismo



Fonte: G1 Portal de notícias

O ideal seriam ações de tombamento e restauração com a inclusão efetiva dos bens funerários nas políticas públicas de preservação patrimonial, sempre levando em consideração a especificidade desses bens. Na dissertação desta autora,<sup>202</sup> a particularidade desses bens é debatida e coloca-se em destaque a importância do diálogo com os familiares e responsáveis pelos sepultados para discutir as ações sobre os acervos funerários. A proposta é amenizar possíveis discordâncias e resistências com relação a determinadas ações de manutenção do bem. Muitas vezes, há um conflito entre as necessidades da preservação e os rituais aos mortos, como no caso de uso de velas e flores, que podem ser considerados como nocivos, apesar de atenderem a uma função básica da sepultura.

Não querendo distanciar-me do propósito deste estudo, mas buscando valorar os nossos acervos funerários, como o da Haas, é importante acrescentar que a proteção efetiva dos bens funéreos requer ainda o reconhecimento de seu valor patrimonial, o que não é uma realidade facilmente encontrada. São poucos os cemitérios ou acervos funerários que ganharam atenção de órgãos públicos e instituições. Este

---

<sup>202</sup> CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**. Op. Cit.

tipo de bem esbarra, por certo, em seu próprio caráter: a morte não é algo que comumente atrai olhares dos protectionistas ou até mesmo de turistas, o que poderia ajudar a promover sua preservação. A morte e seus registros não encontram circunstância atualmente. Pode-se afirmar ainda, a ausência de espaços para lembrar a experiência que cada um passará um dia, o que poderia ocorrer por meio de atividades culturais nos lugares preservados.

No caminho do patrimônio e do turismo cultural cemiterial (por que, não?) muitos elementos como o temor da morte, o isolamento do doente e o silêncio sobre o luto dificultam a sua efetivação. A raridade de pesquisas e de ações de preservação nesse campo destaca a relevância do acervo guardado pela família Haas que tem no ofício de Mathias, a figura mais representativa da produção do acervo cemiterial brasileiro: o marmorista.

No Brasil, o auge da produção de Mathias e de seus companheiros de profissão foi o fim do século XIX e começo do XX com seu conjunto mais expressivo de arte, principalmente, das obras esculpidas a mão, durante a vigência de um tipo de arquitetura voltada a atender grandes demandas dos cemitérios e a obras cidadinas como “construções ecléticas que, então, foram surgindo na Europa e no Brasil. Nessa época, por sua formação profissional, o *marmorista* era um pequeno-burguês”.<sup>203</sup>

Como já foi visto, a forte presença de estrangeiros é uma das peculiaridades do ramo. O próprio Mathias trouxe sua experiência profissional da Alemanha e de acordo com Ronald, ele “fazia questão da escultura mesmo, a cantaria”<sup>204</sup> e na década de 1930, quando necessitou de um artista para fabricação de moldes e formas para arquitetura, manteve a tradição estrangeira e contratou um marmorista italiano, de sobrenome Pellarin. As formas seriam utilizadas na reprodução de modelos em série com o objetivo de baratear e agilizar a produção.<sup>205</sup> Tudo indica que o artista seja Frederico Pellarin, um escultor formado em Milão, Veneza e Roma. Ele trabalhou na oficina de João Vicente Friederichs, sobrinho de Jacob Aloys Friedrichs - proprietário da casa Aloys - e realizou obras como a ornamentação do Palacete Chaves,

---

<sup>203</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 53.

<sup>204</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>205</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

Confeitaria Central e Faculdade de Direito em Porto Alegre.<sup>206</sup> Algo muito provável, já que Mathias costumava comprar produtos da Casa Aloys e chegou a visitá-la em 1927.

A fabricação de ornamentos e de partes tumulares com o uso de formas era algo comum. Para Antônio Motta é possível

inferir que a maioria dos artefatos funerários fosse feita em série, exceto quando se tratava de uma peça assinada por algum mestre de cantaria, ou mesmo por algum escultor de renome, o que se tornaria mais frequente a partir do início do século XX.<sup>207</sup>

Entretanto, apesar de utilizarem, com certa frequência, as formas para a reprodução, as cópias não dispensavam um trabalho cuidadoso na construção de elementos religiosos e ornamentais. Tais elementos seriam encontrados nas obras tumulares feitas até meados do século XX, mantendo a preocupação com a ornamentação e com a presença de signos de distinção; o que pode ser visto em alguns dos trabalhos feitos por Pellarin.

A comum repetição de modelos por meio de cópias, para Maria Elizia Borges torna “difícil traçar diferenças estilísticas entre uma e outra oficina [...] Assim, pode-se afirmar que a arte produzida por esses artesãos possui um universo cultural próprio”<sup>208</sup>. Tais obras mesmo passando despercebidas para os círculos de arte “refletem nada menos que o imaginário religioso e social do homem da época”<sup>209</sup> e Mathias com sua oficina, contribuíram de forma significativa para tal universo.

No caso da Haas, os moldes de túmulos e ornamentos, feitos pelo artista italiano, foram usados poucas vezes, de acordo com Rolf. Serviam mais para a fabricação de peças, em cimento e areia peneirada, não em granitina, que tinha grande procura. A areia deveria ser fina para que os ornamentos saíssem com facilidade ao retirar da forma, explica Rolf.<sup>210</sup>

---

<sup>206</sup> DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2002, p. 66.

<sup>207</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**. Op. Cit., p. 88.

<sup>208</sup> BORGES, Maria Elizia. **Cemitérios convencionais**. Op. Cit., p. 184.

<sup>209</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 112.

<sup>210</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

O marmorista italiano fez outros trabalhos, dentre eles, o busto de Rosa Haas, os moldes dos rostos das filhas de Mathias que foram colocados ao longo da fachada da sede da empresa, um quadro em relevo e um painel que está na sua lateral. O painel faz referências à família e à história do casal. Rosa e Mathias foram reproduzidos nas laterais do painel, onde ele foi representado carregando o brasão da cantaria, uma adaptação do brasão *Steinmetz* que ele utilizou em impressos, de acordo com Ronald. Acima da cabeça de Rosa vê-se um brasão de que se assemelha ao de Santa Catarina e ela aparece representada de costas enfeitando com uma grinalda de flores o painel. Na parte de baixo foi esculpido o busto de Beethoven, homenagem à afeição de Mathias pela música e partilhada com sua família. São representados na cena, alguns animais, os de estimação, como o gato e cachorro, e outros da fauna local, como a cobra e o papagaio. Nas imagens que seguem (Figura 19), o painel aparece na parede cercado por outros ornamentos e um dos rostos das filhas de Mathias e em destaque abaixo, seguido do busto de Rosa.

Basicamente, era da Europa que chegavam as referências para a produção das marmorarias, por meio de escultores e de catálogos utilizados nas vendas com modelos de túmulos, lápides e ornamentos, “mesmo que os modelos estéticos adotados já não mais correspondessem aos cânones da arte funerária em voga na Europa”.<sup>211</sup> É bastante comum encontrar em cemitérios, modelos tumulares presentes em outros da mesma região e em cidades diferentes. Dentre os catálogos está o *Statue di Mármore di Carrara* “um típico catálogo italiano, do tipo que circulava entre as marmorarias das cidades brasileiras, usado para importação, ao mesmo tempo em que influenciava a produção marmórea brasileira”.<sup>212</sup>

---

<sup>211</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 62.

<sup>212</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Op. Cit., p. 103.



Figura 19 - Paineis (em destaque) e o busto de Rosa



Fonte: Acervo Família Haas

Nos catálogos eram encontrados modelos de anjos, figuras femininas, peças religiosas sendo que “muitas delas eram cópias ou reinterpretações de alguns modelos já consagrados no Staglieno, no Monumental de Milão, no Père-Lachaise, no Central de Viena, entre outros”.<sup>213</sup> As fotos de modelos e obras da marmoraria Haas, avulsas ou em álbuns, eram utilizadas por representantes da empresa para oferecer os artigos ao cliente. No acervo da família são encontradas diversas fotos que eram utilizadas pelos vendedores. Além de catálogos feitos por empresas de diferentes partes do Brasil, também o álbum “que podemos classificar como o que se conhecia anteriormente como *catálogo*, servia de propaganda de diferentes modelos de túmulos, para as famílias escolherem na hora de mandarem fazer uma sepultura”, conforme Elaine Tonini Bastianello.<sup>214</sup>

Ao percorrer os cemitérios é fácil confirmar o papel dos catálogos e das fotos. Muitas construções são cópias idênticas ou tem inspiração nos exemplares de álbuns e publicações do setor, confirmando que o “mais freqüente era o cliente escolher elementos daqui e d’acolá para compor o monumento desejado”.<sup>215</sup> Um dos muitos casos está a seguir. No canto da foto, tirada por Mathias, na Casa Aloys, vê-se uma cabeceira ornamentada com uma alegoria feminina emoldurada por um salgueiro-chorão. Uma cabeceira quase idêntica está no espaço da Comunidade Alemã de Florianópolis que fica dentro do cemitério São Francisco de Assis, na capital catarinense, conforme Figura 20 a seguir:

---

<sup>213</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 65.

<sup>214</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Op. Cit., p. 103.

<sup>215</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 77.

Figura 20 - Modelo no cemitério São Francisco de Assis



Fonte: Acervo Família Haas e pessoal da autora

A marmoraria Haas trabalhava em conjunto com outras marmorarias. As peças em mármore, por exemplo, vinham da Itália importadas por empresas maiores e o mesmo ocorria com as peças em bronze. Eram trazidos desde pequenos ornamentos e até túmulos quase completos, para atender o cliente, que tendo condições, não abria mão do mármore de Carrara.

O mármore de Carrara destaca-se pela cor branca e é encontrado em diversos cemitérios brasileiros. Ele é matéria-prima de muitas obras sepulcrais e começou a ser utilizado no século XVI. De

acordo com Rolf Haas, a grande maioria dos monumentos funerários em mármore branco, encontrados nos cemitérios, é provavelmente de Carrara, e não de mármore brasileiro. Ele destaca que para o mármore nacional “faltam alguns milhares de anos para endurecer, pois ele é muito poroso e não aguentaria no tempo [...] era então, tudo em mármore italiano”.<sup>216</sup>

Quando o cliente escolhia um túmulo de maior porte, o trabalho era realizado em etapas, como descreve a historiadora Marcelina Almeida e envolvia diferentes profissionais, desde projetistas que podiam ser dispensados quando já havia um modelo para seguir. Caso não, o projetista deveria

realizar um estudo preliminar, dentro das devidas exigências e proporções e apresentá-lo ao cliente sob forma de desenho na técnica da tinta aguada. Juntos estudavam o grau de redução ou ampliação das imagens escolhidas, a junção de uma ou outra peça e a feitura de esculturas e adornos especiais.<sup>217</sup>

Um cartão publicitário da Haas acrescenta mais informações sobre a rotina de trabalho de um marmorista (Figura 21). Escrito boa parte, em alemão, o cartão descreve processos que envolvem etapas do trabalho de retirada das pedras na pedreira e do seu manuseio em uma oficina, como “*Einschlagen der Stahlkelle in die Bohrlöcher*” (Martelar uma espátula de aço nos orifícios) e “*Fräsen einer Marmorplatte*” (Moagem de uma placa de mármore).

---

<sup>216</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>217</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 77.

Figura 21 - Material publicitário



Fonte: Acervo Família Haas

Nos materiais de divulgação da Haas eram encontradas informações sobre as condições de venda, entrega e montagem, como no anúncio na Figura 22. Nota-se que as obras poderiam ser despachadas pela estrada de ferro ou por via fluvial e a montagem, quando feita por um marmorista, tinha um custo maior. O estabelecimento de um prazo para a chegada de peças importadas, de seis a oito meses, oferece a noção do tempo esperado pela peça vinda de outros países:<sup>218</sup>

<sup>218</sup> Transcrição do texto que está no anúncio: “Preços de monumentos para cemiterio: Os preços mencionados, entendem-se: O monumento bem acondicionado, posto Estação da Estrada de ferro ou trapiche do embarque Blumenau exclusivamente frete e colocação. Si é desejado a colocação no local por um marmorista, deverá ser pago a este a passagem de ida e volta, e para o salario e a estadia a quantia de 25\$000 por dia. Em caso de escolher um monumento maior com estatua que se acha prompta em Deposito, o que é

Figura 22 - Anúncio Haas

**MARMORARIA MATH. HAAS**

Preços de monumentos para cemitério.

Os Preços mencionados, entendem-se: O monumento bem acondicionado, posto Estação da Estrada de Ferro ou trapiche do embarque Blumenau exclusivamente frete e collocação.

Si é desejado a collocação no local por um marmorista, deverá ser pago a este a passagem de ida e volta, e para o salário e a estadia a quantia de 25000 por dia.

Em caso de escolher um monumento maior com estatua que se acha **prompta em Depósito**, o que é indicado no verso das photographias, é recommendavel de telegraphar o numero do Monumento escolhido, para ser-lhe este reservado, demorando a importação de uma nova estatua 6 á 8 mezes.

**Embarque por conta e risco do freguez.**

Querendo-se segurar os volumes contra quebra, cobrar-se-á a taxa fixa de 4% sobre o valor.

---



---

Wir sind nicht lediglich Händler und Vertreter, sondern Hersteller und Fabrikant mit eigener:

**Säge-, Fräß-, Schleif- und Polier-Einrichtung.**

Wir fertigen an und liefern:

**Ital. Naturmarmor:** Carrara, weiß-bläulich; St. Anne, schwarz-weiß, schwarz; Portor, schwarz-gelb; Negro-sicilia, gelblich; Ultrama, rosa; Negro portogues, rot gefleckt; Basalt, Perlmarmer.

**Ausführung und Bearbeitung** sehr genau, gebohrt, gebohrt, geschliffen und poliert.

**Grabfiguren:** Grabfiguren sind herbar in künstlerisch vollendeter Ausführung, in weißem carrarischen Marmor, Marmorally, echt Bronze, Eisenabstrich, Terrakotta, Bronze-Gußbuchstaben. Vorgehen-Photographien (unveränderlich). Die getriebene Metallarbeit ganz genau.

Zur Ausführung von Ornamenten, Reliefs, Porträts, Büsten usw. haben wir mit namhaften Künstlern in Verbindung.

**Grabsteinstellungen:** aus Kunstgranit und Terrazzo-Beckensteinen.

**Grabumfriedigungen:** Gitter- und Arden-Umfriedigungen in Schieferstein, Gussstein und Bronze werden zu billigen Preisen geliefert. Solide Ausführung! Gekundener Werk!

**Entwürfe:** Für Herstellung von Denkmälern, vollständigen Katalog und Familien-Grabschriften sind reichhaltige Kestbücher, Original-Entwürfe und Modelle zur Hand.

Fonte: Acervo Família Haas

A cruz com medidas (Figura 23) é um exemplo dos projetos para as construções, como foi descrito pelas pesquisadoras Marcelina das Graças Almeida. Nesse projeto da Haas, na face superior o cliente visualizava a obra final e na face posterior encontravam-se as medidas de cada uma das partes para guiar o projetista e o cliente, que poderia

---

indicado no verso das photographias, é recommendavel de telegraphar o numero do Monumento escolhido, para ser-lhe este reservado, demorando a importação de uma nova estatua 6 á 8 mezes. Embarque por conta e risco do freguez. Querendo-se segurar os volumes contra quebra, cobrar-se-á a taxa fixa de 4% sobre o valor.

alterar o seu tamanho e seu formato. No acerto da obra e seus detalhes, os rascunhos ajudavam a definir a sua aparência final.

Figura 23 - Modelo com medidas e fotografia



Fonte: Acervo Família Haas

Os desenhos, feitos à mão, são encontrados no acervo da Haas e mostram que o setor requeria múltiplas habilidades, como a de esboçar no papel o desejo do cliente para facilitar a sua execução. Os desenhos poderiam apresentar pormenores caprichados ou servirem de esboços das primeiras ideias para a concepção do túmulo. Em um desses desenhos estão anotações feitas por Mathias Haas, em 1931. Ele acrescentou em alemão um elemento do pedido: “Ohne Kreuz: sem cruz”. Além dos desenhos feitos à mão, são encontrados modelos em publicações especializadas que auxiliavam na escolha do modelo e detalhes para cabeceiras, ornamentos e outros (Figura 24).

Após a definição da obra era iniciada a fase de execução, cabendo ao marmorista conseguir definir as formas na pedra. A pesquisadora Marcelina Almeida descreve as etapas desse trabalho:

o desbastador ou esboçador deveria trabalhar a peça até que adquirisse as características básicas do modelo proposto. Logo depois era trabalho do marmorista realizar a escultura propriamente dita, posteriormente polida pelo lustrador. Os adornos, as peças pequenas e delicadas eram feitos pelo *scarpellino*, enquanto o desbastador se encarregava de preparar as maiores que deveriam revestir as capelas e jazigos. A montagem no local

indicado e escolhido pelo encomendante era feita pelo *scarpellino*, pedreiro e ferreiro, geralmente todos trabalhavam simultaneamente na parte conclusiva da encomenda.<sup>219</sup>

Figura 24 - Desenho e modelos



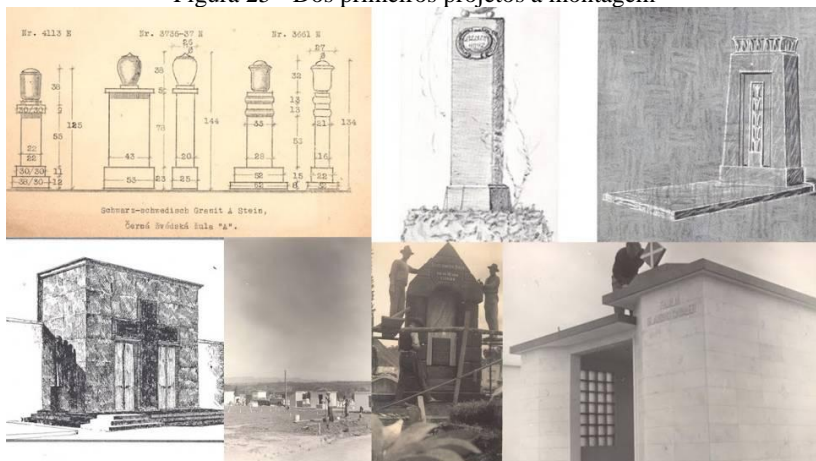
Fonte: Acervo Família Haas

<sup>219</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Op. Cit., p. 183.



Na descrição anterior surge o termo “*scarpellino*”, que remete a palavra italiana “*scalpello*”, que quer dizer cinzel ou escultor. O uso do termo em italiano é um indicativo da grande presença de imigrantes desta origem atuando nesse ramo. Na Figura 25, observa-se momentos diversos da produção, desde o acerto do projeto até a montagem das estruturas.

Figura 25 - Dos primeiros projetos a montagem



Fonte: Acervo Família Haas

A “arte”, ao qual se dedicava Mathias e sua família, no Brasil, produzia túmulos e suas partes, como lápides,<sup>220</sup> cabeceiras, alegorias<sup>221</sup> e anjos e artefatos para residências. Ao retornar aos primeiros anos de Mathias e sua oficina, percebe-se que com a demanda garantida e arenito à disposição, a dedicação a essa atividade mostrou-se promissora e Mathias intensificou a produção, ao longo das primeiras décadas da empresa.

<sup>220</sup> É o local (suporte) do túmulo onde está a inscrição. A lápide pode ser vertical, geralmente junto à cabeceira, ou horizontal. Para a análise considerou-se como lápide, o local onde constava a identificação do sepultado - nome e datas e onde pode estar também, o epitáfio.

<sup>221</sup> Por alegoria entende-se a obra de arte representando uma ideia abstrata. Uma representação figurativa que transmite outro conceito para além do literal.

A produção dos primeiros anos era basicamente de “monumentos em pedra arenito com detalhes artísticos”.<sup>222</sup> Depois vieram as encomendas em outros materiais, muitas vezes importados, como o mármore. As obras eram produzidas em Ibirama e depois trazidas para Blumenau que na época era o centro mais dinâmico da região. Com o passar dos anos, Mathias começou a planejar sua vinda para Blumenau com a intenção de centralizar a produção e a venda. A empresa tendo como principal mercado consumidor o baixo Vale do Itajaí.

Blumenau, na década de 1920, contava com automóveis circulando por suas ruas, com trem para transporte de passageiros e mercadorias da Estrada de Ferro Santa Catarina, além de prédios, muitos de dois andares ou mais na área central. Contava com hotéis, dentre eles, o Diamante, fábricas como a Hering, a Garcia, usinas de luz, casas bancárias, colégios como o dos padres franciscanos e foi nessa cidade promissora, que Mathias resolveu instalar sua nova sede.<sup>223</sup> Blumenau e arredores eram um mercado importante naquele momento e praticamente, toda a produção da marmoraria seguia para ali, transportada de carroça de Dalbérgia a Ibirama e de Ibirama, por trem da Estrada de Ferro Santa Catarina, para Blumenau.

A construção da sede foi iniciada em 1921 e quatro anos depois, Mathias mudou-se para Blumenau com os dois filhos mais velhos, Elza e Guido. Juntamente com eles, começou a atender na Rua São Paulo, em Blumenau, enquanto seguia a construção de sede definitiva. Ronald conta que somente depois da sede pronta, ele trouxe o restante da família.<sup>224</sup>

---

<sup>222</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Maria Helena dos Santos Moratelli**. Blumenau, 2 de maio de 2008.

<sup>223</sup> Essa descrição foi feita a partir de um interessante filme de José Julianelli, considerado um dos primeiros cineastas de Santa Catarina. O filme foi produzido na década de 1920 e contém valiosas imagens de Blumenau e dos moradores da cidade. Na mesma década, José Julianelli ainda fez imagens de Florianópolis e de sua majestosa ponte, a Hercílio Luz. Santos, Giba. **Blumenau década de 1920**. YouTube, 23 de dezembro de 2012. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=0UuHfi1clxc>>. Acesso em: 22 maio 2011.

<sup>224</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

## 2.1 - A nova sede: expandir para acompanhar o mercado

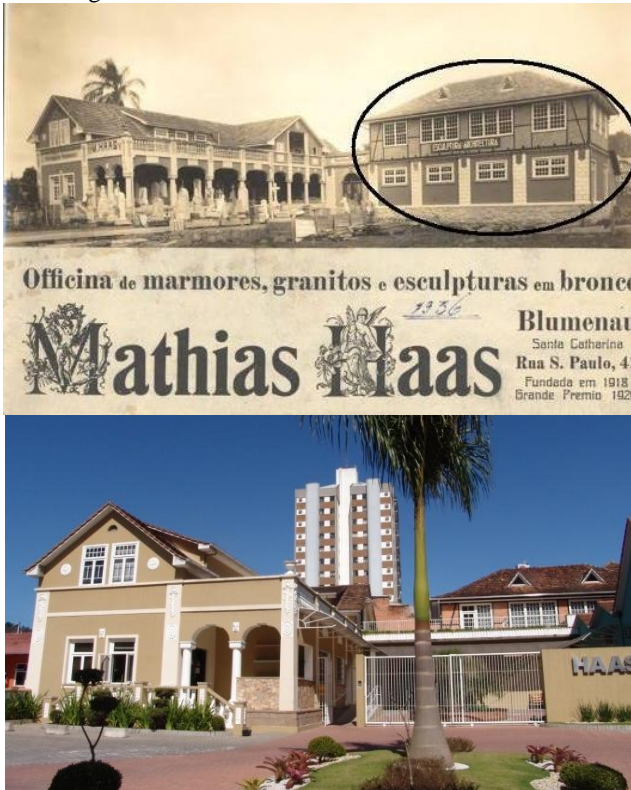
Em 1929 ficou pronta a sede: um prédio em alvenaria com uma oficina no térreo e duas moradias no primeiro andar, conforme o anúncio (Figura 26), excetuando a parte em destaque construída posteriormente. Ao recordar a construção Mathias escreveu que “sem a ajuda de esposa e filhos essa conquista teria sido impossível”.<sup>225</sup> Hoje, no mesmo lugar e ocupando um lote maior, funciona a funerária da família com o serviço de atendimento de vendas de planos funerários e com uma farmácia conveniada a empresa. O prédio mantém muitas das suas características originais, inclusive o painel feito pelo marmorista italiano.

O prédio em Blumenau oferecia melhores condições de trabalho. A casa, no andar superior, facilitava a administração por parte do proprietário, além de abrigar a família e estar mais próximo do público consumidor que se concentrava, em sua maioria, em Blumenau. Na fachada ficava o nome da empresa e suas especialidades, o que não existe mais atualmente. A inscrição “*Grabmalkunst = Bauornament - Officina de Marmores - M. HAAS*” anunciava que ali era fabricado “Arte Tumular e ornamentos para construção”, o que podia ser comprovado pelas peças expostas na varanda e no pátio com destaque para as cabeceiras com ornamentos como cruzeiros, modelos comumente encontrados no vale do Itajaí (Figura 27).

---

<sup>225</sup> Original: “*Frau und Kinder waren schon arbeitssam, sonst wäre diese Leistung unmöglich gewesen*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 5.

Figura 26 - Sede da Haas em 1929 e fachada atual



Fonte: Acervo Família Haas

Em seus escritos, Mathias relata a dedicação ao trabalho para o sustento da família que crescia. Rosa e Mathias tiveram 10 filhos: Elza Rosa nascida em 1912, Guido em 1913, Mathias em 1917, um ano depois nasceu Eugênio, Cazilie em 1919, Otto em 1921, dois anos depois nasceu Ivo, Margarethe em 1924, Wally em 1926 e, por último, João Antonio em 1929.<sup>226</sup> Sua especial relação com a família daria outra

<sup>226</sup>Original: “Heute, 13.08.1937, besitzen wir 6 Kanben wozu jeder noch 4 Schwestern sein eigen nennen darf...2.Guido = ältester Sohn, 1. Else = ältestes mädel, 3.Cilly, 4. Mathias Junior, 5. Eugen Bernardo, 6. Otto, 7. Ivo, 8.Grete, 9. Lucia, 10. Hansi Haas - (dies die Kinder)”. HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges -*

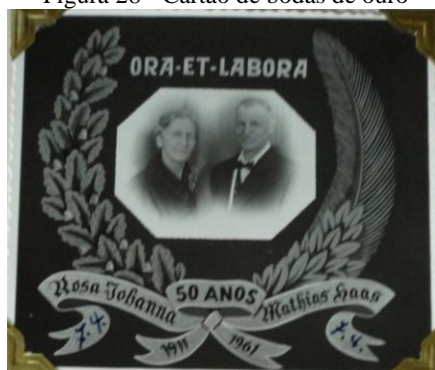
história a parte e os cartões comemorativos comprovam isso. Eles não são feitos somente em datas comemorativas da empresa, mas também familiares. Mathias fazia questão de comemorar datas de nascimento dos filhos e outros momentos, como as bodas de seu casamento, em fotografias e folhas timbradas da empresa, como a que segue na Figura 28.

Figura 27 - Fachada sede da Haas



Fonte: Acervo Família Haas

Figura 28 - Cartão de bodas de ouro



Fonte: Acervo Família Haas

---

*Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937, p. 17a.

Na imagem acima, a expressão “Ora e trabalha” (*Ora et labora* em latim) está associada a comemoração de suas bodas com Rosa. A mesma expressão é encontrada em seus escritos onde Mathias procura sempre destacar o papel do trabalho, ao lado da família, para a realização de suas conquistas pessoais e empresariais. A expressão é também associada ao marmorista Jacob Aloys Friederichs, que é descrito como um perseverante diante das dificuldades na nova pátria, com a máxima beneditina “*Ora et labora*”<sup>227</sup>. A aproximação entre os dois marmoristas segue com a utilização de outros elementos em comum. A frase de Johann Wolfgang Goethe “Do que tu herdaste dos teus antepassados, deves te apropriar, a fim de desfrutá-lo!”<sup>228</sup> está nos escritos de Jacob Aloys Friederichs<sup>229</sup> e em um quadro encomendado por Mathias, apresentado mais adiante.

Mathias, como outros imigrantes, procurou manter muitos dos elementos de sua origem teuta na língua, na postura e nos costumes. O uso da língua alemã nos anúncios, mais do que uma necessidade de atingir um público que utilizava este idioma, tem relação com esta postura e carrega outras intenções.

Os princípios dessa atitude previa manter-se fiel, de alguma forma, a antiga pátria, sem deixar de empreender na nova terra os esforços para fazer crescer o país que o acolheu, podendo ser resumido como um

modo de ser alemão, no uso do idioma, na manutenção dos costumes, na vitalidade física do alemão, na capacidade para o trabalho, aí estavam as virtudes que deveriam ser cultivadas em favor da nova pátria, a pátria brasileira.<sup>230</sup>

---

<sup>227</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. Biografando um imigrante. Op. Cit., p. 150.

<sup>228</sup> Tradução de Ronald Haas para a frase “*Was Du ererbt von deinen Vätern hast, Erwirb es, um es zu besitzen!*”.

<sup>229</sup> A frase “*Was Du ererbt von deinen Vätern hast, Erwirb es, um es zu besitzen!*” pode ser também traduzida por “O que tu herdaste de teus pais, apropria-te disso para possuí-lo”. SILVA, Haike Roselane Kleber da. A identidade teuto-brasileira pensada por J. Aloys Friederichs - um dos intelectuais do grupo étnico. **Anos 90** (UFRGS), Porto Alegre, v. 21-22, p. 295-332, 2005. Disponível em: < seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6377/3825 >. Acesso em: 20 dez. 2011, p. 322.

<sup>230</sup> *Ibid.*, p. 150.

Na leitura do diário de Mathias tais considerações ficam evidentes no modo como ele descreveu sua história, desde a sua vinda para o novo país. O seu relato sobre como conquistou os meios de sobrevivência e um lar, apresenta uma rotina de sacrifícios com a esposa e a família numerosa. Uma rotina árdua que incluía poucas horas de sono e a dedicação à família, como ele mesmo descreve:

Nossa jornada de trabalho iniciava às 3 h da manhã indo até às 23 h já que dedicávamos tempo ao canto em coral, teatro e música. Enquanto minha esposa amamentava decorava os roteiros de teatro. Dessa maneira não alcançamos nada grandioso [...]. Neste mesmo período eu ocupava as tardes com trabalho de cantaria em pedra arenito, de pedreira própria.<sup>231</sup>

Ao longo da vida ele fez menções à sua pátria natal e seus costumes, tornando-os referências para a vida familiar e para a sua profissão. Podemos dizer que tais princípios fizeram parte do modo como conduziu os negócios. Em sua arte, estes valores podem ser notados na forma como utilizou e recorreu às publicações de arquitetura funerária teuta que inspiravam a fabricação e a importação de seus modelos tumulares, dentre eles a obra “*Grabmale aus naturstein*”<sup>232</sup> que será detalhada mais adiante.

A necessidade do trabalho e do contato com elementos que sustentavam a ligação com a Alemanha é um de seus argumentos ao

---

<sup>231</sup> Original: “1917 bis 1925 Landwirt, Molkerei + Denkmal Arbeit. Arbeitszeit für uns war mitunter von früh 3 Uhr bis Abends 11 Uhr. Wir mussten ja auch Zeit haben für Gesangsübungen, Theater und Musik. Meine Frau stillte ihr Kindchen und lernte nebenbei Theater-Rollen. Auf diese Art brachten wir es zu nichts Grosseem aber jedes Jahr zu was Kleinem? Bis die Zahl 10 erreicht war - 6 Söhne + 4 Mädels !! Und jetzt 1955 stehen wir alleine? Im Laufe der Zeit hatten wir Freiheit, Eigentum, Glück und Zufriedenheit”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: ***Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954*** (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 5.

<sup>232</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit.

fazer uma retrospectiva de sua empresa e família. Mathias destaca uma vida de realizações, tendo cumprido o seu papel como um patriarca que legou aos seus descendentes: educação, valores advindos do trabalho, amor pela pátria mãe e empenho para fazer crescer o país que o recebeu, nestes termos:

*Ferner: "HANDWERK HAT GOLDENEN BODEN". Durch Bezug von: Fachbüchern, Musik Noten u. Instrumente, ferner Werkzeuge, Maschinen waren wir immer in Verbindung mit der Stammesheimat. Für meine Wahlheimat die Heimat meiner Kinder u. Enkel haben wir alles getan u. gegeben zum Aufbau u. Fortschritt Brasiliens. Vorzügliche Erziehung u. Schulbildung damit unsere Nachkommen fähig sind an den Geschicken und Verwaltung Anteil zu nehmen.*<sup>233</sup>

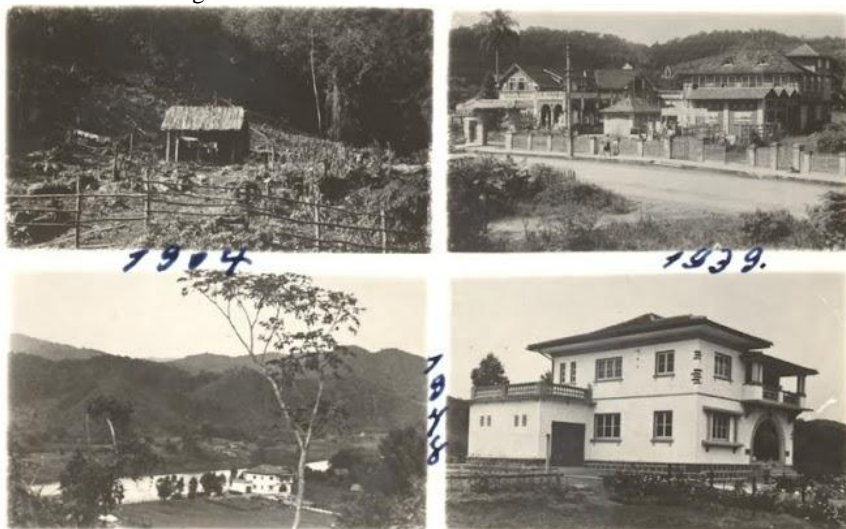
Essa postura remete a sentimentos relacionados ao ideal de prosperar por meio do trabalho em novas terras. Em uma determinada montagem feita por Mathias (a qual não teve seu fim identificado) ele destaca os progressos alcançados com seu trabalho, reunindo momentos de sua vida no Brasil. Escrita a caneta está a data de 1904 abaixo da imagem da pequena casa em Nova Bremen, a matriz em Blumenau aparece com o ano de 1938 e a residência de seu filho Guido, construída em Gaspar, chamada de Chácara União está em duas imagens tendo o ano de 1948 entre elas (Figura 29).

---

<sup>233</sup>Tradução: "Além disso: "UM OFÍCIO GARANTE O FUTURO". Por referência de: livros, partituras e instrumentos, além de ferramentas e máquinas, estávamos sempre em contato com a pátria mãe. À minha pátria adotiva, a pátria dos meus filhos e netos, demos e fizemos de tudo para construção e progresso do Brasil. Excelente educação e formação para que nossos descendentes sejam capazes de gerir e tomar parte nos negócios" (grifos do autor). HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d.



Figura 29 - Residências e sítio da família Haas



Fonte: Acervo Família Haas

Para Mathias era fundamental não esquecer as suas raízes, seus costumes e identidade que deveriam ser transmitidos aos filhos, por meio do ensino da língua, das músicas, de histórias da pátria mãe e do ofício, que aprendeu na Alemanha. Porém, apesar de se encontrarem como destaca Haike Roselane Kleber da Silva

nos anos iniciais, em relativo isolamento, o fator isolamento/enquistamento não foi tão decisivo para a formação de uma identidade grupal; mas sim, pelo contrário, foi no contraste entre as culturas europeia e brasileira que se constituiu a etnicidade.<sup>234</sup>

Ao falar de um modo de ser remetemos a uma identidade que, no caso de imigrantes, como Mathias, é conhecida como teuto-brasileira e

caracteriza-se pela seleção, por parte do grupo, de uma série de traços culturais que buscam

<sup>234</sup> SILVA, Haike Roselane Kleber da. A identidade teuto-brasileira pensada por J. Aloys Friederichs. Op. Cit., p. 298.

identificar as pessoas que o integram, como a língua, hábitos, instituições típicas, além do ethos do trabalho, traços estes que materializam a crença numa origem e num passado comum. Esses traços são ressaltados em diferentes momentos, ora um ora outro, de acordo com a dinamicidade histórica e com a intensidade do contato com outros grupos que compõem a diversidade étnica do sul do Brasil, e cumprem a função de símbolos identitários. Na busca da identificação são desconsideradas diferenças preexistentes, características de processos anteriores de delimitação grupal.<sup>235</sup>

A identificação com valores relacionados à família é tema de um diagrama que atualmente está no escritório da empresa. Nele os filhos, juntamente com o casal, estão cercados pelos símbolos do zodíaco. Esse detalhe foi feito por Mathias em um tampo de mesa em granito que pode ser visto na imagem a seguir (Figura 30).

Figura 30 - Diagrama



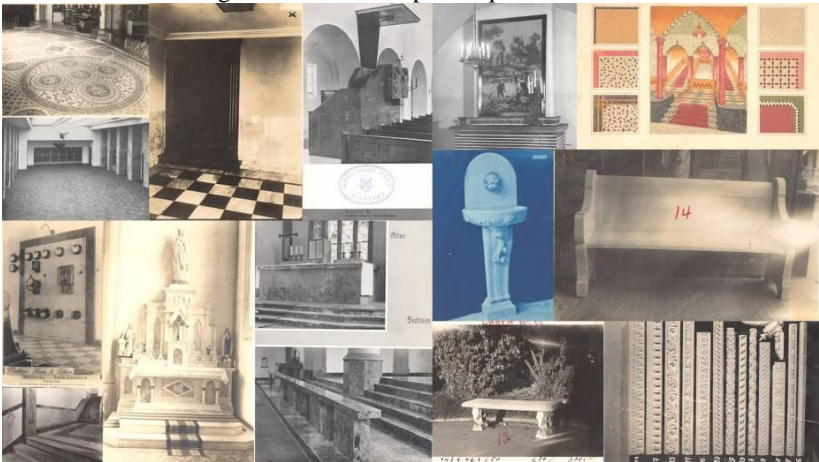
Fonte: Acervo Família Haas

<sup>235</sup> Ibid., p. 296-297.

Mathias com o apoio dos filhos, esposa e parentes seguiu firme com seu empreendimento. Com a instalação da sede em Blumenau, a empresa ampliou bastante a produção. Nas primeiras décadas do século XX, além de adquirir de alguns fornecedores, a marmoraria fabricava algumas de suas matérias-primas, como a granitina, com a ajuda de um britador. Essa máquina fazia a moagem de pedras e utilizava peneiras diferentes para fornecer distintas granulações do material. A sua base era feita a partir da mistura, de pedras moídas e cimento, utilizada para construir peças mais retas e com poucos ornamentos. O próprio Mathias fabricou um britador e depois ele adquiriu um maior e ambos foram instalados na sede da marmoraria. As máquinas produziam muito pó, o que incomodava sua esposa Rosa e assim, “nos anos 1940, a moagem de pedras foi para o município de Gaspar”, lembra Rolf.<sup>236</sup>

A empresa da família Haas também fabricava escadas, revestimentos de pisos e banheiros, artefatos para cozinhas, tampos de mesas, adereços para jardins e mosaicos; além de realizarem trabalhos de revestimento externo de prédios, tendo atuado em vários municípios catarinenses. Pelos anúncios publicitários vê-se parte dos produtos para construção civil (Figura 31).

Figura 31 - Produtos para arquitetura civil



Fonte: Acervo Família Haas

<sup>236</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

As vendas ficavam por conta dos filhos de Mathias e o mais velho, Guido foi responsável pelas vendas por vários anos. O caçula João Antônio exerceu a mesma função, mas por pouco tempo.<sup>237</sup> Na empresa trabalharam outros parentes, como Bruno Kitzer, afilhado de Mathias. Ele veio do interior de Ibirama para Blumenau com 12 anos e trabalhou por 50 anos na Haas. Ele fazia as gravações e assim foi “até a aposentadoria, praticamente até morrer, pois quando ele não vinha mais para o trabalho na marmoraria a gente levava as lápides para ele em casa”, relembra Rolf.<sup>238</sup> Outro filho de Mathias, o Ivo trabalhava com gravação. No Livro de registro de empregados da Haas está o registro de Bruno Kitzer que foi contratado em 1º de outubro de 1930, com pagamento de salário mensal e na função de marmorista. Observa-se que o termo pelo qual são conhecidos os trabalhadores do ramo está no documento de registro oficial (Figura 32).

No universo da arquitetura mortuária, os riscadores de pedras ou gravadores merecem igualmente destaque. Eles eram responsáveis pelas “inscrições, alegorias e ornatos nos túmulos dentro de um processo artístico que visa lavrar na pedra, isto é, gravar na superfície da mesma”.<sup>239</sup> Na Haas, as inscrições e ornamentações eram feitas por Bruno e Ivo que, por meio de um “jogo de contraste entre o claro e o escuro”,<sup>240</sup> produziam desenhos e imprimiam na pedra, nomes e mensagens. Esse trabalho é facilmente encontrado nos cemitérios de comunidades teuto-brasileiras de Santa Catarina, frequentemente, em lápides em ardósia (Figura 33). Para Mathias, o trabalho de gravação era de grande valor na composição de uma obra tumular e ele chegou a afirmar que: “uma gravação precisa e elegante é em si só uma obra de arte”.<sup>241</sup>

---

<sup>237</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>238</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>239</sup> BORGES, Maria Elizia. Os Riscadores de Pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. In: IIIº ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, GOIÂNIA, 2008. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Goiânia, 2008. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/Riscadores%20de%20pedra%20III%20ABEC2008.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

<sup>240</sup> BORGES, op. cit., 2004. p. 184.

<sup>241</sup> Original: “Eine saubere stielvolle Inschrift ist an sich schon ein Kunstwerk”. (grifo do próprio autor). HAAS, Mathias. HAAS, Mathias. *Lebenslauf und*

Figura 32 - Registro de Bruno Kitzler

**Registro de Empregados**

VISTO  
Em 20/9/1963  
R  
F. ALVES GONÇALVES  
Diretor de Inspeção



Nr. de Ordem 2 Nr. da Carteira Profissional 39990 Serie 69

Nome Bruno Kitzler

Filiação Fritz Kitzler, Bianca Kitzler, casa Reinhardt

idade 20 anos. Data de nascimento 21 / I / 1916

Nacionalidade brasileiro

Lugar de Nascimento Itanhoa - Hamônia

Residência Est. Geral Data da admissão ao serviço 1 / I / 1930

Categoria e ocupação habitual marmorista Salário 7zeto por dia

Forma de pagamento mensal Nome dos beneficiários  
Fritz Kitzler, Bianca Kitzler

Assinatura do empregado Bruno Kitzler Data \_\_\_\_\_

Data da dispensa de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Fonte: Acervo Família Haas

**werdegang von Marmoraria Haas** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas).  
Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 2.

Figura 33 - Fontes para gravação e lápide



Fonte: Acervo Família Haas

Nas imagens acima estão modelos de fontes e registros dessa arte em uma lápide. Os riscadores ou gravadores imprimiam na pedra, os dados dos falecidos (nome e datas) e os epitáfios. Esses últimos, particularmente, são elementos de destaque na postura mortuária teuto-brasileira que engloba características como pouca ocorrência de mausoléus, preferência pelo túmulo de médio e pequeno porte e presença de epitáfios singulares, elementos que podem ser vistos nas obras da Haas.

Desses elementos, os epitáfios merecem uma atenção especial pelo detalhamento de informações acerca do falecido e pelas mensagens autorais originais. A variedade de mensagens de cunho pessoal é grande e os autores, geralmente, não buscam inspirações em frases prontas. São encontrados pequenos depoimentos, onde o momento da separação torna-se particular e é expresso de forma singular em muitas lápides encontradas em cemitérios de origem teuta em Santa Catarina. O pesquisador Sandro Blume fez uma observação parecida com relação aos cemitérios dessa origem no Rio Grande do Sul:

Percebe-se no acervo de túmulos centenários ainda preservados dos antigos cemitérios, costumes e peculiaridades adotadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes, ao longo do século XIX e nos primeiros anos do século XX, no que tange à edificação de lápides: além de inscrições contendo dados pessoais do morto, grande parte das lápides pesquisadas também informava, com destaque, a cidade alemã na qual o morto teria nascido. Entretanto, foram as inscrições tumulares, denominadas de epitáfios, as fontes reveladoras do cotidiano religioso nas antigas colônias.<sup>242</sup>

Outra particularidade das lápides, muitas feitas na marmoraria de Mathias, são as lápides com inscrição em alemão. Na região do Vale do Itajaí e em muitas cidades que, tem em sua formação a participação de imigrantes de origem teuta, o uso de lápides nesse idioma é um costume bastante difundido.

Em distritos de Blumenau, como Vila Itoupava, é possível encontrar lápides com epitáfios, onde o destaque fica por conta da

---

<sup>242</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 69.

escrita pessoal, com manifestações de pesar da família, filhos e esposos. Os epitáfios descrevem as dificuldades de conviver com a ausência, falando da rotina rompida pela morte, da tristeza da despedida, dos ofícios que deixaram de ser realizados e da saudade.

Além dos tradicionais “Descanse em paz” ou “Aqui descansa...”, muitos deles emocionam: são lamentos pela perda sentida de filhos pequenos, de pais que eram o arrimo de casa ou da mãe que parte depois de muito sofrer com a doença. A escrita particular pouco remete a versos prontos ou versículos oferecidos para os clientes nas empresas especializadas. São epitáfios escritos em alemão e em português, formando um conjunto de pequenas histórias de vidas que findam e que, mesmo assim, continuam a pertencer à família e a comunidade onde viveram. A seguir, o Quadro 1, Quadro 2 e Quadro 3 apresentam alguns destes epitáfios:<sup>243</sup>

Quadro 1 - Cemitério Comunidade Braço do Sul

<i>Ach mütter und vater mein, ich war ein kleines töchterlein, gott aber, den ich lieber war, nahm mich zu seiner engelschar.</i>	Oh! minha mãe e meu pai, eu era uma filha pequena, mas Deus, eu era melhor, me levou para o seu exército de anjos.
<i>Geliebt beweint und unvergessen</i>	Amado, lamentado e inesquecível
<i>Wenn Liebe könnte Wunder thun, und Tränen Tote wecken, so würde euch Geliebte, nicht die kühle.</i>	Se o amor pudesse fazer milagres, e lágrimas despertar a morte, então vocês seriam amados, não frios.
Pai, você foi um exemplo de fé e coragem diante dos obstáculos que a vida lhe impôs, transfira sua força para suportarmos sua ausência.	

Fonte: Projeto “Lugares de antepassados, lugares de história”

<sup>243</sup> Os epitáfios foram coletados para o projeto “Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios de imigrantes em Vila Itoupava, Blumenau (SC)” coordenado pela autora em 2010 e subsidiado pela Fundação Cultural de Blumenau (no prelo). In: CASTRO, Elisiana Trilha (coord). **Lugares de antepassados, lugares de história:** inventário de cemitérios em Vila Itoupava (Blumenau/SC). Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 2010.



## Quadro 2 - Cemitério Comunidade Rega II

<i>Rudolf heife ich, nach denkimmel neife ich, liebe Ellern gute nacht ich wiell sehen was Jesus mach. Ruhe Sanft</i>	Rudolf eu me chamo, para o céu eu vou viajar, queridos pais, boa noite. Quero ver o que Jesus faz. Descanse suavemente.
<i>Gott rief den Vater früh hier ab. Auch ich, sein zweiter Sohn, sank ins Grab. Mutter u. kinder beide blieben zurück in ihrem Leide. Doch zaget nicht Gott verlässt die Seinen nicht.</i>	Deus chamou o pai cedo daqui. Também eu, seu segundo filho, caiu na sepultura. Mãe e filho, ambos ficam atrás com sua tristeza. Sim, não diga que Deus não deixa os seus.
<i>Teure Mutter schlaf in Frieden, Gottes Reich sei dir beschieden. Ob wir hier auch Tränen weinen, droben werden wir uns vereinen.</i>	Cara mãe, durma em paz. O reino de Deus está fadado a ti. Se nós estamos aqui chorando lágrimas, lá em cima nós iremos nos unir.
<i>Ich war des Vaters Trost Der Mutter eine freude doch Gott liebt mich mehr Wie diese alle beide.</i>	Eu era do pai a consolação, da mãe um amigo, mas Deus me ama mais do que os dois juntos. (Epitáfio de uma criança)

Fonte: Projeto “Lugares de antepassados, lugares de história”

## Quadro 3 - Cemitério Comunidade Rega I

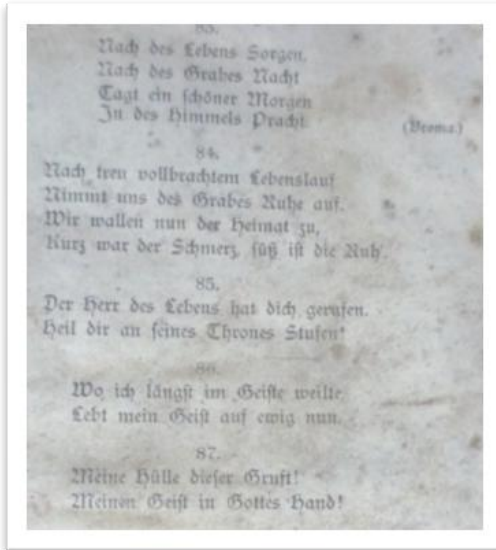
<i>Wir Konnen Dir nichts mehr bieten Mit nichts mehr Dich Erfreuen Als eine Hand voll Blüten Auf Deinem Grab streuen.</i>	Nós não podemos te oferecer mais nada, com nada mais te alegrar, a não ser com uma mão cheia de flores sobre tua sepultura espalhar.
<i>Schlase gutes kind schlase Dein Schutzengel hält wache sieht von oben auf uns herab Wir beten stet's an Deinem Grab.</i>	Durma querida criança, durma. Teu anjo da guarda fica acordado olhando de cima para nós embaixo. Nós rezamos em pé no seu túmulo.
<i>Lehrer [...] ruhe sanft in seine Gruft bis dich dein Erlöser ruft.</i>	Professor... descansa suavemente em sua sepultura até que o teu Redentor te chame.
No acidente a morte nos levou, com Deus agora estamos Nós fomos para Deus Mas jamais esqueceremos A quem na terra amamos	Por dentro estamos sofrendo Sabemos que te perdemos Por fora estamos vivendo Fingindo que te esquecemos!

Fonte: Projeto “Lugares de antepassados, lugares de história”

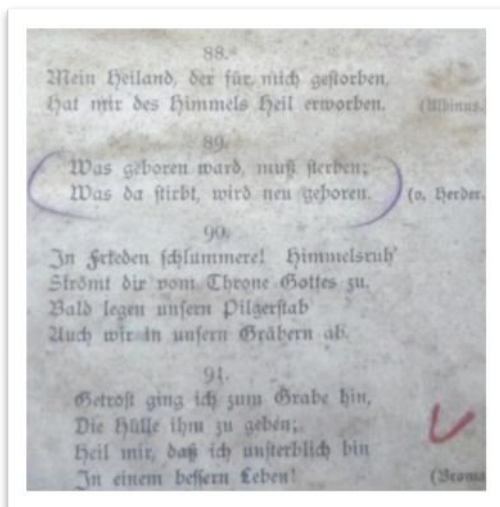
Aqueles que necessitavam de inspiração para os epitáfios poderiam recorrer a livros especializados, como os encontrados no acervo da Haas. A publicação intitulada “*Inschristen Grabdenkmäler - Incrições tumulares e monumentos*”<sup>244</sup> e publicada em Leipzig em 1907, pertence ao acervo da Haas e contém diferentes frases para uso por parte do clero, de professores, escultores, pintores e foi utilizado para compor epitáfios, como mostram as anotações feitas a caneta em suas páginas, marcando a escolha de alguns deles. A seguir, na Figura 34, duas destas frases e suas traduções. Nota-se que são referências religiosas, mas não versículos bíblicos, encontrados e duplicados, atualmente, em diversos cemitérios:

Figura 34 - Páginas do livro com anotações

<i>Was geboren ward, muss sterben, Was da stirbt, wird neu geboren.</i>	O que nasceu, deve morrer O que morreu, já está para renascer.
<i>Meine hülle dieser Gruft! Meinen Geist in Gottes hand.</i>	Meu casco para este túmulo! Meu espírito nas mãos de Deus



<sup>244</sup> WALDECH, E. *Inschristen Grabdenkmäler*. Leipzig: Derlag von Bernh. Friedr. Voigt: 1907.



Fonte: Acervo Família Haas

Nota-se que a empresa oferecia as partes tumulares, além da arte da gravação com opções de frases variadas para escolha dos clientes. Na década de 1930, as fotografias e os relatos deixados por Mathias dão uma dimensão dos progressos alcançados com a marmoraria. Em fins dessa década, em 1939, ele envia dois de seus filhos, Ivo e Eugenio Bernardo para Hamburgo e Senftenberg-Frankfurt, para aprenderem mais sobre cantaria. De lá, eles retornaram em 1948 e Bernardo depois de casar-se em Blumenau, abriu uma marmoraria em Florianópolis, com o nome de Eugênio Bernardo Haas.

Ivo Welf Haas trabalhou muitos anos em Blumenau, ao lado de Guido e depois com o sobrinho Rolf, tendo atuado como gravador. Outros dois filhos, Mathias R. e João Antônio, foram estudar no Rio de Janeiro e por lá ficaram e desenvolveram trabalhos na construção civil, como está no relato de Mathias:

*Zwei Söhne von dem Gründer waren von 1939 in Hamburg und Senftenberg / Frankfurt a.d. Oder in der Lehre als Steinmetz und Marmorist. /Ivo W. Haas und Eugen B. Haas arbeiteten im Fach, in Blumenau u. Florianopolis Zwi andere Söhne Mathias R. Haas und João A. Haas sind in Baufach tätig und das in Rio de Janeiro und*

Brasília - Goiás. "ORA ET LABORA" Unser Wahlspruch, "BETE u. ARBEITE".<sup>245</sup>

As vendas para a região de Florianópolis eram gerenciadas por Guido. Eram para cidades como Florianópolis, que se destinavam a maioria dos ornamentos de maior porte, dentre elas: alegorias, santos e estátuas, muitas delas importadas pela Haas de marmorarias como, a Casa Aloys.

Em fins da década de 1930, mas precisamente em 1937, quando comemorou seus 50 anos, Mathias iniciou seu livro de memórias intitulado "Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas. Lembrança do passado e do presente, Alemanha / Blumenau, Brasil. Crônica familiar".<sup>246</sup> É dessa crônica que são retiradas muitas das passagens aqui relatadas. Perto de suas bodas de ouro de vida ele inicia a escrita como uma forma de revisar a sua existência, de deixar registrado o seu olhar sobre a sua trajetória e pode-se ainda dizer, para comemorar. Em mais um marco de sua vida, ele manteve a postura celebrativa e tal como fez em outras ocasiões, com a confecção de cartões comemorativos, ele "celebrou" contando sua história.

As suas bodas motivam o reencontro com sua infância, com a vida na Alemanha, com sua condição de imigrante, com as decisões tomadas acerca de seus negócios, os filhos e a família. Ao escrever, ele organiza um trajeto de 50 anos e suas recordações, por meio de palavras, fotografias e cartões postais afixados no livro de lembranças.

Na década seguinte, a marmoraria iniciou os trabalhos de lustração de pedra de granito e mármore, que também eram usados na

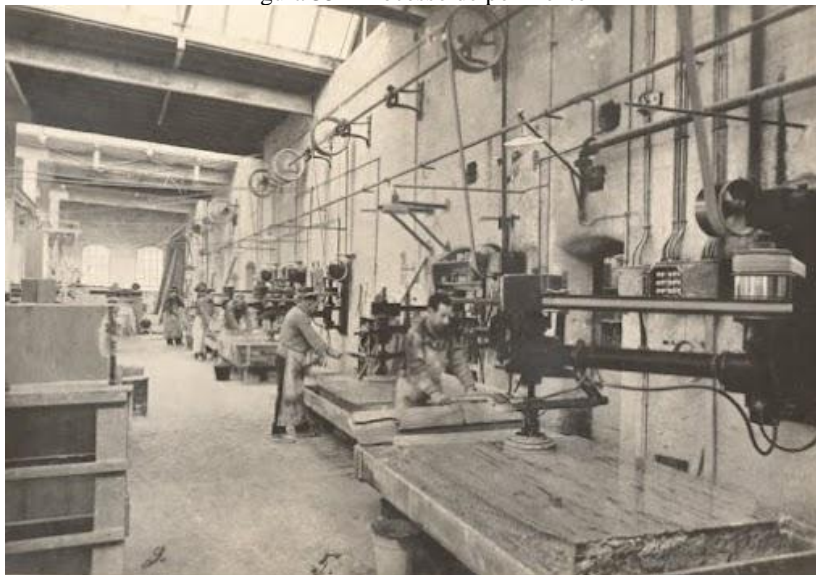
---

<sup>245</sup> Tradução: "Dois filhos do fundador estiveram entre 1939 e 1948 em Hamburgo e Senftenberg-Frankfurt no Oder, no aprendizado da cantaria e marmoraria. Ivo Welf Haas e Eugen Bernardo Haas trabalham no ofício em Blumenau e Florianópolis. Outros dois filhos, Mathias R. Haas e João A. Haas estão no ramo da construção civil, no Rio de Janeiro e Brasília-Goiás. "Ora et Laborat" - Nosso slogan "Ora e trabalha". (grifos do autor). HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d., p. 2.

<sup>246</sup> HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937.

construção civil em peças como pias, bancadas e parapeitos de janelas. A lustração era, nas palavras de Rolf, o trabalho com “as pedras em bruto, de cantaria, por exemplo, que eram depois lixadas, trabalhadas até a lustração. Eram lustradas com máquinas especiais, como esmeril, até o polimento”.<sup>247</sup> O esmeril só era utilizado em peças maiores, as demais tinham que ser lixadas à mão. Na Figura 35 observa-se parte desse trabalho de polimento feito por máquinas.

Figura 35 - Processo de polimento



Fonte: Acervo Família Haas

De acordo com Rolf, as peças lustradas foram uma novidade introduzida em Santa Catarina e no sul do Brasil pela Marmoraria Haas.<sup>248</sup> Na década de 1940, o mercado de esculturas e de mármore começou a dar sinais visíveis de que estava ficando cada vez mais restrito. Para fugir da baixa de produção, a Haas começou a fabricar de forma mais intensa peças pré-moldadas em cimento como, adornos, ornamentos e colunas, para prédios e residências. Para atender a ramos

---

<sup>247</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Maria Helena dos Santos Moratelli**. Blumenau, 2 de maio de 2008.

<sup>248</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Maria Helena dos Santos Moratelli**. Blumenau, 2 de maio de 2008.

diferentes, a empresa mantinha duas equipes: uma para construção civil e outra para trabalhos funerários, já que o atendimento aos dois ramos exigia equipes com especializações diferenciadas.

Depois da instalação da marmoraria, em sua sede nova, Mathias relatou que passou a receber encomendas de maior porte, para várias cidades como Florianópolis, Lages e Curitiba. Dentre as obras, está o monumento do Cônsul Carlos Renaux<sup>249</sup> (Figura 36) da qual participaram da montagem da estrutura e das partes em pedra e ganharam destaque fazendo revestimentos de edifícios residenciais e trabalhos governamentais, conforme relatou a seguir:

*Nun Bekam ich schoene Aufträge nach Florianopolis-Lages-Brusque, Curitiba, u.s.w. Kirchnarbeiten: Altäre-Kanzeln, öffentliches Naturgranitmonument für "Consul Carlos Renaux" wurde am 1.5.1951 von uns angefertigt und aufgestellt, in Brusque. Fassadenverkleidung in roten Naturgranit poliert "Edificio Haco" in Blumenau. Viele moderne Hochheuser in Florianopolis wurden von unserem Erzeugnissen beliefert, Privat und Regierungsbauten.*<sup>250</sup>

---

<sup>249</sup>Foto presente em: **Web Santa Catarina**. Disponível em: <[http://www.websantacatarina.com.br/santa\\_catarina/mesorregiao\\_vale\\_do\\_itajai/microrregiao\\_blumenau/brusque/paginas%20dia/100.html](http://www.websantacatarina.com.br/santa_catarina/mesorregiao_vale_do_itajai/microrregiao_blumenau/brusque/paginas%20dia/100.html)>. Acesso em: 22 out. 2012.

<sup>250</sup>Tradução: “A partir daí recebi grandes encomendas para Florianópolis - Lages - Brusque - Curitiba, etc. Trabalho em igrejas: Altares - púlpitos. Monumento do Cônsul Carlos Renaux em granito natural foi por nós trabalhado e montado em 1/5/1951, em Brusque. Revestimento da fachada do Edifício Haco em Blumenau em granito natural polido vermelho. Muitos edifícios modernos em Florianópolis receberam nossos produtos, tanto edifícios privados quanto governamentais”. HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p.1.

Figura 36 - Monumento Carlos Renaux



Fonte: Acervo Web SantaCatarina

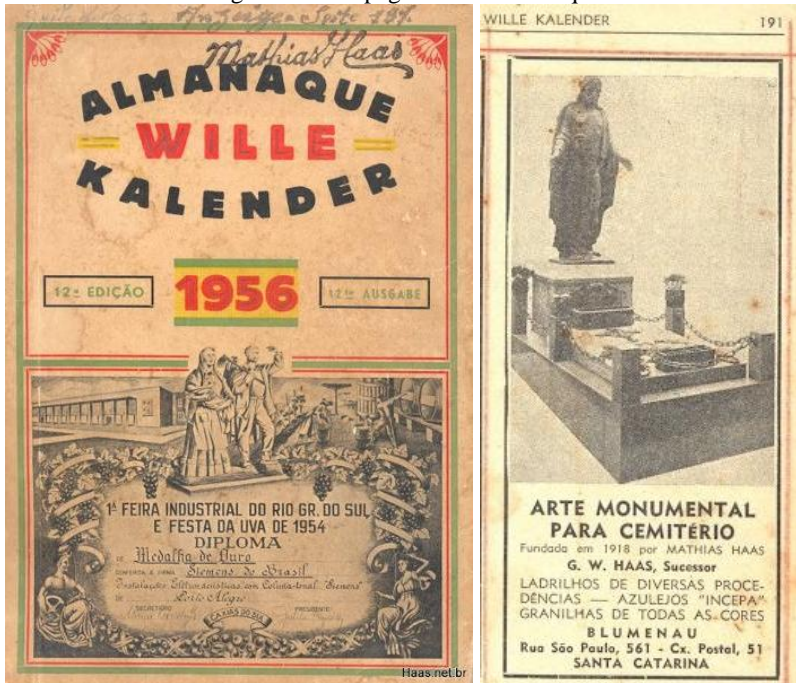
Para garantir as vendas e conquistar novos clientes, os anúncios da Haas circulavam nos jornais, semanários e publicações das reuniões de ligas de cantores, por exemplo. De acordo com Rolf,<sup>251</sup> Mathias começou a utilizar os materiais publicitários em jornais, na década de 1920, dentre eles o *Blumenauer Zeitung*<sup>252</sup> e outros jornais do Vale do Itajaí. Dentre os anúncios, estão a do almanaque “*Wille Kalender*”, que em sua 12ª edição trouxe um anúncio da Haas em sua página 191 (Figura 37).

---

<sup>251</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>252</sup> Blumenauer-Zeitung foi o primeiro jornal publicado em Blumenau e teve a primeira edição em 1º de janeiro de 1881. Ele encerrou suas atividades em 1938 e seu fundador foi Hermann Baumgarten. Blumenauer-Zeitung. In: **Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.** Disponível em: <[http://www.arquivodeblumenau.com.br/arqhistorico\\_4e.html](http://www.arquivodeblumenau.com.br/arqhistorico_4e.html)>. Acesso em: 1 out. 2012.

Figura 37 - Propaganda em almanaque



Fonte: Acervo Família Haas

Ele costumava anunciar em alemão que, por vezes, era utilizado junto com o português em um mesmo informe. Boa parte da população do Vale do Itajaí falava o alemão nas primeiras décadas do século XX (Figura 38) e o próprio Mathias falava pouco o português.

Figura 38 - Anúncios de jornais e materiais publicitários

**Verkaufe Bandoneon,**  
 142 Töne, Marke AA, Silb. Luis XIV, Neusilber-Moßal,  
 14. Verchromter-Einlagen, Aluminium-Goldblenden, wertvoller  
 Kunstgegenstand, Preis 3.000.000. Distanz 4-fachig, Holz  
 2-fachig mit Register-Abstellung, normal A.  
 Ferner: 1 Banjo — 1 Gaita, 60 Wäße — 2 Tenor-  
 Horn — 1 Klarinette A — 1 Pöline.  
 Mathias Haas, Blumenau.



**Bildhauer- und Steinmetz-Werkstätte Mathias Haas**  
 Oegründet 1918 Blumenau Rua S. Paulo, 41  
 Friedhof-, Denkmal- und Baararbeiten in Marmor, Granit, Terrazo, Kunst- und Sandstein.

**Mathias Haas**  
 Steinmetz  
 Blumenau - Rua S. Paulo, 41

Artigo	Unidade	Preço
Granito	m <sup>2</sup>	1,50
Mármore	m <sup>2</sup>	2,00
Basalto	m <sup>2</sup>	1,80
Calcário	m <sup>2</sup>	1,20
Granito	m <sup>2</sup>	1,50
Mármore	m <sup>2</sup>	2,00
Basalto	m <sup>2</sup>	1,80
Calcário	m <sup>2</sup>	1,20

**Marmoraria "HAAS"**  
 Guido W. Haas  
 Sucessor  
 MARMORES — GRANITOS  
 Blumenau — Rua São Paulo, 501 — Caixa Postal, 51

**Marmoraria Haas & Filhos**  
 Rua S. Paulo, 41  
 Blumenau - Santa Catharina

Fonte: Acervo Família Haas

Os anúncios em alemão são encontrados em materiais publicitários de outras empresas. É o caso do Atelier de Artes de Arno José Wollmann de Porto Alegre, que fabricava “*Photographien auf Porzellan* - Fotografias em porcelana”, fazia reproduções e retocava imagens. A marmoraria Haas era representante deles em Blumenau, conforme o anúncio na Figura 39.

Figura 39 - Publicidade do atelier de Arno J. Wollmann



Fonte: Acervo Família Haas

A análise do material publicitário permite algumas considerações. Em muitos dos anúncios da Haas é encontrada, em destaque, a frase “Arte monumental para cemitério”, o que acrescenta valor aos produtos oferecidos pela marmoraria. O termo “monumental” é bastante comum nas referências à arquitetura cemiterial, até as primeiras décadas do século XX, e refere-se ao aspecto e a um dos modos de distinção mais utilizados por aqueles que buscavam fazer dos túmulos, obras que qualificavam sua posição social e econômica, ou ainda:

A presença de túmulos monumentais constitui por excelência a afirmação de uma posse simbólica do espaço cemiterial por parte de determinados segmentos burgueses da sociedade brasileira, na segunda metade do século XIX, que reivindicaram para si suas singularidades de classe, através da recomposição dos liames familiares e, posteriormente, já nos primeiros decênios do século XX, pela progressiva individualização de seus membros, em túmulos personalizados.<sup>253</sup>

<sup>253</sup> MOTTA, Antonio. *À flor da pedra*. Op. Cit., p. 19.

Monumental deveria ser o lugar de sepultamento e para tanto, não eram poupados recursos, como os elementos arquitetônicos alegóricos e monumentais para chegar-se a forma entendida como ideal ou privilegiada de marcar o local do corpo. Conjugada à monumentalidade era empregada uma série de ornamentos, como anjos, alegorias, altares e lápides. Tais produtos tem seu lugar nos anúncios da Haas que comunicavam sobre a variedade à disposição do cliente, em diferentes materiais como o mármore e o bronze.

O bronze passa a ser utilizado de forma mais sistemática a partir das primeiras décadas do século XX tornando-se, tal como o mármore, um material nobre que foi base para muitas obras em vários cemitérios brasileiros. Antonio Motta assinala o uso do bronze junto ao granito, principalmente, o negro no lugar das obras em mármore branco:

No início do século XX, tal preferência se impôs com bem maior frequência em alguns cemitérios do Rio de Janeiro e de São Paulo. Muitas peças começavam a ser esculpidas em bronze, pois o interesse pela pedra de mármore foi pouco a pouco sendo relegado, substituído pelo granito enquanto material de revestimento e o bronze como material escultórico.<sup>254</sup>

No Brasil, de acordo com as pesquisas de Antônio Motta, os projetos cemiteriais adotaram referências europeias, tendo como esquema predominante a divisão por quadras com alamedas e ruas, contendo um cruzeiro ou capela para “onde converge um eixo monumental. Nesse eixo ou no seu entorno situam-se os mausoléus mais antigos e também os ossuários, em forma de urnas ou de obeliscos, transportados das igrejas para os novos locais de enterramento”.<sup>255</sup> Já o terreno considerado ideal eram aqueles com curvas de níveis.

Antônio Motta assinala a presença de três tipos arquitetônicos tumulares encontrados nos países de tradição cristã, a saber: o túmulo epitáfio formado por “uma pequena abertura recoberta de placa em pedra sobre a qual se apresenta o epitáfio”. O horizontal ou campa-rasa, no tamanho do corpo e “recoberto por laje de pedra em toda a sua extensão, conhecendo variações diversas ao longo do tempo” e o

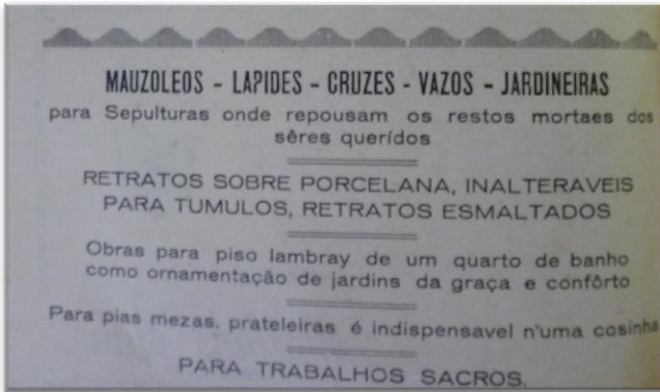
---

<sup>254</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 65-66.

<sup>255</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**. Op. Cit., p. 73.

vertical, com “uma morfologia mais rica e complexa, tendo como uma de suas principais características a monumentalidade, recebendo interpretações diversificadas, como por exemplo, a morfologia de capela, de mausoléu, de monumento, etc”.<sup>256</sup>

Figura 40 - Publicidade da Haas



Fonte: Acervo Família Haas

Dos anúncios surgem detalhes sobre as estratégias de venda. As propagandas utilizavam referências aos deveres da família (Figura 40), convocando os “entes sobreviventes” a consagrar a seus ancestrais, os verdadeiros monumentos à memória. Recurso que recorria a valores como respeito, dignidade, memória e compromisso e que cabem perfeitamente quando o produto a ser vendido diz respeito às últimas homenagens a serem prestadas pela família.

O conjunto tumular além de prestar-se a homenagear o ente, por meio de seus símbolos, parecia corresponder a uma necessidade ou vontade de “ser metáfora do corpo, trabalho imaginário exigido pela recusa da morte”.<sup>257</sup> Independente da forma, essencialmente, buscou-se ocultar a decomposição prestes a ocorrer e garantir que os vivos retornassem à normalidade interrompida pela morte, com o aporte de ritos. A inumação cumpre funções fundamentais, como a religiosa que

<sup>256</sup> Ibid., p. 36.

<sup>257</sup> CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, nº 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010. Disponível em: <[http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f\\_catroga\\_20.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2011, p. 167.

busca “mostrar às almas o caminho deste para o outro mundo. Do contrário, ficariam vagando eternamente em um lugar intermediário”.<sup>258</sup> Cumpre com a função sanitária e moral proporcionando um lugar apropriado para o corpo, o que podemos sintetizar dizendo:

O morto não pode ser considerado como um cadáver qualquer, é preciso dar-lhe sepultura. Em um primeiro momento, não por motivações higiênicas, mas por uma certa obrigação moral. Com o objetivo de dar uma boa passagem ao mundo dos mortos usa-se uma série de práticas e rituais. Estes são vistos em vários momentos, principalmente na hora do enterro, onde podemos identificar: cor, credo e até classe social.<sup>259</sup>

Destinados aos vivos, como forma de dar amparo e ordem, o túmulo e os ritos servem também para orquestrar as ações diante da morte e possibilitar aos vivos sentirem-se “seguros quanto à continuidade da vida do defunto”<sup>260</sup>, que recebe o tratamento devido. Afora a sepultura serve para preservar os vivos do horror da decomposição e da realidade do corpo morto que sucumbirá ao seu fim, envolto em vermes. Algo que foi

dissimulado, pelo menos na cultura ocidental, através da construção de um túmulo, hermeticamente fechado, que possa materializar e perpetuar a lembrança da pessoa morta, que no plano imagético atua como mecanismo de

---

<sup>258</sup> MIGLIORINI, Rogério Costa. **Corpos mortos e vivos**: as cerimônias mortuárias e as representações da morte entre católicos brasileiros. 2009, 130p. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião), São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/6/TDE-2009-05-13T155752Z-642/Publico/Rogério%20Costa%20Miglioni.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2009-05-13T155752Z-642/Publico/Rogério%20Costa%20Miglioni.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 201, p. 21.

<sup>259</sup> COE, Agostinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís. In: IIº ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Anais do IIº Encontro Estadual de História. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/anaisagostinho.htm>>. Acesso em: 11 set. 2006, p.1.

<sup>260</sup> MIGLIORINI, Rogério Costa. Op. Cit., p. 21.

revivescência do defunto, conforme projeções e fantasias de seus familiares.<sup>261</sup>

A marmoraria Haas fez parte de um mercado que atendia tais premissas e a maior parte do seu lucro derivava da importância que as obras tumulares tinham nesse momento. Os seus produtos tinham diferentes faixas de preço e a empresa oferecia um desconto de 5% (subsídio de viagem) para clientes no exterior e para pagamentos à vista. A entrega rápida, independente do tamanho e do tipo de mármore, era garantida tanto para produtos de arquitetura civil, em *design* moderno, como para os tradicionais ornamentos e túmulos.

A presença de máquinas movidas à energia elétrica era destaque nos anúncios, apesar da frequente falta de luz que atrapalhava a produção.<sup>262</sup> Mathias fez questão de modernizar a produção e desde a década de 1930, ele adquiriu máquinas, como uma serra para corte de pedras, de chapas e lixadeiras, além de um misturador de granitina. Mas, nesse período a falta de energia forçava Mathias a comprar produtos de outras marmorarias e “a maior parte dos trabalhos que eram feitos aqui, eram trabalhos manuais”, conta Rolf.<sup>263</sup> As peças lustradas, por exemplo, eram encomendadas de fornecedores em Porto Alegre e São Paulo.

As peças eram compradas sob encomenda e em sistema de pronta entrega. Grande parte dos ornamentos, de acordo com Rolf, vinha de outras marmorarias como a Casa Aloys, de Porto Alegre. Já as peças em bronze vinham de São Paulo, de empresas como a Bronzarte.<sup>264</sup> Mas existiam outras empresas paulistas, como a Fundação Artística Moderna, de Lombardi & Rebelato que oferecia peças em bronze, túmulos e decorações (Figura 41).

Na reprodução que segue, estão alguns dos equipamentos como o *Steinbrecher* (trituradores de pedra), *Plattenschneid und Fräsmaschine* (placa de corte e fresagem) e *Wandbohrmaschine* (broca da parede). Junto estão as anotações de Mathias que deve ter utilizado o impresso para a escolha de suas aquisições (Figura 42).

---

<sup>261</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**. Op. Cit., p. 28.

<sup>262</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>263</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>264</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

Figura 41 - Publicidade da Fundição Artística Moderna



Fonte: Acervo Família Haas

Figura 42 - Equipamentos



Fonte: Acervo Família Haas

O maquinário envolvido na produção era diversificado e Mathias gerenciava a fabricação das peças. Na Figura 43, dois funcionários trabalham em uma máquina e um deles maneja a politriz para polir o que se assemelha a uma lápide. Em seu entorno, outros funcionários estão envolvidos com o trabalho carregando placas de marmorite. A foto de 1928 registra a presença de seis funcionários e do próprio Mathias, de jaleco branco, além de equipamentos utilizados na oficina, o que oferece uma noção do ambiente de produção dessas empresas marmoristas. Em pé em sua oficina, trajando um casaco branco, Mathias está próximo de uma máquina operada por um dos funcionários. Seu neto Rolf, conta-nos que ele orgulhava-se de possuir tais recursos apesar do sistema de luz deficiente.<sup>265</sup>

Figura 43 - Instalações da marmoraria na década de 1930



Fonte: Acervo Família Haas

Para promover a venda de seus produtos, as empresas do setor contavam ainda com feiras e exposições, onde o expositor tinha o seu espaço para divulgação e podia participar de concursos e premiações.

---

<sup>265</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.



Caso saísse vencedor ou fosse classificado em alguma etapa, geralmente, utilizava o diploma em seus informes publicitários, o que acrescentava valor a sua produção, tal como os atuais selos de qualidade. A Haas fazia uso destas premiações em suas propagandas (Figura 44). Mathias descreve em seu diário um pouco de sua rotina e fala dos prêmios recebidos:

A essa altura desenvolvíamos múltiplas atividades como: correspondências nacionais e internacionais, compras, vendas, desenvolvimento de materiais e produtos, fazíamos investimentos na relação com clientes e colaboradores, desenvolvimento de clientela, administração, orçamentos e propaganda. Trabalhávamos com mármore, granito, pré-moldados em cimento e marmorite. Honestidade, energia e responsabilidade regeram nosso trabalho fazendo com que alcançásemos, sob o nome “Marmoraria Haas”, diversas moções e diplomas de reconhecimento (grifo do autor).<sup>266</sup>

A pesquisadora Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho aborda a questão dos concursos, a partir de escritos de Jacob Aloys Friederichs que relata sua participação na Exposição de 1901 onde ele apresenta questões acerca do valor artístico de obras produzidas para a arquitetura cemiterial. Tendo ele participado de uma exposição com várias obras, uma delas foi classificada e indicada pelos avaliadores para o primeiro lugar com direito a medalha de ouro com distinção na categoria “Artes

---

<sup>266</sup> Original: “*Wir hatten vielseitige Tätigkeit: Briefwechsel, Einkauf, Verkauf, Material-Warenkunde, hohes Einfühlungsvermögen bezüglich Arbeiter und Kundschaft, Organisation, Kalkulation, Reklame. Wir arbeiteten in: Marmor, Granit und Beton-Werkstein und Terrazzo. Ehrlichkeit, Energie, Pflichterfüllung gehörte hierzu um das werden zu lassen was man heute, 1943 unter “Marmoraria Haas” Betrieb mit drum und dreran sieht. Diverse Auszeichnungen u. Diplome erwarb die Betriebsarbeit*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 6.

profissionais”. Mas no veredito final sua obra foi encaminhada para premiação na categoria de “Belas Artes” e ali recebeu indicação para a medalha de prata. Jacob se mostrava, em seu escrito, até lisonjeado com a indicação para a categoria de artes, mas reiterava que,

No grupo **Arte profissional**, no qual meus trabalhos verdadeiramente pertenciam - a medalha de ouro com distinção - e, no grupo mais elevado, no qual foram classificados erradamente, talvez só a **medalha de prata!** - Isto era uma injustiça, contra a qual tinha de protestar (grifos da autora).<sup>267</sup>

Figura 44 - Materiais publicitários - com anúncio de prêmios, em destaque

**MATHIAS HAAS & FILHOS**  
RUA SÃO PAULO 41- BLUMENAU - S. CATHARINA - CAIXA POSTAL - 51  
MÓVIA E ELECTRICIDADE — PRIMEIRA OFFICINA MECANICA

**Casa fundada em 1918**  
PREMIADA: S. José 1929 - Grande Premio e Diploma  
Ind. do Brasil. São Paulo 1936  
Le Grand Prix Medalha de ouro.  
Porto Alegre: 1935 Diploma de Honra.

**Officina de Marmores e Bronzes.**  
Granitos - Mozaicos - artificios - Monumentos - Estatuas - Bustos Carneiras.

**Placas com Inscripções, Tumulos.**  
Lapides - Cruzes - jazigos e capellas.

**Chapas para Mobílias brancas e de côres**  
Rusticas como lustrados a espelho

**Ladrilhos de cimento e mozaicos**  
Marmores para fachadas e decorações - ornatos.

**Photographias a fogo sobre Porcelana**  
Para tumulos, presentes, etc.

**Fabrica de Granito moldo (fino e grosso) Pó de mormore**  
Arte monumental para cemiterio  
Escultura - Arquitetura

**CASA HAAS**  
MATERIAES PARA CONSTRUÇÃO  
OFFICINA DE MARMORES  
ESCUPTURAS E EM BRONZE  
ARTE MONUMENTAL PARA CEMITERIO  
GRANITOS - MOSAICOS E OUTROS ESTRANGEIROS  
FUNDADA - 1918  
PREMIADO COM GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO  
SÃO JOSÉ NOVEMBRO 1929 - SÃO PAULO 15-2-1936 - PORTO ALEGRE 20-2-1935 - RIO DE JANEIRO 8-5-1937  
= MATTHIAS HAAS =  
OFFICINAS, DEPOSITOS e ESCRITORIOS: RUA SÃO PAULO Nº 41-43 - CAIXA POSTAL-51  
BLUMENAU - EST. DE SANTA CATHARINA - BRASIL  
ORÇAMENTOS, CATALOGOS e DESENHOS A DISPOSIÇÃO.

Fonte: Acervo Família Haas

<sup>267</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. A palavra para o historiador da arte - a palavra como história da arte. Op. Cit., p. 4.

O artigo de Luiza aponta questões essenciais sobre a discussão do estatuto de arte desses trabalhos. No tocante a realização dos concursos, principalmente, a declaração acima transcrita do próprio Jacob Aloys Friederichs reforça que as premiações tinham importância para as empresas e artistas, contando sobremaneira garantir os maiores prêmios, mesmo sacrificando a indicação para uma categoria de melhor referência artística, por exemplo.

Poder compartilhar em seus anúncios que era ganhador de uma medalha de ouro, na categoria que ele considerava mais acertada, foi motivo de uma reclamação e de outras providências por ele relatadas: “Imediatamente me encaminhei para a Intendência Municipal, a fim de falar a respeito com o eminente e popular intendente Dr. Montauri”<sup>268</sup> e saiu o artista em busca de soluções para a troca de categoria e a perda de sua medalha de ouro.

A pesquisadora Elaine Maria Tonini Bastianello abordou a importância dessas premiações para as firmas. No caso da Aloys, cita o caso do escultor espanhol José Martinez Lopes que ali trabalhou e, por ter conquistado um prêmio, trouxe notoriedade para a firma:

A sua passagem pela Casa *Aloys*, em Porto Alegre foi marcante tanto para sua trajetória pessoal, quanto para a desse estabelecimento. Martinez participou de concursos, conquistando a medalha de ouro, em nome da Casa *Aloys*, na Exposição Nacional de 1908. Tal fato trouxe reconhecimento nacional para a empresa (grifos da autora).<sup>269</sup>

Pelo material de divulgação percebe-se a ocorrência de diversas feiras em todo o Brasil, principalmente, em São Paulo. As premiações acrescentavam valor ao material publicitário que sempre dava destaque aos prêmios recebidos pela casa. Em novembro de 1929, a Haas participou da “Exposição Commemorativa do Centenario da colonização allemã”, em São José (SC), a quem pertencia o atual município de São Pedro de Alcântara, primeiro núcleo da colonização alemão em Santa

---

<sup>268</sup> Ibid.

<sup>269</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Os artefatos em mármore como suporte de memória. **Mouseion (Unilasalle)**, v. 01, p. 88-95, 2011. Disponível em: < [www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../234](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../234)>. Acesso em: 20 jul. 2011, p. 92.

Catarina, fundado em 1829 e emancipado em 1994. O diploma de Grande Prêmio foi conferido a Mathias Haas (Figura 45) e em uma das folhas timbradas utilizadas pela empresa, a premiação ganha evidência junto com outro prêmio de 1936: “S. José, 1929, Grande Premio e Diploma, Ind. Do Brasil São Paulo, 1936”.

Figura 45 - Diplomas recebidos pela Haas





Fonte: Acervo Família Haas

A Haas foi contemplada pelo Instituto Agrícola Brasileiro que conferiu o “Grande Diploma de Honra e medalha de Ouro”, conforme diploma da Exposição do Centenário Farroupilha conferido a “Mathias Haas e filhos, Oficina de Escultores em Mármore e Bronze”. A Exposição do Centenário Farroupilha, realizada em 1935, teve grande repercussão na época durando vários meses. A exposição contou com grandes investimentos, como a construção de um lago artificial, cassino, auditório ao ar livre e fonte luminosa, com destaque para a iluminação dos edifícios. Vários estados tiveram pavilhões para exposições, inclusive, Santa Catarina.<sup>270</sup>

A marmoraria funcionava como fábrica e loja ao mesmo tempo, e possuía as peças prontas em mostruário, expostas na varanda da marmoraria ou no pátio (Figura 46). De acordo com Maria Elizia Borges “toda marmoraria possuía sua vitrine de amostra, onde se expunham modelos de túmulos, de imagens e de adornos afins”.<sup>271</sup> Dentre as peças para escolha do freguês estavam cruzeiros, lápides, ânforas, esculturas de pombos, anjos e peças para construção civil. Importante destacar que, pelas imagens e depoimentos, é possível confirmar que o forte da empresa era a arquitetura funerária.

---

<sup>270</sup> CERONI, Giovanni Costa. **A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação**. 2009, 160p. Dissertação (Mestrado de Faculdade de História, Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>. Acesso em: 21 mar. 2012.

<sup>271</sup> BORGES, op. cit., 2002, p. 70.

Figura 46 - Produtos na varanda - peças em mármore de Carrara



Fonte: Acervo Família Haas

Para atender ao mercado, a empresa dispunha de um variado leque de opções, como os modelos de símbolos decorativos em baixo relevo para as lápides, um recurso de ornamentação tumular bastante encontrado na região do Vale do Itajaí, junto de placas com frases como “*Ruhe Sanft - Descanse em Paz*”. Nas peças de cimento, “geralmente, eram aplicadas peças de granito menores ou de outros materiais com as gravações”, conta Ronald.<sup>272</sup> Os ornamentos pequenos ou

Os elementos decorativos eram os mais reproduzidos em escala comercial, provavelmente devido à sua versatilidade, prestando-se com bastante plasticidade para comporem e realçarem a arquitetura tumular. Assim, placas em alto-relevo eram fixadas sobre as superfícies dos túmulos, nos obeliscos ou nos frontispícios das capelas funerárias, outras serviam como revestimento de fachada principal. As pequenas e grandes urnas, combinatórias de elementos que se alternavam em forma de detalhes e encaixes

<sup>272</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

decorativos, eram colocadas em destaque sobre as bases escalonadas dos túmulos ou encimando colunas.<sup>273</sup>

O mercado era bom e garantia o crescimento da empresa, mas de acordo com Rolf, os materiais com mais ornamentos e em mármore tinham menor saída, pois eram “mais caros e poucas famílias tinham a possibilidade, aqui em nossa terra, de comprar um monumento desses”. Eventualmente, era vendida alguma peça já que atendiam a muitos clientes e os produtos da empresa atingiam um raio de cerca de 300 km, chegando até Curitiba e Lages, recorda Rolf.<sup>274</sup>

A sua observação sugere que seus clientes não tinham condições de adquirir túmulos de alto custo. Será que o motivo era realmente e somente, o econômico? Ele começou a trabalhar na empresa, por volta da década de 1950. Nesse momento, muitas oficinas estavam sentindo que as encomendas de grandes túmulos começaram a declinar, o que iria afetar substancialmente, o mercado dos marmoristas. Porém, no caso específico da Haas, a pouca procura por túmulos monumentais já ocorre mesmo antes desse período e acentua-se com as mudanças de estilo e ritos que iriam se firmar, principalmente, no segundo quartel do século XX.

Além das questões financeiras apontadas por Rolf e do fato dele ter iniciado seu trabalho em momento de baixa na produção marmorista, a pouca saída desse tipo de arquitetura pode ainda contar com outros motivos. A origem da sua principal clientela, do Vale do Itajaí, de colonização teuta e com importante participação de protestantes é algo a ser considerado nessa análise.

Ao visitar os cemitérios da região do Vale do Itajaí, principal mercado consumidor das obras da Haas, percebe-se a existência de poucos monumentos de grande porte, mas ao conhecer a origem dos sepultados suspeita-se que a falta de monumentalidade não pode ser creditada somente a questões de ordem financeira. Mesmo antes de se fazer sentir as mudanças de estilo e de ritos, é possível perceber que os grandes monumentos funerários não eram uma preferência nesses cemitérios, mesmos os católicos. Algo que pode ser explicado pela importante participação na história e na formação cultural na Alemanha,

---

<sup>273</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 65.

<sup>274</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

da Reforma e da figura de Lutero.<sup>275</sup> Mesmo que sejam consideradas as dificuldades de acesso aos materiais nobres enfrentadas pelos imigrantes, nos primeiros tempos, percebe-se que os anjos, santos e alegorias não eram os elementos mais utilizados para compor as obras, o que pode ter relação também com a presença marcante da religião luterana na região.

Na década de 1930, a religião luterana era a confissão predominante entre os alemães de nascimento em Santa Catarina. Um censo realizado em Blumenau, no ano de 1927, apontou que metade dos teutos era luterana “e suas comunidades estavam ligadas à igreja luterana alemã (até a Segunda Guerra, a comunidade luterana não formava pastores, os quais vinham da Alemanha)”.<sup>276</sup>

Desde os primeiros anos da colônia Blumenau, os pastores atuavam nas pequenas comunidades atendendo um grande número de fiéis ali residentes,<sup>277</sup> dentre eles, a esposa de Mathias e a sua família. A comunidade religiosa contava com publicações, dentre elas, uma revista mensal para as igrejas protestantes alemães que circulava em Blumenau, o *Der Christenbote* (O Mensageiro Cristão) da Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina e Paraná, que por ali circulou de 1908 até 1942.<sup>278</sup> Ainda é forte a presença de imigrantes de confissões protestantes, com destaque para os luteranos, principalmente, no Vale

---

<sup>275</sup> O pesquisador Voltaire Schilling afirma que “Lutero pode ser considerado quase como uma espécie de fundador cultural da Alemanha... além de ter criado uma identidade idiomática”. SCHILLING, Voltaire. História Síntese da cultura alemã. In: MÜLLHER, Max José. In: ANAIS DO IIIº SIMPÓSIO SOBRE IMIGRAÇÃO E CULTURA ALEMÃS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: Nova Letra, 2009, 220-235, p. 222.

<sup>276</sup> FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: UNIVALI, 2005, p. 155.

<sup>277</sup> ODEBRECHT, Rolf; Renate ODEBRECHT. O primeiro culto em Blumenau. In: **O caminho: um pedaço do mundo luterano em suas mãos**. Setembro, 2011. Disponível em: <<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=100&cadernoId=7&noticiaId=4612&highlight=hist%F3ria>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

<sup>278</sup> História. In: **Portal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**, IECLB. Disponível em: <[http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com\\_content&task=category&sectionid=12&id=56&Itemid=47](http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com_content&task=category&sectionid=12&id=56&Itemid=47)>. Acesso em: 20 dez. 2012.



do Itajaí. Hoje, estima-se que sejam mais de 100 mil luteranos nessa região.<sup>279</sup>

O acervo da Haas oferece outros indícios que podem sustentar a participação de uma postura mortuária diferenciada das comunidades teuto-brasileiras na construção desta paisagem cemiterial, algo pouco explorado por pesquisas. Uma publicação em alemão gótico chama a atenção pelo modo como orienta sobre os cuidados a serem tomados na escolha e na construção de um túmulo. A importância de estender a análise em busca de outros elementos pode contribuir para conhecer o mercado atendido pela Haas e que contribuiu para a singularidade dos espaços de sepultamento em comunidades teuto-brasileiras.

Aqui está o diferencial de Mathias Haas e de sua oficina instalada no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, e que pode ser observada desde as primeiras obras feitas por Mathias. Cercada por uma grande maioria de imigrantes teutos, a sua empresa apesar de dispor de produtos em materiais nobres, ricos em detalhes ornamentais e de grande porte, como vimos anteriormente, tinha como carro chefe de vendas, os jazigos de médio e pequeno porte, com pouca estatuária.

## 2.2 - Uma arte funerária teuta em terras brasileiras

A relação entre a postura funerária, o tipo de produção da Haas e a paisagem dos cemitérios teutos fica evidente em um dos manuais presentes no acervo da empresa. A obra intitulada “*Grabmale aus naturstein*” (Túmulos em pedra natural) extraída da “Revista Técnica do Canteiro e Escultor”, editada mensalmente em Munique,<sup>280</sup> aborda temas relacionados com a arquitetura e projetos cemiteriais para servir de “exemplo e inspiração para se chegar a um bom monumento, pelas mãos, ainda hoje dispostas, de escultores e mestres canteiros”.<sup>281</sup>

Na leitura desta obra percebe-se que dentre os seus objetivos não está a de ser somente um catálogo (apesar de ter mais de 50 imagens

---

<sup>279</sup> Luteranos lembram os 490 anos da reforma protestante. In: **Portal Luterano**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/portal/site/conteudo.php?idConteudo=4477>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

<sup>280</sup> A publicação não tem data, mas por abordar um resumo das diretrizes de projetos e modelos para cemitérios de 1937 considera-se que tenha sido publicada em fins desta década.

<sup>281</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit., p.1.

de modelos de obras cemiteriais em apenas trinta páginas), e sim servir como referência para projetos funerários e para o que intitula de “Cultura Cemiterial”. Pretende ser um guia para garantir a construção de túmulos “que honrem os mortos; lembrem os vivos da igualdade na morte e mostre às futuras gerações que mantivemos nossa espiritualidade”.<sup>282</sup>

O termo “Cultura Cemiterial”, utilizado na publicação, é um dos pontos essenciais na identificação de uma postura singular dentre os teutos. Após a realização de estudos de campo, nas regiões de colonização teuto-brasileira, suspeitava-se da presença de certos preceitos ou recomendações a serem seguidas na composição dos cemitérios. Nas pesquisas e avaliações de acervos parecia existir algo diferente na paisagem deles, onde raramente são encontrados monumentos de grande porte e elementos religiosos, como estátuas de santos, por exemplo. O pesquisador Sandro Blume igualmente observou outra atitude peculiar dos imigrantes e seus cemitérios:

Daí decorreu nesses cemitérios um cuidado e uma conservação mais acurados, pois o cemitério é o lugar, onde se aguarda o dia em que Deus há de ressuscitar os mortos. Em diversos cemitérios luteranos, famílias se reúnem ante cemitérios, nos quais se lê: “Hier harret der fröhlichen Auferstehung...”. (Aqui aguarda a alegre ressurreição...). Talvez essa seja a explicação para a diferença entre cemitérios mais ou menos esteticamente conservados.<sup>283</sup>

A análise da obra “*Grabmale aus naturstein*” escrita em alemão gótico, aponta pistas para tais ponderações. São várias recomendações e a afirmação constante da importância do túmulo como testemunho de uma cultura que se ocupa dos mortos e que lhe concede um lugar honroso, diretrizes do que eles chamam de “Cultura Cemiterial”, intimamente relacionada com os cuidados dispensados a sepultura familiar.

As recomendações do guia aludem ao que seria uma teoria construtiva dos cemitérios teutos pautada em uma preocupação especial por esses espaços e ritos; o que já havia sido percebido em visitas aos

---

<sup>282</sup> Ibid.

<sup>283</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 120.

lugares de sepultamentos dessa origem. O manual não faz distinção religiosa em suas diretrizes, falando em nome de uma postura teuta comum e recomenda o uso de pouca ostentação e cuidados com a proporção das sepulturas.

Uma das diretrizes do guia é que o túmulo deve estar de acordo com a arquitetura do local, mas sem necessariamente perder sua personalidade. Acrescenta que o acerto do projeto final deve ser feito em conjunto com o artesão responsável pela obra, estar de acordo com o que recomenda o cemitério e o desejado pelo contratante. Ressalta que o túmulo deve ser um testemunho da honra aos mortos, antes de outros motivos presentes na decisão de seu projeto. O túmulo deve ser, portanto, “uma última dádiva que podemos presentear a esta pessoa que viveu nesta Terra. E por isso deve ter também um caráter genuíno oriundo da natureza divina”<sup>284</sup>.

O livro celebra uma cultura pautada em valores como dignidade, igualdade, honra aos mortos, memória e história. A igualdade a que se refere a publicação pode levantar algumas questões comuns quando o assunto é morte. Somos iguais no fato de que todos pereceremos, mas o modo de morrer, de receber o tratamento com o corpo e o seu lugar, guarda as suas particularidades. No direito funerário é destacado que o

nivelamento equívale a dizer que todos os cadáveres são iguais, isto é, que merecem o mesmo respeito e o mesmo tratamento, isto é, ser inumado. As solenidades ou pompas são homenagens deferidas à pessoa que existiu.<sup>285</sup>

E aí começam as diferenças, tão conhecidas de todos. A igualdade humana, lembrada pelo evento da morte, é tema de grandes debates, mas no guia aproxima-se mais aos valores a serem representados na arquitetura e na proporção dos cemitérios e pretende ser uma base para a sua apresentação.

O cemitério deve ser pensado como um templo para culto e consagração dos antepassados e a sepultura, portanto, é uma parte essencial desse local. Os materiais empregados deveriam concorrer para expressar a sensibilidade cultural e não valores menos relevantes

---

<sup>284</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit., p. 1.

<sup>285</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. **Tratado de Direito Funerário**. Tomo I. São Paulo: Método, 2000, p. 84.

relacionados com a soberba e com a valorização de aparências, “quando deveria ser homenagem àquilo que é passageiro em todos nós (a vida)”<sup>286</sup>.

O túmulo e seu processo de construção são considerados como uma das expressões do nível cultural do povo e de suas crenças sobre a morte, sendo um dever dos vivos para com seus antepassados e parte integrante dos valores a serem deixados para as gerações futuras que utilizarão a lápide para transcrever

a dor da perda, expressa em inscrição ou em cruz sem o *corpus*, expressão da ressurreição. [...] A elaboração estética da sepultura tem a finalidade de fazer saber aos familiares que seus mortos estavam bem guardados no lugar no qual também eles, algum dia, haveriam de aguardar a ressurreição.<sup>287</sup>

Nos escritos de Mathias, percebe-se algumas relações com os aspectos defendidos pela publicação. Em “*Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas*” ele faz referências ao valor dos túmulos e dos artistas. Ele defende o seu ofício e as obras cimiteriais, sua relação com a pátria e o papel dessas obras na construção da memória, lembrando a efemeridade de nossa existência que poderia em grande medida, ser compensada pela “eternidade” da pedra lavrada. Suas palavras:

Honrai os mortos com obras de pedra. A tristeza do mundo assim preenche o expectador na posteridade. Porque essas obras são menos efêmeras do que a nossa existência! Honre o artesanato e a arte popular! Cada alegoria tumular deveria ser uma confissão à pátria. Por esta razão deveríamos utilizar a matéria prima que o solo pátrio oferece. Dá-se ao artista e artesãos qualificados trabalho e mérito.<sup>288</sup>

---

<sup>286</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit., p. 1.

<sup>287</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 120.

<sup>288</sup> Original: “*Ehret die Toten mit Werken aus Stein. Der mitwelt Trauer fühlt so der Beschauer in der Nachwelt Zeiten, denn diese Werke, sind schwerer Vergänglich als unserer Sein! Ehrt das Handwerk un die Volkskunst!*” *Jedes Grabzeichen sollte ein Bekenntniss zur Heimat sein. Deshalb sollte man den*

Os epitáfios de cemitérios teutos representam bem as recomendações da publicação. Se o papel aceita tudo, o mesmo se pode dizer das pedras que jazem sobre a cabeça dos falecidos, mas o que cabe aqui é ver a reiteração dos valores da publicação, sem entrar no mérito sobre os elogios encontrados. Os valores da família e do seu compromisso com o falecido, com o que ele representou em vida para os seus e para a comunidade é a temática básica da escrita desses epitáfios, juntamente, com as expressões de saudade e de fé.

Dentre as epígrafes encontradas estão as do Quadro 4 que valoram, principalmente, o papel do trabalho e a vida em família. A figura do pai cumpridor de seus deveres, para com os filhos e o lar, ganha destaque e recebe reverências como exemplo para as futuras gerações. A ausência sentida pelos filhos e esposa foi expressa nos valores do pai de família:

Quadro 4 - Epitáfios de pais

<i>Der lieber Vater ist nicht mehr Wo Er gewirkt der Platz ist leer. Er reicht uns nicht mehr seine Hand Er ging ins ewge Vater land</i>	O querido pai não está mais. Onde ele trabalhou o lugar está vazio. Ele não está mais conosco. Sua mão foi para a pátria eternamente. <sup>289</sup>
“Pai, você foi um exemplo vivo de fé, trabalho e honestidade” <sup>290</sup>	

---

*Werkstoff verarbeiten den der Heimatliche Boden bietet. Man gebe einen Künstler und gelernten Handwerker und Fachmann Arbeit und Verdienst”*. (grifos do próprio autor). HAAS, Mathias. **Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 2.

<sup>289</sup> Epitáfio encontrado no cemitério da comunidade Rega 1 em Vila Itoupava Blumenau (SC), durante o projeto “Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios em Vila Itoupava (Blumenau/SC)”. A tradução dos epitáfios foi feita gentilmente por Giselle Amanda Trettin Moratelli por ocasião do projeto. In: CASTRO, Elisiana Trilha (coord). **Lugares de antepassados, lugares de história: inventário de cemitérios em Vila Itoupava (Blumenau/SC)**. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 2010.

<sup>290</sup> Epitáfio do cemitério da comunidade Rega 2, em Vila Itoupava, Blumenau (SC), Ibid.

“Pela terra passou/ e com Deus uma família formou /E aqui para sempre/ a família guardou”.<sup>291</sup>

*Mühe und arbeit war euer  
leben ruhe hat euch gott gegeben*

“Esforço e trabalho foi nossa vida,  
descanso foi Deus que lhes deu”<sup>292</sup>

Fonte: Projeto “Lugares de antepassados, lugares de história”

#### Quadro 5 - Epitáfio de uma mãe

*Meine Gute Frau unsere Guter  
Mutter Weinet nicht an meiner  
Grau Stört mich nicht in meine  
Ruhe denk was ich Selilhen habe  
Gönet mir die Ewige Ruht  
Du liebes Gute. Mutter herz  
Ruhe Sanft und eine Gruft.  
Bis dich dein Erlöser Ruft.*

Minha boa esposa, nossa boa mãe.  
Não chore no meu túmulo,  
não me perturbe em minha paz.  
Pense no que eu sofri,  
inveja o meu descanso eterno.  
Você querida e  
boa mãe do coração,  
descanse suavemente no seu túmulo.  
Até que o seu Redentor a chame

Fonte: Projeto “Lugares de antepassados, lugares de história”

As lápides e suas mensagens são parte do que o guia reforça como fundamental na composição do cemitério, afóra outros elementos e qualidades que deveriam compor o seu projeto. Os cemitérios são descritos como parte da paisagem local, onde deve ser mantido o silêncio, a paz e uma aparência solene. A organização de seu espaço previa os espaços para adultos e crianças e deveria ser evitado o uso de covas simples ou montículos, por não se harmonizar com as construções, excetuando os lugares, onde este tipo de construção é tradicionalmente utilizado.

O mesmo vale para as sepulturas com cercamento como pedras, madeira ou ferro e quando esse tipo for utilizado, alerta que as “construções ‘feias’ sejam suprimidas”.<sup>293</sup> Valores como dignidade aos mortos e beleza de sua apresentação permeiam o texto que é uma chamada de compromisso dos vivos com os locais de sepultamento. O pesquisador Sandro Blume observou que atualmente,

<sup>291</sup> Epitáfio do cemitério da comunidade Rega 2, em Vila Itoupava, Blumenau (SC), Ibid.

<sup>292</sup> Epitáfio do cemitério da comunidade de Vila Itoupava, Blumenau (SC), Ibid.

<sup>293</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit., p. 2.

além de local de funeral e de manutenção da memória dos mortos, esses cemitérios também servem como habitats importantes para animais e plantas. A diversidade e a sombra das árvores permitiam o relaxamento e a tranquilidade do visitante.<sup>294</sup>

A obra apresenta um resumo das diretrizes de projetos e modelos para cemitérios de 1937. Uma das preocupações do guia na elaboração e construção dos túmulos é com a harmonia do túmulo e seu conjunto devendo ter formas e cores que combinassem para criar uma boa impressão. O tipo construtivo deveria estar previamente definido e a altura máxima dos túmulos não deveria atrapalhar a visibilidade do conjunto. Tal recomendação pode ser vista em vários cemitérios de comunidades teuta e nos modelos tumulares da marmoraria Haas. Os tamanhos diferem pouco entre si, formando um conjunto de construções de pequeno porte, onde o destaque fica por conta da cabeceira.

O elemento diferenciador na arquitetura alemã, tanto nos sepultamentos de católicos e protestantes, são as cabeceiras. Mais que o túmulo, na maior parte das vezes é a cabeceira que se diferencia por seu porte e ornamentação detalhada. É o lugar onde são colocados os dados do morto e o epitáfio em destaque na Figura 47.

Voltando ao guia, ele aconselha observar a altura máxima da construção tumular que “deve ser mantida abaixo da linha dos olhos, sem prejuízo aos diferentes hábitos de cada região do país”.<sup>295</sup> A publicação não incentiva o uso de mausoléus que deveriam atender regras que ordenem a sua devida distribuição para garantir a harmonia. Esse é outro ponto intimamente relacionado com os espaços teutos e sua aparência: o fato que os mausoléus são raros. O guia recomenda cuidados em sua utilização limitando a sua presença com regras sobre ordenação e espacialização.

A harmonia é o valor essencial do guia e é possível afirmar que há uma obsessão pelo termo. Na coletânea de produtos ofertados pela Haas, na Figura 48, percebe-se muitos desses elementos. Os mausoléus e as grandes alegorias, por exemplo, não eram os carros chefes de sua produção, apesar de presentes em seus catálogos. Os produtos que formam a grande maioria em seus materiais de divulgação são as lápides e os ornamentos de menor tamanho.

---

<sup>294</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 63.

<sup>295</sup> BRACHT, Hans van. Op. Cit., p.2.

Figura 47 - Modelo de cabeceira do cemitério de Santa Maria - Antônio Carlos (SC)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 48 - Produtos de arquitetura funerária - diversos



Fonte: Acervo Família Haas

A publicação e suas recomendações sugerem a presença de uma determinada “Cultura Cemiterial”, que, junto com as observações de campo em cemitérios da região do Vale do Itajaí e da região da Grande



Florianópolis,<sup>296</sup> indicam a presença de uma ordem projetada por valores culturais e religiosos. Ao relacionar esta obra com a arquitetura dos cemitérios teutos percebe-se, então, que a paisagem desses lugares possa ser mais do que fruto das opções de túmulos para venda ou de ordem financeira.

Apesar de não fazer menção a uma determinada confissão religiosa é possível perceber paralelos entre as recomendações do guia e a fé protestante que reitera, em seus preceitos religiosos, valores condizentes aos da publicação. Entender essa dinâmica pode contribuir para a análise da singularidade da arquitetura mortuária teuta que é parte fundamental da produção da Haas, uma vez que a empresa fornecia túmulos e ornamentos pouco imponentes.

Mas, para entender a aproximação entre o guia e a fé protestante é preciso antes entender o papel do Purgatório na religião católica. Ele é fundamental para a presença de certas práticas e na opção por um determinado tipo de arquitetura com diferentes modelos de santos, anjos e mausoléus. O Purgatório é um local intermediário entre o Céu e o Inferno e as almas que para ali seguem podem ter esperança de alcançar o Céu. Para tanto, necessitam das orações de seus entes e de investimentos feitos no lugar do sepultamento, o que diz respeito, principalmente, à arquitetura e aos ritos. O purgatório seria “uma espécie de Inferno transitório, indispensável antes de as almas serem finalmente perdoadas de seus pecados e terem acesso ao Paraíso” conforme Renato Cymbalista.<sup>297</sup>

Para os mortos católicos existe a probabilidade dos sofrimentos no Purgatório serem “abreviados mediante a intercessão dos vivos, que poderiam libertá-las por meio de missas, doações e rezas”.<sup>298</sup> Os

---

<sup>296</sup> Cemitérios visitados para o projeto que resultou na publicação: CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier ruht in Gott:** Inventário de Cemitérios de Imigrantes Alemães da Grande Florianópolis. 1º ed. Blumenau: Nova Letra, 2008. v. 1. 302p. Para o projeto foram visitados em torno de 100 cemitérios em municípios da região da Grande Florianópolis (Santa Catarina/Brasil) que tem participação de imigrantes de origem teuta na sua formação.

<sup>297</sup> CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras.** Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro séculos XVI e XVII. 2006, 428p. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>.

Acesso em: 6 set. 2012, p. 260.

<sup>298</sup> Ibid., p. 265.

investimentos feitos pelos vivos como orações, velas, missas e pedidos de interseção aos santos sobre as sepulturas, não podem ser explicados, de certa forma, somente pela necessidade de afirmar seu lugar social, mas pela crença de ação sobre o destino da alma com o Purgatório. Para os católicos, a noção de um lugar onde se pode aguardar pela salvação está intimamente relacionada com a existência de ritos em prol do morto. A ideia de Purgatório, defendida pelo catolicismo estabelece

uma esfera de interação entre os mundos dos vivos e o dos mortos, na qual era possível para os vivos - mediante muito esforço - intervir no destino dos mortos. Sobre essa crença fundamentou-se toda uma vivência urbanística: era de fundamental importância para os vivos a proximidade física e cotidiana com os mortos, e as igrejas - cujo entorno ou interior havia séculos eram o local de sepultamento dos fiéis - tinham seu papel de estruturador do cotidiano das cidades, entre outros fatores, por representarem o local por excelência de desempenho dessa comunicação.<sup>299</sup>

Diferentemente dos católicos, para os protestantes, a salvação de homens e mulheres não é algo que possa ser obtida depois da morte por meio de orações aos santos que são inexistentes em seu credo e de ritos realizados por outrem. Sem o Purgatório, de onde podem ser salvas as almas, o protestantismo inaugurou uma nova postura diante da morte que vai contribuir para o apaziguamento e o silenciamento em torno do luto. Evocando valores diferentes ao catolicismo, ele trouxe novas formas de se relacionar com o morto e a morte, e em países de tradição protestante como a Inglaterra e outros europeus

apesar de a doença apresentar o mesmo enfoque romântico, o luto teve tratamento completamente diferente. Nesses países, o correto socialmente era o comedimento, a indiferença em público. Podia-se sofrer e lamentar a perda havida, porém nunca

---

<sup>299</sup> VILAR, Hermínia Vasconcelos. **A vivência da morte no Portugal medieval.** A estremadura portuguesa, 1300-1500. Cascais: Redondo, 1995. p. 96.

na vida social: o luto devia ser escondido, envergonhado.<sup>300</sup>

Os preceitos protestantes fundamentaram então, uma cerimônia fúnebre “impregnada do espírito da ressurreição”.<sup>301</sup> Apesar de partilhar com os católicos a convicção de “que hão de se reencontrar com seus mortos no dia da ressurreição e do Juízo Final”,<sup>302</sup> o protestante não fará do túmulo e dos ritos pós-morte uma forma de contribuir pelo perdão dos pecados do falecido. Para o pesquisador Sandro Blume, as orações devem ser “direcionadas ao conforto espiritual dos sobreviventes, devendo o cemitério não ser um lugar de devoção, mas sim de reflexão e de tranquilidade”.<sup>303</sup> Ainda para este autor, os protestantes manifestam seus valores aos seus entes, de forma importante, “no cuidado que tem com a sepultura de seu familiar falecido que entregou aos cuidados de Deus quando de sua morte”.<sup>304</sup>

Tal crença pode ter contribuído para o aparecimento de ações voltadas aos momentos que antecedem o enterro e menos no túmulo. Isso acabou por colaborar na constituição de uma arquitetura particular, bastante representativa da crença protestante que defende valores como a austeridade e a circunspeção e outros valores presentes na obra analisada.

Jessica Mitford observou que o contributo do protestantismo refere-se mais a um reforço de valores relacionados ao indivíduo e a secularização, já que

as concepções dos evangélicos a respeito da morte e do morrer se desenvolveram historicamente, não somente de uma maneira anticatólica, mas também sob a influência de uma cultura burguesa,

---

<sup>300</sup> QUEIROZ, Júlio de. **Morrer para principiantes**: ensaios. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2008, p. 48.

<sup>301</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p. 139.

<sup>302</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 77.

<sup>303</sup> Ibid., p. 60.

<sup>304</sup> Ibid., p. 120.

profundamente individualista, hedonista e dessacralizadora.<sup>305</sup>

Tais questões mostraram-se fundamentais para entender a paisagem dos cemitérios de regiões de imigração teuta, que pode ter contado com a contribuição do protestantismo, dado a similaridade entre a sua arquitetura e os valores defendidos por essa confissão.

No campo da arte funerária é possível verificar que as obras encontradas em cemitérios teutos em diferentes regiões de Santa Catarina e mesmo em outros fora do país, como é o caso do cemitério alemão em Buenos Aires, guardam alguns elementos particulares que os diferenciam da arquitetura de cemitérios monumentais, mesmo quando não são de confissões protestantes. Não são desconsiderados aqui os cemitérios protestantes que possuem obras tumulares de bom porte com detalhes artísticos como, por exemplo, o cemitério Acatólico de Roma. Contudo, percebe-se uma ordenação particular em cemitérios da região de imigração teuta que, ao serem comparados com outros mais conhecidos por sua arquitetura monumental, pouco será encontrado de comum entre eles. Por exemplo, temos o cemitério da Consolação (São Paulo), o São João Batista (Rio de Janeiro) ou mesmo os clássicos Recoleta e Père Lachaise, que em quase nada lembram os muitos dos cemitérios das regiões de imigração.

Muitos desses espaços teutos, mesmo sendo contemporâneos dos exemplos citados, não possuem elementos que hoje tornam seus irmãos mais ilustres, em exemplares da arquitetura funerária trazida, principalmente, da Itália, pelos marmoristas que se inspiravam nas belas obras do cemitério Di Certosa na Bolonha (Figura 50)<sup>306</sup> ou no cemitério

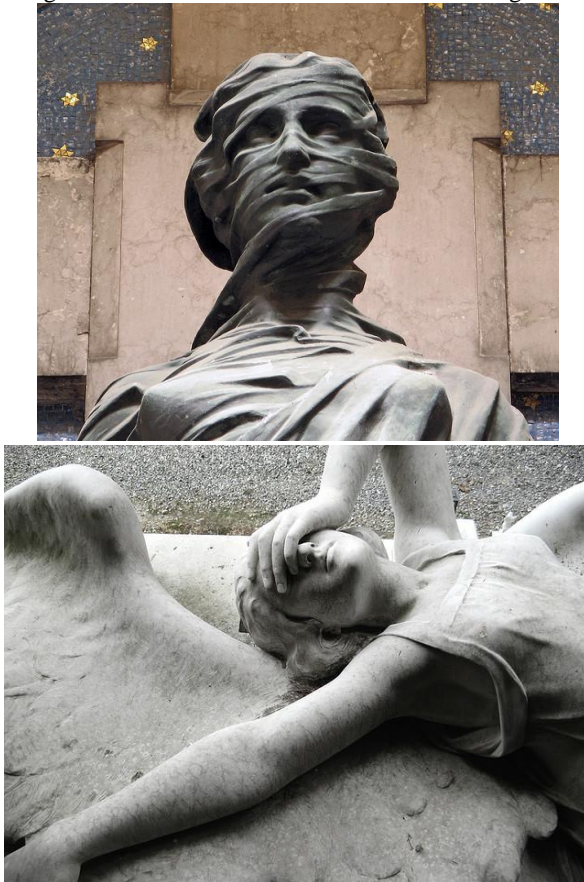
---

<sup>305</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes “históricos” diante da morte, do morrer e do luto: um estudo de rituais mortuários, representações e adaptações em contexto de secularização. In: IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES: “IMAGENS DA MORTE”. Anais do IV Congresso latino-americano de ciências sociais e humanidades: “Imagens da morte”, Rio de Janeiro, julho de 2010, p. 3.

<sup>306</sup> Imagens retiradas de: **Chayachitrakar**. Disponível em: <<http://chayachitrakar.blogspot.com.br/2011/06/sorrow-dolore.html>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

de Staglieno (Figura 49),<sup>307</sup> locais onde fica difícil negar que a morte não possa inspirar a produção de obras de arte de beleza incomensuráveis.

Figura 49 - Obras cemitério Monumental de Staglieno



---

<sup>307</sup> Imagens retiradas de: **Zé Variedades**. Disponível em: <http://www.zeveriedades.com/o-cemiterio-monumental-de-staglieno-genova-italia/>. Acesso em: 25 jan. 2013.



Fonte: Zé Variedades

O que se vê em muitos cemitérios de origem teuta é a utilização de poucas imagens de anjos, santos e de alegorias como ornamentos, a presença de cruzes de madeira e de ferro com detalhamento artístico no lugar da lápide. São encontrados ainda, poucos mausoléus, a preferência pela localização em morros ou pequenos aclives, lápides em cerâmica e a opção por um ambiente arborizado onde frequentemente são vistos túmulos ornamentados com plantas. Costumes como a utilização do sobrenome de solteira na lápide das mulheres, completam o quadro peculiar do ambiente encontrado nos cemitérios teutos.

Figura 50 - Obras cemitério Di Certosa na Bolonha



Fonte: Chayachitrakar

A publicação, somada às evidências coletadas em pesquisas em mais de uma centena de cemitérios, contribuiu para levantar outros elementos relacionados com algumas questões apresentadas pelos membros da família Haas e para as quais faltam outros estudos. A empresa atendia tanto católicos como protestantes, mas a produção da Haas acabou por acompanhar a tendência do mercado, onde a procura pelos tipos tumulares sem muitos ornamentos e de menor porte teve destaque e que não pode ser somente explicada por uma questão econômica. Considerando o que foi aqui apresentado, deve também ser por uma postura mortuária que não privilegiava a monumentalidade e a ornamentação sacra.



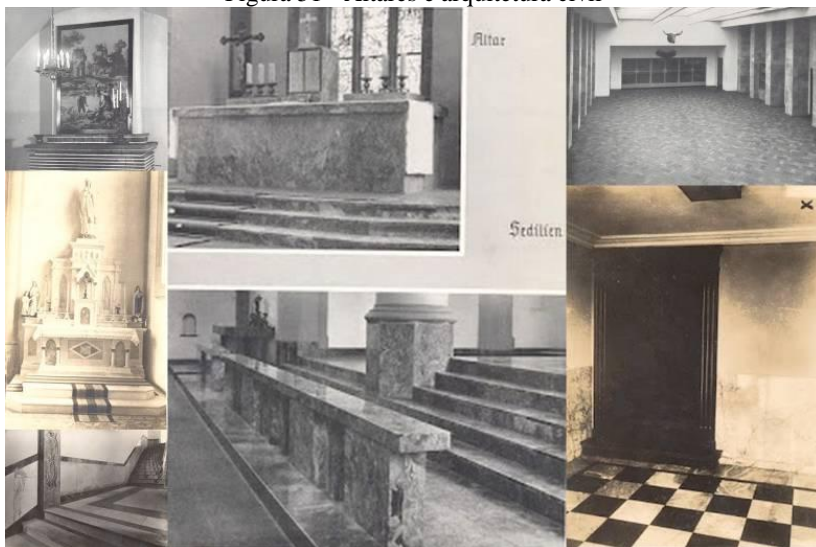
### Capítulo 3 - O tempo do granito: dos mestres às máquinas

A empresa, como foi visto, ao longo de suas primeiras décadas buscou ampliar a sua oferta de produtos atendendo a arquitetura civil, além da cemiterial. O mercado da arquitetura civil criava oportunidades de firmar contratos com o governo para construção de

monumentos públicos, e aos construtores que empregavam a estatuária e ornamentos nas fachadas dos prédios. As igrejas fizeram grande uso destes préstimos, principalmente com a colocação de altares, que aumentava na segunda metade do século XX.<sup>308</sup>

Nas fotografias e material de publicidade são encontrados modelos desses trabalhos, como os altares e revestimentos de piso (Figura 51).

Figura 51 - Altares e arquitetura civil



Fonte: Acervo Família Haas

<sup>308</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino**. Op. Cit., p. 44.

Outro trabalho realizado pela Haas era a reforma e manutenção de túmulos produzidos por eles. As famílias costumavam solicitar a realização de pequenos consertos, demanda que aumentava por ocasião de Finados. Em um mercado bastante disputado, tal serviço seria uma forma de fidelizar os clientes que podiam contar com este atendimento diferenciado, como uma espécie de garantia oferecida pela compra. Tal como em outros negócios eram comuns as disputas por cliente e mercado. Maria Elizia Borges relata situações entre empresas paulistas que envolveram a cópia furtiva de túmulos e ornamentos.<sup>309</sup> Pode-se ainda acrescentar as disputas acirradas pelo mercado, em Bagé, que foram tratadas no estudo da pesquisadora Elaine Bastianello. Nessa cidade os marmoristas utilizavam os jornais para oferecer os seus serviços, na forma de anúncios, além de trocar ofensas com os concorrentes pelos noticiários.<sup>310</sup>

Nas décadas de 1930 e 1940, a Marmoraria Reuer era um dos seus concorrentes da Haas, mas de acordo com Rolf a maior delas foi a Marmoraria Indaial, cujo dono aprendeu o ofício na Haas no começo da década de 1940 e “foi um grande concorrente, mas um concorrente leal”.<sup>311</sup> Rolf destaca que não havia uma disputa aberta entre as marmorarias, diferentemente do mercado de funerárias, onde a concorrência “a gente sabe que sempre foi notícia de jornal, de primeira página”.<sup>312</sup>

Não há nada que indique que os jornais foram utilizados pela empresa Haas para trocar algum tipo de ofensa ou para responder “ataques” de outras empresas do ramo. Pela quantidade de anúncios e material de publicidade percebe-se que foi um dos principais recursos utilizados para garantir a fidelização de sua clientela, para divulgar seus produtos e lançamentos e garantir destaque entre os demais concorrentes.

O impacto da concorrência foi sentido com mais intensidade quando houve o aumento da procura por túmulos em revestimento de granito. Os modelos tumulares passaram a ter formato e acabamento

---

<sup>309</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit.

<sup>310</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950)**. Op. Cit.

<sup>311</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>312</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

mais reto e a utilizar menos ornamentos, o que facilitou o aparecimento de marmorarias que não precisavam contar mais com o mestre escultor. Tais empresas impactaram de forma significativa a produção e as vendas da Haas. Foi preciso então, reduzir o número de funcionários e, tempos depois, tiveram que parar com os trabalhos feitos em cantaria. Os negócios de fundo de quintal, de acordo com Rolf, prejudicaram os negócios, porquanto essas empresas não emitiam nota fiscal e não pagavam impostos, oferecendo um produto final mais barato.<sup>313</sup>

Na década de 1930, Mathias estava disposto a se aposentar. Após décadas de trabalho ele fez um levantamento de seu patrimônio e munido de um inventário, vai para a Alemanha onde buscou por novos negócios, em 1939. Depois de muito conversar, rever amigos e lugares, Mathias retorna ao Brasil, já sem pretensões de voltar à pátria mãe. A propaganda sobre o progresso “era forte e ele chegou a ir a Berlim. Ele tinha aqui um possível comprador para a marmoraria que ofereceu na Alemanha um prédio em Berlim”, ressalta Rolf.<sup>314</sup> Mas o prédio era muito antigo, com cerca de 200 anos, e em conversa com alemães e depois de mostrar fotos de sua vida no Brasil, Mathias foi aconselhado a retornar para terras tupiniquins e aqui ficar. Eles desprezaram uma Alemanha bem diferente do que as propagandas pregavam.<sup>315</sup>

Não se sabe muito ao certo o que levou Mathias a pensar em voltar a viver na Alemanha e até o momento não foram encontrados, em seus escritos, maiores detalhes sobre o que o motivou seu regresso para o país de origem. De acordo com Ronald, o bisavô tinha intenções de regressar à Alemanha “aquela coisa de voltar pra terra”,<sup>316</sup> acreditando em um momento favorável vivido pela Alemanha e para, quem sabe, passar a sua aposentadoria na terra natal. Na opinião de Rolf, foram mais as notícias favoráveis da Alemanha que atraíram Mathias, como um convite de retorno aos que um dia deixaram a sua pátria.<sup>317</sup> Já para Ronald, nos motivos da ida para a Alemanha estava o descontentamento

---

<sup>313</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>314</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>315</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>316</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>317</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

de Mathias com o tratamento dado pelo governo de Getúlio Vargas aos estrangeiros da região que motivou a viagem.<sup>318</sup>

Figura 52 - Sede da Haas



Fonte: Acervo Família Haas

Em fins da década de 1930, o idioma da placa da marmoraria não era mais o alemão (Figura 52). A mudança pode ser fruto da primeira fase da campanha de nacionalização de Vargas, algo sugerido por Ronald em seu depoimento.<sup>319</sup> Sua declaração faz sentido caso a ação de fiscalização empreendida, neste momento, seja vista como algo extensivo a diferentes âmbitos: todos os que pudessem difundir a cultura estrangeira.

A campanha de nacionalização do governo Getúlio Vargas com a imposição de medidas restritivas aos estrangeiros estava em andamento. Em anos anteriores, a nacionalização do ensino fechou

<sup>318</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>319</sup> Não serão aqui aprofundadas as questões relacionadas com a proibição do uso da língua e de determinados costumes de imigrantes em Santa Catarina. Para saber mais: FÁVERI, Marlene de. Op. Cit., 533p; SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 199-228, p. 221.

escolas e retirou do cargo professores de origem teuta no Vale do Itajaí. Em 1939, ano que Mathias parte para a Alemanha, a proibição volta-se para o uso de idioma estrangeiro em público e nos cultos religiosos. Jornais e programas de rádios também foram censurados e “a substituição lingüística atingiu, inclusive, os nomes das ruas, os letreiros e cartazes das lojas e fábricas e a denominação dos clubes e associações”<sup>320</sup> o que pode ser visto na placa da Haas (Figura 52) que muda seu idioma nesse período.

Dentre os locais e alvos de censura, estão também os cemitérios e os fabricantes de materiais tumulares, como Mathias e sua oficina. Giralda Seyferth faz referências à inclusão das inscrições lapidares como alvo da campanha do governo Vargas:

Nesse aspecto, houve até a sugestão de mudar as inscrições góticas das lápides nos cenários das regiões de colonização alemã. A crença no poder adaptativo da língua nacional para a formação de uma “consciência comum”, conforme reza o art. 1º do Decreto nº 1.545 de 25-8-1939, alcançou assim particularidades quase imponderáveis da organização étnica (grifo da autora).<sup>321</sup>

A sugestão efetivou-se e os cemitérios, com seus elementos étnicos estrangeiros, ficaram na mira dos interventores e agentes de fiscalização. Para a pesquisadora Marlene de Fáveri, “a proibição de nomear os mortos nas lápides doeu fundo nos imigrantes e descendentes: mexeu com o sagrado e a representação simbólica da religiosidade; os lugares da memória foram aviltados”.<sup>322</sup> É o que parece ter ocorrido a Mathias.

Em “*Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955*”, ele recorda uma passagem, de 1942, quando recebeu uma multa pela fabricação de uma lápide com inscrições em alemão. O seu relato indica os sentimentos que envolveram aquela ação, como pode ser visto a seguir:

Em 1942 - Dada a completamente injusta multa, entendida como assédio dos mentores políticos,

---

<sup>320</sup> SEYFERTH, Giralda. Op. Cit., p. 221

<sup>321</sup> Ibid.

<sup>322</sup> FÁVERI, Marlene de. Op. Cit., p. 411.

deveria eu pagar 100 mil réis como punição por ter fabricado uma lápide com inscrição em língua alemã. Não esbocei reação, pois uma ação tem tanto valor quanto a ela atribuímos!<sup>323</sup>

Ele considerou a atitude injusta e a classificou como assédio de mentores políticos, para a qual não esboçou reação. A injustiça poderia ser tanto com relação ao seu trabalho, como pela ação sobre um local de valor religioso e familiar. Tais sanções devem ter provocado mudanças na produção das empresas e mesmo na Haas, que tiveram que agir com certo, comedimento, ao menos na utilização da língua alemã nas lápides, para poder evitar ações como a vivida por Mathias.

Em outros documentos encontramos mais indícios sobre as precauções tomadas pelo próprio Mathias, para evitar mais constrangimentos e sanções. Em um quadro produzido pelo artista Pellarin, em 1939, a citação extraída do texto “Fausto: a tragédia (Parte 1)” de Johann Wolfgang Goethe: “*Was Du ererbt von deinen Vätern hast, Erwirb es, um es zu besitzen!* (Do que tu herdaste dos teus antepassados, debes te apropriar, a fim de desfrutá-lo!)”, condiz com a imagem que apresenta (Figura 53). Mas em seu verso está uma anotação Mathias que tirou o quadro de circulação: *Wegen deutsche Schrift verboten auszustellen* - Proibido expor devido a escrita em alemão”.<sup>324</sup>

---

<sup>323</sup> Original: “*Im Jahre 1942 - In Anbetracht der vollständigen ungerechten Multa“ (Strafe), die als Schikane der politischen Drahtzieher aufzufassen ist, sollte ich 100 Milreis Stafe zahlen, weil ich eine Grabinschrift in deutscher Schrift anfertigte. Hierauf habe ich nicht reagiert, denn eine Sache hat nur soviel Wert wie man ihr beimisst!*”. HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: ***Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954*** (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955, p. 29.

<sup>324</sup> Tradução de Ronald Haas.

Figura 53 - Quadro do artista Pellarin



Fonte: Acervo Família Haas

Ações desta ordem foram encontradas em outras regiões de colonização teuta, como no cemitério de Santa Maria em Antônio Carlos (SC), durante levantamentos de campo<sup>325</sup> e foram relatadas pelo pesquisador Raulino Reitz.<sup>326</sup> Também foram empreendidas em outros estados, como no caso observado por Sandro Blume, em um cemitério do Rio Grande do Sul, com lápides que mostram claramente os cuidados tomados e a assimilação da língua nacional como forma de registro das lápides:

No cemitério Evangélico de Araricá encontramos a lápide da Sra. Wilhemine Schönardie, nascida Müller, falecida em 21.03.1930, com as inscrições em alemão gótico “Hier ruht”, que significa “Aqui descansa”. Já na lápide ao lado, por ocasião do falecimento do seu esposo, Henrique Jacob Schönardie, em 12.08.1945, as inscrições foram feitas na língua portuguesa. Nessa lápide o nome

<sup>325</sup> As lápides com sinais de apagamento foram encontradas durante a realização do projeto “Inventário do cemitério da comunidade de Santa Maria, município de Antônio Carlos (SC)” coordenado pela autora em 2010. In: CASTRO, Elisiana Trilha (coord). **Inventário do cemitério da comunidade de Santa Maria, município de Antônio Carlos (SC)**. Antônio Carlos: Prefeitura Municipal de Antônio Carlos, 2010 (no prelo).

<sup>326</sup> REITZ, Raulino. **Alto Biguaçu**: narrativa cultural tetrarracial. Florianópolis: Lunardelli/UFSC, 1988.

“Heinrich” deu lugar ao Henrique, o sobrenome passou para Schonnardie, além de constar “Aqui Jaz”, substituindo o anteriormente usual “Hier Ruht”. A diferença de língua em lápides de cônjuges, dos quais um faleceu antes, e o outro posteriormente à campanha nacionalizadora, se tornou um fenômeno que ocorria com frequência nas colônias alemãs.<sup>327</sup>

Mathias, em parte desgostoso com as ações governamentais desse período, tentou convencer os filhos a partir com ele. Porém, Rolf relata que seu pai, Guido, não aceitou ir morar na Alemanha. Outros três filhos de Mathias que já estavam na Alemanha estudando cantaria, serviram no exército alemão. O Ivo serviu na Marinha e Bernardo no Exército. Eles tinham ido antes de Mathias com um tio da parte de sua esposa. De volta ao Brasil, Mathias continuou a frente da marmoraria por mais alguns anos até que, no fim da década de 1940, transferiu a administração para seu filho mais velho, Guido Haas, que já estava trabalhando com ele.

### **3.1 - O aumento da produção em série e novos tempos: a administração de Guido**

A transferência foi feita por meio de um contrato manual. Para Rolf, a transferência da administração para Guido foi “natural”, pois desde criança, Guido trabalhava com o pai<sup>328</sup> tendo acompanhado, junto com sua irmã Elza, os primeiros momentos da construção da sede em Blumenau, na Rua São Paulo. No contrato de transferência,<sup>329</sup> o ramo da empresa é identificado como marmoraria e artefatos em cimento, o que demonstra que outros produtos estavam incorporados à produção acompanhando a tendência do mercado.

Afora o idioma da placa, retornando a Figura 52, percebe-se pela imagem que mudaram ainda os modelos comercializados. Estão expostas algumas cabeceiras mais retas, sem muitos ornamentos sacros, onde em vez do mármore nota-se o uso da granitina e do granito negro

<sup>327</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 94.

<sup>328</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>329</sup> **Declaração de Firma Individual**, 3 março de 1948. In: Acervo da família Haas, Blumenau (SC).



nas lápides, sem alegorias e esculturas, tendência que aumentaria a partir da década de 1940. Ainda eram fabricadas lápides gravadas em ardósia e posteriormente, cada vez mais modelos em cimento. A ardósia foi o material mais utilizado para realização das lápides e os túmulos em cimento e os adornos eram feitos com formas especiais. O mármore “de Minas Gerais, azulado, escuro, que se prestava para o serviço de gravação de letra”<sup>330</sup> era outro dos materiais utilizados.

Mathias transferiu a administração em um período em que a empresa ainda encontrava-se em boa situação. Anos antes, Mathias havia realizado investimentos na construção de galpões e na aquisição de caminhões para transporte do material, carros e outros, como nas imagens da Figura 54. Dentre as muitas aquisições está o caminhão da empresa, um modelo Oldsmobile Motor nº 78.501. De acordo com as anotações feitas pelo próprio Mathias no verso da imagem, quem está no caminhão é o seu filho Guido, em frente ao antigo portal de entrada da residência e marmoraria.

Mathias, em seu texto intitulado “*Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas*”, comenta os progressos da empresa que era líder no mercado, por conta dos investimentos feitos por ele e por seu filho, Guido:

Ampla conhecimento e prática, equipe de alto nível, oficina com moderno maquinário para serragem, desbaste, polimento levou-nos à liderança em nossa área de atuação, em mármore e granito e todo tipo de rochas. Magníficos túmulos de grande e médio porte, de bom gosto, alguns dos quais verdadeiras jóias da arte funerária cristã, foram entregues recentemente.<sup>331</sup>

---

<sup>330</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>331</sup> Original: “*Reichliche Erfahrung und Praxis, hohes Leistungsnavau meiner Mitarbeiter in den Werkstaetten mit modernen fortschritlichen Maschienen, für Saege, Schleif und Polierbetrieb, führten auf unserem Spezialgebiet, Marmorgranit und jeglichem Hartgestein eine führende Position zu behaupten. Prunkvolle, grosse und mittlere gescgmackvolle grabmaeler, von denen einige wahre Kleinote der kristilichen Begräbniskunst sind, wurden in letzter Ziet geliefert*”. HAAS, Mathias. ***Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas*** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 1.

Figura 54 - Carros e caminhões da empresa e detalhe da portada da Marmoraria em 1938



Fonte: Acervo Família Haas

Ele ressalta a realização de túmulos de grande e médio porte, os quais ele chama de obras de arte da arquitetura funerária cristã. Ele as compara com as antigas sepulturas e em sua opinião, as mais recentes demonstravam “claramente a união entre arte e bom gosto”.<sup>332</sup>

São possíveis algumas reflexões sobre estas últimas declarações de Mathias. Elas mostram seu contentamento pela empresa, que contava com uma eficiente oficina dotada de bom maquinário e funcionários

---

<sup>332</sup> Original: “*Ein Vergleich der alten Grabmäler mit den heute hergestellten zeigt klar dass kunst und geschmack sich verfeinert haben*”. HAAS, Mathias. ***Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas*** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 2.

competentes. Ele não parecia ver com maus olhos, por exemplo, as máquinas na linha de produção. Ele mesmo havia fabricado um britador e consultava catálogos para conhecer as novidades em equipamentos, como foi visto anteriormente. A empresa ainda fazia entrega de monumentos de bom tamanho para o cemitério e contava com materiais nobres para atender seus pedidos. Situação diferente da vivida por Mathias que teve que recorrer somente ao arenito e as suas mãos, para chegar ao produto final em seus primeiros trabalhos.

Ao deixar a administração da empresa e observar a administração do filho, ele parece demonstrar seu contentamento ao passar adiante seu negócio próspero, que rendeu uma boa vida à sua família. Ele presenciava, neste momento, uma boa fase da empresa. Mathias não deixou registros de ter visto e se ressentido das mudanças que levaram ao fim do papel central do escultor na produção funerária, o que seria vivido de forma mais marcante por seu filho Guido, décadas depois, ao deixar a administração da empresa.

A boa situação da agora, “Marmoraria Haas & Filhos”, impulsionada por trabalhos em arquitetura cemiterial, foi sentida por mais alguns anos sob a administração de Guido, mesmo quando já era notada a incorporação de materiais como o bronze, mármore nacionais e estilos tumulares mais retos. Mathias havia vivenciado um período de grandes investimentos, mas algo começou a mudar e os marmoristas passam a ser menos requisitados para a construção de monumentos e mausoléus e os cemitérios adquiriram, paulatinamente, uma paisagem menos ostentosa e as grandes obras perderam espaço.

E em fins da década de 1940, muitos desses trabalhadores, de acordo com Maria Elizia Borges, deixaram de existir.<sup>333</sup> A produção em série, com auxílio de formas e máquinas, ajudou a tirar de cena esses artesãos, fruto da intensificação do comércio em torno do evento da morte,<sup>334</sup> onde os produtos e as oportunidades de adquiri-los foram multiplicados e aumentaram a produção. Laura Dalva, que se pronunciou em um jornal em 1929, não está tão distante temporalmente desse período e sua fala, anteriormente apresentada, pode expressar os primeiros sinais da mudança na importância dada ao que cobre as sepulturas. Tal posicionamento e outros fatores vão concorrer para o ingresso de novos formatos tumulares.

---

<sup>333</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p.

54.

<sup>334</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 179-180.

Na marmoraria Haas, já a partir da década de 1930, os maquinários e formas começaram a ser utilizados com mais frequência para produzir peças em cimento, lápides em ardósia ou basalto, esse último em menor quantidade. Observa-se, neste momento, o aparecimento dos primeiros sinais de mudanças na postura arquitetônica cemiterial e nas décadas seguintes, o modo de relacionar-se com a morte e seus sinais sofreram importantes mudanças. Perderam espaço e relevância, as manifestações antes bastante comuns, como o uso de roupas pretas ou manifestações públicas de dor: o comedimento será a palavra de ordem.

Alguns procedimentos, aos poucos, deixam de ser feito quando da ocorrência da morte, como parar o relógio na hora da morte, acender velas em casa, colocar faixas pretas nas portas e janelas, ou encher “a casa com flores, tanto para homenagear o defunto como para disfarçar o odor exalado pelo cadáver em decomposição”.<sup>335</sup>

No final do século XIX e até as primeiras décadas do século XX era comum que as pessoas cumprissem um período de luto, onde evitavam festas e o uso de roupas de cores vivas cuja duração dependia do parentesco da pessoa com o morto. No caso de “um cônjuge, pai, mãe ou filhos, nunca era inferior a um ano. Avós, irmãos e irmãs, no mínimo um semestre e tios ou tias, dois meses ao menos”.<sup>336</sup> Houve viúvas, que tomando o exemplo da rainha Vitória, jamais abandonaram o luto.

A viúva era a personificação da perda com seus trajes e seus modos. Após a morte do cônjuge, ela deveria comportar-se de acordo com as regras previstas para o seu estado, algo que não era cobrado ou esperado dos homens da mesma forma já que eles “podiam seguir adiante com seus afazeres sem grande censura social”.<sup>337</sup> Despir-se de certas vaidades como não utilizar brincos, enfeites de ouro ou outros adornos para as mulheres era algo bastante comum. No caso dos homens, eles não faziam a barba por um mês o que poderia chegar até um ano.<sup>338</sup> As mulheres, caso precisassem sair de casa, deveriam fazê-lo em raras ocasiões, como missas e visitas ao cemitério.

---

<sup>335</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 17.

<sup>336</sup> MENDONÇA, Míriam da Costa Manso Moreira de. Op. Cit., p. 36.

<sup>337</sup> Ibid., p. 37.

<sup>338</sup> MACHADO, Carlos Alberto. **Cuidar dos Mortos**. Sintra: Instituto de Sintra, 1999, p. 27.

De acordo com a proximidade ou distância dos laços, a elaboração do luto exigia períodos mais prolongados, outros médios e outros mais curtos, a serem regulados por determinados códigos da etiqueta funerária, geralmente divulgados nos *manuals de civilidade*. O uso da cor negra, o terno, a gravata e o chapéu para os homens; para as mulheres, a mantilha ou chorões, sendo as joias interditas, permitindo-se todavia adereços adequados para a ocasião. Já para os jovens, era aconselhado o uso da faixa negra na lapela ou no braço direito (grifo do autor).<sup>339</sup>

No primeiro e no segundo ano, as mulheres deveriam ficar mais reclusas em suas casas, trajando negro e véu. Vale lembrar que o uso da cor preta e de símbolos desse tom são práticas antigas encontradas desde a antiguidade. Dentre os costumes de uma família romana de luto, “ou quando um parente ou um amigo era acusado de um crime capital, os homens vestiam uma toga de cor escura, na maior parte dos casos, preta”.<sup>340</sup>

Mas, o que mudou para que os túmulos perdessem, pouco a pouco, o seu importante lugar nos ritos funerários? Para Ariès o túmulo foi deixado de lado pela introspecção dos sentimentos.<sup>341</sup> Para Mauro Koury, até chegar à contemporaneidade foi se afirmando um comportamento discreto onde o luto parece prescindir de expressões públicas de dor.<sup>342</sup> Inclusive, o cemitério deixou de ser o lugar preferencial das manifestações de pesar e a Haas sentiu essa mudança desde os seus primeiros momentos.

Nesse processo alguns acontecimentos tiveram participação especial. O mármore importado ainda era usado na cantaria, mas teve seu uso reduzido, de acordo com Maria Elizia Borges, a partir da crise que abalou as indústrias do país após a Primeira Guerra Mundial. As importações diminuíram dando preferência a produtos de primeira necessidade, dentre os quais não figurava o mármore. As oficinas marmoristas tiveram que, aos poucos, trocar o produto importado pelo

---

<sup>339</sup> MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. Op. Cit., p. 72-73.

<sup>340</sup> GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na antiguidade**. Publicações Europa-América, Portugal, 1981, p. 29.

<sup>341</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 294. 269.

<sup>342</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 3.

nacional e utilizar materiais menos nobres para a confecção das obras tumulares.<sup>343</sup> Mas não foi só nas importações que a Primeira Guerra teve sua participação. É fundamental localizar que os novos modos de lidar com a morte, de forma mais contundente, começaram a ser percebidos após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Para José Alberto Olivença Duarte é após a primeira guerra que “se nota o abandono de uma visão tradicional em prol de atitudes que tendem a esquecer que a morte está presente na sociedade”.<sup>344</sup> Em a “Era dos Extremos”, Eric J. Hobsbawm, fala da “experiência partilhada de viver com a morte”<sup>345</sup> perante o desaparecimento de amigos, parentes e vizinhos ocorridos quase que diariamente. Os corpos mortos passaram a ser vistos com mais frequência por conta de bombas e ações de guerras em meios urbanos, o que ocorreu com maior frequência na 2ª Guerra Mundial. Para Jean Pierre Bayard, “depois de nossas duas últimas guerras, os cemitérios militares, com seus alinhamentos alucinantes e uniformes, de uma limpeza meticulosa, deixam-nos na perplexidade de drama coletivo”.<sup>346</sup>

Para o filósofo Michel Serres não é possível desconsiderar, na construção de uma nova sensibilidade os efeitos das duas grandes guerras.<sup>347</sup> A morte invade as cidades, as casas e os rituais, não ocorrem de acordo com a tradição e as crenças religiosas. Para muitos falecidos não se pode dar a sepultura ou ao menos saber como morreram. A frequência com que isso ocorreu deve ter contribuído para mudanças no campo funerário e temporalmente coincidem com as primeiras observações acerca dessas alterações nos países ocidentais. Do mesmo modo para Ariès, a Primeira Guerra Mundial é um marco na transformação das sensibilidades fúnebres que eram, em grande medida, as mesmas até o começo do século XX, entretanto “as atitudes tradicionais foram abandonadas pelos Estados Unidos e pelo noroeste da Europa industrial, sendo substituídas por um novo modelo do qual a morte foi como que expulsa”.<sup>348</sup>

---

<sup>343</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit. p. 73.

<sup>344</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 19.

<sup>345</sup> HOBBSAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 34.

<sup>346</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., 1996, p. 247.

<sup>347</sup> SERRES, Michel. Op. Cit., p. 12.

<sup>348</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 294.

Durante os conflitos, a morte atingia quase tudo: a família, a casa, o país. A experiência de milhares de judeus nos campos de concentração e o silêncio adotado por como forma de sobrevivência, fez dos muitos mortos na Segunda Grande Guerra, algo a ser esquecido, o que deve ter fortalecido o silêncio em torno deste evento. Os campos de extermínio da Segunda Guerra e os arsenais de armas mais eficazes do que na sua antecessora, tem seu papel no horizonte dessas mudanças. Diante de tantos corpos a serem enterrados, de tantas cidades devastadas por bombas, Michael Löwy asseverou que “nenhum século na história conheceu manifestações de barbárie tão extensas, tão massivas e tão sistemáticas quanto o século XX”.<sup>349</sup>

Mesmo concordando com o peso das guerras, Phillipe Ariès advertiu Geoffrey Gorer, autor de “Pornografia da morte”, de 1955, por ter atribuído muita importância às duas grandes guerras como motivadores especiais das mudanças.<sup>350</sup> Tendo muita ou pouca participação, não há como desconsiderar que a devastação da bomba atômica, a morte aos milhares, o fim de famílias e cidades inteiras, tenham rompido laços e lançado homens e mulheres, em uma nova condição de vida e de morte.

Na marmoraria Haas, Guido antes de assumir oficialmente a administração começou a executar, em 1945, além dos trabalhos de cantaria, a lustração de granitos e trabalhos em marmorite, que tinham maior saída. A produção da Haas, na década de 1950, já conta com os trabalhos de lustração de pedras e a confecção de túmulos em pedras maciças de granito trabalhadas na cantaria. As pedras, de acordo com Rolf, vinham em sua maior parte de “Benedito Novo, eram lá talhadas na rocha, trazidas pra cá, carregávamos no próprio caminhão, trazíamos para Blumenau e lá começávamos a lavrá-las”.<sup>351</sup> A produção diversificou com a fabricação de meio fio, um tipo de pedra utilizada para fazer canteiro, talhadas em 2,00 x 0,40m em cantaria. Esse tipo de material era muito utilizado como delimitadores de túmulos, por exemplo.

---

<sup>349</sup> LÖWY, Michael. Barbárie e modernidade no século 20. Tradução: Alessandra Ceregatti.

**Revista Espaço acadêmico.** Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/col\\_lowy.htm](http://www.espacoacademico.com.br/col_lowy.htm)>. Acesso em: 30 jun. 2011, p. 2.

<sup>350</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 269.

<sup>351</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

Mathias deixou-nos sua impressão sobre a administração de Guido, que para ele, estava empenhado em atender todas as exigências modernas.<sup>352</sup> Ele reconhecia que Guido fazia esforços para atender as mudanças de seu tempo, como a entrada de novos materiais, a redução dos investimentos em arte funerária, as necessidades de mecanização e a intensificação da padronização dos formatos.

Rolf recorda que viu seu avô Mathias trabalhar até o início dos anos de 1950, mas ele “parou um tempo e foi morar em Gaspar, ainda na década de 1940, por motivos de saúde e ele retirou-se um pouco do trabalho, mais tarde voltou e fazia trabalhos de escritório”.<sup>353</sup> No início dos anos 1950, a marmoraria chegou a ter seis funcionários trabalhando com pedras, em cantaria. Mas já não eram fabricadas esculturas com a técnica utilizada pelos marmoristas. A empresa Haas, agora administrada por Guido, continuava a fabricar os túmulos, só que a maior parte da produção era em granito, marmorite e algumas peças em cimento.

A nova situação comercial, encontrada por Guido, envolveu tanto questões de oferta como o ingresso de novos valores na forma de relacionar-se com a morte. Algumas décadas antes, os grandes monumentos destinados à família deixaram de ser uma prioridade na ordem de escolha dos modelos mortuários. Algo que pode ter contribuído, por sua vez, para as futuras alterações de formato e investimentos tumulares sentidas de forma mais marcante na administração de Guido e de seu sucessor, Rolf. É possível notar que, anos antes de Mathias transferir a administração, no lugar da monumentalidade passaram a ser encomendados com mais frequência, túmulos de menor porte. Nessas construções, as referências diziam mais respeito ao indivíduo ou ao amor conjugal, sem pretensões de agrupar a família, como nas menções arquitetônicas anteriores que pareciam assemelhar-se às casas ou capelas.

Quando surgiram os primeiros cemitérios, destaca Antônio Motta, as famílias buscaram construir túmulos para reunir o grupo em jazigos, como uma forma de reiterar “a idéia de ser aquele lugar a

---

<sup>352</sup> Original: “*Der heutige Eigentümer der MARMORARIA HAAS Guido Walter Haas, der sich bemüht, allen Ansprüchen der Neuzeit gerecht zu werden*”. HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 2.

<sup>353</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.



continuidade da casa ou equivalente simbólico de unidade residencial da família conjugal”.<sup>354</sup> Nas primeiras décadas do século XX, o foco mudou para o culto do indivíduo, do ente querido que deixou o seio da família e no cemitério recebe o seu espaço único, consagrado a sua trajetória, “com o intento de evocar traços reveladores da sua pessoa, traduzidos como expressão de particular afeto”.<sup>355</sup>

Esse direcionamento para o indivíduo teve seu impacto no mercado que se voltou também para a produção de túmulos menores, ainda com ornamentação e alegorias, mas sem os investimentos na dimensão do sepulcro. A produção tumular acabou por atender a substituição da união das famílias em seus monumentos, pela dor da perda sentida e singular daqueles que sofreram a perda. Uma dor que parecia, em grande medida, ausente ao olhar dos que costumavam ir aos cemitérios em busca de grandes obras voltadas a enaltecer o grupo, contando pouco sobre o impacto da perda de cada um de seus integrantes. O que foi igualmente assinalado por José Carlos Rodrigues:

Com o tempo também serão privatizados os destinatários das mensagens do monumento funerário. Reduzem-se aos familiares, as pessoas quase únicas que passarão a cultivar o túmulo individual ou particular. Do ponto de vista sentimental, coerente e reciprocamente, a sepultura privada interessará doravante apenas àqueles que tivessem tido algo a ver com o morto específico que a ocupa.<sup>356</sup>

A individualização do túmulo provocou mudanças na produção da Haas e tem um exemplar a altura: o jazigo de José de Mendonça Nogueira assassinado em 1914 e sepultado no Cemitério São João Batista, em Fortaleza, no Ceará (Figura 55). O relato de sua morte, a descrição de seu túmulo e outros elementos presentes no triste desfecho de sua vida, descritos pelo historiador Henrique Sérgio de Araújo Batista, são comoventes e fornecem detalhes de uma postura particular, onde um túmulo pode ser um doloroso protesto.

---

<sup>354</sup> MOTTA, Antonio. *À flor da pedra*. Op. Cit., p. 19.

<sup>355</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>356</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Sentidos, sentimentos*. Op. Cit., 56.

Figura 55 - Detalhe aproximado da lápide de José de Mendonça Nogueira



Fonte: Dissertação de Henrique Sérgio Araújo Batista<sup>357</sup>

Na cabeceira do túmulo de José de Mendonça Nogueira, a face esculpida do jovem morto é apenas uma parte do enredo de dor, saudade e espera por justiça que tem como suporte de escrita, a pedra tumular. A descrição feita por Henrique Sérgio de Araújo Batista é dotada de um olhar sensível acerca do que se vê sobre o corpo morto do jovem e a condução mais adequada para nosso olhar sobre um monumento, que é um discurso em si. Vamos a sua descrição:

Dois corações unidos trespassados por uma espada. Corações esculpido em alto relevo e enegrecidos pelas marcas do tempo apresentam-se pulsando, vivos. Vencendo a Lei da Gravidade, o sangue jorra para cima em forma de labaredas para logo em seguida cair como lágrimas, lágrimas de sangue. Em relevo, no alto, as chamas das labaredas diminuem de intensidade e surge o rosto de um jovem. Embaixo do mesmo está

<sup>357</sup> O túmulo de José de Mendonça Nogueira não é obra da marmoraria Haas. A imagem do túmulo foi retirada de: BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida**. Op. Cit., p. 98.

escrito “MEU FILHO”, de onde também escorre uma profusão de lágrimas, derramadas pelos pais do falecido que se encontram esculpidos na lateral direita, um pouco acima de seus próprios corações, feitos outrora de alvo mármore. Orando ajoelhada, após depositar um ramallete de flores em cima da campa do jazigo, a mãe se protege do frio com um xale que cai por sobre seu vestido longo e deixa revelar apenas parte de um sapato. Ao seu lado, firmemente em pé, o pai. Ao se posicionar ereto, estaria querendo afirmar que, apesar da dor, a genuflexão é própria das mulheres? Não saberia afirmar. Sua dor era enorme e era necessário apresentar-se forte para proteger sua mulher. Em pose grave, mostra-se também formalmente vestido e, assim como o relevo de seu finado filho, segue os ditames da moda fixando a gravata com um prendedor. Trata-se de visita de cova e não de sepultamento, pois ambos se encontram diante de um jazigo já construído e em cuja extremidade existe uma cruz sobre algumas pedras. Fugindo, uma cobra é atingida por uma descarga saída do céu, na lateral esquerda da cena anterior. No início do raio, gravou-se no mármore uma expressão em latim - JUSTUS DEUS. Se a justiça dos homens pode não trazer certeza, a divina nunca falha.<sup>358</sup>

A leitura da lápide, apresentada acima, mostra que não bastou aos pais, render homenagem ao filho único, mas foi preciso gravar os sentidos de sua perda e detalhes do crime. Morto por Sixto Bivar, depois de um desentendimento, os pais viram o assassino ser inocentado e passou a contar com a justiça divina. A profusão de elementos presentes no túmulo, construído com as características do jazigo individual, pode soar estranho quando comparamos com obras mais contemporâneas.

Os detalhes deste enredo pertencem ao seu tempo onde, passantes e visitantes, seus contemporâneos, podiam chegar ao signo e seu significado com relativa facilidade. Prestes a fazer 100 anos da morte de José de Mendonça Nogueira, o pesquisador Henrique Sérgio de Araújo Batista, contou ainda em sua pesquisa, com o livro escrito pelo pai do jovem, Joaquim Nogueira, intitulado “Meu filho”, o mesmo

---

<sup>358</sup> Ibid., p. 88-89.

lamento presente no jazigo. A leitura desses dois testemunhos dá a dimensão de uma morte que envolve a família, amigos e vizinhos e para tal, não bastariam o nome e a data. O túmulo é tido como o espaço da memória que deve ser vista e visitada por quem chega ao cemitério.

Mesmo trazendo uma significativa mudança na produção tumular tanto o grande mausoléu de família como o túmulo individual são partes de um momento no qual o cemitério, ou melhor, o lugar de sepultamento, era o destino dos investimentos mais importantes no ritual funéreo. Apesar do ingresso do túmulo individual trazer em seu âmago, algo que contribuiu para menorizar a monumentalidade e, por conseguinte, o emprego de recursos.

O cemitério como local de investimentos é para ser visto e visitado. Atualmente, ele já não conta com a mesma consideração, estando na maior parte de seu tempo relegado aos poucos aos quais interessam diretamente os que ali habitam. Exceção ocorre em Finados, que os movimenta já nos dias anteriores a data, para as limpezas de túmulos e arrumações. O dia 2 de novembro, que tem sua instituição atribuída a um abade de Cluny, da Borgonha, e remonta ao ano 1000,<sup>359</sup> contrasta com os demais dias: ele reintegra o cemitério à comunidade que percorre seus espaços para prestar as homenagens aos seus, ou mesmo, para apreciar o movimento dos arredores, como no caso do São Francisco de Assis, em Florianópolis.

O Dia de Finados tem uma particularidade: das atitudes relacionadas com a morte consideradas tradicionais, ela é a que, todavia, mantém sua vigência, levando muitas pessoas a visitar os túmulos e passar seu tempo no cemitério para prestar suas homenagens. Os jornais sempre dão espaço para registrar o dia e o afluxo de pessoas que participam das cerimônias, o que indica que

No Brasil, mesmo com a expansão urbana ao longo do século XX, o crescimento da alfabetização, a popularização do ensino formal, o avanço das indústrias e, entre outras questões, da tecnologia, certas atitudes permanecem, como expressam a popularidade dos finados sobre outros feriados, as relações com os mortos em cemitérios e a manutenção de cruzeiros em rodovias pedagiadas: o motorista pode pagar o pedágio

---

<sup>359</sup> SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval** (trad. Maria Lucia Machado). São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 194.

com cartão, mas lá estão as cruzes nas curvas mais perigosas.<sup>360</sup>

Mas a movimentação se extingue nos dias subsequentes ao feriado, o que somente é quebrado pela excepcionalidade dos enterros de famosos, por exemplo. As mudanças ocorridas na arquitetura cemiterial provocaram mudanças na produção, porém Guido dá continuidade ao trabalho da marmoraria, apostando em valores defendidos por seu pai, como mostra o anúncio que circulou após o mesmo assumir os negócios que utilizava a expressão “Arte monumental para cemitério”. Mas a produção nesse momento baseava-se muito mais na fabricação de pedras tumulares, cabeceiras e canteiros. No mesmo anúncio, junto ao nome da marmoraria estão as iniciais do novo administrador “G.W.H”, onde ele é apresentado como sucessor (Figura 56):

Figura 56 - Publicidade que anuncia Guido como sucessor

**MARMORARIA "HAAS"**  
 Diversos Prêmios, Diplomas e Medalhas de ouro  
 1898 fundada em 1898

MÁRMORES, GRANITOS, MOSAICOS  
 TÚMULOS, ESTATUAS, ESCULTURA, ARQUITETURA

*Mathias Haas*  
 PROPRIETARIO  
 Fundador e Mestre

*Guido W. Haas*  
 Sucessor  
 Diretor - Garante

BLUMENAU - Rua São Paulo, 41 - Caixa Postal, 51 - Santa Catarina - Brasil

Fonte: Acervo Família Haas

Guido Haas continua investindo em equipamentos para execução de trabalhos de arquitetura mortuária e civil, como pisos, escadas e acabamentos para casa, como politrizes e serras de grande

<sup>360</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 262.

porte. A arquitetura civil foi importante neste momento de crise no setor de produção de túmulos, dando fôlego produtivo para a Haas, porém como será visto mais adiante, não conseguirá reverter a má situação da marmoraria. As politrizes eram utilizadas para trabalhar as chapas de granito que, durante as décadas de 1950 e 1960, não eram encontradas em Santa Catarina, mas somente em São Paulo e Rio de Janeiro. As politrizes permitiam comprar as chapas nesses dois estados e trabalhá-las na oficina. Somente anos mais tarde, o município de Pomerode começou a produzir granito em chapa em Santa Catarina, o que facilitou a aquisição do produto.<sup>361</sup>

Mais resistente que o mármore, o granito tornou-se um material popular e hoje em dia é encontrado em grande quantidade nos cemitérios catarinenses e de outras cidades brasileiras. Para Rolf, o principal motivo para sua popularidade é a sua durabilidade, além da ocorrência de granitos de qualidade em nosso estado, um tipo de “granito escuro e também vermelho da região de Subida, com facilidade de encontrar, onde se optou por ele nesses trabalhos bem pesados”.<sup>362</sup>

Na gestão de Guido, a marmoraria teve vários representantes comerciais, o que incrementou o seu setor de vendas (Figura 57). A marmoraria investiu no sistema de vendas com representantes e recebia encomendas de outras marmorarias, de peças e de obras completas, em granitina e outros. O sistema facilitava o contato com o cliente que conhecia os produtos por catálogos e publicidades, sem precisar montar uma filial em outras regiões. Em Florianópolis, por exemplo, era o próprio Guido que gerenciava as vendas até a abertura da Marmoraria Haas, de seu irmão Eugênio Bernardo, na capital do Estado.

Diversos municípios catarinenses eram atendidos por representantes como “Lages, para o sul do estado, a região norte aqui era muito trabalhada, tinha vendedor específico para a região de Jaraguá”.<sup>363</sup> Na região de Jaraguá do Sul (norte do estado) o representante era o Sr. Erich Ehlert, que permaneceu por muito tempo nessa função.

A administração de Guido vai até o final da década de 1960 e o período que esteve à frente dos negócios da família foi marcado pelo declínio da arte funerária, o quase desaparecimento do mestre-escultor e

---

<sup>361</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>362</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>363</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

a entrada de materiais nacionais no lugar dos materiais importados, dentre outros. Em vez do mármore, bastante encontrado na arte produzida pelos marmoristas, a empresa passa a produzir mais peças em granito com o auxílio de máquinas, feitas em séries e em maior quantidade. Guido presenciou o fim do período do marmorista e enfrentou um mercado mais industrial e capitalizado.

Figura 57 - Cartões de apresentação da Haas - diversos



Fonte: Acervo Família Haas

Guido teve cinco filhos e todos trabalharam com ele na marmoraria. Seu filho Ivo trabalhou como representante comercial e Rolf, o segundo filho foi seu sucessor. Mais precisamente em 1967, Rolf Mathias Haas assumiu a administração da empresa. Ele que havia começado a trabalhar com o pai Guido desde muito cedo e que chegou a ver o avô Mathias trabalhar, agora tinha o compromisso de administrar os negócios. Em 1963, Mathias faleceu aos 76 anos e a empresa seguia seu rumo com o trabalho de seus descendentes, com a administração geral nas mãos de mais uma geração da família.

### 3.2 - Pensando novos rumos: a administração de Rolf

Quando Rolf assumiu a “Casa Haas - Oficina de Mármore”, a empresa estava em dificuldades. Apesar de atuar no ramo civil, a queda das vendas no setor funerário fragilizou as finanças. O carro chefe da

Haas era o trabalho de fabricação de túmulos e seus componentes, como lápides e ornamentos. Rolf teve que empreender mudanças para permanecer no mercado e atender a questões trabalhistas, o que exigiu algumas remodelações na linha de produção e no setor pessoal.

Na administração de Guido, a produção foi direcionada, aos poucos, para a fabricação em série de obras com poucas esculturas e em materiais como granito e granitina, além da intensificação dos produtos de arquitetura civil. Rolf continuou com a mesma linha de produção e, para diversificar, passou a fazer serviços de frete levando material para outros estados brasileiros e trazendo as pedras de granito em chapa, de volta.<sup>364</sup>

A introdução de novas normas e de benefícios concedidos aos trabalhadores complicaram significativamente as contas da empresa. A marmoraria enfrentava um período crítico com uma equipe numerosa. Considerando a produção e a demanda de serviço naquele momento, a empresa Haas não necessitava de tantos funcionários, mas com as novas leis trabalhistas não tinha condições financeiras para demitir os funcionários que, dentre os gastos deveriam receber o pagamento retroativo do FGTS<sup>365</sup>, introduzido em 1966. Como medida administrativa, Rolf decidiu manter os funcionários, sem demissões e muitos ficaram até a aposentadoria.

O trabalho da marmoraria com arte funerária era sazonal, ou seja, dependia principalmente de datas como Finados e, com o passar dos anos, o investimento em arquitetura mortuária, por parte das famílias, foi ficando cada vez menor. A demanda, em grande medida, era ditada pela ocorrência do óbito. Momento que era aproveitado também para ampliar um jazigo e, dificilmente, os clientes buscavam algum tipo de serviço em outra ocasião, destaca Ronald. A procura pelo serviço de construção de túmulos intensificava mesmo próximo a Finados, quando “todo mundo quer arrumar o túmulo, quer consertar, finalizar ou finalmente, fazê-lo”.<sup>366</sup> Comparando com o mercado da

---

<sup>364</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>365</sup> O Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) foi criado pelo Governo Federal em 1966 como forma de proteger o trabalhador em casos de demissão sem justa causa, por meio de depósitos feitos em uma conta vinculada ao contrato de trabalho. Para saber mais: **Caixa Econômica Federal**. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

<sup>366</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.



construção civil, onde ninguém pensa em construir no começo do ano, Rolf acrescentou que a parte dedicada à arquitetura cemiterial dependia de bons períodos, como o dia 2 de novembro, data em que “tem que estar pronto o pedido. Então, precisa ter gente especializada, que fica no meio tempo, ociosa”.<sup>367</sup>

A empresa quando produzia túmulos em granito maciço precisava de algo em torno de seis funcionários na cantaria. Depois passou a produzir os modelos com revestimento em granito, como atualmente são encontrados no cemitério, mas “nós fizemos túmulos com mais de mil horas de mão de obra”, destaca Rolf<sup>368</sup>. Para ele, foi mais a partir da década de 1960 que as famílias deixaram de investir em túmulos ornamentados, momento que o impacto neste setor foi mais intenso.<sup>369</sup> Para o pesquisador Sandro Blume, a diminuição nos investimentos ocorreu

por volta da década de 1950, praticamente desaparecendo no decorrer do século. Os jazigos passaram a ser construídos com menos detalhes simbólicos e a arquitetura passou a apresentar mais simplicidade através da adoção de formas retas e da utilização de materiais como a cerâmica e o granito, de custo mais modesto em relação a materiais como o mármore.<sup>370</sup>

Parece ser um consenso entre diferentes autores que, no caso brasileiro, até a década de 1970, os ritos de morte passaram a apresentar um caráter menos tradicional e comunitário, com uma “perda progressiva de força da simbologia e da tradição das instâncias desindividualizadoras no Brasil”.<sup>371</sup> Tal situação vai impor novas posturas ao empresário do setor e para o pesquisador, permitirá tecer análises acerca da relação com a morte e os mortos. E mesmo que seja considerada a presença de alguns descompassos entre as mudanças

---

<sup>367</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>368</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>369</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>370</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 120.

<sup>371</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 184.

sociais e os padrões funerários, como assinala a pesquisadora Maristela Carneiro na citação a seguir, a análise indica que à medida que nossa sensibilidade no campo funéreo alterou-se para modos mais discretos, os túmulos acompanharam tal tendência:

A manutenção de padrões funerários por longos anos, conforme a natureza conformativa, não implica acomodação social sem alterações. Do mesmo modo, as rupturas destes padrões também não podem ser associadas diretamente às mudanças sociais características do tempo em questão, porque uma mudança nos padrões das práticas pode não ser contemporânea às alterações estruturais, uma vez que isso implicaria desconsiderar as resistências das mesmas.<sup>372</sup>

O fato é que a consolidação de uma arquitetura de poucos investimentos, juntamente com a utilização do granito e da alvenaria apontam questões relevantes que se relacionam com o lugar reservado para a morte e os mortos em nossa sociedade. Para o pesquisador José de Anchieta Corrêa, a sociedade do bem-estar que se consolidou no Brasil nas últimas décadas do século XX, fez do evento da morte, algo burocrático e técnico, do qual a família deve participar sem manifestar emoções muito fortes, mas preparar tudo para se livrar do corpo: a dor muito visível gera repugnância ou constrangimento.<sup>373</sup> Nesse processo também participam novos valores que impuseram outras “formas de demonstrar a riqueza, como por exemplo, através da aquisição de automóveis de alto valor de mercado”<sup>374</sup> que acabaram por impor mudanças no mercado estudado e desenhou o comportamento de clientes e das empresas especializadas.

Percebe-se que a administração de Rolf, desde os primeiros momentos na década de 1960, foi marcada por tomadas de decisões importantes que reestruturaram a empresa buscando mantê-la ativa. Dentre as medidas adotadas por ele, está a reforma geral no maquinário.

---

<sup>372</sup>CARNEIRO, Maristela. **Construções tumulares e representações de alteridade**: materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011. 2012, 165p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012, p. 26.

<sup>373</sup>CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 34.

<sup>374</sup>BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 120-121.

Ele trocou as máquinas que ainda eram movimentadas com correias, por máquinas motorizadas e reorganizou a oficina. Os modelos mais padronizados e as exigências de prazos para entrega em todo o estado fizeram da máquina motorizada, uma necessidade. No entanto, os marmoristas foram aos poucos “perdendo sua função social, sendo progressivamente atingido pelas limitações e mutilações das faculdades criativas que levariam à alienação”.<sup>375</sup>

No período áureo da produção cemiterial, a marmoraria necessitava de um bom número de funcionários e chegou a ter dezoito funcionários durante a administração de Guido. Este ramo empregava muitos artesãos, como Mathias, profissionais da arte que atendiam aos pedidos que, geralmente, exigiam ornamentos e detalhes artísticos. A procura por esses profissionais, com as mudanças aqui assinaladas, diminuiu consideravelmente. Na mesma medida que os canteiros foram atingidos, igualmente, os velhos equipamentos caíram em desuso, como a base giratória, de madeira, utilizada em trabalhos de cantaria (Figura 58).

A produção em série e o polimento de peças em granito, feita na máquina acima, mostram parte das alterações no setor. A antiga base de madeira facilitava o trabalho de esculpir e era utilizada pelo escultor. Sobre a base, a peça em granito, denominada gaita por assemelhar-se a um estojo de acordeão, é uma peça trabalhada a mão e não tem relação com a base que a sustenta, sendo somente um dos diferentes tipos de peças que foram confeccionadas na oficina da Haas.<sup>376</sup>

Quando Rolf assumiu a administração, a empresa tinha pedidos de materiais diversos pendentes, mas não havia perspectiva de cumprir com os prazos, apesar de ter tempo e empregados suficientes. Ele reuniu os seus funcionários e reforçou a qualidade do grupo e a capacidade de atender a produção, garantindo um retorno em forma de premiação, caso conseguissem atender todas as encomendas até o dia de Finados, faltando um mês para a data. A conversa com o grupo funcionou e aumentou o empenho dos funcionários que conseguiram entregar as encomendas no prazo combinado.<sup>377</sup>

---

<sup>375</sup> BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**. Op. Cit., p. 53.

<sup>376</sup> Haas, Ronald. **Nome do instrumento** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br > em 3 out. 2012.

<sup>377</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

Figura 58 - Equipamentos utilizados em marmorarias



Fonte: Acervo Família Haas

Do mesmo modo, Rolf fez mudanças no horário de funcionamento da empresa. A rotina da marmoraria era de dez horas diárias, com intervalos para o almoço e lanches e funcionava de segunda

a sábado. Ele instituiu a semana inglesa,<sup>378</sup> com expediente de segunda a sexta.<sup>379</sup> Seguindo com a proposta de melhorar a produção, ele foi reduzindo gradativamente o número de funcionários de dezoito para doze que, incentivados pelo sistema de premiação mantido depois da primeira experiência bem sucedida, conseguiram atender ao mesmo volume de trabalho dos dezoito anteriores.

O impacto causado pela “modernização e a padronização tumular”,<sup>380</sup> que foi sentido pela Marmoraria Haas, também afetou outras empresas do ramo como a Casa Aloys. Ela fora instalada em 1884 por Miguel Friederichs e em 1891, adquirida por Jacob Aloys, foi responsável por boa parte da arte mortuária gaúcha. A Casa Aloys dedicou-se a estatuária e atendeu vários estados, em especial, aos estados do sul do Brasil, como anunciado em sua publicidade (Figura 59), com obras instaladas em cemitérios catarinenses e importados pela marmoraria Haas.<sup>381</sup>

Soma-se ao contexto de declínio dos investimentos em obras funerárias, o fato dos cemitérios passarem a ser alvos de mais críticas, o que pode também ter contribuído para a decadência dos recursos investidos neste espaço. As críticas que iniciaram já nas primeiras décadas do século XX, conforme foi visto anteriormente, foram se intensificando com o crescimento urbano e o aumento populacional, ao longo da década de 1960, e colocaram em xeque sua capacidade de atender as necessidades das cidades e de seus moradores. Por exemplo, em 1965, o problema da falta de espaço para sepultamentos é notícia no Jornal do Brasil. Junto com a notícia sobre Finados, o periódico fala

---

<sup>378</sup> O regime de compensação dos sábados denominado "Semana Inglesa" consiste na possibilidade da supressão das horas trabalhadas aos sábados, com a respectiva distribuição dessas horas nos demais dias da semana, respeitando-se o máximo de 10 horas de trabalho por dia e 44 semanais. In: **Jus Brasil**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca;jsessionid=62139EA0BEEC6E07D692BCA05422FD00?q=semana+inglesa&s=jurisprudencia>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>379</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>380</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino**. Op. Cit., p. 54.

<sup>381</sup> *Ibid.*, p. 51.

sobre a superlotação dos cemitérios do Rio de Janeiro.<sup>382</sup> O mesmo problema é assinalado na década seguinte, no mesmo jornal, que protesta pela falta de sepulturas denunciado o caso como algo “grave”.<sup>383</sup>

Figura 59 - Publicidade da Casa Aloys



Fonte: Acervo Família Haas

Atualmente, passam por esse problema cidades catarinenses como Chapecó, Lages e Tubarão. Em Florianópolis, o cemitério São Cristóvão, em Coqueiros, não possui vagas e o maior e mais tradicional da capital, o São Francisco de Assis, tem disponíveis somente gavetas e poucos espaços para novos túmulos, em áreas de circulação, o que dificulta o acesso aos túmulos. A capital catarinense não conta com

<sup>382</sup> Romaria aos cemitérios começou cedo e foi maior no Caju. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, nº 257, 2/11/1965. In: Acervo digital do Jornal do Brasil. Google news. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19651102&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 out. 2013.

<sup>383</sup> Cemitérios abrem até às 18h em Finados com chuva. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, nº 208, 2/11/1978. In: Acervo digital do Jornal do Brasil. Google news. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19781102&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 out. 2023.

cemitérios verticais, tendo apenas um cemitério jardim desde a década de 1970.<sup>384</sup>

O problema das vagas, em cemitérios, é notícia de jornal também em São Paulo. Ademais de reforçar a valia da questão, a notícia que segue acrescenta peculiaridades ao debate. Há alguns anos, diante da falta de espaço no cemitério da Saudade, em Santa Cruz do Rio Pardo, município de São Paulo,<sup>385</sup> um vereador sugeriu a construção de jazigos verticais. Para ele, a proposta iria evitar a construção de um novo local ou mesmo a ampliação do atual, já que os jazigos verticais eram “uma opção muito mais prática”, justificou o vereador.

Alguns vereadores discordaram da proposta. Eles alegaram que este tipo de jazigo era privilégio de cidades maiores e iria desagradar a população que “gosta de construir túmulos e enfeitá-los, o que não ocorre nos jazigos verticais. É uma questão de tradição”.<sup>386</sup> A solução para os que discordaram da ideia dos jazigos verticais seria a ampliação do cemitério em um terreno ao lado. No Cemitério da Saudade, é possível perceber que a sugestão de introduzir os sepultamentos verticais, sofreu resistência diante da noção de que não permitiria os ritos, o que pode ocorrer dada a ausência de espaço para construções sobre o corpo.

Rolf enfrentou uma crise da arte tumular suplementada pela superlotação dos cemitérios e pelo aumento de empreendimentos onde havia pouco espaço para obras dos marmoristas, como cemitérios jardins e verticais. Além dos crematórios, que serão abordados mais adiante, com a incineração dos corpos, que para José Carlos Rodrigues é “praticamente a oficialização da decadência do culto das sepulturas, das visitas aos cemitérios, dos epitáfios e dos monumentos funerários”.<sup>387</sup> Os cemitérios públicos que reinaram por décadas alimentando o trabalho dos marmoristas, em poucas décadas, tornaram-se então, alvos de denúncia de sua lotação ou por sepultamentos feitos de forma indevida, ganhando outros concorrentes. Olhar mais atentamente o que cerca a

---

<sup>384</sup> **Jardim da Paz - Cemitério parque.** Disponível em: <<http://www.cemiterioparquejardimdapaz.com.br/jardim.php>. Acesso em: 28 dez. 2012.

<sup>385</sup> BELEI, Marina. Cemitério de Santa Cruz tem pouco espaço disponível, Cidade, 2006. In: **Portal Uol Notícias.** Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/debate/1311/cidade/cidade11.htm>>. Acesso em: 04 maio 2006.

<sup>386</sup> *Ibid.*

<sup>387</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte.** Op. Cit., p. 177.

“crise” dos cemitérios convencionais e a ascensão de outros modelos cemiteriais é importante para o momento vivido pelo mercado administrado por Rolf.

Atualmente, o comércio de túmulos está restrito, muitas vezes, “a colocação de placas de granito, pequenos vasos, crucifixos, inscrições e fotografias nos túmulos, que em sua maioria são bastante simples, ao contrário das imponentes construções dos séculos passados”.<sup>388</sup> A atual escassez de recursos de ornamentação voltados à religiosidade e aos sentimentos despertados diante da morte, nos cemitérios jardins e, mesmo nos públicos, pode comportar certa recusa aos tradicionais sinais da morte, mesmo no seu lugar por excelência, assim descrito por Antonio Motta:

Os novos espaços cemiteriais parecem refletir um outro tipo de realidade: superfícies gramadas, com jardins que mais se assemelham à imagem do Éden e sua eterna primavera, parques temáticos espetacularizados que conferem ao espaço do morto a inequívoca marca do kitsch funerário hightec ou, ainda, luxuosos edifícios, de vários andares, que abrigam os lugares para enterramento individual, equipados com os mais modernos recursos tecnológicos para o conforto e bem estar da família do morto, muitas vezes a se confundir em seu aspecto exterior com verdadeiros prédios de apartamento ou hotéis de luxo.<sup>389</sup>

Depois das discussões acaloradas acerca da presença dos mortos e seus miasmas e do asseveramento da vigilância médica e sanitária no cotidiano das cidades brasileiras, a relação com o corpo morto não seria mais a mesma. Primeiro, ele deixaria de habitar monumentos sepulcrais e passou a ser mais o abrigo das doenças, do que o lugar de rituais para garantir a paz da alma, devendo dele cuidar o médico e outros especialistas. Aumentaram os critérios de higiene e arquitetônicos com relação ao lugar dos sepultamentos,

---

<sup>388</sup> CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **A antiguidade clássica na representação do feminino**. Op. Cit., p. 45-46.

<sup>389</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**. Op. Cit., p. 16-17.



Talvez motivados pelas epidemias e mortes acentuadas, tornando cada vez mais técnico e racional o trato e o lidar com a morte e o morrer, o processo da morte passa também por uma reconfiguração e um distanciamento das práticas e costumes comuns até então de acompanhamento público do moribundo até a sua morte, do seu velório, cortejo fúnebre e sepultamento.<sup>390</sup>

Reforçado pelo fortalecimento científico, a morte ganhou *status* biológico e perdeu, aos poucos, o seu caráter sobrenatural passando a ser assunto reservado aos médicos e ao espaço do hospital. O cemitério transfigurou-se em espaço onde prima a homogeneidade quebrada pelo colorido das flores nas campas rasteiras e para José Carlos Rodrigues, esse processo de supressão da morte não está absolutamente ligado às sensibilidades individuais das pessoas mais ou menos diretamente atingidas por um óbito; ele responde, ao contrário, a uma coerção social perfeitamente identificável, que obedece a princípios políticos inteiramente localizáveis, característicos de nossa cultura.<sup>391</sup>

Contrariamente ao trabalho executado pelos marmoristas, que marcavam nos monumentos a presença da sepultura, os crematórios, os modelos jardins e verticais não permitem construções tumulares destacadas e tem conquistado adeptos desde a década de 1960, período que Rolf enfrentou a crise no mercado de arte cemiterial. O cemitério vertical, diferentemente dos tradicionais, usualmente instalados em áreas distantes, pode estar próximo aos centros, possibilitando o acesso rápido, podendo ser confundido com os prédios comerciais, pois não necessita deixar claro a sua função.

Tal como os modelos jardins, nos cemitérios verticais o pouco espaço ocupado pelos sepultamentos, feitos em lóculos, dificulta determinadas manifestações arquitetônicas e ritos no local da sepultura. Em Porto Alegre, o primeiro cemitério vertical da América Latina,<sup>392</sup> o São Miguel e Almas (Figura 60), mesmo com o predomínio de catacumbas e a verticalização na construção do cemitério, o culto

---

<sup>390</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 84.

<sup>391</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 165.

<sup>392</sup> Enterrar para cima! In: **Cemitério SP**. Disponível em: <[http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Enterrar\\_para\\_cima.pdf](http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Enterrar_para_cima.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2012.

individual dos mortos não foi impedido, apesar de não se poderem construir túmulos como nos cemitérios convencionais.

Nesse cemitério, a memória individual está presente em um espaço que se propõem a coletivizar e mesmo com a verticalização e padronização dos túmulos é possível ver, permanências e rupturas de estilos diferentes e divergentes nas formas de culto aos mortos, por meio das flores, nomes e mensagens colocadas nos túmulos.<sup>393</sup> Percebe-se que há uma recomendação e mesmo não há suporte para muitas ações no lugar do sepultamento, mas isso não descarta a personalização do local com a colocação de pequenos objetos e mensagens. Contudo, é fato que tais empreendimentos, verticais, crematórios e jardins, não ofereceram o mesmo espaço para o trabalho realizado nos cemitérios convencionais pelos marmoristas.

Figura 60 - Cemitério São Miguel e Almas, Porto Alegre (RS)



Fonte: Acervo do Pibid na Escola

Mesmo com as resistências, como as encontradas na construção de jazigos verticais em Santa Cruz do Rio Pardo, a verticalização já encontra seus adeptos. Em Santos, a Memorial Necrópole Ecumênica, considerado o cemitério mais alto do mundo segundo o *Guinness Book of the Record*, começou a ser erguida em 1983 e atualmente, conta com

---

<sup>393</sup> Cemitério São Miguel e Almas. In: **Projeto Pibid na escola**. Disponível em: <<http://planggpibid.blogspot.com.br/2011/06/visita-macabra.html>>. Acesso em: 18 set. 2012.

mais de 14 mil lóculos distribuídos em 14 andares, estando na lista de pontos turísticos nas Secretarias de Turismo de Santos e do Estado. Está prevista a construção de um novo prédio de 108 metros de altura, que aumentará sua capacidade para 25 mil lóculos e que será o mais alto da Baixada Santista e um dos maiores de todo o País.<sup>394</sup>

Diante do seu *slogan* “a mais alta do mundo... a mais perto do céu”,<sup>395</sup> é difícil não relacionar com os sepultamentos que ocorriam no interior das igrejas, motivados pelo desejo de estar em solo sagrado para obter as graças no Juízo Final. O mais perto do céu era conseguido pela proximidade do altar. O céu hodierno ganhou outros sentidos, depois do surgimento dos aviões e das viagens espaciais. Mais perto do céu pode ter múltiplos significados, afora o religioso e pode remeter a paz, segurança, tranquilidade e eternidade. Colocando os mortos nas alturas, a verticalidade da proposta, é uma das alternativas para encontrar o descanso eterno.

Os cemitérios verticais são apontados como solução para a falta de espaço nas cidades e podem ser definidos como “um edifício de um ou mais pavimentos dotados de compartimentos destinados a sepultamentos”, mas os verticais em funcionamento vão muito além disso. O cemitério Metropolitano,<sup>396</sup> por exemplo, apresenta muitas das características do segmento. Ele conta com jardim, fonte, sala de orações, floricultura e cafeteria. Oferece a possibilidade de adquirir lóculos e ossuários por meio de compra antecipada e para pronta utilização, com opção de velório nobre e serviço personalizado.

Outro exemplo é o Cemitério Vertical de Curitiba, que oferece serviços de assistência funeral, cremação e sepultamento. Possui salas de estar, lanchonete, capelas, ala nobre, ossuário e auditório para realização de cultos. A sua publicidade salienta que oferece ambientes com segurança 24 horas e cuidadosamente higienizados o que “suaviza

---

<sup>394</sup> **Grupo Altstut.** Disponível em: <Disponível em: <<http://www.memorialsantos.com.br/historia/historia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

<sup>395</sup> Ibid.

<sup>396</sup> **Metropolitano cemitério vertical.** Disponível em: <<http://www.cemiteriometropolitano.com.br/site.html>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

o impacto psicológico do momento da despedida, tornando-o menos traumatizante” conforme seu *site*.<sup>397</sup>

Os modelos jardins envoltos por vegetação rasteira e árvores, igualmente pouco lembram a motivação de sua existência, a morte. Afinal, pode-se passar por eles e sem os marcos visíveis dos seus ocupantes, até afirmar “que belo parque!”. Nesses ambientes “o discurso iconográfico dos monumentos é substituído pela cena bucólica dos campos. A epigrafia se limita ao nome e à data de nascimento e morte”.<sup>398</sup>

O geógrafo Eduardo Morgado Rezende observou que muitas pessoas não se importam em fazer caminhadas em cemitérios jardins, por eles não assemelharem-se a um cemitério<sup>399</sup>. O mesmo pode ser aplicado aos verticais que podem ser confundidos com centros empresariais. Com seus túmulos praticamente ocultos na paisagem, eles facilitam a instalação de empreendimentos residenciais em sua proximidade, pegando “carona no atual discurso (tornado prática) do espaço dos condomínios fechados, valorizado pelo verde destas áreas”,<sup>400</sup> declara Eduardo Rezende.

No lugar dos túmulos estão pequenas placas com flores e costuma ser recomendado, aos usuários e visitantes, não depositarem objetos e ornamentos, além das flores, para manter a aparência discreta do local. As pequenas lápides padronizam as construções tumulares que devem compor um ambiente verde e para muitos, ecologicamente correto.

Porém, uma cruz feita de flores encontrada em um cemitério parque (Figura 61) desafia as recomendações para evitar a colocação de objetos e outros sobre o sepultamento. A composição floral simula as

---

<sup>397</sup> Conheça o cemitério vertical de Curitiba. In: **Cemitério Vertical de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.cemiteriovertical.com.br/conheca>>. Acesso em: 5 maio 2011.

<sup>398</sup> OLIVEIRA, Lenise Grasielle de. Da inscrição ao apagamento: memória e morte. **Memento**, Três Corações, v. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3999166>>. Acesso em: 19 nov. 2012, p. 14.

<sup>399</sup> REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida**: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa. São Paulo: Carthago Edithorial, 2000.

<sup>400</sup> REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **O céu aberto na terra**: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana. São Paulo: Necrópolis, 2006, p. 135.

dimensões de um túmulo convencional, demarcando o espaço do corpo e, mesmo horizontalizada, sinaliza de forma evidente o lugar da sepultura.<sup>401</sup> A cruz de flores amarelas introduz uma clara referência religiosa que contrasta com as demais sepulturas, como as duas na parte superior da imagem na mesma figura, que são apenas lápides rasteiras. Uma delas tem o espaço encravado na terra para colocação de flores, ocupado por um vaso, enquanto a outra se distingue apenas pela lápide.

Figura 61 - Sepultura jardim ornamentada



Fonte: MORAIS, 2009

Para Stanley Krippner este tipo de cemitério é “o caminho para a negação da morte” e cita como exemplo California’s Forest Lawn Memorial Park, cemitério estadunidense, onde surgiu “*la moda de que cementerios contarán con su propia funeraria y floristería, para que la gente pudiera comprarlo todo em el mismo sitio, como el que va al centro comercial*”, completa Jessica Mitford.<sup>402</sup> O fundador deste cemitério garante ter feito todos os esforços para despistar os sinais de luto e

Dessa forma, a morte tornou-se “uma despedida” e o defunto, (“the loved one” - “o amado”) é enterrado em uma bem montada “câmara de repouso” após uma bem elaborada sessão de

<sup>401</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 225.

<sup>402</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 183.

cosméticos. Musicas suaves de mensagens inspiradoras fluem vindas de alto falantes escondidos nos arbustos que cercam cada uma das seções do “park”, denominadas “lullabyland, - canções de ninar”, “Graceland” e as em formato de coração “babyland” (grifos do autor).<sup>403</sup>

O que se vê pode beirar a recusa do corpo morto ou ao menos, o seu isolamento em invólucros arquitetônicos sem emblemas fúnebres. E é nos cemitérios atuais onde este escondimento revela-se de, forma mais significativa, pois diante de sepulturas que pouco lembram os monumentos funerários de outrora, é fácil perceber que o lugar da memória do morto está ameaçado, podendo-se dizer que “já não existem monumentos funerários, nem estátuas, nem afrescos nas câmaras mortuárias”.<sup>404</sup>

Resta aos que ficam colocar nomes e datas, frases bíblicas, muitas delas repetidas, em túmulos retos que pouco falam dos sentimentos ali envolvidos, sem fazer muitas descrições do sujeito, da singularidade daquela perda. Uma morte que não deixou de ser pessoal e única para quem viveu, mas parece ter perdido a necessidade de ser exposta publicamente, como no jazigo de José de Mendonça Nogueira, citado anteriormente.

Para Isabela Andrade de Lima Morais, as propostas dos modelos jardins não pretendem eliminar todos os traços da morte, mas “manter a morte num lugar visível. Portanto, a morte não some por completo da paisagem urbana, caso contrário os cemitérios e os rituais funerários deixariam de cumprir seus papéis”.<sup>405</sup> No entanto, o que pode ser visto na estética adotada nos cemitérios jardins e verticais, é que poucos evocam a função para a qual foram criados. A procura pelos dois só tem aumentado, com destaque ainda para a cremação, que “exclui o culto dos cemitérios e a peregrinação aos túmulos”.<sup>406</sup>

Praticamente no último quartel do século XX, como ocorreu em Florianópolis que ganhou o seu primeiro cemitério “Jardim da Paz -

---

<sup>403</sup> KRIPPNER, Stanley. **Aspectos mitológicos da morte e do morrer.** Tradução de: ANDRADE, José Ascanio de. Disponível em: <<http://www.inic.com.br/pdf/aspectos.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2010, p. 5-6.

<sup>404</sup> DEBRAY, op. cit., p. 35-36.

<sup>405</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte.** Op. Cit., p.77.

<sup>406</sup> ARIËS, Philippe. Op. Cit., p. 256.

cemitério parque”<sup>407</sup> na década de 1970, vê-se o surgimento de cemitérios que deixaram de apresentar o formato adotado quando foram instalados fora das igrejas e de receber as esculturas ostentosas e investimentos dessa ordem. Cabe mesmo afirmar que os “cemitérios, sinais concretos da presença da morte, quase desapareceram meio à massa de construções e múltiplas intervenções urbanas: edifícios, viadutos, túneis”.<sup>408</sup> O tipo de construção que sustentou o trabalho do marmorista caiu praticamente em desuso e outras práticas desapareceram.

A afirmação dessas últimas preferências afetou sobremaneira a produção artística de túmulos e requereu mudanças nas empresas especializadas, dentre elas, a Haas. A vicissitude atingiu a composição dos túmulos, a forma do cemitério e os hábitos daqueles que tinham que sepultar. E algumas décadas antes dos sepultamentos em cemitérios jardins e verticais conquistarem uma importante fatia do mercado funerário, Rolf enfrentou um momento difícil, por certo o pior, do mercado de arte funerária.

### 3.3 - Algo mudou: o luto e os enlutados

Com o mercado cada vez mais restrito para a arquitetura funerária, Rolf teve que buscar a por outros serviços e produtos. Nesse período, a marmoraria atendia praticamente a região de Jaraguá do Sul que abrangia Joinville, onde eles tinham um representante que era responsável pela maioria das encomendas. Praticamente todo o trabalho da oficina era voltado para atender aos pedidos feitos por um representante. Rolf percebeu, então, que estava desperdiçando a estrutura da marmoraria deixando de atender Blumenau e decidiu investir em vendas na cidade e região, buscando novas perspectivas empresariais na área funerária.<sup>409</sup>

O mercado, em crise desde a década de 1960, requeria novos produtos e investimentos. A empresa sentiu na prática e nos ganhos, as mudanças que podem ser creditadas ao modo como nos relacionamos

---

<sup>407</sup> **Jardim da Paz - Cemitério parque.** Disponível em: <<http://www.cemiterioparquejardimdapaz.com.br/jardim.php>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

<sup>408</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 16.

<sup>409</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

com o corpo morto e com as premissas de cuidado com o mesmo, o que envolve desde os primeiros momentos depois da morte até o seu destino final. Algo havia mudado e impactou o setor de vendas de túmulos e estudos de diferentes pesquisadores podem contribuir para tal entendimento, o que é fundamental para dimensionar o direcionamento tomado por Rolf Haas diante da crise da arquitetura mortuária. Dentre os pesquisadores, está o historiador Philippe Ariès.

O estudo de Philippe Ariès permite que se possa abarcar um panorama das mudanças que circundam essa postura. A sua obra “História da morte no Ocidente” é presença quase obrigatória nos estudos cemiteriais e sobre a morte em nosso país. Na tese de doutoramento intitulada “Jardim regado com lágrimas de saudade: morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Rio de Janeiro, século XIX)”, o historiador Henrique Sérgio de Araújo Batista afirma que “é praticamente impossível estudar as formas de se lidar com a morte e a cultura visual sem os estudos de Ariès”.<sup>410</sup> Ariès, em seu tempo, não foi o único a apontar tais mudanças, mas, pela grande influência que seus escritos tem no pensamento sobre a cultura funerária brasileira, recorrer a Ariès se faz necessário.

Antes de trazer o seu estudo para a reflexão é preciso lembrar que ele apresenta algumas limitações que foram apontadas por Norbert Elias na obra “A solidão dos moribundos”, de 2003.<sup>411</sup> Elias fala com pertinente habilidade de uma nova relação com o idoso, com os doentes, com a vida e com a morte. O autor faz algumas observações sobre o pensamento de Ariès, especialmente, o modo como Philippe faz referência a uma determinada calma e aceitação, com a qual homens e mulheres de outrora esperavam a morte e que antagoniza com a nossa maneira de agir na atualidade.

Sua crítica é no sentido de pensarmos a relação com a perda, como algo sentido, dificilmente, de forma passiva. Contudo, ele concorda com Ariès quando ele afirma que, principalmente, ao longo do século XX, as atitudes fúnebres foram alteradas, substantivadas pelo reforço do silêncio e de atitudes mais discretas com relação ao luto. Sem considerar o passado como o lugar de melhores práticas (algo que não

---

<sup>410</sup> BATISTA, Henrique Sergio de Araujo. **Jardim regado com lágrimas de saudade**. Op. Cit., p. 16. Também concorda com a unanimidade de Ariès: GARCIA, Valéria Eugênia. Op. Cit., p. 17.

<sup>411</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., 2001.



foi feito por Ariès, que apenas viu uma morte menos trágica como nos parece hoje), Norbert Elias destaca a importância do conhecimento de outros tempos para compreender nossa relação com a morte já que

a peculiaridade do comportamento em relação a morte que prevalece hoje na sociedade só é percebida se comparada à de épocas anteriores ou de outras sociedades. Só então se poderá situar a mudança de comportamento em um quadro teórico mais amplo, tornando-a assim acessível à explicação.<sup>412</sup>

A crítica de Norbert Elias é importante, pois mostra que, apesar de seu brilhante trabalho, é necessário saber que as fontes utilizadas por Ariès, que incluem muitas imagens, apresentam indícios, mas não se aplicam a uma totalidade que para ele vivia em certa harmonia à espera da morte, apesar do medo. O próprio Ariès admite suas “limitações” e declara:

Naturalmente, na verdade nunca foi fácil morrer, mas as sociedades tradicionais tinham o hábito de rodear o moribundo e de receber suas comunicações até seu último suspiro. Hoje, nos hospitais e clínicas em particular, não há mais comunicação com o moribundo. Ele não é mais escutado como ser racional, é apenas observado como um caso clínico, isolado”.<sup>413</sup>

Ainda, Norbert Elias concorda com tal ponto de vista quando declara:

Conheço pessoas que não são capazes de envolver-se com moribundos porque suas fantasias compensatórias de imortalidade, que mantêm sob controle seus terríveis medos infantis, seriam perigosamente abaladas pelas proximidades deles. Esse abalo poderia permitir que seu grande medo da morte - punição -

---

<sup>412</sup> Ibid., p. 18.

<sup>413</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 298.

penetrasse sua consciência, o que seria insuportável.<sup>414</sup>

Para Norbert Elias “o recalçamento da morte, isto é, da finitude irreparável de cada existência humana, na consciência humana, são muito antigos”<sup>415</sup> tendo mudando o modo como essa é encoberta e

Em períodos anteriores, fantasias coletivas eram o meio predominante de lidar com a noção de morte. Ainda hoje, é claro, desempenham um importante papel. O medo de nossa própria transitoriedade é amenizado com a ajuda de uma fantasia coletiva de vida eterna em outro lugar. Como a administração dos medos humanos é uma das mais importantes fontes de poder das pessoas sobre as outras, uma profusão de domínios se estabeleceu e continua a se manter sobre essa base.<sup>416</sup>

Ariès reitera que sabe das restrições presentes em sua análise quando aborda as divergências nela existentes com os estudos de Michel Vovelle. Enquanto a interpretação de Philippe Ariès se vale do inconsciente coletivo, de mecanismos biológicos e culturais, Vovelle colocou o peso maior nas doutrinas religiosas, filosóficas e morais. Ariès assume que não valorizou “a influência dos sistemas religiosos e culturais - nem o Renascimento, nem o Iluminismo aparecem em minha periodização como referenciais decisivos”,<sup>417</sup> afirmou Philippe. Mas apesar das diferenças de método com Vovelle, ele reitera que os dois concordam que a morte mudou e mudou várias vezes, “sendo a missão dos historiadores situar essas mudanças e, entre eles, os longos períodos de imobilidade estrutural”<sup>418</sup>.

A questão concentra-se mais no modo de morrer. Saber que ia morrer e ter a oportunidade de contar com os ritos, que poderiam evitar o Inferno, pode ser visto como algo reconfortador. O advento do Cristianismo estabeleceu uma familiaridade com a morte, já que ninguém morre sem ser advertido por signos naturais ou por convicção

---

<sup>414</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 16.

<sup>415</sup> Ibid., p. 43.

<sup>416</sup> Ibid., p. 43-44.

<sup>417</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 304.

<sup>418</sup> Ibid.

íntima. O medo de morrer sem receber algum aviso e não ter tempo de pedir perdão assombrava os cristãos do medievo, que não gostariam de ver sua alma penar no fogo eterno. Norbert Elias acrescenta que o cristianismo e a difusão dos mecanismos de culpa e pecado, tem papel preponderante na construção de uma cultura de medo com relação à morte:

A associação do medo da morte a sentimentos de culpa pode ser encontrada em mitos antigos. No paraíso Adão e Eva eram imortais. Deus os condenou a morrer porque Adão, o homem, violou o mandamento do pai divino. O sentimento de que a morte é uma punição imposta a mulheres e homens pela figura do pai ou da mãe, ou de que depois da morte serão punidos pelo grande pai por seus pecados, também desempenhou papel considerável no medo humano da morte por um longo tempo. Seria certamente possível tornar a morte mais fácil para algumas pessoas se fantasias de culpa desses tipos pudessem ser atenuadas ou suprimidas.<sup>419</sup>

Talvez o “pacífico” ou o “domesticado” da relação com a morte seja a imagem do fiel que consegue em seu momento de angústia final realizar o que ele considerava como fundamental: arrepender-se e receber os últimos sacramentos que o aproximavam da Salvação, apesar de não garanti-la. Considerando o fato de que não se poderia fazer muito pelo corpo, com os recursos medicinais escassos, sentir-se protegido sobre as graças de uma instituição era uma valorosa oportunidade.

A possibilidade de chegar a Deus, oferecida ao crente que cumpria seus sacramentos diante de uma família fervorosa, poderia tornar a morte menos pavorosa. Porém, o desenvolvimento da medicina fez com que a doença, de bom presságio passasse a ser vista como algo ameaçador, o que teve consequências nos ritos. Eles ficaram mais rápidos (e foram se perdendo) para evitar o contágio, uma atitude fortalecida pelo aumento da noção de higiene e da importância da atuação dos médicos.<sup>420</sup>

---

<sup>419</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 17.

<sup>420</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 84.

Mariela Rodrigues Correa e Francisco Hashimoto observam que a humanidade ocidental viveu períodos de maior proximidade ou distanciamento com a morte, em seu cotidiano e acrescentam que, em outros tempos, o que podemos situar até as primeiras décadas do século XX “ainda que bastante temida, a morte era mantida bastante próxima, no nível sensorial. As práticas de velamento do morto eram mantidas no cotidiano e realizadas pelos próprios familiares e pessoas próximas”.<sup>421</sup> Aqui são enunciadas mudanças fundamentais no campo funéreo, que mostraram seus primeiros sinais a partir da segunda metade do século XX, junto com a queda pela procura de túmulos ostentosos, dentre elas, a quase desaparecimento dos ritos domésticos e o retiro dos mortos para instituições como hospitais, necrotérios, funerárias e casas velatórias, o que será fundamental para o debate mais adiante.

Ariès dividiu a relação com a morte, nos últimos mil anos, em categorias: morte domada, morte de si, morte do outro e morte interdita. A categoria *morte domada*<sup>422</sup> percorre o ocidente até o século XI. Para Ariès, a categoria diz respeito a um modo de ver a morte como algo familiar com a crença em um destino coletivo geral. Os mortos são temidos e os ritos eram uma forma de garantir que não voltariam do mundo dos mortos para perturbar os vivos. No período medieval, a morte ganha outros tons, em grande medida, com a noção de uma vida eterna pregada pelo cristianismo.

Já o que Ariès chama de a “*morte do eu*” ou “*de si*”,<sup>423</sup> aplica-se ao período a partir dos séculos XI e XII, marcada pelo acréscimo de sentimentos dramáticos na relação do homem com a morte, onde uma estreita relação se estabelece entre a biografia pessoal e a morte, ou seja, ninguém tem mais assegurada sua salvação.

Assim do fim da Idade Média até o século XIX, sobretudo, entre as classes instruídas e religiosas, o ritual da morte tornou-se dramático e em torno do moribundo e a destinação coletiva dá lugar à necessidade de uma salvação pautada, principalmente, nas ações em

---

<sup>421</sup> CORREA, Mariela Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. A condição humana na atualidade e suas relações com a morte. In: I JORNADA INTERNACIONAL DE PRÁTICAS CLÍNICAS NO CAMPO SOCIAL, 2010 Anais da Iª Jornada Internacional de Práticas Clínicas no Campo Social. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010. p. 1-10. Disponível em: <[http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i\\_jornada/061.pdf](http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i_jornada/061.pdf)> Acesso em: 5 out. 2011, p. 1.

<sup>422</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 25.

<sup>423</sup> Ibid., p. 46.

vida e no cumprimento dos ritos na hora da morte.<sup>424</sup> Contrapondo-se às descobertas e à ampliação de tratamentos eficazes na área médica, ocorrida em outros tempos ou mais precisamente, há algumas décadas atrás, a falta de medicamentos capazes de tratar ou aliviar as dores pode ter favorecido a união de pessoas. A busca por apaziguar a alma e o corpo, nos momentos finais, pode ter contribuído para a criação de preceitos a serem realizados antes do último suspiro: a morte deveria ocorrer na presença de outrem.

A família vinha assumindo, principalmente desde fins do XIX, o papel que era praticamente da Igreja, porém sem impedir a presença de padres e outros representantes quando assim a família desejava.<sup>425</sup> E dentro do entendimento de boa morte “os últimos instantes da vida eram considerados primordiais para a salvação porque, não resistindo às tentações deste mundo e aos insistentes ataques do demônio, os moribundos poderiam perder a bem-aventurança celestial”.<sup>426</sup>

A categoria de Ariès, denominada a *morte do outro*<sup>427</sup> surgiu a partir do final do século XVIII caracterizado por uma atitude onde a perda do outro parece importar mais, tornando-se uma morte que comove, dilacera os entes e pessoas próximas. Em torno do moribundo ocorrerão expressões e sentimentos mais exaltados fazendo do túmulo e dos cemitérios, espaços por excelência para tais atitudes. E “vai-se, então, visitar o túmulo de um ente querido como se vai à casa de um parente ou a uma casa própria, cheia de recordações”.<sup>428</sup> Com os sentimentos surgidos diante do túmulo, aos poucos, efetiva-se uma nova categoria, a do “ente querido”. Sua definição passa pela afirmação de uma perda sentida, da proximidade com aquele que morreu, algo destacado por Mísia Lins Reesink:

O que pretendo referir com “produção do ente querido” é exatamente o processo em que, com a

---

<sup>424</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 30-31.

<sup>425</sup> MOTTA, Antonio. *À flor da pedra*. Op. Cit., p. 94.

<sup>426</sup> SANT’ANNA, Sabrina Mara. **A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)**. 2006, 142p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, Disponível em: <  
[www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../dissertacaosabrinamarasantanna.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../dissertacaosabrinamarasantanna.pdf) >.  
 Acesso em: 25 jan. 2010, p. 60.

<sup>427</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 64.

<sup>428</sup> *Ibid.*, p. 75.

morte de algum parente (sempre) ou de algum amigo amado (possivelmente), o morto é transformado em ente querido, termo nativo empregado comumente quando o informante faz referência aos “seus mortos”, estes definidos, como já dito, pelas relações de parentesco e / ou de afinidades eletivas.<sup>429</sup>

Com a secularização, a morte ganha, então, tons de desconsolo pela perda do outro, que igualmente participa do mesmo fim. Sem a forte presença da fé e da Igreja no sentimento que cerca o momento derradeiro, foi “a ideia de indivíduo que permeou esta nova forma de olhar a morte e não mais o juízo final, o céu e o inferno”.<sup>430</sup>

É justamente com a perda do um ente querido, que diferentes filósofos, consideram como o momento no qual nos deparamos com nossa própria morte. Para Bernard Schumacher, o saber da morte depende do outro e precisa mesmo da passagem pela perda.<sup>431</sup> A importância da morte do outro para nossa experiência de finitude é evidente para Glennys Howarth para quem “a morte do ser amado, percebido na sua individualidade insubstituível, desperta no sobrevivente, além do sentimento da ameaça da morte, a certeza de sua própria morte que ele já tinha. A morte do outro reforça a consciência de sua mortalidade”.<sup>432</sup> O sociólogo Norbert Elias, igualmente acrescenta que a morte do outro é a firme lembrança de nossa própria extinção.<sup>433</sup>

Em consonância com esse pensamento, Zigmunt Bauman define a morte do outro, do ser amado, de um parente ou amigo, como a experiência que melhor aproxima o homem do seu fim. É o que ele chama como experiência de morte de segundo grau e que torna essa experiência acessível aos sobreviventes.<sup>434</sup> Para Agostinho Coe essa é a

---

<sup>429</sup> REESINK, Mísia Lins. Quando Lembrar é Amar tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Etnográfica** (Lisboa), vol. 16 (2), p. 365-386, junho de 2012. Disponível em: < <http://etnografica.revues.org/1535>>. Acesso em: 18 set. 2012, p. 370.

<sup>430</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 70-71.

<sup>431</sup> SCHUMACHER; Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 95.

<sup>432</sup> HOWARTH, Glennys. Cadáver. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 154.

<sup>433</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 17.

<sup>434</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Op. Cit., 62.

forma mais contundente de sentir a morte. Porém é ainda sobre a nossa morte que estão as nossas maiores angústias e esforços de fuga.<sup>435</sup>

Contrariamente a essa visão, para filósofos, como Martin Heidegger e Max Scheler, o conhecimento da morte é intuitivo e a certeza da nossa finitude não se fundamenta na constatação empírica de uma série de falecimentos ou mesmo, do outro.<sup>436</sup> Para Heidegger, a morte é um fenômeno que não se apreende por analogia e o falecimento do outro é incapaz de tornar possível a experiência da nossa extinção ao outro que não ao próprio finado. Para o mesmo, há dois tipos de morte: o perecer, próprio do animal que é incapaz de perceber a morte e de refletir sobre a mesma e o falecimento, que é próprio do homem e somente ele tem acesso à morte como morte, como uma possibilidade que ao longo da história teve sua própria história.<sup>437</sup>

A categoria de *morte interdita*<sup>438</sup> define a morte e seu isolamento desde as últimas décadas do século XX e que perdura até a contemporaneidade. A definição de morte contemporânea pode ser entendida como um distanciamento com relação aos sinais da morte, seus ritos e seus espaços. A morte contemporânea ainda prevê o enfraquecimento das relações e ações comunitárias em torno do corpo morto e dos enlutados. Na área médica podem ser encontrados os termos morte contemporânea ou pós-moderna como correspondente ao movimento pela humanização dos cuidados aos doentes com a adoção de novas práticas relacionadas aos enfermos crônicos,<sup>439</sup> o que não corresponde à definição do termo aqui aplicado.

O termo “morte contemporânea” ainda diz respeito ao afastamento da morte do cotidiano, com o deslocamento do moribundo para o hospital e com a afirmação de uma arquitetura discreta nos cemitérios. Nessa perspectiva é essencial deter-se um pouco mais, pois o

<sup>435</sup> COE, Agostinho Júnior Holanda. “Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”: O século XIX e as atitudes diante da morte e dos mortos. **Outros Tempos**, volume 02, p. 97-111. Disponível em: <www.outrostempos.uema.br>. Acesso em: 21 jun. 2012, p. 98.

<sup>436</sup> SCHUMACHER; Bernard N. Op. Cit., p. 95.

<sup>437</sup> Ibid.

<sup>438</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 84.

<sup>439</sup> MENEZES, Rachel Aisengart. Tecnologia e “Morte Natural”: o morrer na contemporaneidade. **Physis** (UERJ, Impresso), Rio de Janeiro, v. 13, nº 2, p. 367-385, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v13n2/a08v13n2.pdf>. Acesso em: 28 out. 2010, p. 132.

comedimento nas expressões de luto contribuiu sobremaneira para as mudanças fundamentais encontradas nos cemitérios e no ofício tradicional dos marmoristas. Acompanhando a trajetória desses profissionais percebe-se que ela foi afetada pelo fim dos investimentos tumulares que aparentemente estão ligados ao luto e suas formas de expressão. A dupla, roupa preta e túmulo ornado, andavam próximas. Philippe Ariès relatou diferenças observadas por ele no modo como era tratado o morto e os enlutados, inclusive, por meio de experiências particulares:

Em 1964, perdi minha mãe. No verão, quando voltei à pequena aldeia onde há muito éramos conhecidos, fui acolhido com as tradicionais expressões de condolências [...] Em 1971, perdi meu pai. As mesmas excelentes pessoas, exatamente as mesmas, que sete anos antes apiedavam-se do destino da pobre senhora [...] fugiam de mim ou abreviavam a conversa, a fim de evitar as condolências em que antes se compraziam.<sup>440</sup>

Para ele, esse grupo de pessoas foi “conquistado” por uma nova maneira de se comportar diante da morte.<sup>441</sup> Um modo que ali, naquela pequena aldeia francesa, começava a mudar a forma de recepcionar o enlutado e Ariès segue afirmando:

Hoje, a necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu em meados do século XX, sua interdição. Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então, proibido; o que era proibido é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentido.<sup>442</sup>

---

<sup>440</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 222.

<sup>441</sup> Ibid.

<sup>442</sup> Ibid., p. 251.



Contribuições como esta e a de outros autores auxiliaram na aproximação com o comportamento mais contemporâneo com relação à morte e também já é possível perceber que ocorreram mudanças nesse sentido. Esse modo de relacionar-se com a finitude, muito provavelmente, está presente nas alterações de atitude que retirou de cena os túmulos e seus construtores. Particularmente, quando criança lembro-me de presenciar muitos velórios em casas, quando criança e de ter que ir a muitos deles com meus pais, chegando a tocar os pés de uma vizinha em seu velório, para perder o medo dos defuntos, como ordenou a minha mãe (para meu desespero!). Todavia, anos mais tarde, vi meus pais considerarem imprópria a presença de sua neta nos mesmos eventos, algo que pode sinalizar o que está descrito a seguir:

O século XX caracteriza-se pela cultura urbanizada que exilou a morte, mascarando-a. Não há discussão ou reflexão sobre o medo da morte e suas conseqüências. No passado a despeito de todos os temores, esta se encontrava presente nos lares. Entretanto, na contemporaneidade, ocorre o afastamento do moribundo do convívio familiar, a morte medicaliza-se, a dor, a lamentação são ocultadas. Ocorrem, também, mudanças significativas em relação aos ritos de sepultamentos. Os cemitérios ao ar livre transmutam-se em cemitérios-parque, bosques e jardins da esperança.<sup>443</sup>

Para Phillippe Ariès a morte passou a ser dissimulada de várias formas, mesmo para quem está para morrer. O doente segue, geralmente, para o hospital, onde não está mais cercado de ritos familiares, mas sob a guarda da medicina e de seus preceitos. E “antes de tudo, é importante que a sociedade, a vizinhança, os amigos, os colegas e as crianças se apercebam o mínimo possível de que a morte ocorreu”.<sup>444</sup> A morte é algo a ser ocultado, principalmente, das crianças que não podem acercar-se das despedidas e de muitos dos ritos.

O luto ou o modo como se lida com a perda, seja na introspecção dos sentimentos como na sua expressão social, são movimentos essenciais para estabelecer um diálogo com a morte, já que

---

<sup>443</sup> ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Op. Cit., p. 98.

<sup>444</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 87.

o luto é, por certo, a sua forma mais real. Ele pode apontar pistas sobre o momento que enfrentou Rolf a frente da direção da empresa, ainda em fins da década de 1960, considerando que os primeiros sinais do comportamento descritos a seguir foram sentidos nesse período. O luto é entendido como o pesar pela perda de um ente, podendo ser definido como “o conjunto complexo de práticas, usos e costumes sociais que intermediam e orientam o agir individual de quem sofre uma perda, é a definição aqui utilizada para o termo ritual do sofrimento”.<sup>445</sup>

O estudo empreendido pelo antropólogo Mauro Koury em sua obra: “Discreto - Um estudo do Brasil urbano atual sob a ótica do luto” apontou questões valiosas para a construção de um pensamento sobre o luto na atualidade e tem seu valor ao mostrar que nas últimas décadas, começando pelo desaparecimento de certas atitudes, algo mudou profundamente na relação com os rituais de morte e ditou os rumos da empresa Haas. O título “Discreto” aponta o tom dos resultados apresentados em sua pesquisa<sup>446</sup> e ele inicia destacando “o progressivo enfraquecimento da sensibilidade em relação aos mortos e às formas de comportamento aos que sofreram perdas recentes”,<sup>447</sup> além das dualidades neste cenário da morte que não pode ser considerado uno.

A dualidade e a ambivalência permeiam as atitudes onde “uma mesma pessoa que terá vergonha de falar da morte ou de um morto recente, comprará, sem complexos, um jazigo para si ou irá por flores no túmulo de um parente querido”.<sup>448</sup> A morte como algo que causa constrangimento é descrita por Márcio Vilar, nestes termos:

Nos dias atuais, o fenômeno da morte é visto como algo vergonhoso. Na verdade, como um incrível incômodo, pois é considerado como um fato que em nada ajuda a manter a idéia de vida feliz que hoje se faz e se tem, mesmo em aparência ou desejo mercadológico. Afinal, morto não faz compras.<sup>449</sup>

---

<sup>445</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 25.

<sup>446</sup> Pesquisa integrante do GREM - Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da UFPB, em 2001.

<sup>447</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 3.

<sup>448</sup> Ibid.

<sup>449</sup> VILAR, Márcio. Luto e Morte. Op. Cit., p. 2.

A dificuldade de falar da morte é relatada em boa parte dos trabalhos que debatem o tema e por Rolf, quando ele relata os momentos em que implementou novos produtos. Ele tinha que observar com cuidado o modo de abordar os clientes, o que será visto mais adiante. Independente do foco, arte mortuária, luto ou morte, a maioria das pesquisas introduz o leitor com observações sobre a dificuldade de discutir tal temática na contemporaneidade, como na citação que segue:

Falar sobre a morte é uma tarefa difícil numa cultura onde a maioria das pessoas prefere nem mesmo pensar sobre ela. O homem urbano ocidental se sente atemorizado pelo fato de que a morte é certa, definitiva e repleta de mistérios. Numa era de tantos avanços técnicos e científicos, a morte parece ser a única capaz de desafiar a capacidade do ser humano atual de dominar todos os territórios e assuntos.<sup>450</sup>

O cenário é complexo. Mas, o estudo coordenado por Koury considerou, em um país de extensão significativa e com diferenças culturais da mesma ordem, a diversidade e as permanências que podem tornar inválidas a associação com um comportamento brasileiro geral, por exemplo, além das diferenças entre os centros rurais e urbanos, as classes econômicas e os diferentes credos. Para aproximar-se de um comportamento comum ou ao menos, o mais difundido nos meios de comunicação, o pesquisador Mauro Koury ouviu pessoas por meio de 1.304 questionários válidos, realizou pesquisas em revistas e outras publicações para encontrar indícios das relações em torno da morte entre habitantes que haviam passado pela experiência do luto em centros urbanos.<sup>451</sup>

Quando perguntados sobre qual seria o comportamento ideal diante de um enlutado, a opção de "não importunar" foi a mais citada com 72,01%. O pudor com relação ao outro, o medo de atrapalhar e de

---

<sup>450</sup> BORGES, Déborah Rodrigues. **Registros de Memória em imagem**: usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade de Bela Vista de Goiás (1920/1960). 2008, 161p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais, 2008. Disponível em: <[http://www.bc.ufg.br/sophia/index.php?codigo\\_sophia=125045](http://www.bc.ufg.br/sophia/index.php?codigo_sophia=125045)>. Acesso em: 21 mar. 2012, p. 1.

<sup>451</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 7.

ofender a privacidade definem a opção mais votada como comportamento padrão em situações de luto na contemporaneidade. Outra constatação importante do estudo é que parece não haver relação direta entre maior centro urbano e a menor presença de práticas ritualísticas relacionadas ao luto e vice versa.<sup>452</sup> É bom dizer que tal hipótese pode ser tomada como verdade quando imaginamos que entre habitantes de grandes centros reina a impessoalidade dos edifícios residenciais em contraponto com a vida comunitária em centros menores, com o quintal e a casa de muro baixo.

Nas entrevistas abertas realizadas por Mauro Koury surgiram manifestos saudosistas de antigos ritos, como se a ocorrência de missas, das visitas de amigos e parentes, o não escutar música, o preto das roupas oferecessem algo para se apoiar ou mesmo,

defender o sobrevivente sinceramente desgostoso contra os excessos de sua dor, ou seja: impunha-lhe um certo tipo de conduta social, visitas a parentes, vizinhos e amigos, que lhe eram devidas e durante as quais o desgosto podia ser exteriorizado e manifestado, sem que, entretanto, a sua expressão ultrapassasse um limite fixado pelas conveniências.<sup>453</sup>

O que parece não acontecer mais quando tais práticas deixaram de existir, dando lugar ao silêncio e a discrição atual e onde os especialistas, como psiquiatras e psicólogos, parecem ter ocupado o lugar da família, dos amigos, na opinião de 81,13% dos depoentes. Em contrapartida, alguns dos entrevistados assinalam que o luto praticado antigamente servia mais como uma forma de aprisionar o sentimento das pessoas em convenções para policiar certos deslizes dos enlutados que deveriam portar-se em estado de luto.

A sociedade do indivíduo trouxe consigo a liberdade de apresentar-se ou portar-se, conforme os desejos, já que a obrigação podia nas abstinências de festas e de certas aparições sociais, tanto ir ao encontro de um sentimento ou ser uma mera exigência. Assim, o comportamento de luto tradicional pode coibir um dos valores fundamentais engendrados na formação do homem contemporâneo: a

---

<sup>452</sup> Ibid., p. 11.

<sup>453</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 22.

liberdade. Determinadas ações, que antes eram esperadas das pessoas enlutadas são vistas, mais como obrigação, do que sentimento sincero.

Nesse embate, considerar que a dor não se dissipa com o silêncio poderia contribuir para diminuir certas pressões sobre os enlutados. Deles se espera, muitas vezes, um comportamento dinâmico, com poucas manifestações de sofrimento e que voltem à normalidade de suas vidas, caso contrário, tornam-se sérios candidatos a futuros pacientes de consultórios psiquiátricos. Entretanto, para quem vive a perda parece haver tempos diferentes, como observa José Carlos Rodrigues:

O absurdo da finitude humana reside em parte no fato de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências. A lembrança daquele que morreu recentemente continua sendo uma forma de sua presença no mundo. Esta presença só arrefece muito aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que os sobreviventes são vítimas.<sup>454</sup>

A solidão e a individualização da perda, apontada por esse estudo, pode estar presente na manutenção de quartos mantidos incólumes, na maioria, por mães que perderam seus filhos. No especial dominical, do jornal Zero Hora em 2010, foram contadas as histórias de pais e mães que não conseguiram ou preferiram não se desfazer dos pertences dos filhos mortos. Muitos chegaram a manter os quartos como os filhos deixaram pela última vez.<sup>455</sup>

Esses quartos parecem representar a máxima representação da dor individualizada, que só interessa aos que estão diretamente ligados à perda. Os quartos tornam-se o lugar preferencial para aliviar a dor e é ali, que mães dormem para sentirem-se mais perto de seus filhos, oram,

---

<sup>454</sup> RODRIGUES, José Carlos. Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte. IN: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, NA PUC-RIO, JUNHO DE 2010, Rio de Janeiro. Anais XIX ENCONTRO DA COMPÓS, 2010. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2\\_jose\\_carlos\\_rodrigues.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2_jose_carlos_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2012.

<sup>455</sup> ALMEIDA, Kamila. ZH dominical traz reportagem sobre famílias que perderam seus jovens em acidentes, 13 nov. 2010. In: **Zero Hora**. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2010/11/zh-dominical-traz-reportagem-sobre-familias-que-perderam-seus-jovens-em-acidentes-3108629.html>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

choram e os “visitam”, de acordo com uma mãe: “Nos primeiros seis meses eu dormia aqui, vez por outra. A sensação é de que, no quarto, estamos mais perto. Era o cantinho dela”. Fazer do quarto e da casa, o refúgio privado da dor é condizente com o que parece ter se tornado a dor do enlutado.

O antigo hábito de aos poucos desfazer-se dos pertences e reutilizar o quarto para as necessidades da família pode ter dado lugar, em alguns casos, à criação de um “santuário” para o morto. O quarto pode ser a oportunidade de viver o luto que nem sempre encontra lugar na correria do dia-a-dia. Para Vinciane Despret, os mortos e a dor de sua morte foram aprisionados no interior de cada participante dessa perda. Para Vinciane, o único lugar para os mortos é a “nossa psique”, destinados ao esquecimento.<sup>456</sup>

Mauro Koury define então, como tendência da sociedade brasileira nas três últimas décadas, além do isolamento do enlutado, o distanciamento em relação ao morto como “a característica principal da nova sensibilidade que começa a se formar”.<sup>457</sup> Nota-se que ele observou essas particularidades no período no qual Rolf, logo após assumir a empresa, reorganiza sua linha de produção para evitar que a baixa nos investimentos tumulares debilite ainda mais as finanças da marmoraria. As observações do estudo de Mauro Koury podem estar no cerne da perceptível redução dos investimentos em determinados aparatos fúnebres. Pode-se ainda afirmar que a nova sensibilidade apontada por Koury foi sentida por empresas como a Haas. Primeiramente, com a procura por menos ornamentos e túmulos de pequeno porte e, posteriormente, com o que acabou por impor a necessidade de buscar novos meios de atuar no setor.

Embora o estudo coordenado por Mauro Koury tenha apontado que o isolamento não é citado por todos e que alguns entrevistados afirmaram ter recebido o apoio quando dele precisaram,<sup>458</sup> o tema no presente parece conduzir a um sentimento: a solidão. Formas atuais ou do passado, melhores ou piores, não são estas as questões fundamentais.

---

<sup>456</sup> DESPRET, Vinciane. Acabando com o luto, pensando com os mortos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n° 1, p. 73-82, Jan./Abr. 2011. Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=587726&indexSearch=ID>. Acesso em: 21 abr. 2012, p. 78.

<sup>457</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit.

<sup>458</sup> *Ibid.*, p. 160.

Nesse sentido, José de Anchieta destaca que a consciência da morte é um fato universal, mas a sua experiência tem um caráter eminentemente histórico,<sup>459</sup> onde não nos cabe tecer considerações de mérito sobre o passado e o presente, sobre práticas que já não fazem parte de nossa contemporaneidade, sendo preciso reconhecer o valor de traçar as mudanças e compreender sua abrangência. Conquanto, percebem-se diferenças que determinam atitudes, tanto para quem tem que “encarar” a finitude, principalmente, para os enlutados.

O estudo de Ariès já havia indicado que o modo de lidar com a morte e os enlutados, a partir das últimas décadas do século XX, seria menos pacífico do que outrora. Tal abordagem já foi anteriormente redefinida, adotando uma posição menos rígida quanto ao que ele descreveu. Obstante, o luto associal difere, de forma significativa, da externalização dos sentimentos dantes estimulados por regras de manifestação pública da dor e de acompanhamento do moribundo. Essas atitudes em torno do morto e de quem perdeu um ente podem ser vistas como forma de facilitar a partilha e de garantir o acesso aos recursos disponíveis para aplacar, inclusive, as dores físicas, tornando os últimos momentos menos dolorosos.

Para Roberto DaMatta, é a partir da noção de indivíduo e do contributo de valores advindos da Reforma Protestante que os elos comunitários perderam força.<sup>460</sup> O pesquisador Héctor Ricardo Leis não considera o individualismo como o grande vilão da morte na sociedade atual. O problema para ele está na massificação e considera nossa sociedade, em geral, carente de aspectos essenciais da condição humana na mesma medida que possui muitos conhecimentos nas áreas técnicas.<sup>461</sup> E ao abordar o contributo de Elias sobre a solidão dos doentes e da retirada da morte de cena, ele acrescenta:

A morte atual é algo mais que a morte de indivíduos numa sociedade altamente individualizada e reflexiva. Nada impede inverter os argumentos do senso comum e afirmar que o

---

<sup>459</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 23.

<sup>460</sup> DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 134.

<sup>461</sup> LEIS, Héctor Ricardo. A sociedade dos vivos. **Sociologias**, Porto Alegre, nº 9, Jan. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222003000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2012, p. 348.

homem moderno encontra no silêncio dos hospitais a morte que ele “merece”, à qual corresponde a sua impossibilidade de encontrar um sentido individual para ela.<sup>462</sup>

A premissa parece ser a de que o “sofrimento é pessoal, e diz respeito apenas àquele que o sofre. O sofrimento não interessando a ninguém mais do que a este alguém personalizado que a vivencia”.<sup>463</sup> De forma resumida, Mauro Koury define o que pode ser apontado como comportamento padrão em situações de perda:

Reza as regras de etiqueta no Brasil urbano contemporâneo, que em uma situação de sofrimento, na qual um indivíduo não pode ausentar-se de todo, mas que também não quer invadir a privacidade de quem a experiência, que deve enviar um cartão, ou flores, ou algo semelhante. Através deles deve expressar condolência ou solidariedade ao outro, e mesmo assim, passado alguns dias do fato ocorrido, ou, quando houver uma cerimônia, como a missa de sétimo dia, por exemplo, fazer-se presente, se próximo, cumprimentar, na fila de condolência, o outro, em uma expressão contida, e ir embora, deixando ao outro a possibilidade de introyeção de sua dor, privadamente.<sup>464</sup>

Fora do Brasil, na França, de acordo com Philippe Ariès, a morte foi um evento social e público até a década de 1930. No Brasil, podemos falar que, excetuando algumas localidades rurais, nos grandes centros, a morte deixou a cena com menos velórios em casa e cortejos, paulatinamente a partir da década de 1960, o que foi percebido e sentido por Rolf. Nos edifícios residenciais não é possível manter práticas como o velório, onde

Após o evento, o finado deveria ser retirado da casa em direção à igreja/cemitério com os pés voltados para fora, contrariamente aos vivos, cujas

---

<sup>462</sup> Ibid., p. 347.

<sup>463</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 5.

<sup>464</sup> Ibid., p. 114.



cabeceras das camas são viradas para o lado de dentro. Retornando à casa, os habitantes deveriam varrer o cisco de dentro para fora da residência.<sup>465</sup>

Para José Carlos Rodrigues, o medo de não ser salvo, presente nas duas categorias anteriores a “morte interdita” de Ariès, aos poucos foi substituído pela esperança de prolongar a vida até que uma descoberta científica consiga a cura.<sup>466</sup> A crença em vencê-la pelas técnicas médicas tornou a morte, algo que pode ser controlado por recursos e novas invenções.<sup>467</sup> A retirada do âmbito familiar e a confirmação da supremacia do hospital como o lugar para atender o doente é parte primordial de um processo onde o fenômeno da morte “deixa de ser compreendido na perspectiva da religiosidade e torna-se laico”.<sup>468</sup> O doente isolado também se isola e, muito provavelmente, não se sinta a vontade de admitir sua doença e mesmo em seus momentos finais poderá preferir não dizer que está prestes a falecer.<sup>469</sup> Muitas vezes é a família que decide pelo moribundo, que deve ser poupado da angústia que atinge a todos e não chega a saber sobre seu diagnóstico.

Mesmo distantes, para Mauro Koury, as categorias de Ariès podem ser aplicadas ao Brasil considerando a presença das instituições europeias em nossa formação cultural e a contribuição fundamental de instituições, como a Igreja Católica “que influenciaram os embates presentes na configuração e consolidação de um pensamento nacional”.<sup>470</sup>

É dentre as duas categorias, a “morte do outro” e a “interdita”, que se encontra o momento onde os marmoristas atuaram de forma mais concreta e aquele em que perderam seu campo de trabalho, com as transformações arquitetônicas e rituais que se consolidaram na contemporaneidade. Ariès aponta que os cemitérios consolidaram os sentimentos pela perda de familiares, amigos e amores. A arte

---

<sup>465</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 251.

<sup>466</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 169.

<sup>467</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Sentidos, sentimentos**. Op. Cit., p. 58.

<sup>468</sup> RABELO, Marta Klumb Oliveira. Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental: Testemunho histórico-antropológico. **Outras Palavras:** Revista científica da ESPAM. Brasília, v. 3, p. 71-84, jul, 2006. Disponível em: < [http://www.redenacionaldetanatologia.psc.br/Artigos/artigo\\_24.htm](http://www.redenacionaldetanatologia.psc.br/Artigos/artigo_24.htm)>. Acesso em: 24 jan. 2012, p. 6.

<sup>469</sup> RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., p. 61.

<sup>470</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 73.

marmorista manifestou tais sentimentos para dar vida e sentido à perda ou para eternizar a memória familiar ou individual. Contudo, aos poucos parecem ter sido interditas as materializações da morte e do morto, e a consolidação desse modelo provocou as maiores mudanças na administração da Haas.

Philippe Ariès, dentre os autores que falam das mudanças funéreas, conseguiu compor uma história das diferentes atitudes diante da morte ou ao menos do que deveria ser a relação com a morte a partir da difusão de imagens e dos discursos por ele analisados. Ele é o nome mais referenciado nos estudos cemiteriais em nosso país e pelo valor da obra que aponta mudanças que são reconhecíveis na trajetória humana, Ariès é leitura obrigatória para entender as atitudes do homem diante da morte.

Diante da crise vivida pelo setor, que se ressentiu das modificações aqui apontadas, Rolf buscou por novos empreendimentos para a Haas, pois a reforma no maquinário e as alterações no setor pessoal não se mostraram capazes de mudar a má situação da marmoraria. Foi a partir da conversa com um amigo que surgiu a possível solução para o seu negócio: abrir uma funerária. Naquele momento, a marmoraria ficava por meses sem receber nenhuma encomenda tumular e com os trabalhos de construção civil em baixa, o novo negócio foi visto como uma boa alternativa.

No início da década de 1970, continuando com poucos trabalhos na parte de marmoraria, Rolf arrendou uma funerária, a Lubow de Blumenau, por quinze anos. Mas antes do final do prazo, ele a adquiriu da família do antigo proprietário que não teve interesse em continuar com o negócio. Rolf manteve a funerária Lubow em seu endereço, próximo a Rua XV de novembro e só na década de 1980, a transferiu para a sede da marmoraria, passando a vender os caixões e demais produtos nesse local.<sup>471</sup> A oficina de mármore torna-se “Marmoraria e Funerária Haas” e a entrada da família Haas para o ramo das funerárias participa de um movimento do mercado funéreo e a partir da

entrada gradual das casas funerárias na vida social e, ao mesmo tempo, com uma política de substituição do negócio individual e clássico pelas grandes empresas, foram criadas novas formas de

---

<sup>471</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

realizar o ritual funerário. Com esta nova realidade presente, os funerais começam a ganhar um teor mais pagão e, conseqüentemente, mais comercial.<sup>472</sup>

A criação da funerária, na década de 1970, com o oferecimento de novos serviços foi a forma encontrada para sobreviver em um mercado de novas perspectivas que acompanhava (por que não dizer?) novos arranjos funerários, onde era percebido o aumento pela procura de serviços especializados nos cuidados com o corpo morto.

---

<sup>472</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 24.



## Capítulo 4 - Da pedra ao corpo: a mudança para o ramo das funerárias

Enquanto Rolf dava seus primeiros passos em outro segmento, compelido por atitudes que indicavam um evidente deslocamento da morte do rol das inquietações cotidianas, no mesmo período foram criadas na América do Norte as primeiras instituições em prol de uma relação mais amigável com a finitude humana. Essas instituições foram uma forma de reação ao processo de interdito, que se manifestava com mais intensidade nos Estados Unidos da América. A *Association for Death Education and Counseling* (ADEC) “Associação para a Educação e o Aconselhamento na Morte” foi fundada em 1976 e tinha por objetivo “a promoção de excelência profissional no âmbito do aconselhamento e da educação na morte e na arte de morrer, que reconhece que a morte, o pesar e a perda de entes queridos são aspectos fundamentais da condição humana”.<sup>473</sup>

No caso do Brasil, este movimento será sentido de forma mais organizada, a partir da década de 1980, quando no setor médico começaram a surgir propostas visando uma morte humanizada, com a participação mais efetiva do paciente nas decisões acerca de seu tratamento, voltadas para o reestabelecimento da proximidade da família.<sup>474</sup>

Com o arrendamento da Lubow e a entrada para o ramo das funerárias, foram feitos outros cortes no número de funcionários. A marmoraria continuou realizando “trabalhos pequenos, alguns túmulos ainda completos”<sup>475</sup> até o final da década de 1990 e, dos funcionários mais antigos, foi mantido somente o Sr. Helmuth. Ele e o irmão Carlos haviam trabalhado na Haas, nas décadas de 1940 e 1950. Helmuth

---

<sup>473</sup> HOWARTH, Glennys. *Association for Death Education and Counseling*. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 43.

<sup>474</sup> MENEZES, Rachel Aisengart. Um modelo para morrer: última etapa na construção social contemporânea da Pessoa?. IV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 2001, Curitiba. Anais do IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba: Editora da UFPR, 2001. v. 1. p. 144-145. Disponível em: <[ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/.../1338](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/.../1338)>. Acesso em: 5 out. 2011, p. 106.

<sup>475</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

retornou à marmoraria na década 1970 e ficou lá até o seu falecimento, por cerca de 40 anos, realizando tarefas como polimento e fundição, mais para “manter ele ativo do que outra coisa”<sup>476</sup> observou Ronald.

Com a funerária, a Haas incorporou uma série de novos serviços, dentre eles, o transporte do corpo e o fornecimento de caixões, previstos em contratos para prestação de serviço funerário, que em sua definição,

engloba todas as medidas necessárias para o sepultamento do falecido, de acordo com a vontade do falecido ou de seus familiares e os usos locais. Assim, o traslado do corpo do hospital ou da casa onde faleceu para a Igreja, desta para o cemitério ou mesmo para outra localidade, o que se chama de transporte fúnebre, é parte dos serviços prestados. Não se constitui num contrato autônomo de transporte.<sup>477</sup>

Os serviços funerários devem atender às exigências legais que preveem normas para o devido manuseio, cuidado e destino do cadáver e aos preceitos religiosos e culturais, que de acordo com Francisco Marcos, “*independientemente de las exigencias legales, es indudable que la clave de los servicios funerarios son los condicionantes étnicos, culturales y religiosos*”<sup>478</sup>.

Nesse período, ainda era comum encontrar nas regiões mais afastadas de Blumenau, como no distrito de Vila Itoupava, marceneiros que fabricavam os caixões, como o Sr. Fernando Neufeld. Um trabalho que foi realizado por estes profissionais por longo tempo, até o surgimento das fábricas especializadas. Do mesmo modo, nas comunidades alemãs do Rio Grande do Sul, durante anos, os caixões eram feitos de modo artesanal “de madeira, pregado e forrado com tecidos. Raros eram os ataúdes pintados. Nas diversas picadas existiam

---

<sup>476</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>477</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. Op. Cit., p. 715.

<sup>478</sup> MARCOS, Francisco. *La economía funeraria: demanda y oferta en el mercado de servicios funerarios.* In: **IE Working Paper**, WEP 18/03, 28/10/2003. Disponível em: <[http://latienda.ie.edu/working\\_papers\\_economia/WPE03-18.pdf](http://latienda.ie.edu/working_papers_economia/WPE03-18.pdf)>. Acesso em: 5 set. 2012, p. 13.

colonos marceneiros que confeccionavam os caixões de forma bastante urgente”.<sup>479</sup>

O Sr. Zager, outro marceneiro de Blumenau, fez duas urnas na década de 1940, uma para ele e outra para esposa. Quando ele faleceu, a esposa contratou os serviços da Haas e não utilizou a urna por considerá-la antiquada. Elas ficaram no depósito da Haas e depois de atingidas na enchente de 1983, uma delas não pode ser recuperada. A que restou está na foto da Figura 62 e foi diversas vezes utilizada em peças de teatro.<sup>480</sup>

Figura 62 - Urna de fabricação artesanal, década de 1940



Fonte: Acervo da Família Haas

Percebe-se que além dos marmoristas, outros profissionais foram atingidos por mudanças no setor. Os marceneiros e seus caixões artesanais praticamente deixaram de existir com a entrada das empresas fabricantes de urnas em larga escala, para atender o mercado das funerárias que estava em franca expansão.

O próprio Rolf, na busca por oportunidades, investiu em uma fábrica de ataúdes com um sócio que já trabalhava no setor. A fábrica, que funcionou no galpão de moagem da empresa no bairro Bela Vista, durou pouco tempo, pois não se mostrou viável diante da concorrência. Além dos fabricantes especializados, algumas fábricas de móveis atendiam encomendas de caixões tornando o mercado bastante

<sup>479</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 208.

<sup>480</sup> Haas, Ronald. **Sobre urna** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br> em 16 out. 2012.

competitivo, o que deve ter sido pior para os pequenos fabricantes, como o Sr. Zager e o Fernando Neufeld. A fábrica durou poucos anos, mas teve uma inauguração festiva: depois de horas de festa, os funcionários seguiram pelas ruas carregando um deles dentro de um caixão, conta-nos Ronald.<sup>481</sup>

Apesar do malogro da fábrica de caixões, a funerária foi mantida e Rolf incorporou novos serviços à empresa. Ele percebeu a necessidade de incluir outras opções, pois, em suas palavras,

no início do serviço funerário em Blumenau, não era propriamente um serviço funerário, era uma venda de um enterro. Mas eu, em 1970, quando abri a funerária, resolvi fazer um serviço funerário, dando um apoio tanto material, quanto espiritual para as pessoas. Porque o agente funerário tem o poder de ajudar as pessoas a passarem melhor, a se sentirem melhor nesse momento de falecimento de um ente querido. Eu acho que sempre fui bem recebido neste intento. Lógico, existem pessoas que fazem piadinha, mas eu acho que é mais por não conhecerem o serviço funerário.<sup>482</sup>

Ele incorporou outras atividades e ampliou seu negócio e de acordo com uma das definições para agência funerária foi além de um:

estabelecimento comercial onde se proceda a venda de urnas funerárias, arranjos florais e o traslado de cadáveres dos locais onde estejam sendo velados para cemitérios e/ou crematórios autorizados pelos órgãos competentes.<sup>483</sup>

Rolf passou a oferecer os serviços de higienização, colocação de vestimenta e ornamentação do caixão, dentre outros. A incorporação

---

<sup>481</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>482</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>483</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. **Tanatotopraxia: teoria, prática e legislação**. Belo Horizonte: O Lutador, 2003, p. 143.



desses produtos firmou mais o nome da empresa na região, tornando-a uma referência neste segmento, com destaque para seu trabalho especializado e mais completo. O traslado de corpos com automóveis era outra inovação oferecida pela Haas, considerando que a maioria era transportada por coches com tração animal. Rolf fala sobre os motivos que o levaram a inovar nesse momento:

eu achei que isso era necessário para que a gente pudesse fazer um trabalho bem feito. Na época era realmente difícil... O pessoal não tem a prática, quando falece alguém é de 5 a 10 anos, que se perde um ente querido, os trâmites já são outros, então nunca sabiam o que fazer, alguém dava essa ajuda ou faziam pessoalmente.<sup>484</sup>

Em Blumenau era comum os velórios ocorrerem nas residências, preferencialmente, nas salas, onde as famílias recebiam os parentes e amigos para velar o corpo. A Haas oferecia o serviço de levar o caixão para a residência onde o corpo era preparado. A família acompanhava o processo e “participava mais da higienização, até quando chegava o corpo já estava higienizado e muitas vezes vestido”.<sup>485</sup> Neste momento, as famílias participavam com mais regularidade, bastando a empresa especializada direcionar o processo. No entanto, Rolf lembra que a resistência aos “novos serviços” era grande e

levou algum tempo, porque eles não acreditavam que a gente realmente fosse chegar na hora certa, eles ficavam receosos que a gente esquecesse, mas com o tempo foi visto que funcionava e com isso, entregando um serviço bem feito, a gente tomou conta do mercado.<sup>486</sup>

Quando a morte ocorria no hospital, a rotina era a mesma de hoje: caso a família não estivesse presente, tendo recebido o

---

<sup>484</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>485</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>486</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

comunicado do falecimento deveria procurar uma funerária para fazer a remoção do corpo. Atualmente, a remoção é feita obrigatoriamente para a sala de preparação, mesmo que não seja feito o embalsamamento, o mais comum é que todos os procedimentos sejam feitos dentro da funerária.<sup>487</sup> Antes, o corpo poderia ser arrumado na residência pela família e poucas vezes a funerária ocupava-se de arrumar o cadáver. A empresa Haas passou a oferecer um serviço mais completo e ampliou sua atuação.

Com o fortalecimento dos novos negócios na agência funerária, a marmoraria começou a ser desativada tanto a parte civil como de arquitetura mortuária. Nesse momento, as peças de granito eram trabalhadas em chapas e, aos poucos, os trabalhos foram reduzidos. Em 1999 somente eram atendidos pequenos trabalhos como placas com gravação que eram feitas por Bruno Kitzer. O maquinário existente e um funcionário sozinho, o Sr. Helmuth, conseguiam atender aos pedidos e a situação se inverteu,

como no início, a parte da funerária era auxiliada pelo pessoal da marmoraria, principalmente, por causa da sazonalidade, então eles tinham tempo de sobra e ajudavam na funerária, no final era o contrário, então tinham alguns funcionários da funerária que ajudavam o seu Helmuth na marmoraria, quando tinha que carregar uma peça mais pesada ou ir ao cemitério para buscar uma peça para fazer uma reforma, alguma coisa. E foi até perto de 2000.<sup>488</sup>

Entretanto, a cidade cresceu e a marmoraria, já pouco procurada, passou a ter uma localização central o que complicou o trabalho com pedras, como a lapidação. Ela poderia ter sido mantida, mas seria imperativo buscar um novo local e uma maior especialização na produção de peças em granito e a renovação do maquinário, o que ficou inviável.

Rolf ressalta que foi difícil desativar a marmoraria. Parar com a produção por completo, apesar dos motivos que inviabilizavam o seu

---

<sup>487</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>488</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

funcionamento, foi uma decisão complicada. A marmoraria era algo herdado de seu avô que lhe passou o ofício e o empreendimento. O trabalho com pedras era duro, tomava muito tempo “na arte de fabricação e montagem de um túmulo. Não é um trabalho fácil, mas eu sempre gostei de fazê-lo, pois já nasci dentro do ambiente, cresci dentro da marmoraria e foi difícil eu me desfazer da marmoraria”, ele relata.<sup>489</sup>

Assim, a Haas dava os primeiros passos em um novo ramo do mercado e aos poucos firma-se como “Funerária Haas”. O espaço da antiga marmoraria transformou-se em funerária, depois que os trabalhos para a arquitetura civil e funerária deixaram de ser rentosos para a empresa. Com a criação da funerária, a empresa pôde atender um novo cliente que por vezes parecia menos religioso, mais prático, pouco disposto a investir em construções tumulares e que necessitava de serviços e profissionais especializados que facilitassem o desenlace do processo jurídico que envolvia a morte, que ficara mais burocratizado. O comércio funerário mudara e do mesmo modo, o que a morte representava na vida de, homens e mulheres, nas últimas décadas do século XX.

Não seria exagero afirmar que a presença do corpo morto nas residências começou a incomodar os vivos, ao longo do século XX, principalmente, a partir de sua segunda metade. Ele acabou sendo afastado tendo como suporte o gerenciamento técnico da morte

de forma que no início do século XX os cadáveres eram frequentemente removidos para uma morgue pública ou para uma casa mortuária. Assim, o cadáver começou a ser considerado não apenas um subproduto da morte, mas também como uma fonte de contaminação e como um símbolo da mortalidade.<sup>490</sup>

O corpo morto, agora embasado pelas descobertas da medicina, passou a ser um foco de bactérias e microrganismos, o que reiterou a necessidade de um tratamento especializado. De acordo com Glennys Howarth a percepção do corpo como um organismo de funcionamento biológico é fundamental para a existência de um profissional capaz de

---

<sup>489</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>490</sup> HOWARTH, Glennys. Cadáver. Op. Cit., p. 70.

lidar com este provável objeto de contaminação, poupando os vivos dos perigos presentes em sua manipulação.<sup>491</sup>

Philippe Ariès assinalou que as mudanças que deram um caráter mais mercadológico ao segmento ocorreram, primeiramente, de forma mais significativa nos Estados Unidos, enquanto os países rurais, geralmente, católicos, permaneceram fiéis às antigas tradições, mantendo o domínio familiar sobre os seus mortos.<sup>492</sup> A incorporação do agente funerário no processo pós-morte já está consolidada em nossos dias com exceção de algumas cidades brasileiras nas quais os cuidados são realizados por familiares e antigos obreiros da morte. Em uma comunidade rural do Rio de Janeiro, a ação da família no gerenciamento do corpo morto foi observada por Gilmera Sarmiento, há poucos anos atrás, e foi assim descrita pela pesquisadora:

A partir do momento que a morte era comprovada, logo chegavam novamente todos os vizinhos, os parentes, e conhecidos, sejam aqueles que morassem próximo, ou distante, vinham todos se solidarizar com a família do morto e colaborar na preparação do corpo e do funeral - no cumprimento das obrigações rituais. As famílias tinham muito cuidado com o tratamento do corpo. Banhavam, vestiam, e colocavam na posição funeral - deitado de costas e mãos cruzadas sobre o peito, entre outros preparativos.<sup>493</sup>

O seu estudo é sobre uma comunidade rural do Rio de Janeiro, mas podemos sem ressalva aplicá-la a muitas cidades brasileiras. Exigências de certidão de óbito e a maior ocorrência de mortes dentro de hospitais acabaram por determinar procedimentos legais que envolvem a preparação do corpo por profissionais da área da saúde e mesmo, por empresas funerárias que incorporaram esse serviço, como ocorreu com a

---

<sup>491</sup> Ibid., p. 72.

<sup>492</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 294.

<sup>493</sup> SARMENTO, Gilmera Gomes da Silva. “**Até que a morte nos separe**”: um estudo sobre os rituais matrimoniais e funerários numa comunidade rural fluminense. 2006. 147p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em: <url:ufrrj.br/cpda/wp-content/uploads/.../m\_gilmera\_gomes\_2006.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2010, p. 112.

Haas. A especialização dos serviços, sua burocratização e a exigência de procedimentos de assepsia ou autópsia antes do enterro, em muitos dos casos de morte, acabou por participar da formação de

um modelo de luto que apresenta os enlutados como que paralisados pela tristeza e pela ignorância, em virtude da sua falta de familiaridade com a morte. Sujeitos às pressões do estilo de vida actual, aqueles que perderam um ente querido aceitam as agências funerárias como fonte de conhecimento especializado.<sup>494</sup>

Com o ingresso das funerárias, o ritual modificou-se juntamente com os cemitérios que ganharam outras formas. O rito deixa de ter um carácter eminentemente cerimonioso e perde diversos elementos que davam o seu tom “pomposo”. No caso brasileiro, foi a partir da década de 1960, que as casas funerárias ocuparam gradativamente o mercado, tornando o trato do corpo uma fonte de renda ou produto, como no caso da Haas, concomitante à diminuição da demanda por obras tumulares diferenciadas. À medida que a morte passa a ser um problema de saúde pública,<sup>495</sup> a família passa a ter que compartilhar seus direitos sobre o corpo morto. Assegura-se que o corpo deve ser alvo de cuidados médicos e somente profissionais o podem manipular.

A secularização que alcançou os cemitérios, no século XIX, tornando-os assuntos da administração pública e não mais religiosa, é direcionada na segunda metade do século XX sobre o corpo, agora um objeto de intervenção médica. Conforme a morte foi tomando um carácter de assunto coibido, os procedimentos realizados no morto ganharam outros nomes e um valor comercial. A exploração desse segmento permitiu que a Haas se mantivesse no mercado e na trajetória da empresa percebe-se a história de um mercado considerado por especialistas como um dos mais promissores.

Diferentes estudos, como o de Gilmera Gomes da Silva Sarmiento,<sup>496</sup> apontam que mudanças na estrutura e na dinâmica das cidades, dentre elas, as “melhorias nas condições da estrada, nos meios de transportes, instalação de postos de saúde e empresas funerárias”<sup>497</sup>

---

<sup>494</sup> HOWARTH, Glennys. Cadáver. Op. Cit., p. 11.

<sup>495</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. Op. Cit., p. 553.

<sup>496</sup> SARMENTO, Gilmera Gomes da Silva. Op. Cit., p. 112.

<sup>497</sup> Ibid., p. 112.

contribuíram para a substituição das práticas familiares pelos serviços de empresas do setor funerário, como a Haas.

Mais especificadamente nos centros urbanos, o aumento de moradias em prédios residenciais, por exemplo, acrescentou mudanças nos ritos com a proibição da realização de velórios em apartamentos. No caso dos velórios, o ato é inibido, em grande medida, pelas escadas e elevadores que não contribuem para a saída e entrada de corpos para o velório, o que faz questionar Jean-Pierre Bayard:

Como falar da morte atualmente, quando nossos lares descartam a hipótese da morte? As nossas habitações de superfícies reduzidas são construídas para os vivos, e os elevadores não são previstos para receber caixão; além disso, a lentidão dos comboios funerários causa transtornos no trânsito das grandes cidades.<sup>498</sup>

O aumento da individualização dos espaços e sua especialização, fez da casa, um lar, para as atividades íntimas da família. A concepção da casa, que se modificou ao longo de séculos fortaleceu valores como intimidade, conforto e domesticidade,<sup>499</sup> pode ter dado sua contribuição para o deslocamento do morto para outro lugar. A habitação ganhou repartições e foi destinada às atividades dos vivos. Esse movimento pode ter contribuído para o distanciamento da morte de nossa rotina.

A concepção da casa e o fortalecimento de valores relacionados à privacidade, com o aumento do número de quartos, suítes e aparelhos de televisão devem ter reforçado a noção de local ideal para as atividades de rotina e não para a excepcionalidade da morte, conquistada com os avanços da medicina que prolongam a vida.

A falta de espaços apropriados para atender aqueles que não tinham condições de velar em casa e acabavam por velar nas igrejas foi percebido por Rolf, na década de 1970, que decidiu investir no projeto de uma capela velatória ou mortuária. Entretanto, mesmo munido da autorização da prefeitura não foi possível dar continuidade ao projeto. Os vizinhos protestaram contra o seu funcionamento, alegando que a

---

<sup>498</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p. 139.

<sup>499</sup> RYBCZYNSKI, Witold. **La Casa**: historia de una idea. Donosita-San Sebastián, Nerea, 1989.

instalação do espaço atrapalharia as suas rotinas, impedindo-os, por exemplo, de realizar uma festa durante os velórios, acrescenta Rolf.<sup>500</sup>

A complicada relação de proximidade com cemitérios e outros apetrechos fúnebres, não é algo exclusivo dos moradores de Blumenau. Ela se evidencia em outros casos como o ocorrido em 1986, quando o vereador Gabriel Ortiga criou um projeto de lei para construir um conjunto habitacional no terreno do Cemitério de Vila Formosa. Conforme Eduardo Rezende, logo o projeto ficou conhecido popularmente, como *Poltergeist*, em referência às imagens difundidas pelo cinema norte-americano.<sup>501</sup> Sobre tal relação podemos ainda encontrar declarações como a que segue:

A presença de cemitérios nas imediações ou interior das cidades pode gerar impactos psicológicos e físicos. Os impactos psicológicos podem se resumir no medo da morte e outras superstições que afastam as pessoas de quererem residir em locais próximos a esses. Como forma de evitar os impactos psicológicos, é atualmente a construção de cemitérios parques, em extensas áreas verdes, tem por objetivo transmitir paz e tranquilidade ao local e consequentemente, melhorar a aceitabilidade da convivência com a proximidade urbana.<sup>502</sup>

Em 1882, a aparência dos cemitérios é acusada de ser o motivador das reclamações sobre os ares e contaminações deles advindos, nesses termos: “O aspecto triste do campo dos mortos é certamente desagradável para os habitantes das casas vizinhas, e è por isso que muitas queixas infundadas uma ou outra vez d'alli irrompem”.<sup>503</sup> Para Manoel Pereira da Cruz, defensor dos cemitérios,

---

<sup>500</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>501</sup> REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **O céu aberto na terra**. Op. Cit., p. 135.

<sup>502</sup> SOBRINHO, Bráulio Miranda Dos Reis. **Cemitério e meio ambiente**. 2002, 28p. Monografia (apresentada ao final do curso de especialização em Gerenciamento Ambiental) - Universidade Católica de Salvador, Bahia. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=107&class=21>> Acesso em: 02 out. 2011.

<sup>503</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 98-99.

haveria então, algo mais na extensa lista de reclamações sobre os perigos para a saúde que as inumações estariam causando no fim do século XIX.<sup>504</sup>

Atualmente, alguns conflitos sobre a localização e a proximidade com cemitérios ainda são encontrados. Na Barra da Lagoa, em Florianópolis, a construção de uma capela para velórios, em um dos acessos à praia, causou desconforto, é o que mostra uma recente notícia do jornal Hora de Santa Catarina.<sup>505</sup> O desejo de ter uma capela mortuária era solicitado pela comunidade, que há anos tem que dividir um salão paroquial entre festas e velórios. A escolha do novo espaço foi uma determinação da prefeitura, mas os moradores estão descontentes, pois fica próximo a uma creche e em um local frequentado por muitos turistas. Outras reclamações seguem contra a capela mortuária existente no cemitério da Fortaleza. Ela tem pouca procura, por estar nos fundos do cemitério e por não tem vagas para novos sepultamentos, tendo muitas famílias que buscar outro local para o enterro.

A intenção de construir uma capela velatória é parte das mudanças ocorridas nos rituais. Para a pesquisadora Elaine Maria Tonini Bastianello, a construção das capelas velatórias faz parte do escondimento da morte<sup>506</sup> e compara com o movimento de retirada dos sepultamentos dos espaços internos das igrejas. Em grande medida ambos, o fim dos sepultamentos nas igrejas e a construção de espaços especiais para velórios, afastaram os mortos de espaços de convívio dos vivos. Simbolicamente demarcaram espaços para ambos e os vivos ficaram com as casas, ruas, igrejas e demais espaços de atividades cotidianas. A proibição dos enterramentos no interior das igrejas promoveu uma primeira separação. Destinados aos cemitérios, os

---

<sup>504</sup> Ibid.

<sup>505</sup> BASTOS, Angela. Na Barra da Lagoa, Leste da Ilha, velórios saem do salão paroquial para região turística, 1 out. 2012. In: **Hora de Santa Catarina**. Disponível em:

<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/horadesantacatarina/19,0,3902066,Na-Barra-da-Lagoa-Leste-da-Ilha-velorios-saem-do-salao-paroquial-para-regiao-turistica.html> > Acesso em: 12 out. 2012.

<sup>506</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. A Pompa Fúnebre na Cidade de Bagé-RS-Brasil. In: **XII ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES**, 2011, Salvador. Anais XII Encontro da REd e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 01. p. 299-305, p. 304.



mortos não permaneceram mais em contato direto e diário com os vivos, durante as cerimônias religiosas.

Na continuidade, os campos santos deixam de receber monumentos para visita e homenagem aos mortos e os espaços cemiteriais são recriados na forma de jardins e crematórios localizados, preferencialmente, em áreas distanciadas do centro das cidades, o que coibiu as visitas constantes. Consolidou-se um afastamento do morto da cidade e no âmbito privado e as funerárias demarcam de forma efetiva esta separação, já nos primeiros momentos depois do óbito, quando fazem a remoção do corpo.

O protesto dos vizinhos contra a instalação da sala velatória da empresa Haas impediu a sua abertura. A pedido do prefeito, mesmo munido da licença, Rolf não efetivou o projeto naquele momento. Mas anos mais tarde, tendo adaptado a parte frontal da funerária para a realização de velórios, ele finalizou a sala

e então aconteceu algo bem interessante, quase como naquela novela da televisão em que montaram um cemitério e estavam procurando um morto, do Odorico, o Bem amado e não achavam quem... aí ela pronta, faleceu um deputado [...] de Blumenau, deputado estadual, abre as portas e foi velado ali e automaticamente estava inaugurada. Com o pátio repleto de políticos quem iria se opor... isso foi na década de 1980.<sup>507</sup>

Ao lembrar esse episódio, Ronald relata que por força das circunstâncias, com um velório movimentado, os vizinhos e demais interessados em barrar o novo empreendimento não puderam fazê-lo, visto que o velório do político foi até notícia de jornal (Figura 63).<sup>508</sup>

A capela funcionou até 1996 e foi desativada com o surgimento de capelas mortuárias junto aos cemitérios e igrejas, o que diminuiu sobremaneira a procura pelo espaço. Em Blumenau, são cerca de trinta cemitérios, uma boa parte deles distantes da região central e as capelas,

---

<sup>507</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>508</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 5 de junho de 2010.

juntos aos mesmos, facilitavam “o fêretro entre o velório e o local de sepultamento”.<sup>509</sup>

Figura 63 - “Inauguração” da capela velatória



Fonte: Acervo da Família Haas

Já a funerária passou por um período de expansão maior no final da década de 1970, chegando a ter filiais em Jaraguá, Gaspar, Rodeio, Luiz Alves e Indaial. Atualmente, somente esta última, além da sede em Blumenau, continua funcionando para dar suporte ao plano funerário da empresa. Para o funcionamento de cada agência era preciso contar com uma equipe grande e atender às normas trabalhistas, o que inviabilizou as filiais, explicou Ronald.<sup>510</sup>

O fechamento das sucursais, para Ronald, pode ser creditado à concorrência característica do setor. São conhecidos os casos extremos onde as funerárias chegam a brigar pelos clientes, desrespeitando as famílias e as demais empresas. Para Ronald, a noção do serviço

<sup>509</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>510</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 5 de junho de 2010.

funerário como um serviço público é fonte desse e de outros conflitos do setor.<sup>511</sup>

Para Ronald, só é possível entender o motivo das disputas na porta de hospitais e necrotérios - verdadeiros “ringues de luta” - conhecendo a singularidade deste serviço que conta com diferentes interpretações sobre sua natureza, o que pode complicar a sua definição e facilitar determinadas posturas desrespeitosas com os clientes. Vamos então, às regulamentações e questões jurídicas que envolvem o setor.

Nas Constituições de 1891 e de 1934, os serviços funerários eram reservados aos municípios, afirmando o caráter laico deste que esteve por muito tempo ligado à religião católica e suas irmandades. A relação da municipalidade e os serviços funerários está presente na atual doutrina de Direito Administrativo, que conjuntamente com o Supremo Tribunal Federal, manifestou-se pelo entendimento de que os municípios devem atender essa área e eles mesmos podem, caso seja necessário, retirar a atividade do comércio comum.<sup>512</sup>

Para Fernando Herren Aguillar, tal entendimento está equivocado, pois está baseado em legislações anteriores. A Constituição Federal de 1988 em vigor, não se refere às atividades funerárias como serviço ou função pública, mas como atividade a ser desempenhada pela iniciativa privada. O seu parecer dá o caráter inconstitucional às leis municipais que tratam desse serviço como público, e reitera que “o máximo que o município pode exigir dos particulares é o alvará de funcionamento e as demais exigências urbanísticas e de edificação”.<sup>513</sup>

Em 1988, com a promulgação da nova Constituição brasileira, o serviço funerário passou a ser reconhecido como “serviço de caráter público”, e os municípios passaram a ser os encarregados de administrar esse serviço, ou seja, cada prefeitura municipal iria organizar as

---

<sup>511</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>512</sup> AGUILLAR, Fernando Herren. Serviços funerários são serviços públicos?. In: **MIGALHAS Informativo Jurídico**. Disponível em :<http://www.migalhas.com.br/depeso/16,MI108545,11049-Servicos+funerarios+sao+servicos+publicos>. Acesso em: 4 jan. 2011.

<sup>513</sup> *Ibid.*

licitações de concorrência pública, para transferir os serviços para as empresas privadas.<sup>514</sup>

Mas o debate é longo. Para Aloísio Bittar de Rezende, “a atuação no mercado funerário é, tradicionalmente, de competência dos Municípios, em razão do interesse local e do seu caráter essencial”<sup>515</sup> considerando assim, os serviços funerários como um serviço público, pois as atividades ligadas a esses serviços e aos cemitérios são tratadas como algo de interesse local pelas Leis Orgânicas dos Municípios. Portanto, para Aloísio Bittar de Rezende para a realização de qualquer atividade nesse ramo o interessado deve se submeter

ao ordenamento legal de cada Município, a partir da Lei Orgânica e de acordo com as leis locais e demais atos normativos específicos. Também, na exploração da atividade haverá de observar normas especiais ditadas pela União e pelos Estados, nas respectivas competências, hierarquicamente superior.<sup>516</sup>

De forma geral, apesar de não ser um serviço público no sentido clássico, ou seja, que deva ser prestado por servidores públicos, o setor funerário depende da regulamentação do município. Ele não pode ser considerado de caráter de livre concorrência, por conta da regulamentação, só podendo ser prestado por meio de concessão e permissão. Mas é necessário destacar que “a fabricação de caixões, de urnas, de coroas de flores, de lápides de granito ou mármore, não acompanhadas de outras atividades relacionadas diretamente com o sepultamento, de regra, não são serviços públicos”,<sup>517</sup> de acordo com o entendimento presente no Tratado de direito funerário de Justino Adriano Farias da Silva.

---

<sup>514</sup>Entrevista com Clayton Marchioro. In: **Damasceno Consultoria**. Disponível em: <<http://damascenoconsultoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

<sup>515</sup> REZENDE, Aloísio Bittar de. Atividade Funerária. In: **FOL - Funerária Online**. Disponível em: <[http://www.funerariaonline.com.br/forum/topic.asp?TOPIC\\_ID=1585](http://www.funerariaonline.com.br/forum/topic.asp?TOPIC_ID=1585)>. Acesso em: 6 mar. 2011.

<sup>516</sup> Ibid.

<sup>517</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. Op. Cit., p. 717-718.

Ainda para Aloísio Bittar de Rezende existe um grande equívoco quando os municípios delegam tais funções para entidades filantrópicas ou de assistência social, já que

a prestação de serviço público referente a funerais constitui uma atividade mercantil, circunstância vedada para as instituições que gozam de isenção tributária ou recebem benefícios ou financiamento de recursos públicos.<sup>518</sup>

Enfim, ele não é um serviço público e deve ser exercido por meio de concessão ou permissão<sup>519</sup>, atendendo as normas específicas que o regulamentam, tal como o transporte público.

De acordo com Ronald, no Brasil, principalmente nas cidades menores, o serviço funerário estava, e em muitos casos, continua ligado às famílias que exercem a profissão por décadas,<sup>520</sup> sendo o negócio administrado pelo fundador e depois por alguns de seus descendentes, como no caso da Haas.

Com o crescimento das cidades e o aumento do número de falecimentos, surgiram novos interessados no ramo funerário. Para

---

<sup>518</sup> REZENDE, Aloísio Bittar de. Op. Cit.

<sup>519</sup> **Concessão e permissão** são instrumentos através dos quais se descentraliza a prestação de serviços públicos para particulares. A diferença entre elas está no grau de precariedade. A **Concessão** “é uma espécie de contrato administrativo através da qual se transfere a execução de serviço público para particulares, por prazo certo e determinado. Os prazos das concessões são maiores que os dos contratos administrativos em geral. Ex: 40; 50 e 60 anos. O Poder Público não poderá desfazer a concessão sem o pagamento de uma indenização, pois há um prazo certo e determinado. Assim, a concessão não é precária (não pode ser desfeita a qualquer momento)”. Já a **Permissão** “é o ato administrativo precário através do qual o Poder Público transfere a execução de serviços públicos a particulares. Quando excepcionalmente confere-se prazo certo às permissões são denominadas pela doutrina de permissões qualificadas (aquelas que trazem cláusulas limitadores da discricionariedade). O Poder Público poderá desfazer a permissão sem o pagamento de uma indenização, pois não há um prazo certo e determinado. Assim a permissão é precária (pode ser desfeita a qualquer momento)”. In: **WebJur. Informador Jurídico**. Concessões e permissões de Serviços Públicos. Disponível em: <[http://www.webjur.com.br/doutrina/Direito\\_Administrativo/Concess\\_o\\_e\\_Permiss\\_o.htm](http://www.webjur.com.br/doutrina/Direito_Administrativo/Concess_o_e_Permiss_o.htm)>. Acesso em: 6 maio de 2011.

<sup>520</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

organizar e oportunizar a participação de novos interessados foi preciso regularizar as empresas que já existiam e aquelas que desejavam entrar no setor. Mas tais regulamentações carecem de definições mais precisas e da aplicação das leis, que muitas vezes não saem do papel.

No caso de Blumenau, a regulamentação existe desde 1988, mas por muito tempo os serviços neste setor não contaram com regulamentação específica e hoje é explorado por simples alvará. De acordo com Ronald, não houve licitação e sim, uma transição dos profissionais que já atuavam no mercado, tal como ocorreu em Porto Alegre. No município, além da Haas, outros receberam autorizações para continuar no ramo e ele cita o exemplo do

seu Fernando, ainda vivo, que trabalhou depois com um posto de venda da funerária, ele tinha uma marcenaria, trabalhava um pouco com agricultura também, e o pessoal procurava quando alguém falecia, porque ele ia lá e fazia o caixão na hora.<sup>521</sup>

Tais alvarás recebidos pelo Haas e outros estabelecimentos, não são concessões e sim uma autorização. Se houver regulamentação sobre o serviço funerário no município, as empresas terão que obter a concessão.

Em Blumenau, a lei nº 7.211 de 17 de dezembro de 2007 regulamenta o serviço e diz que ele é de caráter público e essencial a ser exercido “sob o regime de concessão onerosa de serviço público, por meio de licitação”.<sup>522</sup> A concessão é de 10 anos com direito a prorrogação por uma única vez, descreve a lei. Em seu artigo 19 diz que as “atuais autorizações a título precário, para funcionamento de empresas funerárias cessam de pleno direito tão logo a vencedora do processo licitatório inicie a prestação do serviço”.<sup>523</sup> Porém, não houve

---

<sup>521</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>522</sup> Lei nº 7211 de 17 de dezembro de 2007 de Blumenau. Dispõe sobre o serviço funerário no âmbito do município de Blumenau e dá outras providências. In: **Jus Brasil Legislação**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/259945/lei-7211-07-blumenau-sc>>. Acesso em: 4 mai. 2011.

<sup>523</sup> Lei nº 7211 de 17 de dezembro de 2007 de Blumenau. Dispõe sobre o serviço funerário no âmbito do município de Blumenau e dá outras providências. In: **Jus Brasil Legislação**. Disponível em:

licitação e o atendimento funerário no município continua a ser realizado pelas empresas que já o faziam há anos. Já o gerenciamento dos atendimentos funerários, em Blumenau, é feito em forma de rodízio gerenciado pela Central Funerária desde a década de 1980. A Central encaminha a demanda para as funerárias conforme a ordem de serviço.

As mesmas questões sobre o caráter público do serviço funerário são encontradas em outros países. É o caso da Espanha que

en el pasado estos servicios eran frecuentemente prestados por los poderes públicos, y aunque ahora ya están liberalizados, la oferta de servicios funerarios está fuertemente influenciada por la consideración de algunas de las prestaciones como “servicio público” (grifo do autor).<sup>524</sup>

O começo dos embates nesse setor pode ser localizado no século XIX quando, por meio de um processo de secularização que discutiu medidas sanitárias e soluções urbanísticas para os cemitérios, aos poucos foram definidos outros agentes para gerenciar os espaços da morte. O Estado empenhou-se em regular as atividades funéreas, retirando das mãos da Igreja e das Irmandades a administração de tais serviços, mas sem um entendimento único (e claro) para a sua exploração comercial, o que ainda perdura nos dias atuais.

Buscou-se afirmar o seu “caráter estatal”, entretanto algumas discordâncias no entendimento de seu exercício continuam presentes. Desde fins do século XIX, o ingresso de ritos menos religiosos e laicizados, afirmando cada vez mais o seu caráter secular difere do século XIX onde

em consonância com o modelo europeu, cabia às irmandades religiosas a realização de rituais fúnebres, garantindo a salvação das almas. As irmandades cuidavam dos detalhes para preservar o respeito ao morto. Ninguém poderia faltar a um enterro ou funeral de um “irmão”.<sup>525</sup>

---

<<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/259945/lei-7211-07-blumenau-sc>>.

Acesso em: 4 mai. 2011.

<sup>524</sup> MARCOS, Francisco. Op. Cit., p. 7.

<sup>525</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 108.

Contudo, mesmo com o fim dos enterramentos juntos aos santos, foi observado em muitas cidades que as irmandades continuaram a participar dos ritos de seus membros<sup>526</sup> e tal prática, juntamente com uma lei pouca clara podem ter contribuído para os embates do setor, que pode ser entendido como um serviço a ser oferecido por instituições, antes a Igreja, agora o Estado.

A secularização do setor modificou a forma e o local dos cemitérios, o modo de tratar o corpo morto e o responsável por tal tarefa. Ao longo do século XX, com o fortalecimento do capitalismo, o funeral tornou-se um produto por meio de um mercado estabelecido em torno do evento da morte.<sup>527</sup> Novos serviços e profissionais entraram em cena e o começo do século XXI só viu aumentar a oferta em torno desse segmento, o que fez a Haas mudar novamente sua postura no mercado.

#### **4.1 - A morte em parcelas: a administração de Ronald e os planos funerários**

Nas duas últimas décadas do século XX, além de ter conseguido ampliar os negócios, a empresa enfrentou a grande enchente de 1983 e 1984, já tendo passado por outras anteriormente. Na tentativa de evitar maiores estragos, as urnas e o maquinário foram colocados em caminhões e levados para áreas mais altas da cidade. Mas em 1983, as águas subiram muito e cobriram praticamente toda a cidade, causando inúmeros prejuízos. O depósito foi atingido e vários caixões foram destruídos, inundando a capela mortuária inaugurada por Rolf (Figura 64). No ano seguinte, quando outra grande enchente atingiu Blumenau, a construção de um mezanino no galpão de depósito conseguiu evitar prejuízos maiores.

---

<sup>526</sup> SANT'ANNA, Sabrina Mara. Op. Cit., p. 81-82.

<sup>527</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit. p. 19.



Figura 64 - Estragos na empresa: a sede atingida e caixões perdidos



Fonte: Acervo da Família Haas

Localizada em Blumenau, a empresa traz em sua trajetória as marcas das inundações. A cidade tem um longo histórico de enchentes e, recentemente, o Brasil acompanhou os desmoronamentos de 1998, que novamente destruíram casas e sacrificaram vidas. Por exemplo, na década de 1930, a empresa prosperava, mas as águas invadiram a recém-inaugurada sede, atingindo lápides, cabeceiras e outros materiais que estavam no pátio da empresa. Mathias registrou partes dos estragos causados e a cidade alagada (Figura 65), com a anotação em alemão em seu diário, onde está escrito *hochwasser* (inundação).

Figura 65 - Haas e Blumenau cercadas pelas águas na década de 1930



Fonte: Acervo da Família Haas

Passados os problemas com as águas, na década de 1980, os negócios da Haas seguiram bem. Rolf conseguiu manter o bom desempenho de seu pai, Guido, falecido em 1979. Ao adentrar na década seguinte, ele percebeu que era momento, depois de vinte anos atuando como funerária, de diversificar novamente e desde o início de 1990, vinha realizando pesquisas de mercado para ampliar e melhorar a atuação da empresa.<sup>528</sup>

As suas pesquisas apontaram que eram previstos bons retornos em investimentos em cemitérios particulares, crematórios e em planos

---

<sup>528</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro.** Blumenau, 2 de maio de 2011.

funerários. Naquele momento, de acordo com Ronald, a resistência com relação aos três ainda era grande.<sup>529</sup> Em muitas cidades brasileiras, os crematórios e a venda de planos eram novidades. O mesmo ocorria com o modelo de gestão particular de cemitérios, muitos deles em estilo jardim ou verticais, que eram raramente encontrados fora dos grandes centros.

Depois da novidade dos cemitérios verticais e parques, antes apresentados, a cremação vem conquistando destaque no mercado funerário e merece igualmente uma reflexão sobre sua proposta. Em Santa Catarina, temos dois crematórios, em Balneário Camboriú e em Blumenau<sup>530</sup>, e outros estão sendo construídos, o que indica o aquecimento nesse segmento. No atendimento da empresa, o número daqueles que preferiram seguir para o crematório aumentou, significativamente, nos últimos anos e atenta a expansão desse procedimento, a Haas oferece aos clientes, urnas para a guarda das cinzas. A seguir, alguns dos modelos comercializados pela empresa (Figura 66).

Figura 66 - Modelos de urnas para cinzas



Fonte: Acervo da empresa Haas

<sup>529</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>530</sup> **Crematório Vaticano**. Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/crematorios\\_vaticano.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/crematorios_vaticano.html)>. Acesso em: 2 fev. 2012; **Crematório São José**. In: **Associação religiosa ecumênica São Francisco de Assis**. Disponível em: <<http://www.cemiteriosaojose.com.br/>>. Acesso em: 2 fev. 2012

A cremação compartilha com os empreendimentos jardins e verticais, o lugar dentre as versões cemiterias que reduziram o campo de atuação dos escultores marmoristas e é, por certo, a que provoca mais debates. Philippe Ariès observou o aumento da cremação, ainda na década de 1970 e o relacionou com a necessidade de afastamento da morte.<sup>531</sup> Negando em grande medida o próprio cemitério, ela se desfaz da necessidade de um lugar determinado e, especialmente criado para comportar os mortos. Os restos mortais podem ser guardados ou dispersos em qualquer lugar, sem necessidade de uma demarcação, de registros e nomes. Reduzido a cinzas, o finado pode ser “espalhado” em um jardim ou colocado em uma urna, que fica em poder da família, ou ainda ser guardado em um nicho no cemitério.

A cremação é uma prática antiga que acompanha alguns grupos humanos. Ela foi praticada em Roma e ganhou prestígio por meio de uma possível associação com o ritual de queimar os soldados mortos.<sup>532</sup> O ato de queimar os mortos é desde a Antiguidade “o rito mais frequente”<sup>533</sup> e foi utilizada na Europa em casos de epidemia por meio de piras.

Apesar dos hebreus terem feito “uso da incineração, que reservavam aos seus reis em sinal de veneração e como testemunho de reconhecimento público”<sup>534</sup>, o advento do Cristianismo enfraqueceu o seu uso com a afirmação da crença na ressurreição de Jesus Cristo e, de todos os fiéis eleitos, no Juízo Final, para o julgamento dos vivos e dos mortos.

Ainda assim o método encontrou defensores ao longo dos anos. Na modernidade, a discussão começa no século XIX com a publicação de um livro do médico Sir Henry Thompson intitulado “Cremação: o tratamento do corpo após a morte”<sup>535</sup>, um dos fundadores da primeira *Cremation Society* em 1874.<sup>536</sup> No entanto, é em uma tese inaugural de medicina, apresentada em 1910, na Faculdade do Porto em Portugal, que encontramos uma acalorada defesa desse método.<sup>537</sup>

---

<sup>531</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 255.

<sup>532</sup> GRIMAL, Pierre. Op. Cit., p. 38.

<sup>533</sup> Ibid.

<sup>534</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit., p. 63.

<sup>535</sup> **Portal funerária on-line.** Disponível em: <[http://funerariaonline.com.br/News/\\_Imprimir.asp?idenews=4959](http://funerariaonline.com.br/News/_Imprimir.asp?idenews=4959)>. Acesso em: 10 set. 2006.

<sup>536</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 194.

<sup>537</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit., p. 73.

A tese declara a cremação como a única capaz de dar o devido destino aos corpos e declara que ela evita os inconvenientes presentes na inumação, oferecendo rapidez na consumação do cadáver, o que levaria anos na utilização da sepultura, evitando, principalmente, a presença de agentes causadores de enfermidades. O autor da tese, Gabriel Cardoso Fanzeres, acrescenta que, por fim, com o uso de crematórios tinha “a certeza de evitar todos os inconvenientes dos maus cemitérios, que são quasi a regra”.<sup>538</sup>

Antes de detalhar a defesa de Fanzeres, outra tese, defendida cerca de trinta anos antes por Manuel Pereira da Cruz,<sup>539</sup> indica que o assunto da melhor destinação aos corpos mortos ocasionou a formação de correntes de opositores que defendiam sua opção, sem excluir as críticas diretas ao outro procedimento. A tese de Manuel se opõe a de Fanzeres e ambas rebatem e arrolam estudiosos e pesquisas para desmontar os ataques ao que consideram como o melhor método de destino do cadáver.

Do seu lado, Gabriel Cardoso Fanzeres não deixa de, ao longo de sua escrita, opor os dois métodos para defender a cremação em detrimento da inumação nos cemitérios, com os perigos que oferecem a decomposição ao solo e para quem lida com o ofício cemiterial. A tese de Manuel Pereira da Cruz faz da mesma maneira a defesa cemiterial, utilizando, por vezes, descrições da cremação em tons jocosos, como a que segue:

Uma das vantagens d'esté processo de destruição dos cadáveres, diz este auctor, é a certeza que elle nos dá de não sermos queimados vivos. Para isto faz-se um primeiro ensaio accendendo ao principio somente alguns bicos de gaz do forno crematório, e, se nada revelar que a vida subsiste, accendem-se os 200 bicos do aparelho, e n'alguns minutos tudo está consumido. Parentes ou amigos que tendes observado um movimento revelador da vida atravez da janella do forno crematório dizei se o espectáculo que

---

<sup>538</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit., p. 73.

<sup>539</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit.

presenceastes não excede os *horrores do tumulo* (grifos do autor).<sup>540</sup>

Gabriel Cardoso Fanzeres defende a cremação e salienta os inconvenientes encontrados na prática de sepultar em cemitérios, considerando que mesmo que tais locais reúnam as condições ideais para tal ação, a sua eficácia dependeria das condições de cada corpo, por exemplo.<sup>541</sup> O autor sustentou a eficácia da incineração, chamando em defesa, a sua estreita relação com a observação dos preceitos higiênicos e afirmando que o método “constitue um verdadeiro progresso científico apesar do seu uso remontar á mais alta antiguidade”<sup>542</sup> e que essa é a forma ideal de dar destino aos corpos nos campos de batalha, uma vez que

O trabalho que a natureza leva tantos annos a desempenhar, expondo populações inteiras a graves inconvenientes, cumpre-o a cremação com rapidez e sem perigos não deixando á superficie da terra mais do que uma pequena quantidade de cinzas inoffensivas.<sup>543</sup>

Para a aceitação do método, recorre à derrubada das objeções, como a de que impediria a investigação criminal, contraditada pelo aperfeiçoamento dos equipamentos policiais e pelo desgaste dos preconceitos supersticiosos. E, para desfazer a ideia de que o uso da cremação poderia ocultar crimes pelo desaparecimento do corpo, recorre para a observância dos rigores das investigações, que não precisariam contar com o meio de inumação para a resolução de crimes, o que chama de “phantasia de imaginação”.<sup>544</sup>

Pela defesa acalorada é possível fazer um paralelo com os grandes discursos e debates para o fim dos sepultamentos dentro das igrejas e com os debates posteriores encontrados nas solicitações de transferência de cemitérios secularizados para lugares mais afastados, como foi o caso do 1º cemitério público de Florianópolis. Ele foi inaugurado em 1841 e após algumas décadas de funcionamento, passou

---

<sup>540</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 102.

<sup>541</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit., p. 56.

<sup>542</sup> Ibid., p. 57.

<sup>543</sup> Ibid.

<sup>544</sup> Ibid., p. 76.

a ser alvo de pedidos de retirada, o que só ocorreu durante a construção da ponte Hercílio Luz, sendo desativado entre 1923-1926.<sup>545</sup>

Nesses momentos observa-se com frequência a utilização de expressões que remetem a higiene, saúde pública, progresso e civilidade. Tais bandeiras são levantadas para servir como suporte para as ações públicas que podem ferir as práticas funerárias em voga, por sua dissonância com as políticas públicas e setores, como a medicina. Pode-se dizer que o campo das práticas fúnebres é cercado por discussões acaloradas, polêmicas, e tocam âmbitos sociais e familiares.

Foi somente na década de 1960 que a Igreja católica suspendeu a proibição contra a incineração dos corpos<sup>546</sup> e no Brasil, mais de dez anos depois foi construído o primeiro crematório, no bairro de Vila Alpina, em São Paulo.<sup>547</sup> Ele foi inaugurado em 1974 com uma proposta comum a outros crematórios de nosso país: oferecer o acesso a um procedimento definido como higiênico, tranquilo e sustentável. O aparecimento de novos empreendimentos desse segmento, nas últimas décadas, é sustentado pela noção que a cremação é ecológica, um item que congraça com as discussões de sustentabilidade travadas atualmente.

Nos anúncios comerciais percebe-se a associação da cremação com os planos de compra antecipada, uma modalidade correlata aos planos do Boa Vida, da empresa Haas, apresentados mais adiante. O cliente pode antecipar a compra por meio de parcelamento. O plano de cremação é anunciado como uma “maneira ágil e segura de antecipar a resolução de um fator inevitável”,<sup>548</sup> sendo esse formato bastante utilizado para a sua comercialização. A seguir, parte da publicidade do plano:

Se você é favorável à cremação, adquira um plano em vida. A Cremação Previdente é o sistema de compra antecipada do Crematório Metropolitano.

---

<sup>545</sup> CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério**. Op. Cit.

<sup>546</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 193.

<sup>547</sup> Sobre o crematório e cremação. In: **Serviço funerário do Portal da Prefeitura de São Paulo**. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/noticias/index.php?p=3913.asp](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/index.php?p=3913.asp)>. Acesso em: 12 jun. 2012.

<sup>548</sup> Plano de Cremação. In: **Funerária Vaticano**. Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio\\_de\\_cinzas\\_ao\\_espaco.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.html)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

Através de pequenas parcelas mensais, você garante a sua tranquilidade e de sua família também. Resolva isto hoje mesmo e lembre-se: faz parte da vida.<sup>549</sup>

Os seus projetos arquitetônicos remetem a valores como paz e sobriedade, e são pensados como espaços para contemplação. Fazendo sumir os vestígios da morte, a cremação aparece então, como uma tendência, comprometida com a racionalidade e difere, certamente, da cerimônia de cremação romana onde

enquanto o corpo não estava consumido, os parentes deviam permanecer ali perto. Depois, do meio das cinzas quentes, recolhiam-se os ossos calcinados. Lavavam-nos com vinho e encerravam-nos numa urna, deposta, em seguida, num sepulcro.<sup>550</sup>

Os defensores a consideram como um procedimento possível para solucionar o problema do número reduzido de espaços nos grandes centros urbanos. Acrescenta-se à questão, a saturação de antigos cemitérios, em funcionamento, que já fazia parte dos fatores apontados para a aceitação da cremação, presentes na tese do começo do século XX:

Os terrenos encarregados um certo numero de vezes do trabalho da decomposição cansam e recusam-se a satisfazer a tarefa imposta; n'isto consiste o phenomeno de todos conhecido por saturação dos cemitérios. Alguns auctores, entre elles Lacassagne, julgam a terra impotente para uma terceira inhumação.<sup>551</sup>

---

<sup>549</sup> Crematório São José. In: **Portal Cortel**. Disponível em:<[http://www.cortel.com.br/w\\_crematorio\\_saojose/](http://www.cortel.com.br/w_crematorio_saojose/)>. Acesso em: 28 ago. 2006.

<sup>550</sup> GRIMAL, Pierre. Op. Cit., p. 39.

<sup>551</sup> FANZERES, Gabriel Cardoso. Op. Cit., p. 51. Alexandre Lacassagne foi criminologista francês e um dos principais representantes da escola criminológica francesa, juntamente com Gabriel Tarde e Henri Joly. In: **Octavo**.



Embora tenha conquistado certa popularidade, não obstante, a cremação sofre ainda resistências e sua aceitação “*como método sensato y además respetable de honrar a los muertos sólo se consiguió tras una lucha larga y cruenta*”.<sup>552</sup> Ronald falou da resistência aos novos empreendimentos analisados por seu pai, que no caso dos crematórios, pode estar relacionada com a forte presença no imaginário religioso, da necessidade de um lugar para sepultamento, ritualização e devido descanso das almas. Além disso, pode contribuir para a questão, considerar a sobrevivência de dogmas como a ressurreição dos mortos, defendida pelo cristianismo, a pouco citada, na qual o corpo feito em cinzas poderia ser um impeditivo, e “*los clérigos se oponían firmemente a la incineración porque pensaban que podía interferir en la resurrección del cuerpo*”.<sup>553</sup>

É bem verdade que à medida que a morte foi expulsa da cidade moderna, tal como foi feito com os mortos de dentro das igrejas, os finados, nas últimas décadas do XX, passaram a repousar em túmulos pouco funéreos e especialmente distanciados dos olhares dos habitantes das cidades atuais. Apesar do afastamento dos sinais da morte, de túmulos, velórios e cemitérios, nos dias de Finados, os campos santos continuam a lotar em muitas regiões de nosso país.

O dia dos mortos é comemorado nos crematórios, contudo guarda suas particularidades. Nessa data, nos dia das mães e dos pais ocorrem celebrações para a família e demais convidados.<sup>554</sup> O dia de Finados pode ainda ganhar outras denominações, como o Dia da Saudade, sendo a mudança no termo assim explicada:

A finalidade do Dia da Saudade ainda é o culto aos mortos e às sepulturas, entretanto, a diferença do Dia de Finados para o Dia da Saudade encontra-se no comportamento fúnebre adotado pelos que visitam os túmulos nos cemitérios. É possível verificar uma atmosfera comemorativa e um clima de nostalgia entre os visitantes que

---

Le crime. Disponível em: <<http://www.octavo.com.br/livros.asp?ID=26>>. Acesso em: jan. 2013.

<sup>552</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 195.

<sup>553</sup> Ibid.

<sup>554</sup> **Funerária Vaticano.** Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio\\_de\\_cinzas\\_ao\\_espaco.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.html)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

trazem cadeiras ou sentam na grama para conversar, chorar e se alimentar.<sup>555</sup>

Em alguns dos empreendimentos, é possível encontrar um local para depositar as urnas com as cinzas. Com o nome de “Sala de memórias”, em um desses locais, a família pode ornar o espaço adquirido, com “objetos que caracterizam a personalidade da pessoa que se foi”,<sup>556</sup> sem restrição do horário de visita e com segurança 24 horas. Algo raramente encontrado em cemitérios convencionais, que não contam com sistemas para proteger seu patrimônio, visitantes e usuários.

Jessica Mitford assinala a presença de locais para dispersão das cinzas, os “Jardins das recordações” como

*una parte del camposanto reservada especialmente para esta práctica. Casi todos los crematorios y cementerios cuentan con una parcela semejante, y en algunos cobran una cantidad simbólica por el servicio.*<sup>557</sup>

Percebe-se em tais elementos, a busca pela construção de um espaço que possa ser transformado em lugar para os cultos familiares, um pouco do que o ato da cremação aparenta negar. No entanto, mesmo guardando as cinzas em columbários<sup>558</sup> e deixando-as em uma “Sala de memória”, o destino final nos crematórios remete a uma morte discreta e sem necessidade de registros do local de “descanso eterno”.

As cerimônias nesses locais não dão espaço para manifestações de dor exageradas e personificam o formato da morte contemporânea, considerando que “a desritualização da morte consubstancia-se na rarefação generalizada do culto da morte”<sup>559</sup> expressa no aumento das

<sup>555</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 223.

<sup>556</sup> **Funerária Vaticano**. Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio\\_de\\_cinzas\\_ao\\_espaco.htm](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.htm)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

<sup>557</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 194.

<sup>558</sup> O columbário é o local (sala) onde ficam depositadas as urnas com as cinzas. In: **Memorial crematório do cemitério Dom José**. Disponível em: <<http://crematoriodomjose.com.br/columbario>>. Acesso em: 28 dez 2012.

<sup>559</sup> BARBOSA, Antônio. Pensar a morte nos cuidados de saúde. **Análise Social**, Vol. XXXVIII, nº 166, 2003. Disponível em: <[analisesocial.ics.ul.pt/.../1218737559Q5dRD9fa3Zz85OZ8.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/.../1218737559Q5dRD9fa3Zz85OZ8.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2012, p. 37.

incinerações, na diminuição dos rituais e da utilização da arte mortuária, de acordo com Antônio Barbosa.<sup>560</sup>

O cerimonial dos velórios de alguns crematórios, modelos verticais e jardins pode incluir efeitos e opções muito próximas das oferecidas, na organização de cerimônias de formatura, por exemplo, com direito a imagens em telões, chuva de pétalas, pombos e músicas de homenagem, comidas e aperitivos, sendo possível contratar uma limusine no lugar do tradicional carro funerário.<sup>561</sup> Com a aquisição de um plano de cremação para si, podem ser escolhidos detalhes do funeral, como a execução de determinadas músicas ou mesmo gravar uma mensagem aos familiares e amigos, como parte de sua cerimônia de despedida. Nos telões podem ser vistas imagens do falecido, momentos com a família, com trilhas sonoras escolhidas para a homenagem, que são os

memoriais eletrônicos ou vídeos-tributos que consistem em uma homenagem áudio-visual através de uma seleção de fotografias, músicas e imagens que são transmitidas durante a cerimônia do funeral e oferecidas para a família ou hospedadas em uma *website*, permitindo que a família e os amigos mais distantes possam acessar o vídeo-tributo através de senhas, com a finalidade de lembrar a pessoa que morreu.<sup>562</sup>

Tais serviços estão direcionados, especialmente, para um público interessado em personalizar a despedida com os chamados “funerais tributos que tem a função de fazer com que as cerimônias se tornem mais criativas e únicas e não incidam sobre a morte, mas sobre a celebração da vida do morto”.<sup>563</sup> Para Menezes e Gomes, um exemplo desta nova forma de se relacionar com o morto e com a morte pode ser

---

<sup>560</sup> Ibid.

<sup>561</sup> CURY, Anay. Com estabilização da mortalidade, funerárias investem em inovação. In: **Portal Globo.com** - Economia e negócios, 04/07/2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/07/com-estabilizacao-da-mortalidade-funerarias-investem-em-inovacao.html>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

<sup>562</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 129.

<sup>563</sup> Ibid.

dado pela descrição de uma missa de Sétimo dia ocorrida no Rio de Janeiro:

O convite, impresso em jornal, contava com o emblema de um time de futebol desta cidade e grande parte do público presente trajava camiseta deste time. A cerimônia teve duração de cerca de duas horas. A viúva afirmou publicamente seu afeto pelo falecido, relatando experiências vivenciadas em conjunto, inclusive abordando situações da vida sexual do casal - tema usualmente tido como da esfera privada. O padre exibiu uma fotografia do morto e suas músicas preferidas eram tocadas. A missa foi concluída pela canção “Eu te amo”, de Roberto Carlos, e por distribuição de “santinhos” com uma foto do morto sorrindo, antes de seu adoecimento. O choro não era disfarçado, mas compartilhado entre os presentes. As marcas da singularidade do falecido foram enfatizadas: seu vínculo com a música popular brasileira, sua identidade de torcedor de futebol, sua alegria e dedicação à família e aos amigos. Enfim, as diferentes esferas de sua vida constituíram objeto de celebração.<sup>564</sup>

O estudo realizado por Rolf Haas, em fins da década de 1990, estava correto ao apontar que tais empreendimentos, juntamente com os planos, seriam uma tendência promissora para os próximos anos. Eles podem ser encontrados em países como os Estados Unidos, Canadá e Europa, e no Brasil, em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba.<sup>565</sup> Esses empreendimentos congregam em seus andares uma série de serviços especializados e podem ser uma solução para problemas cemiteriais, dentre eles, a falta de espaço para sepultamento e as condições precárias encontradas em muitos desses locais.

A pesquisa de Rolf buscou novos caminhos para a empresa, que agora funcionava somente com a funerária, após a desativação da marmoraria. Dos três negócios estudados, a parte de planos funerários

---

<sup>564</sup> MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. Op. Cit., p. 110.

<sup>565</sup> **Cemitério Memorial do Carmo.** Disponível em: <<http://www.memorialdocarmo.com.br/cemvert.htm>>. Acesso em: 04 set. 2012.

foi considerada a mais interessante para a empresa, sendo “*uno de los mecanismos de más éxito de la historia del marketing, es la clave secreta para el crecimiento exponencial del negocio de los cementerios modernos*”,<sup>566</sup> de acordo com Jessica Mitford.

Decidido pela parte de planos, Rolf contou com a ajuda de seu filho, Ronald para implementar o novo negócio. Em 1998, já formado em Engenharia Mecânica, Ronald retorna para Blumenau com o objetivo de ajudar no desenvolvimento dos novos negócios. Atuando em um primeiro momento na implementação dos planos junto com o pai, Ronald veio a assumir a empresa no lugar de Rolf, confirmando o seu caráter de empresa familiar, que pode ser definida como “empreendimentos geridos por uma ou mais famílias e onde a sucessão do poder decisório é hereditária”.<sup>567</sup>

No Código de Ética e Auto Regulamentação do Setor Funerário (CEARF), em seu capítulo 3º, os planos funerários são definidos como “planos de assistência que visam oferecer serviço funerário e outros benefícios estritamente dentro de condições estabelecidas em contrato de adesão, registrado em cartório de títulos e documentos”.<sup>568</sup> Mantendo a tradição da empresa, sem deixar de inovar para manter-se no mercado, a Haas direcionou seus investimentos para os planos e ganhou um novo rumo.<sup>569</sup>

Os planos funerários surgiram nos Estados Unidos, em fins do século XX e sua criação é associada ao envelhecimento dos *baby boomers*, a geração pós-Segunda Guerra Mundial, os nascidos entre as décadas de 1946 a 1964, que está envelhecendo e tem impulsionado o crescimento das indústrias de serviços e produtos, dentre elas, a mortuária.<sup>570</sup>

A análise feita por Isabela Andrade de Lima Morais promove uma aproximação entre os testamentos e os planos assistenciais funerários comercializados atualmente. A preocupação com a administração do funeral e sua organização, antes delegada às

---

<sup>566</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 153.

<sup>567</sup> **Empresa familiar.** SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/momento/quero-abrir-um-negocio/que-negocio-abrir/tipos/empresa-familiar/>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

<sup>568</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. Op. Cit., p. 184.

<sup>569</sup> Venda de planos pelo “Boa Vida Serviços Póstumos Ltda.”, com sede na cidade de Blumenau (SC).

<sup>570</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte.** Op. Cit., p.19.

irmandades passou a ser feita com a aquisição de planos funerários, em suas palavras:

A prevenção e o gerenciamento da morte, que antes era realizada através dos testamentos, se tornaram uma realidade através da aquisição dos serviços preventivos dos planos assistenciais funerários. Houve uma reavaliação funcional e simbólica dos ritos e das cerimônias fúnebres, percebida também pela ideia de praticidade embutida na lógica de que as empresas do ramo funerário - os Grupos - cuidarão de todo o funeral.<sup>571</sup>

Outra aproximação possível é o entendimento de que a relação presente anteriormente na construção e manutenção de um jazigo familiar, pode ser encontrada nos planos de assistência funerária. Por meio da análise do contrato do plano da empresa Haas foi possível observar elementos e mudanças do mercado em questão e traçar seus encontros com a forma de organizar o evento da morte no âmbito familiar. Tal como os jazigos funerários, dos primeiros momentos do cemitério secularizado, esse contrato de assistência funerária<sup>572</sup> abarca a família dentro de seu plano de cobertura. O contratante pode incluir os seus dependentes como cônjuges, filhos e pais classificados no contrato como dependentes diretos, indiretos e agregados,<sup>573</sup> uma lógica que fora

---

<sup>571</sup> Ibid., p. 232.

<sup>572</sup> No glossário do contrato, “assistência funerária” é definida como: Toda atividade ou ato relacionado com a logística do atendimento funerário; organização e coordenação das homenagens póstumas, do cerimonial e do sepultamento; traslado, fornecimento de artefatos, providências administrativas, técnicas e legais; (Composto por: Serviços Obrigatórios, Serviços Complementares e Serviços Adicionais.) Boa Vida Serviços Póstumos Ltda. In: **Contrato de Assistência Funerária 24 horas**. Acervo da empresa Haas, 2011.

<sup>573</sup> Para o glossário os dependentes diretos seriam “dependentes usuários qualificados como cônjuge, pais do titular e filhos solteiros com até 25 anos conforme opção de plano. Os dependentes indiretos, “os filhos solteiros acima de 25 anos, pais do titular acima de 65 anos e 10 meses”. E o dependente indireto agregado o dependente adicional, qualificado através de parentesco com o Titular, com inclusão sujeita a aprovação prévia. Serão considerados para inclusão somente os seguintes agregados: irmãos, cunhados, tios, primos, sobrinhos e netos até idade limite de 65 anos de 10 meses, acima deste limite só

anteriormente perpetuada, de acordo com Antonio Motta, nos jazigos familiares onde a

lógica de sepultamento, no interior de um túmulo de família, na maioria das vezes era orientada pelo princípio da filiação, podendo nele reunir os ascendentes e os descendentes em linha direta (pai, mãe, filhos, avô e netos). A depender do caso, é possível se ver incluídos alguns afins ou aliados.<sup>574</sup>

Sob a proteção do plano, com vigência de um ano, a família passa a ter assistência funerária de 24 horas<sup>575</sup> por meio de pagamentos mensais, reajustadas anualmente.<sup>576</sup> Nos cemitérios reunia-se em uma sepultura comum, para atender ao destino final do corpo. O plano reúne a família e a resguarda dos trâmites e preocupações decorrentes quando da ocorrência da morte.

Nos últimos cinco anos, as vendas de planos aumentaram de forma significativa e nos Estados Unidos, os planos e seguros funerários detém uma grande fatia do mercado,

a exemplo da Service Corporation Internacional of America (SCI), sediada no Texas, que é considerada a maior empresa funerária do mundo, que já se transformou em uma multinacional, que

---

serão aceitos avós e sogros do titular”. In: **Contrato de Assistência Funerária 24 horas**. Acervo da empresa Haas, 2011.

<sup>574</sup> MOTTA, Antonio. Cemitérios oitocentistas. Op. Cit., p. 216.

<sup>575</sup> No glossário do contrato, o termo “Assistência Funerária 24 horas” é definido como o Conjunto de medidas que objetivam viabilizar a prestação de um serviço funerário determinado, tais como, manutenção de estrutura física e materiais específicos adequados, assessoria e consultoria relativa ao evento óbito e funeral, suporte logístico, manutenção de uma equipe qualificada e operacionalizar a assistência e atendimento funerário, nas vinte e quatro horas de todos os dias do ano, ininterruptamente, durante toda a vigência do contrato. In: **Contrato de Assistência Funerária 24 horas**. Acervo da empresa Haas, 2011.

<sup>576</sup> Os reajustes do contrato são feitos pelo índice geral de preços do mercado/Fundação Getúlio Vargas), com direito a revisões a cada dois anos, para índices superiores, com multas previstas em caso de atraso. In: **Contrato de Assistência Funerária 24 horas**. Acervo da empresa Haas, 2011.

têm filiais na Austrália, na Alemanha e em outros países.<sup>577</sup>

O sistema de plano criado pela Haas ganhou o nome de “Boa Vida Assistência Familiar”. Ronald explica que decidiram adotar um nome diferente para o plano, como o “Boa Vida”, para desvinculá-lo da imagem da empresa: “se a gente colocasse lá, plano Haas, todo mundo ia saber que era plano funerário”,<sup>578</sup> o que poderia criar certa resistência nas primeiras abordagens aos clientes. A proposta de pensar antecipadamente no funeral (às vezes, muito tempo antes dele acontecer) poderia soar como algo quase desnecessário ou mesmo, mórbido.

O contrato engloba a parte de assistência familiar de forma mais ampla e não direcionou seu foco somente para a parte de serviços funerários, feita pela Haas “a venda do caixão é apenas uma parte do negócio, incluindo-se, em certos planos, um desconto nos honorários pagos aos médicos. [...] uma moda que se reflete em todo o mundo, até com novos formatos de cemitérios e implantação de crematórios”.<sup>579</sup>

O Plano Boa Vida foi iniciado em empresa já existente em 1998, a “Haas Agenciamento e Comércio Ltda.”, e separado para a empresa “Boa Vida Serviços Póstumos Ltda.”, dez anos depois. Os planos da empresa Haas são familiares e possuem diversos mecanismos que, tal como o sistema de seguro, evita que ingressem no plano, pessoas à beira da morte, por exemplo. Além da assinatura, os contratantes respondem a um questionário que avalia o seu entendimento do contrato e estado geral de saúde, bem como de seus dependentes, devendo sinalizar a ocorrência de problemas médicos. A contratação do serviço funerário e o parcelamento é feito junto à funerária da família, que mantém agências em Blumenau e Indaial e em outras cidades. O atendimento do contratante do plano é feito por meio de funerárias contratadas.

Alguns serviços adicionais, não relacionados com o evento da morte, são oferecidos aos que adquirem o plano e contratados com outros profissionais, como o empréstimo de material de convalescente, convênios na área médica e odontológica com descontos. Atualmente, a empresa tem um setor de serviço social com atendimento psicológico

---

<sup>577</sup> FERRARI, Cezário de Campos. **Um novo conceito de funerária**. Piracicaba: C.N. Editora, 2006, p. 8.

<sup>578</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>579</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. Cit., p. 6.



para dar apoio aos contratantes. Mas o foco do plano é a cobertura do serviço funerário em si.

O atendimento psicológico parece estar alinhado com a terapia do luto ou luto terapêutico. Para Isabela Andrade de Lima Morais a origem destes serviços pode estar nos Estados Unidos, onde é um dos argumentos da indústria fúnebre criada pelos representantes do setor para aliviar a família enlutada dos encargos do processo.<sup>580</sup> Este tipo de atendimento pertence ao conjunto de ações relacionadas com a tanatologia, assim definida por Maria Julia Kovacs:

área de conhecimentos e de aplicação, envolvendo cuidados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos auto-destrutivos, suicídio, ou por causas externas, pela violência presente principalmente nos centros urbanos.<sup>581</sup>

Na busca por um melhor relacionamento com os clientes, especialmente o público mais jovem, a Haas desenvolveu, com uma equipe especializada, um personagem. Como “haas” quer dizer “coelho” a ideia foi prestar uma homenagem por meio de um personagem com o nome de Mathias. No estudo dos desenhos acabou sendo criada depois a Rosinha, uma coelhinha em homenagem a Rosa Haas. Esses dois personagens são utilizados para trabalhos específicos com o público infantil e no jornal “Folha de Blumenau” a funerária mantém um encarte com passatempos. A empresa, que conta com cerca de 70 pessoas envolvidas em suas atividades, mantém um projeto que se compromete a plantar uma árvore para cada contratante atendido pelo plano.

Ainda sobre outras atividades culturais, em novembro de 2008, foi organizada a exposição “Marmoraria Haas - Arte Monumental 1918-2008” pela passagem de 90 anos da empresa (Figura 67). Composta de imagens e materiais diversos, como formas de cimento, peças esculpidas em mármore, a exposição contou a história a marmoraria até o formato

---

<sup>580</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 211.

<sup>581</sup> KOVACS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, nº 41, Dec. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>>. Acesso: 8 fev. 2011, p. 458.

atual da empresa.<sup>582</sup> Tais eventos e ações são vistas pela família como forma de aproximar-se do público e diminuir o desconforto existente quanto ao produto comercializado por eles.

Figura 67 - Banners utilizados na exposição



Fonte: Acervo da Família Haas

A venda de planos mostrou-se ao longo dos anos como uma opção acertada, mas Rolf lembra que os primeiros anos foram difíceis, tal como foi com o ingresso do trabalho especializado pela funerária, décadas antes, entretanto a venda de planos sofria outras resistências específicas de sua natureza. Dispor-se a cuidar do corpo e das providências necessárias para atender a família que contratou a empresa, quando ocorreu o óbito, é diferente de oferecer um plano que antecipa um assunto não muito grato, pois “falou em morte, Deus me livre!”, acrescenta Rolf.<sup>583</sup> A abordagem para a venda, feita por meio de representantes, tinha que burlar a ideia de que tal assunto não deve nem ser falado, pois poderia atrair a morte, como reza a crença popular.

Foi a partir de década de 1980 que no Brasil, as empresas começaram a trabalhar com os planos funerários de forma mais

<sup>582</sup> Mausoléu apresenta os 90 anos da Haas!. In: **Boa vida Assistência familiar**. Disponível em: <<http://www.boavida.com.br/noticias.php?pg=150>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

<sup>583</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

sistemática. Sobre a venda de planos funerários, o Sindicato dos Cemitérios Particulares do Brasil (SINCEP) divulgou em seu *site* um artigo do jornal Gazeta de Cuiabá de 19/01/2003, que confirma as dificuldades quando o assunto é antecipar o pensamento sobre “aquele momento infeliz”:

Quando os primeiros planos começaram a ser vendidos na Capital, há 25 anos, a resistência era muito grande. Os vendedores que saíam de porta em porta eram mal recebidos, muitas vezes chamados de “urubus” e agourentos. Poucas pessoas ousavam pagar mensalmente o caixão, o traslado e o local onde um dia será velado. Hoje é cada vez mais comum as pessoas terem entre suas despesas mensais o boleto do plano funeral.<sup>584</sup>

No Brasil, já existiam empresas de planos em São Paulo e no Paraná, mas em Santa Catarina a proposta de adquirir antecipadamente os serviços de atendimento funerário era uma novidade, conta-nos Rolf.<sup>585</sup> Com o ingresso no ramo de planos funerários, mas uma vez a empresa Haas inova, o que pode ser considerada uma marca da empresa levando em conta que eles foram a primeira funerária a oferecer uma capela velatória em Blumenau e a incorporar serviços de cuidado e preparação do corpo de forma organizada.

Na escolha pela venda de planos pesou ainda a constante inadimplência sofrida pela empresa. Para resolver o problema, o novo sistema de vendas por planos foi considerado o melhor caminho. De acordo com Rolf, no modelo de venda da funerária, com a contratação dos serviços e aquisição de produtos feitas no momento da morte, não conseguia evitar os maus pagadores, que na hora de organizar o enterro pediam “o bom e o melhor, depois com o defunto frio, esquecem”.<sup>586</sup>

---

<sup>584</sup> Custo da morte amplia vendas. In: **SINCEP/ACEMBRA: Sindicato dos cemitérios particulares do Brasil**, 2003. Disponível em: <<http://www.sincep.com.br/?key=53c3bce66e43be4f209556518c2fcb54>>.

Acesso em: 11 maio 2011.

<sup>585</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

<sup>586</sup> HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011.

O plano seria uma forma de evitar tal situação com a antecipação do pagamento. O cliente na contratação do plano, a partir da escolha do tipo específico, já definia os valores a serem pagos. A pesquisadora Isabela Andrade de Lima Morais assinala que para o cliente, os planos funerários são uma forma de amenizar os custos com o funeral na forma de parcelamento antecipado: “Como os produtos e serviços para o funeral são relativamente caros, há hoje uma tendência de adquiri-los preventivamente, conhecida como “*preened*” ou *preplanning funeral*” (grifo do autor).<sup>587</sup> Os planos poderiam contribuir para evitar situações nas quais algumas famílias chegam a optar por “sepultamentos de seus entes em cemitérios destinados a enterrar apenas corpos sem identificação”<sup>588</sup> por não conseguirem pagar as taxas de um sepultamento na forma de venda direta das funerárias.

No Brasil, um funeral pode custar entre R\$ 250 a R\$ 15 mil, considerando que alguns enterros podem contar com as gratuidades e outros podem conter todos os luxos disponíveis,<sup>589</sup> a colocação de Isabela Morais faz sentido. Nos Estados Unidos, o custo médio é de seis mil dólares, mas este pode ser apenas o preço do caixão, caso a opção seja a de funeral mais requintado.<sup>590</sup> Os espaços de sepultamentos nos cemitérios podem ser igualmente caros. Em São Paulo, um jazigo pode chegar a R\$ 25 mil de acordo com um

site que, na quinta-feira, anunciava "jazigo virgem", no Cemitério do Morumbi, zona sul. "Bem de família. Tratar com proprietário", completava. O metro quadrado do jazigo, por R\$ 3.800, é mais caro do que de um apartamento de luxo no vizinho Portal do Morumbi, por R\$ 3.174

---

<sup>587</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 19.

<sup>588</sup> *Ibid.*, p. 235.

<sup>589</sup> Morrer em São Paulo custa de R\$ 250 a R\$ 15 mil. In: **Portal R7 Economia**, 2/11/2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/morrer-em-sao-paulo-custa-de-r-250-a-r-15-mil-20111102.html>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

<sup>590</sup> HOEG, Jerry (Tradução: Eva Paulino Bueno). Práticas funerárias nos Estados Unidos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 30, novembro, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/030/30ehoeg.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

o m<sup>2</sup>. O túmulo mais em conta fica no cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, a R\$ 900 o m<sup>2</sup>.<sup>591</sup>

Os planos são uma forma de fidelizar o cliente sem a necessidade de passar pelas disputas que ocorrem, muitas vezes, na porta dos hospitais, acrescenta Ronald.<sup>592</sup> A concorrência, neste caso, é o conhecido “agenciamento”, algo que está presente nesse ramo comercial e pode ser definido, como a abordagem ou assédio direto da família por parte da funerária quando ocorre o óbito. No caso, deve ser a família quem deve procurar uma empresa para prestar o serviço e evitar as brigas por clientes.

A questão do agenciamento é tratada pelas vias legais. Por exemplo, a lei nº 3.376 de 18 de junho de 2004, do Distrito Federal, proíbe em seu artigo 1º, a presença de pessoas vinculadas às agências funerárias, para venda de seus serviços e produtos nas dependências dos estabelecimentos públicos e privados de saúde, no Instituto Médico Legal da Polícia Civil do Distrito Federal.<sup>593</sup>

Para mediar conflitos, comuns nesse setor, a lei tenta coibir uma prática que torna o setor alvo de muitas críticas, com a acusação de que pelo simples lucro, os agentes funerários ultrapassam os limites e desrespeitam as famílias em um momento tão difícil. No Brasil, para resolver conflitos nesse setor, já surgiram especialistas em direito mortuário, que é um conjunto de leis voltadas a resolver questões em torno do mercado fúnebre.<sup>594</sup> A parte de planos mostrou-se uma boa escolha, mas era preciso continuar inovando.

---

<sup>591</sup> CARRANCA, Adriana. Cemitério cheio faz cremação crescer em São Paulo, 31 jan. 2010. In: **Estadão.com.br** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,cemiterio-cheio-faz-cremacao-crescer-em-sp,504251,0.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

<sup>592</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>593</sup> Lei nº 3.376 de 18 de Junho de 2004. In: **Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda**. Disponível em: <http://www.sedest.df.gov.br/sites/300/382/00000317.pdf>. Acesso em: 20 jun 2011.

<sup>594</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Op. Cit., p. 6.

## 4.2 - Corpos mortos, corpos vivos: tanatopraxia, necromaquiagem e reconstituições

Depois de decidir pela venda de planos, Ronald Haas, em setembro de 1998, ingressou na recém-formada “Associação de empresas de planos funerários na região Sul” (ASBAF). Criada por empresas e profissionais do ramo funerário, ela tinha por objetivo obter maior segurança na comercialização dos planos funerários. Como a venda de planos era recente no final da década de 1990, a proposta da associação era fornecer subsídios para acabar com a insegurança e com dúvidas sobre vendas e outros, nesse novo ramo do mercado. A associação foi importante para amparar os serviços oferecidos pelas empresas que comercializavam os planos e para trocar informações dentre os interessados. A associação funcionou por alguns anos e hoje não está mais em atividade.<sup>595</sup>

A partir de 2001, Ronald começou a investir em cursos de formação na área de tanatopraxia. Em uma das reuniões da ASBAF, um profissional de necromaquiagem de São Paulo ministrou um curso sobre essa técnica que oferecia a possibilidade de incrementar o serviço funerário com procedimentos de preparação do corpo. Após o primeiro contato com novos procedimentos e serviços nesse segmento, a irmã de Ronald fez o curso de necromaquiagem em Caxias do Sul (RS) e depois fez o de tanatopraxia em Campinas (SP), um dos primeiros núcleos de treinamento dessa técnica no país.

Após os cursos, quando a Haas começou a oferecer a tanatopraxia e a necromaquiagem, novamente encontrou resistências. Tal como o plano, a dificuldade de introduzir os novos produtos foi grande, mas algo esperado, de acordo com Ronald.<sup>596</sup> Outras resistências já haviam sido enfrentadas no arrendamento da funerária, com a capela velatória e a venda dos planos.

A tanatopraxia é a aplicação de substâncias conservantes “na veia femoral do cadáver através de uma pequena incisão na perna (próximo à virilha)”,<sup>597</sup> com o intuito de obter uma melhor conservação do corpo e a resistência pode estar no fato de tratar-se de um

---

<sup>595</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>596</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>597</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 193-194.

procedimento sobre o corpo, algo visto como invasivo, na opinião de Ronald.<sup>598</sup>

Inicialmente, a contratação desses serviços era esporádica e, geralmente, requisitada em funerais mais caros e por pessoas com grau de instrução mais alto. As famílias de menor poder aquisitivo pouco requisitavam as novas técnicas.<sup>599</sup> É possível levantar algumas possibilidades para entender tal comportamento. A resistência pode ser motivada pela falta de acesso às informações sobre os procedimentos ou por limitações do orçamento, o que acabava por tornar a técnica dispensável, em boa parte dos casos.

A tanatopraxia é oferecida em vários níveis que dizem respeito ao tempo de velório ou a necessidade de traslado em viagens de longa distância. Atualmente, a tanatopraxia engloba

a prática de uma técnica, já desenvolvida em outros países, utilizando meios modernos para a preparação de corpos humanos, vitimados das mais variadas formas de óbitos. Corresponde a aplicação correta de produtos químicos em corpos falecidos, visando a desinfecção e o retardamento do processo biológico de decomposição, permitindo a apresentação dos mesmos em condições surpreendentemente melhores para o velório.<sup>600</sup>

Outras técnicas são oferecidas tais como a necromaquiagem e a reconstituição facial. A função delas pode ser meramente estética fundamentada na busca por “uma aparência mais natural possível do corpo fazendo com que o morto não pareça morto”,<sup>601</sup> algo mais comum no uso da necromaquiagem, mas igualmente podem ocorrer situações nas quais o corpo está impossibilitado de ser velado de caixão aberto, necessitando da reconstituição facial.

---

<sup>598</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>599</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>600</sup> TÂMEGA, Oisenyl J.; GARCIA, Progresso J. Tanatopraxia: informações e Curiosidades. In: **Folha fúnebre**. Disponível em: <<http://folhafunebre.blogspot.com/2009/01/tanatopraxia-informaes-e-curiosidades.html>>. Acesso em: 6 maio 2011.

<sup>601</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 192.

A necromaquiagem recupera as feições diminuindo os sinais de enfermidade, em partes visíveis do corpo. Na técnica são aplicados produtos cosméticos, os mesmos utilizados pelas mulheres, como pó facial, batom e cremes, que buscam contornar ou amenizar sinais de sofrimento e não envolvem procedimentos para aplicação de produtos dentro do corpo, como no caso da tanatopraxia.<sup>602</sup>

Já a reconstituição facial “é uma técnica restauradora mais avançada, que visa recuperar vítimas de acidentes e doenças, que por apresentarem lesões não permitiriam a apresentação do corpo no velório”.<sup>603</sup> O método visa recompor partes feridas permitindo a visualização do corpo ou do rosto e repor partes, como olhos, nariz, orelhas com o uso de ceras reparadoras. Outras alterações corporais como, “os inchaços na boca e pescoço são resolvidos a partir da remoção dos tecidos dentro da boca. Os orifícios naturais (nariz, boca, ânus, vagina) são tapados com produtos especiais e os lábios são fechados”.<sup>604</sup> De uma forma geral, tais métodos

que são realizados nos cadáveres consistem em higienizar, tamponar, vestir, necromaquiar e ornamentar a urna funerária. A higienização é a lavagem do corpo para retirar o sangue, secreções e fezes. Em seguida é realizado o tamponamento do nariz, boca e eventualmente ouvido, ânus e vagina, com o objetivo de evitar a saída de algumas secreções durante as cerimônias de velório e sepultamento.<sup>605</sup>

Para Ronald, a oferta da necromaquiagem aos clientes, geralmente, aplicada no rosto e mãos que ficam mais expostos, apesar de mais simples, é igualmente delicada.<sup>606</sup> Dentre os serviços que, compõem a toalette funérea, listados por Isabela Morais estão a limpeza

---

<sup>602</sup> Necromaquiagem Reparação e Reconstituição Facial. Funerária Haas. Disponível em: <<http://www.haas.srv.br/indaial/necro.php>>. Acesso em: 4 maio 2011.

<sup>603</sup> Necromaquiagem Reparação e Reconstituição Facial. Funerária Haas. Disponível em: <<http://www.haas.srv.br/indaial/necro.php>>. Acesso em: 4 maio 2011.

<sup>604</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 191.

<sup>605</sup> Ibid., p.190.

<sup>606</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.



dos cabelos, remoção de pelos faciais e marcas de picadas de agulha, fruto de internações. No caso de mulheres, as unhas podem ser pintadas e nos homens, a barba feita. Um corante labial e outro facial são utilizados para obter uma tonalidade mais natural na face, boca e nas mãos.<sup>607</sup>

Já a reconstituição é um processo mais complicado, mas mostra-se essencial nos casos de morte violenta. Ela requer certa habilidade para sua execução e é utilizada, geralmente, em vítimas de acidentes de trânsito ou em mortos por incêndio, onde é preciso reconstruir ou fazer intervenções significativas no corpo. Ronald fala sobre a oferta desses serviços:

porque assim como a tanatopraxia também, muitas vezes você tem que ter uma avaliação prévia, pra ver o que é possível fazer... para não se comprometer com a família, de conseguir um resultado, ou criar a expectativa de um resultado que depois não vai se concretizar [...] já teve caso que a gente acabou fazendo uma reconstituição não tão primorosa, mais porque a família só queria ver antes de fechar, o velório ia ser fechado, mas eles queriam ver.<sup>608</sup>

Os representantes das empresas especializadas destacam que os procedimentos oferecem tranquilidade para a realização do velório, evitando o risco de ocorrer algum tipo de incômodo, como a saída de líquidos e odores, garantida principalmente pela tanatopraxia.<sup>609</sup> Para José Alberto Olivença Duarte, tais procedimentos procuram proporcionar ao corpo a aparência de vivo como forma de suavizar o impacto da perda, baseadas na ideia de que esses métodos podem contribuir para uma melhor aceitação da perda.<sup>610</sup>

Nesta mesma linha, ainda podemos afirmar que esses serviços permitem criar no corpo sem vida “simultaneamente uma representação visual do que era para ser, reordenando as suas feições e características e apresentando-o como um todo, intocado e a semelhança do que era em

---

<sup>607</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p.191.

<sup>608</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>609</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 26.

<sup>610</sup> *Ibid.*, p. 22.

vida”.<sup>611</sup> Nas afirmações estão considerações acerca dos preceitos que cercam as intervenções, às vezes, de ordem meramente estética, já que são muitas vezes utilizadas quando não há necessidade real de maquiagens e outros métodos de reparação.

Atualmente, a tanatopraxia é utilizada na Europa apesar de ser algo mais recente do que no mercado norte-americano e estima-se, que 20% dos corpos passem por esse procedimento.<sup>612</sup> Na Haas, a procura está em torno de 80% e não faz parte do plano funerário, tendo que ser contratada a parte. A necromaquiagem faz parte do pacote e é feita em todos os casos, como parte do procedimento de preparação para o velório. A empresa mantém uma parceria com a empresa Pro-Tanato<sup>613</sup> que dá assessoria na área.

Além de uma relação bastante singular com a morte, na qual podem estar previstas ações que tentam ocultá-la, alguns desses serviços, tem outras utilidades, quando há necessidade de uma reconstituição facial. A experiência de manipular um manual de tanatopraxia para o estudo aqui proposto evidenciou suas aplicações e usos.

Diante de rostos deformados por mortes violentas e acidentes, e que são reconstituídos pelas técnicas, tais serviços ganham conotações menos comerciais, dando a oportunidade de poder ver o corpo nas despedidas finais, quando solicitado pela família. O uso do caixão aberto pode ser tida como uma forma de reafirmar que o corpo não é somente a personificação da morte, e sim algo que também pertence à família. Em casos de morte repentina, o corpo pode servir como comprovação final de que a morte realmente ocorreu e

apesar de o cadáver ser culturalmente como um perigo para a saúde pública, as pessoas enlutadas continuam a estar emocionalmente ligadas ao corpo do seu ente querido. É por esta razão que a educação e o aconselhamento para a morte

---

<sup>611</sup> HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portugal: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 487.

<sup>612</sup> FERRARI, Cezário de Campos. Op. Cit., p. 11.

<sup>613</sup> **Pro** - **Tanato**. Disponível em: <[http://www.protanato.com.br/site/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](http://www.protanato.com.br/site/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1)>. Acesso em: 20 ago. 2012.

recomendam que o corpo morto seja visto pelos familiares enlutados.<sup>614</sup>

No entanto, ao analisar o mercado funerário e seus produtos, a constatação mais evidente é que, na maioria dos casos, na procura pela utilização destes métodos o que predomina é mais o intuito de minimizar os indícios que lembrem a morte, do que possibilitar as exéquias familiares quando o corpo não está em condições, como em casos de mortes violentas, como está na afirmação a seguir:

parte do trabalho de um técnico funerário é preparar o corpo do falecido para exposição, de modo a dar-lhe uma aparência mais “viva” e a recriar uma impressão de identidade pessoal: uma forma de satisfazer as expectativas e as necessidades dos que perderam o ente querido, que assim ficam na presença de um ser social com sentido e por todos reconhecível (grifo do autor).<sup>615</sup>

A preocupação com a aparência do morto ou com o modo mais adequado de apresentá-lo, não é algo novo. Cuidar do corpo para atender a preceitos religiosos e culturais, atentando para a posição das mãos, a cor da roupa, a aparência do rosto, fazia parte das intenções daqueles que preparavam os corpos antes das agências funerárias. No século XVIII, era comum o uso de hábitos que eram roupas feitas, especialmente, para o sepultamento e

montar o próprio hábito era pensar na aparência que o corpo iria manter após a morte, era acreditar que enquanto indivíduo seu ego não se dissolveria após a morte, ao contrário, viveria lá, no paraíso, a continuidade de sua vida indefinida “vestindo” seu belo e honroso hábito pela eternidade.<sup>616</sup>

---

<sup>614</sup> HOWARTH, Glennys. Cadáver. Op. Cit., p. 70.

<sup>615</sup> HOWARTH, Glennys. Técnicos funerários. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 487.

<sup>616</sup> SALES, Tatiane da Silva; BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos. Op. Cit., p. 288.

Além de ajudar, de forma importante, a desenhar um pensamento sobre a morte contemporânea, Phillippe Ariès abordou o trato do corpo morto. Para ele, essa toailete mudou o seu objetivo. Antes, ela buscava manter no corpo a imagem do que se tinha da morte, cuidando de unir os dedos das mãos, por exemplo, em uma perspectiva onde “se descobriu a beleza original que a morte impõe ao rosto humano, e os últimos cuidados tinham por objetivo liberar essa beleza das impurezas da agonia”<sup>617</sup> sem fazer crer que está vivo.<sup>618</sup> Isso ocorreu, de acordo com ele, em um período romântico no qual a morte, poderia ser retratada ou vista, tal como se apresenta na pintura de Victor Meirelles, conhecida como “A morta”.<sup>619</sup>

Por mais que se divague sobre tratar-se ou não de um cadáver, a obra ficou conhecida por essa denominação e daí derivam os olhares sobre os seus detalhes que remetem ao leito de morte. Os cabelos penteados para trás, o brinco, a gola branca por cima da veste negra cuidadosamente ajustada e o travesseiro sob a cabeça, são alguns dos cuidados com o corpo morto percebidos na obra de Victor Meirelles (Figura 68). O retrato mostra em detalhes, as declarações de Ariès sobre a toailete funérea, até os tratamentos sobre o corpo morto destinarem-se mais a dar impressão de não tratar-se de um finado, com a retirada de sinais clássicos da morte, como a mortalha e a coloração produzida na pele pela extinção da vida.

Parte das motivações presentes no exemplo acima está nos registros fotográficos dos mortos, costume presente em muitas regiões brasileiras até as primeiras décadas do século XX. Essa prática foi antecedida por pinturas póstumas, geralmente, de crianças, que eram retratadas em quadros encomendados a artistas, cercadas de símbolos funéreos.<sup>620</sup> O costume das fotos *post mortem*, trazido por fotógrafos estrangeiros para o Brasil, foi encontrado em famílias de diferentes camadas sociais. Entre seus álbuns e recordações, elas guardavam imagens de falecidos em seu velório, junto a familiares e outros ou tiradas no estúdio fotográfico para onde eram levados para um último

---

<sup>617</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 254.

<sup>618</sup> Ibid., p. 269.

<sup>619</sup> CHEREM, Rosângela Miranda. Perturbações de um retrato. "A morta", de Victor Meirelles. **Revista Patrimônio: Lazer & Turismo da Unisantos.**, Iconografia. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/iconografia.php?cod=6>>.

Acesso em: 21 maio 2011.

<sup>620</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 29.

registro. Nos Estados Unidos a prática ficou conhecida como “*Postmortem Daguerreotypes*”.<sup>621</sup>

Figura 68 - “A morta” de Victor Meirelles



Fonte: Acervo Banco de dados Projeto Victor Meirelles

A presença de tais imagens, muitas delas de crianças,<sup>622</sup> pode não fazer sentido para o olhar contemporâneo, que contempla com familiaridade cada vez maior, os jardins para os mortos e as cremações com cerimônias de dispersão de cinzas. O corpo morto registrado pela lente, apesar de muitas poses simularem a vida em algumas delas, em nada lembra as imagens que hoje são escolhidas para compor túmulos, onde o jovem está junto ao seu carro ou o sambista tocando o seu pandeiro, ou mesmo a seleção de imagens feitas para os telões ou *banners* utilizados em salas de velório hodiernas.<sup>623</sup> As “mudanças que ocorreram na sociedade e reelaboraram o universo simbólico da morte”,<sup>624</sup> também se fizeram sentir para esse rito e ele tornou-se raro. Vez por outra, em algum álbum familiar, as fotos de caixões e seus mortos, surgem causando espanto, como ocorreu com essa pesquisadora.

<sup>621</sup> Ibid., p. 31.

<sup>622</sup> SENA, Manu. Fotos Post mortem: valorização da vida ou negação da morte. In: **Poética** **Prosa**. Disponível em: <[http://lounge.obviousmag.org/poetica\\_prosa/2012/11/fotos-post-mortem.html](http://lounge.obviousmag.org/poetica_prosa/2012/11/fotos-post-mortem.html)>. Acesso 28 nov. 2012.

<sup>623</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 268-269.

<sup>624</sup> Ibid., p. 268.

Aos 20 anos, não consegui esconder meu assombro diante da fotografia de uma menina em seu caixão, cercada de flores na sala da casa de sua família. A mãe, comovida com a imagem na mão, explicou que era a sua única filha mulher, falecida com pouco mais de um ano e por não ter tido oportunidade de fazer um registro da filha, o fotógrafo foi chamado logo depois do triste ocorrido. As palavras e o sentimento da mãe deram sentido ao que eu via e está em consonância com a afirmação a seguir:

Esta devoção imagética ao cadáver descobria-se mais nos retratos das crianças, tirados em maior número do que quaisquer outros. Devido à elevada taxa de mortalidade infantil, na grande maioria dos casos, um retrato póstumo era a única fotografia tirada a uma criança durante toda a sua existência.<sup>625</sup>

As máquinas fotográficas eram artigo raro em sua cidade, em fins da década de 1960, no interior de Santa Catarina. E apesar do triste tema, o jeito era recorrer à prática para guardar a última e única imagem, onde “nasceu o costume nostálgico e até mórbido de fotografar os mortos”.<sup>626</sup> Porém, há algo mais na presença de mortos em seus caixões ou em fotografias em estúdio (Figura 69). Participa de suas motivações, o conceito de boa morte, relacionado ao preparo do corpo e sua apresentação, conforme Débora Borges. Ela destaca que esse tipo de foto “compartilha das concepções culturais que orientam esses rituais, em especial a preocupação em garantir uma bela aparência ao defunto para se certificar de que ele gozava de uma boa morte”.<sup>627</sup> Na Figura 69, observam-se elementos que unem a intenção de uma última lembrança e o registro dos cuidados com a menina morta para as despedidas finais.

Nas últimas décadas do século XX, a toalette funerária passou a “mascarar as aparências da morte e conservar no corpo os ares familiares e alegres da vida”,<sup>628</sup> afirmou Ariès. Além disso, o mesmo autor afirmou que “É a primeira vez que uma sociedade honra, de modo geral, seus mortos, recusando-lhes o estatuto de mortos”.<sup>629</sup>

---

<sup>625</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 31.

<sup>626</sup> Ibid.

<sup>627</sup> BORGES, Déborah Rodrigues. Op. Cit., p. 18.

<sup>628</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 255.

<sup>629</sup> Ibid., p. 270.

Figura 69 - Imagem post mortem



Fonte: Poética Prosa

Os filmes são boas oportunidades de visualizar parte dos novos hábitos funéreos. No filme, “A vingança de Willard”<sup>630</sup> um jovem vive com sua mãe doente, na casa que seu pai deixou de herança. Sua mãe, muito idosa, se arrasta pela casa em um carrinho de condução e por pouco não se tem a impressão de que está assombrando seu jovem filho. Ela é cadavérica, apresenta o cabelo desarrumado, suas roupas são velhas e amassadas, sua voz é quase um sussurro fantasmagórico, pode-se mesmo considerá-la como a imagem da morte, no sentido clássico. Mas ao falecer, ela se transforma: a morte, que estava tornando seu corpo um retrato do fim, não consegue cumprir o seu papel. Em seu velório ela está devidamente maquiada e penteada, deitada em um ataúde (que é mais uma cama), em um lindo travesseiro. A morte parece se esconder no corpo que durante os velórios “é comum que este esteja reclinado e aparente estar a dormir”, acrescenta Glennys Howarth.<sup>631</sup>

<sup>630</sup> A VINGANÇA DE WILLARD. Direção de Glen Morgan, Produção James Wong e Glen Morgan, roteiro de Gilbert Ralston. EUA: New Line Cinema, 2003. (110min).

<sup>631</sup> HOWARTH, Glennys. Técnicos funerários. Op. Cit., p. 487.

A mãe de Willard parecia mais repousar com uma aparência muito diferente daquela que apresentava pouco antes de morrer: ela parecia adormecida ou cochilando no sofá esperando um baile, enquanto Willard se despede dela. O seu corpo aparenta uma juventude que ela não tinha mais em seus últimos momentos. Depois de morta negaram-lhe as marcas do tempo do seu rosto o que condiz com “uma sociedade bastante ocupada em descobrir fórmulas de rejuvenescimento e em prolongar a juventude e a beleza”.<sup>632</sup> O “velho”, o “idoso” tornaram-se aos poucos, alvos de interditos e tudo que deles se aproxima é rechaçado. Os corpos vivos esticam-se para que as rugas do rosto sejam apenas uma vaga lembrança e o corpo morto recebe cuidados para que a morte tenha o mesmo destino das rugas.

Crentes de uma sobrevida maior, graças à medicina, cercados de homens e mulheres centenários, muitos rostos são frutos do uso do Botox, que encobre a história de pessoas que não se permitem pensar a si mesmas como menos jovens. Não teria isto repercutido na forma como o corpo vem sendo tratado em muitos funerais? É como se essas premissas profundamente relacionadas com “o culto do eternamente jovem que pauta a sociedade espetáculo”<sup>633</sup> estivessem, de alguma forma, relacionadas com a forma como percebemos (ou não!) a morte e os mortos. O corpo da mãe de Willard, mesmo em seu caixão, parece desafiar a decomposição que a morte já começa a lhe impor e pode-se mesmo dizer que:

“Ele (ou ela) parece vivo!” Isto é, naturalmente, mentira, porque o defunto em geral tem aparência melhor que tinha quando vivo, e certamente muito melhor que teve durante seus últimos anos em uma casa de recuperação, asilo, ou hospital, graças à mágica da maquiagem funerária, perfumes, e iluminação (grifo do autor).<sup>634</sup>

---

<sup>632</sup> DE FRANCO, Clarissa. A crise criativa do morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. In: **Revista Kairós**, v. 10, p. 109-120, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2577/1631>>. Acesso em: 20 nov. 2011, p. 110.

<sup>633</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p.16.

<sup>634</sup> HOEG, Jerry (Tradução: Eva Paulino Bueno). Op. Cit.



Outro exemplo é a série *Six Feet under* produzida pela HBO e exibida entre 2001-2005<sup>635</sup> e que no Brasil recebeu o título de “A sete palmos”.<sup>636</sup> Seus episódios versam sobre a história de uma família, os Fisher, dona de uma típica funerária estadunidense e a trama se desenvolve sempre a partir de uma morte e da organização do funeral.<sup>637</sup> A série apresenta o modelo de gestão funérea norte-americana e ao preparar os corpos e funerais, eles utilizam as técnicas de necromaqueiagem, reconstituição e tanatopraxia utilizadas pela Haas.

Em seu contrato de assistência funerária, a Haas oferece diversos itens encontrados na série *Six Feet under* para o atendimento em caso de falecimento. São urnas, paramentos, véu, remoções, velas, coroa de flores, livro de presença e assepsia do corpo. Ela ainda se compromete a fazer anúncios de falecimento na rádio local, tomar providências administrativas, dar assistência à capela e serviço de copa (cafezinho e biscoitos), apoio personalizado do serviço social, dentre outros.<sup>638</sup>

Tanto no filme como na série, de forma mais importante nessa última por tratar-se de uma família dona de uma funerária, é fácil encontrar elementos que se relacionam com a atuação da Haas. Por exemplo, os modelos de caixões mais largos, onde a cabeça se apoia em um travesseiro, a venda na empresa familiar da série e conhecidos como modelos norte-americanos,<sup>639</sup> estão entre os oferecidos pela Haas (Figura 70). O travesseiro é clássico. Ele remete diretamente ao sono, não a morte, mas ao “sono eterno”, ideia que se apoia no tamanho do caixão que sugere uma cama. Juntamente com a maquiagem, sobretudo no rosto, retiram do defunto a sua perspectiva mais mórbida.

Para Isabela Andrade de Lima Morais, o sucesso dos *caskets*, os caixões norte-americanos “atua como um elemento compensatório para a simplicidade dos cemitérios e dos túmulos. Se no passado os túmulos

<sup>635</sup> A SETE PALMOS. Direção, criação e roteiro de Alan Ball. EUA: HBO, 2001-2005 (série)

<sup>636</sup> FURQUIM, Fernanda. 10 anos de a sete palmos. In: **Veja online**, 5 jun. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/tag/a-sete-palmos/>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

<sup>637</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit.

<sup>638</sup> Conforme **Contrato de Assistência Funerária 24 horas**. Acervo da empresa Haas, 2011.

<sup>639</sup> Caixões estilo americano. In: **Alibaba**. Disponível em: <<http://portuguese.alibaba.com/product-free/american-style-caskets-11483728.html>>. Acesso em: 24 out. 2012.

eram verdadeiras obras de arte, no presente, são os *caskets* os objetos de arte”.<sup>640</sup> O uso de caixões para o enterro é algo relativamente recente e até o século XVIII, poucas pessoas eram enterradas junto com caixões.<sup>641</sup> Esses esquifes norte-americanos são feitas de metal e sua aparência é de um cofre.

Para Glennys Howarth, o corpo morto na contemporaneidade é um “indicativo da perda do eu e da perda da individualidade”<sup>642</sup> o que pode justificar a utilização e a popularização desses recursos, diante da desestabilização que o corpo extinto acarreta. O mostruário de caixões da Haas fica na sede para atender tanto os clientes do plano e os particulares. O mostruário é composto por urnas de doação, a urna do plano e as demais (em modelos luxo e superluxo). O cliente do plano tem liberdade de contratar serviços adicionais e alterar o padrão da urna, como desejar, conforme Ronald.<sup>643</sup>

Figura 70 - Modelo de caixão norte-americano



Fonte: Acervo da empresa Haas

<sup>640</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 102.

<sup>641</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 243.

<sup>642</sup> HOWARTH, Glennys. Agentes funerários. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 70.

<sup>643</sup> Haas, Ronald. **Imagens urnas** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br > em 24 out. 2012

Podem até parecer que os investimentos sejam menores, porém, percebe-se, em muitos casos, o deslocamento dos investimentos, dos túmulos para os procedimentos tanatológicos e na aquisição de espaços para sepultamentos mais caros em cemitérios jardins, o que não pode ser ignorado. Em vez do túmulo, os caixões, alcançaram um lugar de destaque dentro do ritual funerário. A diversificação de modelos disponíveis para a compra indica que eles passaram a ser um elemento de distinção.

Tais produtos e técnicas propagaram-se a partir do modelo norte-americano e de seus empreendimentos. No caso da agência funerária da Haas, ela oferece basicamente todos os serviços desse modelo, mas com o diferencial de não manter um local específico para a realização dos cerimoniais. Em nosso país, tais casas funerárias onde estão congregados espaços de velório, vendas de produtos e organização de cerimonial, não são encontradas com facilidade e uma das poucas exceções é um *funeral home*, inaugurado em 2008, na cidade de São Paulo.<sup>644</sup> Junto com a incorporação desses referenciais está a formação de um profissional diferenciado para atender nas agências funerárias e dar assistência às famílias enlutadas. A formação e afirmação desse profissional é um momento importante no processo que tornou o evento da morte um produto ou um serviço a ser prestado por empresas especializadas.

---

644



## Capítulo 5 - Trabalho de morte: o aparecimento de um novo profissional e suas especializações

Diferentes pesquisadores defendem que a origem do serviço funerário especializado está nos Estados Unidos. O profissional, que tem papel central neste mercado, conhecido como agente e diretor funerário, surge após a popularização das técnicas de tratamento do cadáver e se firma com o gerenciamento dos funerais realizados pelas casas mortuárias norte-americanas. Contudo, antes de tratar desse profissional é preciso abordar alguns pontos sobre o pensamento e as atitudes funéreas norte-americanas.

Para Philippe Ariès, é a partir dos Estados Unidos que se propagaram ideias de desprezo pelos sinais de tristeza, como as expressões de luto, a fim de preservar a felicidade, de forma mais contundente no começo do século XX.<sup>645</sup> Igualmente, para José Carlos Rodrigues, valores como imortalidade, felicidade pessoal e sucesso são partes de um ideal, onde é preciso fazer “de conta que é feliz, porque isso será sinônimo de ser bem sucedido”.<sup>646</sup> O mesmo autor completa tal entendimento:

Esta ilusão de amortalidade se manifestará de modo talvez mais inequívoco nas práticas de algumas casas funerárias norte-americanas em que se praticam ritos fúnebres - ainda longe de serem dominantes, embora não raríssimos - que encenam uma espécie de velório: mais ou menos como em uma festa, um coquetel, um vernissage, as pessoas se encontram em torno do morto para uma patética cerimônia de culto à personalidade individual. Nessas ocasiões, uma regra fundamental deve ser observada: a palavra morte, assim como tudo o que lhe esteja associado, está rigorosamente proibida. O defunto aparece como vivo: maquiado, praticando algum gesto - lendo um jornal, assinando um cheque, sentado na poltrona, em pé e apoiado em uma escrivaninha de trabalho... As pessoas se “despedem” dele, pois

---

<sup>645</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 264.

<sup>646</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Sentidos, sentimentos**. Op. Cit., p. 61.

se trata de uma festa de despedida. Mas uma despedida de quem não partiu.<sup>647</sup>

Ayala Gurgel descreve o ritual dos *funeral homes* norte-americanos de forma similar a descrição feita por José Carlos Rodrigues, nestes termos:

Depois de embalsamado, é devidamente vestido, às vezes com roupas que nunca teve condições de usar em vida, e passa a recepcionar os visitantes num salão devidamente preparado para tal [...] no caso do modelo americano, a idéia é criar um local neutro para realizar os ritos fúnebres: a “funeral home”. A recepção pode contar com uma decoração ao gosto do falecido ou da família, além de música, bebida e comida. O luto é negado como forma nobre de enfrentar a dor. Em seguida, são feitos os ritos de sepultamento de acordo com a religião adotada, ou sua ausência (grifo do autor).<sup>648</sup>

Outras visões definem o modelo do *funeral home* de uma forma distinta das encontradas em alguns de seus críticos. Destacando os aspectos positivos do sistema norte-americano, Paula Moura Carvalho trata o embalsamamento como uma parte da domesticação da morte, pois permite o contato com o corpo sem sinais de convalhecimento ou dos traumas que levaram à morte, os quais poderiam aumentar a dor dos vivos. A pesquisadora destaca os méritos do modelo norte-americano em afirmações como a que segue:

Não deixa de ser curioso termos constatado que os americanos lhes chamam “funeral homes” e nós, agências funerárias. A designação americana, mais uma vez, reflecte tudo aquilo que temos tentado compreender: a intimidade e a domesticação. Pois se é no próprio lugar onde se tratam os mortos que ambas se encontram. A grande maioria das casas funerárias nos Estados

---

<sup>647</sup> Ibid.

<sup>648</sup> GURGEL, Ayala. A morte como questão social. In: **Barbarói** (UNISC. Impresso), Santa Cruz do Sul, v. 27, p. 60-91, 2007, p. 68.

Unidos são exactamente isso, ou seja, lares onde vive uma família que domestica o seu trabalho no espaço e no tempo, criando intimidade entre os vivos e os mortos que por lá passam. (grifo do autor)<sup>649</sup>

José Carlos Rodrigues e Ayala Gurgel descrevem o ritual estadunidense e suas palavras fazem referência a práticas que dissimulam as referências fúnebres. Ainda um pouco distante de nossas práticas mortuárias, tais atitudes soam como atos de resistência à finitude e de encobrimento do luto. Entendimento reiterado por Norbert Elias, para quem os clientes do *funeral home* “são protegidos, tanto quanto humanamente possível, da lembrança da morte e de tudo relativo a ela. Para a possível clientela, a morte se tornou de mau gosto”.<sup>650</sup> Contudo, muitas das técnicas que compõem esse cenário já são utilizadas em nosso país e apontam mudanças que podem nos aproximar, sobremaneira, do cerimonial estadunidense, como vemos pelo caso da Haas.

O mesmo ocorre em outros países, onde a assimilação da postura estadunidense pode ser observada em ritos, no mínimo curiosos, mas claramente inspirados nesse modelo. O que dizer dos recentes velórios cujos protagonistas sentados em motos ou em pé na sala de casa por três dias, permanecem vestidos com suas roupas favoritas? Em 2010, a notícia de um jovem velado sobre uma moto, que ganhara pouco antes de morrer, foi alvo de assombro. O porto-riquenho de 22 anos, morto a tiros, por meio do embalsamamento, foi colocado em posição de pilotagem e os participantes de seu velório o avistavam ao centro, cercado de flores.<sup>651</sup>

Os modelos de *funeral homes* congregam elementos que indicam um distanciamento dos sinais clássicos da morte. O antropólogo Roberto DaMatta destaca o individualismo para entender o funcionamento destes locais e questiona: “O que seria tudo isso, senão um modo radical de livrar-se do morto, transformando-o em alguém que

---

<sup>649</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 147.

<sup>650</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 39.

<sup>651</sup> BRANDÃO, Roberto Filho. Bizarro: Piloto é embalsamado em sua moto, 28 de Abril de 2010. In: **Moto.com.br**. Disponível em: <[http://www.moto.com.br/acontece/conteudo/bizarro\\_piloto\\_e\\_embalsamado\\_e\\_m\\_sua\\_moto-29485.html](http://www.moto.com.br/acontece/conteudo/bizarro_piloto_e_embalsamado_e_m_sua_moto-29485.html)>. Acesso em: 1º out. 2011.

realmente dá a impressão de repousar?”<sup>652</sup> Sem propor ajuizamentos sobre o que oferece o mercado norte-americano ou sobre os rituais adotados por muitas famílias daquele país, é essencial entender o seu papel na propagação dessas técnicas, como uma referência fundamental para as novas posturas já por aqui adotadas.

No Brasil, o estilo funéreo norte-americano chegou, de forma mais significativa, nas últimas décadas do século XX. Com o desenvolvimento do mercado, os chamados “Grupos” começaram a ocupar espaço em nosso país. A pesquisadora Isabela Moraes define os “Grupos” como “empresas privadas que iniciaram suas atividades administrando algum empreendimento fúnebre (normalmente um cemitério ajardinado-parque ou uma funerária)”. Posteriormente, realizaram investimentos na centralização de diferentes serviços e converteram-se em

empresas completas que agregam vários empreendimentos fúnebres com o objetivo de dar conta de todo processo do morrer: o antes (com o serviço de prevenção do funeral), o durante (com o serviço funeral) e o depois (com os serviços de assistência ao luto).<sup>653</sup>

Esses empreendimentos fazem uso de conceitos norte-americanos do setor funerário que privilegiam um trabalho de vendas antecipadas com os planos, serviços de funeral e de assistência aos enlutados. Contudo, não podemos falar da reprodução desse modelo em todas as suas formas aqui no Brasil, pelo menos no que diz respeito ao estilo arquitetônico.

É notória a especialização do setor mortuário estadunidense em torno da preparação do cadáver, que se torna objeto central de uma série de procedimentos que agregam valores consideráveis ao funeral. Diante dessa constatação pode ser mais acertado afirmar que o morto, não é o grande inconveniente neste modelo, onde os enterros se constituem

---

<sup>652</sup> DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 138.

<sup>653</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Consumidores fúnebres "verdes": o consumo consciente na morte ecologicamente correta. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2011. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: < [www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com)>. Acesso em: 21 mar. 2012, p. 6.



objetos de publicidade e persistem as visitas aos túmulos. A cremação é pouco usual, apesar de vir conquistando adeptos passando de 3,75% em 1961 para 21% em 1995,<sup>654</sup> incentivada, sobremaneira, pelo aparecimento da AIDS.<sup>655</sup>

O mercado funéreo estadunidense utiliza-se do *marketing* e mantém seus elementos na paisagem das cidades. Os anúncios de planos funerários e outros produtos do setor com pagamentos facilitados são encontrados em ônibus e *outdoors*. Em outros países, como a Alemanha, a morte e os mortos ocupam seu espaço televisivo. Em 2008, o primeiro canal funerário do mundo entrou no ar com homenagens a pessoas falecidas por meio de um obituário televisionado transmitido pela Rede Ethos TV.<sup>656</sup>

No Brasil, não é comum encontrar anúncios de funerárias e outros empreendimentos do ramo na TV e na rádio, ficando sua publicidade mais restrita a *folders* de divulgação comercial. Uma exceção é o caso do Grupo Parque das Flores de Alagoas, que

investe na propaganda e na publicidade, sendo uma das poucas empresas fúnebres no Brasil a divulgar intensamente seus produtos e serviços nos meios de comunicação de massa, através de comerciais de TV e *merchandising* que abordam diretamente a temática da aquisição de jazigos e de planos assistenciais funerários.<sup>657</sup>

A Haas não faz uso da TV, mas já participou de programas de rádios para divulgar seu trabalho, de eventos sociais e culturais, com o uso dos personagens inspirados em Rosa e Mathias, citados anteriormente. A empresa Haas ainda mantém um *site*,<sup>658</sup> onde estão informações sobre seus serviços e um obituário, com espaço para mensagens aos falecidos e parentes.

Ao observar o cerimonial norte-americano e suas técnicas, e mesmo o uso habitual da propaganda como método de vendas, o mascaramento que cerca o evento da morte, parece estar mais relacionado ao luto dos vivos e aos seus sinais de tristeza. Esse

---

<sup>654</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 192.

<sup>655</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 89.

<sup>656</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p.160.

<sup>657</sup> *Ibid.*, p.165.

<sup>658</sup> Site da empresa: <http://www.haas.srv.br/>

pensamento é também defendido pelo filósofo Ayala Gurgel. Para ele, o grande interdito norte-americano não é sobre a morte ou o morto, mas sobre o enlutamento dos vivos que é evitado com eufemismos como “despedida”, “suave passagem” e que transformam o morto em “vivo” (possivelmente, vista como uma forma de atenuar a tristeza dos familiares).

Para ele, o mercado estadunidense “não interditou o processo morte-morrer, fazendo dele, desde cedo, uma mercadoria”.<sup>659</sup> Em consonância com o pensamento de Ayala, Philippe Ariès asseverou que a cultura norte-americana reservou aos mortos um espaço social e vetou os sinais de luto.<sup>660</sup> Isso posto, a originalidade da atitude norte-americana está em querer maquiar a morte, mas não para fazê-la desaparecer, pois ocasionaria o fim do seu lucro, proveniente do mercado em torno do corpo.

Para Ayala Gurgel, a cultura funerária norte-americana fortaleceu o desprezo pelos sinais do luto, ao passo que a morte e os cuidados com o corpo morto tornaram-se um grande produto.<sup>661</sup> Para ele, a conjuntura norte-americana é diferente da inglesa, a qual tomou “uma direção totalmente contrária à americana, preferindo lucrar com a *indústria da morte interdita*” (grifo do autor).<sup>662</sup> Diferentemente do modo americano de lidar com o corpo, maquiado e exposto, no caso inglês o cadáver deve discretamente desaparecer, concorrendo para a expansão de um mercado, que não cresce em torno dele, e sim do cerimonial, o qual ele pouco tem espaço. Nesse caso, ganha destaque o procedimento da cremação.

Essas posturas focam suas ações sobre o cadáver: uma que o expõe e outra que o oculta. Caso se considere que a morte personifica-se no cadáver, o modelo inglês, sem dúvidas, é o que mais interdita a morte. Conquanto, a exposição americana, retira do cadáver boa parte das evidências de seu estado - de falecido -, o que obscurece, em grande medida, a presença da morte. O que fica evidente na experiência americana (a qual se destaca neste estudo porque influencia a formação de um novo mercado brasileiro) é o pouco espaço para as manifestações de luto, ocultadas por um arsenal de procedimentos para evitar referências às dores que surgem com a perda.

---

<sup>659</sup> GURGEL, Ayala. A morte como questão social. Op. Cit., p. 65.

<sup>660</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 267.

<sup>661</sup> GURGEL, Ayala. A morte como questão social. Op. Cit., p. 65.

<sup>662</sup> Ibid.

Mas, o que se acoberta na contemporaneidade e no mercado funerário, a morte, os mortos ou o luto? Em boa parte dos estudos consultados, as referências ao ocultamento dizem respeito à morte. Um levantamento dos vocábulos que a qualificam parece indicar que o interdito está sobre a morte. Dentre as suas diferentes qualificações estão as palavras: escondida,<sup>663</sup> isolada,<sup>664</sup> vergonhosa,<sup>665</sup> evitada,<sup>666</sup> represada,<sup>667</sup> silenciada,<sup>668</sup> desaparecida,<sup>669</sup> tabu - embaraçosa - complicada,<sup>670</sup> temida,<sup>671</sup> mórbida,<sup>672</sup> obscena,<sup>673</sup> estranha - fracasso - avessa - aberração<sup>674</sup> e, por fim, vítima.<sup>675</sup>

Afora os termos, a coletânea de declarações sobre a morte igualmente indica que o assunto passa por interdição. Para André Borges Meyerewicz, “Na condição de simples final de jornada, ou vista como final de uma doença, a morte torna-se assunto embaraçoso, complicado de lidar, tornando-se enfim um tabu”.<sup>676</sup> Ou, na opinião de

---

<sup>663</sup> BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. A Pompa Fúnebre na Cidade de Bagé-RS-Brasil. Op. Cit., p. 303.

<sup>664</sup> DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 135.

<sup>665</sup> VILAR, Márcio. Luto e Morte. Op. Cit., p. 2.

<sup>666</sup> FONTINHA, Márcia Costa Rodrigues. **Perspectiva de morte:** relação entre suporte social e solidão em idosos. 2010, 90p. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, no curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias., ULHT, Lisboa, 2010. Disponível em: <Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 18 set. 2012, p. 12.

<sup>667</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 282.

<sup>668</sup> ARAUJO, Paula Vanêssa Rodrigues de; VIEIRA, Maria Jéssia. A questão da morte e do morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, nº 3, Junho 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000300022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000300022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 maio 2012, p. 362.

<sup>669</sup> TAMURA, Celia. **Recalcamento da morte na contemporaneidade.** Disponível em:

<<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00007.htm>>

Acesso em: 20 jul. 2012, p. 1.

<sup>670</sup> MEYEREWICZ, André Borges. Op. Cit., p. 48.

<sup>671</sup> CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Op. Cit., p. 1.

<sup>672</sup> FONTINHA, Márcia Costa Rodrigues. Op. Cit., p. 12.

<sup>673</sup> SCHUMACHER; Bernard N. Op. Cit., 16.

<sup>674</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte.** Op. Cit., p. 173.

<sup>675</sup> CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Op. Cit., p. 6.

<sup>676</sup> MEYEREWICZ, André Borges. Op. Cit., p. 48.

Milena Carvalho Bezerra Freire: “chegamos então ao aspecto atual da morte como algo temido e sentido dramaticamente”.<sup>677</sup> Em uma perspectiva semelhante, Márcia Costa Rodrigues Fontinha declara que: “A temática da morte continua a ser um tabu na nossa sociedade, em que as pessoas preferem ignorar ou evitar o tema, sendo considerado como algo mórbido”.<sup>678</sup> Para Jean-Pierre Bayard “No Ocidente, teme-se a morte, considerada enigma”.<sup>679</sup> E, para Correa e Hashimoto:

De uma companheira inseparável, ainda que temida, a morte parece estar sendo vítima, na contemporaneidade, daquilo que esta sempre fustigou no homem: sua desapareição. A morte parece estar sendo morta, enterrada junto com o sujeito e suas subjetivações.<sup>680</sup>

Philippe Ariès chegou a afirmar que a interdição da morte “é uma característica estrutural da civilização contemporânea”.<sup>681</sup> Já para Paula Vanêssa Rodrigues de Araújo e Maria Jéssia Vieira, a morte sofre com uma “conspiração do silêncio”.<sup>682</sup> Seguindo com mais algumas declarações sobre a morte, Norbert Elias afirmou que com relação a ela “a questão raramente se coloca”.<sup>683</sup> Para Cezário de Campos Ferrari, a morte vive um “interdito contemporâneo que a atinge”.<sup>684</sup> Já para Bernard Schumacher “a morte desapareceu da comunicação cotidiana e a tendência da sociedade ocidental contemporânea é mesmo de suprimir tudo que a lembre”.<sup>685</sup> Para o mesmo autor evita-se “a meditação tanatológica como a peste, pois é melhor tratar de coisas menos lúgubres e, poderíamos acrescentar, menos obscenas”.<sup>686</sup> Para pesquisadores como Richard Gonçalves André, o “tabu da morte existe em certos

---

<sup>677</sup> FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. Op. Cit., p. 455.

<sup>678</sup> FONTINHA, Op. Cit., p. 12.

<sup>679</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p. 44.

<sup>680</sup> CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Op. Cit., p. 6.

<sup>681</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 263.

<sup>682</sup> ARAUJO, Paula Vanêssa Rodrigues de; VIEIRA, Maria Jéssia. Op. Cit., p. 361.

<sup>683</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 8.

<sup>684</sup> FERRARI, Cezário de Campos. Op. Cit., p. 53.

<sup>685</sup> SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 15.

<sup>686</sup> SCHUMACHER; Bernard N. Op. Cit., 15 -16.

meios, embora a sua presença não tenha sido totalmente exortada”,<sup>687</sup> ela é vista como um “acidente”<sup>688</sup> que só irá nos ocorrer se não tomarmos cuidados, acrescenta ainda José Carlos Rodrigues.

Muitas são as declarações que indicam o interdito sobre a morte. A mesma impressão está presente quando observados com atenção, os seus redutos contemporâneos: os crematórios, casas velatórias, modelos jardins e túmulos horizontalizados. A aparência deles pouco revela sobre a função para a qual foi pensado, o que reforça, sobremaneira, a sensação de “ocultamento institucional”<sup>689</sup> desse evento. Locais como os hospitais e as funerárias, que por meio de profissionais, tomaram o lugar da família e da comunidade no cuidado com os moribundos e o cadáver, igualmente mudaram a face da morte e, afora a presença de mortes na TV, cotidianamente ela pouco se apresenta. Sendo importante considerar que

Esta mudança de cenário da morte, de casa para o hospital, trouxe implicações culturais profundas e contribuiu para a ausência da morte dos lugares onde os vivos se cruzam nas suas rotinas diárias. Morrer no quarto de um hospital institucionalizou a experiência da morte e transformou-a num acto que requer intervenção científica em vez de orações e amparo familiar.<sup>690</sup>

A alteração em sua apresentação, emoldurada por componentes menos expressivos no tocante ao sentido religioso, cívico e social que poderia representar o lugar do sepultamento era a impressão de que a morte anda sumida, mas o que aparenta ter ocorrido diz respeito mais a sua costumeira aparência. Zygmunt Bauman, em seu livro “Medo líquido”, não define a morte como apartada, mas inserida em nosso cotidiano, como parte integrante. Para ele, a separação entre a ideia de morte e as preocupações com a eternidade, pode ter contribuído para essas afirmações. Ela deixou de ser o fim que a todos espera - pelo menos já não se pensa tanto nisso! - não sendo mais “imaginada como

---

<sup>687</sup> ANDRÉ, Richard Gonçalves. Op. Cit., p. 262.

<sup>688</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Op. Cit., p. 200.

<sup>689</sup> MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. Op. Cit., p. 103.

<sup>690</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 103.

uma passagem do transitório ao eterno, nem é contemplada como um portal para a imortalidade”.<sup>691</sup>

O céu e o inferno perderam gradativamente forças como elementos centrais na destinação da alma. Há uma mudança de mentalidade na qual a preocupação com a destinação da alma perdeu muito do seu fôlego e uma nova relação com o corpo é estabelecida, na qual a alma não é mais o centro, pois não se tem tanta certeza na sua salvação ou na sua perdição. É o corpo que passa a ocupar parte dessas apreensões. O que fazer com o corpo? Como mantê-lo forte e saudável? E depois da morte, como apartar o corpo morto?

O corpo, que envelhece e morre, passou também a ser a imagem da finitude. Essa mudança nas relações, ao longo do século XX, pode ter fortalecido uma prática mais relacionada com a destinação/ocultação da morte no corpo, do que com a alma até então, o alvo da salvação divina. No livro “A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade” na forma de entrevista com o padre e teólogo Jean-Yves Leloup, são debatidas questões fundamentais. O enfraquecimento de crenças sobre a salvação da alma e sobrevivência em um mundo espiritual, parece ter relacionado a finitude com a noção de desesperança, já que não há mais certezas inabaláveis sobre uma vida no Paraíso.

Portanto, “a frase que afirma ‘enquanto há vida, há esperança’, só tem sentido em um contexto ocidental”,<sup>692</sup> onde o “além” é o nada, em vez do paraíso para os justos. É a morte vista como um fim, onde do outro lado nada existe, também o reforço de uma noção de viver intensamente, e que está focada na utilização do tempo disponível para o seu maior aproveitamento.<sup>693</sup> Parece não haver lugar para fracassos, perdas e melancolia.

Essa convergência envolve, em consequência, uma alteração no significado da morte. Ela deixa de ser o inquestionável momento da

---

<sup>691</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Op. Cit., p. 64.

<sup>692</sup> HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 29.

<sup>693</sup> OLIVA-AUGUSTO, Maria Helena. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**. Revista Sociologia. USP, S. Paulo, 6(1-2): 91-105, 1994 (editado em jun. 1995). Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol06n12/Moderno.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012, p. 96.

passagem para outra existência, onde se terá o retorno, positivo ou negativo, da vida que se teve, e adquire o sentido de fim inexorável, algo impensável quando no Ocidente as crenças cristãs sobre céu e inferno eram inabaladas. O reconhecimento desse marco contrapõe o sentido de eternidade, que norteava a vivência anterior, à constatação da finitude humana, mais presente atualmente.

Mais uma vez, Norbert Elias contribuiu de forma importante ao afirmar que o pensamento sobre a morte antes contava com o auxílio de perspectivas e crenças que remetiam ao coletivo e à ideia de um destino comum, amparado por instituições como a Igreja. Agora, as fantasias pessoais e privadas de imortalidade tem mais destaque do que a matriz coletiva.<sup>694</sup> Mas, ainda no Brasil, alguns elementos caracterizam de forma especial nossa relação com a morte e precisam ser tratadas para a reflexão do que se acoberta com relação à morte.

Para o entendimento do cenário fúnebre brasileiro, levou-se em conta o estudo de Roberto DaMatta. Para ele, existem basicamente dois tipos de relação das sociedades com a morte e seus mortos: uma das sociedades modernas e outra das sociedades tradicionais.

No caso das sociedades modernas ou mais atuais, onde prevalecem valores individualistas, destaca-se um sistema que trata da morte, mas esquece e oculta o morto.<sup>695</sup> Neste sentido falar da morte é uma “atitude moderna e destemida diante da vida, algo que denuncia um questionamento ‘científico’ e uma postura ‘tranqüila’ e resignada face a um momento que, um dia, se espera, será decifrado como tudo o mais” (grifos do autor).<sup>696</sup> Bernard Schumacher completa esse pensamento quando afirma “que os filósofos contemporâneos deram enorme importância ao tema da morte”.<sup>697</sup> O ocultamento do morto, nas sociedades modernas, começa com a retirada do doente para o hospital, segue, na maioria dos casos, com ritos mais introspectivos, sem cortejos e velórios residenciais e finaliza com o sepultamento em cemitérios jardins ou com a cremação. A opção por esse tipo de ritual funéreo, que pode ser resumida pelas opções - hospital, ritos introspectivos, túmulos discretos - retirou de cena os artistas cemiteriais, como Mathias que perdeu parte importante de seu campo de atuação.

---

<sup>694</sup> ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 43-44.

<sup>695</sup> DAMATTA, Roberto. Op. Cit., p. 136.

<sup>696</sup> Ibid.

<sup>697</sup> SCHUMACHER; Bernard N. Op. Cit. p. 17.

Já nas sociedades tradicionais, para DaMatta, a preocupação volta-se para o morto e o interdito diz respeito a morte. Quando os mortos são chorados nas sociedades tradicionais eles não dizem respeito a quem chora, pois esta noção de indivíduo não está fundamentada. Na década de 1980, Roberto DaMatta encontrou, no Brasil, indicativos de uma relação ainda bastante tradicional com os mortos. Entretanto, isso não foi observado por Mauro Koury duas décadas depois, quando esta mesma sociedade, mais urbanizada e na era da informação digital, já dava sinais de fortes mudanças, ocultando a perda e o luto pelos mortos.<sup>698</sup> O mercado marmorista percebeu essa mudança por volta da década de 1950/60, quando o culto dos túmulos perdeu sua força e os pedidos começaram a diminuir substancialmente.

Nas últimas décadas, esse campo relacional entre vivos e mortos ganhou um reforço considerável em nosso país, pelo aumento significativo dos seguidores de crenças kardecistas. As manifestações e mensagens que chegam pelas mãos de médiuns são um fenômeno no Brasil e tornaram-se tema de filmes recém-lançados.<sup>699</sup> Considerando o crescimento dos que se declararam espíritas no censo de 2010, cerca de 3,8 milhões contra os 2,3 milhões em 2000,<sup>700</sup> percebe-se alguns indícios do fortalecimento das crenças relacionadas à reencarnação, à existência do mundo espiritual e de outra dimensão relacional com os mortos.

O espiritismo, fundado na França por Alan Kardec no ano de 1857, afirma a existência de um mundo invisível onde vivem as almas e reforça a existência de sucessivas reencarnações.<sup>701</sup> O sucesso de filmes

---

<sup>698</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit.

<sup>699</sup> Em 2010 foram lançados vários filmes com temas espíritas: "Chico Xavier", dirigido por Daniel Filho, "Nosso Lar", dirigido por Wagner Assis, "As Mães de Chico" dirigido por Glauber Filho; "E a Vida Continua", de Paulo Figueiredo e o documentário "As Cartas", de Cristiana Grumbach. In: **Partidas e chegadas**. Disponível em: <<http://www.partidaechegada.com/2009/11/2010-tera-estreia-de-cinco-filmes.html>>. Acesso em: 6 ago. 2012.

<sup>700</sup> IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)>. Acesso em: 6 ago. 2012.

<sup>701</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit.



com essa temática e o destaque dado às mensagens mediúnicas,<sup>702</sup> pode ser apontada como uma forma de reintegração do morto ou dos espíritos à cena brasileira.

Baseado nos estudos de DaMatta e Oscar Calavia Saez<sup>703</sup> a respeito do Brasil, os mortos se manifestam, por meio da alma e da aparição. Eles podem até participar das conversas e não contar com o isolamento típico das sociedades industriais, mas não é possível afirmar a existência, na maioria das localidades, de uma relação mais comunitária e menos solitária diante da morte. Vive-se um descompasso entre as novidades que nos aproximam de uma sociedade moderna e a tradicional, onde os túmulos se recobrem de velas com pedidos aos mortos milagreiros. A definição de DaMatta com relação às sociedades modernas e tradicionais sinaliza algumas questões. No Brasil atual pode ser complicado falar da utilização de somente uma de suas definições.

Na tentativa de elucidar a questão em torno de nossa relação com a morte e seu interdito, é necessário observar, no século XIX, a forma como a perda passou a ser representada no cemitério convencional. Nele, a arquitetura estava marcada por referências

---

<sup>702</sup> O espiritismo e as manifestações de médiuns são tema de várias publicações. Sobre as comunicações psicografadas: FRUTUOSO, Suzane. Mensagem para você: como as pessoas que creem na comunicação com os mortos transformaram suas vidas a partir de cartas psicografadas. **Isto é, Comportamento**, n° Edição: 2048. 11. fev. 09. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/reportagens/6504\\_MENSAGEM+PARA+VOCE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/reportagens/6504_MENSAGEM+PARA+VOCE?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)> . Acesso em: 18 dez. 2012; DESLANDES, Fernanda. Cartas psicografadas revelam notícias do mundo de lá. In: **ParanáOnline**, 20 out. 2012. Disponível em: <<http://www.paranonline.com.br/editoria/cidades/news/630768/?noticia=CARTAS+PSICOGRAFADAS+REVELAM+NOTICIAS+DO+MUNDO+DE+LA>>. Acesso em: 17 jan. 2013. Ou que abordam o sucesso dos filmes com tema espírita: Onda espírita no cinema aumenta venda de livros. **ISTOÉ Online, Variedades**, 03. Maio 2010. Disponível

em:<[http://www.istoe.com.br/noticias/data/70045\\_ONDA+ESPIRITA+NO+CI+NEMA+AUMENTA+VENDA+DE+LIVROS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/noticias/data/70045_ONDA+ESPIRITA+NO+CI+NEMA+AUMENTA+VENDA+DE+LIVROS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)>. Acesso em: 17 dez. 2012. Sobre os médiuns e sua atuação: CARARO, Aryane; HUECK, Karin. Médiuns: Eles falam com espíritos, prevêem o futuro, resolvem mistérios e curam doenças. Ou pelo menos acreditam fazer tudo isso. **Revista Superinteressante**, maio 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/religio/mediuns-447506.shtml>> . Acesso em: 15 dez. 2012.

<sup>703</sup> SAEZ, Oscar Calavia. Op. Cit.

religiosas e emblemas familiares e sociais, onde cabia às famílias, que assim podiam, arquitetar verdadeiros monumentos à memória dos mortos, à vista de todos. Apesar de ocultarem o corpo e a decomposição da vista dos vivos<sup>704</sup> a sua forma denunciava os ocupantes.

Na busca por entender o que se oculta na relação com a morte, é perceptível que mudaram os gestos e atos que se seguiam ao falecimento. Pouco se ouve sinos e quase não se cobrem mais os espelhos quando ocorre a morte de um parente, sem contar que “o luto foi abandonado a iniciativa individual”,<sup>705</sup> conforme José Carlos Rodrigues. A secularização dos atos, o fortalecimento da ciência e o progresso prometido pela razão, mudaram as perspectivas referentes à morte. Como por exemplo, a cremação, que foi por séculos imposta aos criminosos, pecadores e bruxas,<sup>706</sup> tem se tornado mais frequente na hora de dar destino ao cadáver. Além disso, os avanços médicos também contribuem nesse processo, o que será debatido a seguir.

### **5.1 - Da foice à UTI: algumas questões sobre morte, medicina e imortalidade**

Dos símbolos que representam a morte na atualidade, a UTI, com seus equipamentos e cuidados intensivos, materializa melhor nossos medos quando o assunto é morte, do que a caveira e sua foice, conforme observado por Rachel Aisengart Menezes.<sup>707</sup> Em grande medida, a figura clássica do esqueleto, como destaca Zygmunt Bauman, não foi substituída efetivamente por outra. A morte ficou sem uma representação ou símbolo, pois

ela não tem nenhuma necessidade de um símbolo “unificado” alternativo, uma vez que a própria morte perdeu sua unidade do passado e acha-se, agora, dissolvida em minúsculas, mas inumeráveis, armadilhas e emboscadas da vida diária (grifo do autor).<sup>708</sup>

---

<sup>704</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 174.

<sup>705</sup> Ibid., p. 164.

<sup>706</sup> Ibid., p. 177.

<sup>707</sup> MENEZES, Rachel Aisengart. Tecnologia e “Morte Natural”. Op. Cit., p. 131.

<sup>708</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Op. Cit., p. 217.

Caso a morte fosse representada por uma imagem poderia ser “representada pela imagem metaforizada de uma máquina e do seu funcionamento: uma máquina funciona ou não funciona, assim como a máquina biológica está morta ou está viva”.<sup>709</sup>

Hodiernamente, a imortalidade é uma das possibilidades a ser alcançada pela medicina e aproxima-se mais de um sonho de vencer a finitude humana do que da eternidade dos monumentos destinados a lembrar aqueles que foram. As notícias sobre a busca por prolongar a vida ao máximo são bastante atuais, tal como a que foi capa, em fevereiro de 2010, da Revista Superinteressante.<sup>710</sup> A revista abordou o tema da imortalidade baseadas em pesquisas desenvolvidas na área da medicina com estudos, em sua maioria, que se concentram no entendimento do processo de envelhecimento e em formas de freá-lo. Sabe-se que o desejo de alcançar a vida eterna na terra, não é exclusividade de nossa sociedade, mas em nenhuma época foram encontrados tantos investimentos em pesquisas como agora.

Na contemporaneidade cabe perfeitamente a pergunta: quando será que realmente ocorre a morte? Em um ataque cardíaco, muito pode ser feito pelos desfibriladores, recursos de massagens cardiovasculares e injeções de adrenalina. Na luta pela vida, nos dias atuais, destaca-se o papel da UTI. Quando o moribundo é colocado nesse espaço, reservado para médicos e repleto de recursos, que zelam pela manutenção da vida de forma intensiva, ele fica apartado da família. As visitas são controladas e ali ele passa a estar “sob o domínio da *empresa médica*” (grifos do autor), onde a morte é um acontecimento clínico.<sup>711</sup>

A especialização da medicina criou protocolos que hoje determinam quando uma morte deve ser confirmada, como a *Declaração de Harvard*, do final da década de 1960, que estabeleceu critérios para diagnosticar a morte. Para o pesquisador Ayala Gurgel, a declaração é “uma visão mecanicista da vida e da morte”.<sup>712</sup> Do trabalho realizado por Mathias, não participavam tais premissas hodiernas e a morte era atestada, de certa forma, por espelhos junto ao nariz e pela inércia do finado até o fim do velório.

<sup>709</sup> MEYEREWICZ, André Borges. Op. Cit., p. 48.

<sup>710</sup> CINQUEPALMI, João Vito. Você pode ser imortal. **Revista Superinteressante**, Rio de Janeiro, nº 275, fevereiro, 2010. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/voce-pode-ser-imortal-535997.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2012.

<sup>711</sup> GURGEL, Ayala. Silogismo da Morte. Op. Cit., p. 96.

<sup>712</sup> *Ibid.*, 95.

No modelo de morte, que pode ser chamada de “moderna” (que nesse estudo é chamada de contemporânea), o falecimento ocorre, muitas vezes, alheio à própria consciência do paciente, em um ambiente controlado por técnicos. Por outro lado, nas últimas décadas, algumas ações tentaram a retomada de um modo humanizado no trato do doente terminal. A criação de organizações como a *Natural Death Center* fundada na Inglaterra, em 1991, confirma tal tendência com a elaboração de um manual de práticas para uma morte mais humana.<sup>713</sup>

Outras questões que tocam o problema da eutanásia, termo que designa o ato de apressar a morte de um paciente, são bastante atuais.<sup>714</sup> Em decisão recente no Brasil, de agosto de 2012, o Conselho Federal de Medicina (CFM) anunciou uma resolução que permite aos brasileiros registrar, em seu histórico clínico, a vontade de não serem submetidos a tratamentos para prolongamento da vida, considerados invasivos ou dolorosos. A vontade pode ser registrada em documento e pode ser feito em qualquer momento da vida, por maiores de 18 anos.<sup>715</sup>

Nesse decurso é central o papel da revolução científica na área de ciências biológicas que começou em meados do século XX e está longe de terminar. Para José de Anchieta Corrêa esta foi a transformação mais radical ocorrida na relação do homem com a morte nos últimos tempos. Na visão do autor esse progresso vertiginoso das ciências biotecnológicas, fez com que o horizonte da morte fosse percebido a cada dia como algo mais distante.<sup>716</sup> Para Jurema Barros Dantas “no contemporâneo esperamos, mais do que nunca, que a medicina nos cure e, de um modo um pouco obscuro, que nos impeça até de morrer”.<sup>717</sup> Hoje os recursos médicos podem ser considerados como infíndos e o corpo deixou de ser o lugar de martírios e de dores, como a temida dor de dente, antes tão comum, já que

---

<sup>713</sup> Para saber mais: *The Natural Death Centre*. Disponível em: <<http://www.naturaldeath.org.uk/>>. Acesso em: 18. set. 2012.

<sup>714</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 60.

<sup>715</sup> Pacientes poderão decidir por "morte digna" em caso de situação terminal. In: **Portal Terra**. Disponível em: <<http://saude.terra.com.br/pacientes-poderao-decidir-por-morte-digna-em-caso-de-situacao-terminal,cb02a11969979310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

<sup>716</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 37.

<sup>717</sup> DANTAS, Jurema Barros. Op. Cit., p. 980.

Na época que antecedeu à Segunda Guerra Mundial, ao partir pela manhã para suas consultas, o médico de família levava em sua pequena valise não mais do que oito ou 10 medicamentos considerados então eficazes e que se encontravam a sua disposição. A partir dos anos 50, um automóvel não seria mais suficiente para transportá-los. Descobertos entre 1936 e 1945, sulfamidas e antibióticos em uso crescente transformaram doenças infecciosas, até então freqüentemente mortais, em breves - acessos de febre.<sup>718</sup>

O aumento contínuo de possibilidades analgésicas “alterou nossa relação com o sofrimento, a vida, a morte, com nosso corpo e com nós mesmos”,<sup>719</sup> e, pelo estudo dessas mudanças, chamado por Michel Serres de “Antropologia da dor”, sabe-se que já não se sofre do mesmo modo. De corpos com dores constantes e com pouco tempo para viver, homens e mulheres passaram a ter corpos indolores e com décadas pela frente. A morte se torna então “um mero fato que um dia lhe acontecerá”,<sup>720</sup> assevera Bernard Schumacher. Desse modo, antes ela era a única certeza que se tinha, hoje é tratada mais uma surpresa, uma dúvida tanto quanto certeza, acrescenta José Carlos Rodrigues.<sup>721</sup> A crença na medicina fortaleceu as noções, principalmente, de vida longa. A morte em idade avançada e inesperada é a que mais se aproxima do arquétipo esperado e “a partir dessa localização da morte no fim da vida, o não velho pode viver tranquilo, sem pensar na morte”.<sup>722</sup>

Para Norbert Elias, as formas que a morte adquire na contemporaneidade “não podem ser completamente entendidas sem referência a essa segurança relativa e à previsibilidade da vida individual - e à expectativa de vida correspondentemente maior. A vida é mais longa, a morte é adiada”.<sup>723</sup> Entre médico e agora o seu cliente, não mais paciente, já que muitas doenças podem ser resolvidas de forma bastante breve, estão presentes algumas questões para o entendimento da morte e do seu mercado na atualidade. As mudanças nesta relação, o aumento da

---

<sup>718</sup> SERRES, Michel. Op. Cit., p. 24.

<sup>719</sup> Ibid., p. 25.

<sup>720</sup> SCHUMACHER, Bernard N. Op. Cit., 17.

<sup>721</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 169.

<sup>722</sup> Ibid., p. 193.

<sup>723</sup> ELIAS, op. cit., p. 15.

confiança nos poderes médicos não foi um processo pacífico,<sup>724</sup> mas consolidaram certas expectativas com relação à vida. Ao longo das últimas décadas não nos vemos mais tão frágeis diante de situações que antes não tinham controle: uma gripe, sem os antibióticos hoje disponíveis, era a causa de muitos óbitos.

O hospital e os recursos médicos criados ao longo das últimas décadas condensaram as possibilidades de viver mais e com qualidade maior e

através do emprego de tecnologia médica para a manutenção da vida, com a criação e utilização do ventilador artificial, ocorreram profundas alterações tanto no processo do morrer quanto no próprio conceito de morte.<sup>725</sup>

Anteriormente, nas sociedades tidas como tradicionais era encontrada uma maior proximidade e familiaridade social em torno da morte, por meio de atividades simbólicas e ritualizadas.<sup>726</sup> Atitudes que atualmente são pouco encontradas, o que pode estar relacionado com as contribuições da medicina, mais precisamente com a implementação de políticas de saúde preocupadas com mortes e nascimentos e com a duração da vida.<sup>727</sup> Para Zygmunt Bauman, a morte tornou-se uma “preocupação especializada”.<sup>728</sup>

Podemos afirmar que o mercado funerário atual baseia-se em um novo modo de tratar a morte com a possibilidade de tê-la como um produto e que mudou, quase escondeu os seus sinais e ritos tradicionais. O profissional do setor, nesse contexto, torna-se personagem importante nas relações de mercado que envolve a morte e o conhecimento de seu campo de atuação é essencial para esse estudo.

---

<sup>724</sup> Para saber sobre os embates na consolidação de saberes e poderes médicos, ver: CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

<sup>725</sup> MENEZES, Rachel Aisengart. Tecnologia e “Morte Natural”. Op. Cit., p. 2.

<sup>726</sup> MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**. Op. Cit., p. 16.

<sup>727</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 191.

<sup>728</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Op. Cit., p. 217.

## 5.2 - O odor da morte: o mercado funerário atual e seus profissionais

A toalette funérea especializou-se, nos Estados Unidos, a partir do uso do embasamento, que foi utilizado para a conservação dos corpos das vítimas da Guerra Civil.<sup>729</sup> Isso deu origem às técnicas atuais e à criação de um novo profissional: o embalsamador ou o “*Embalming surgeons*”.<sup>730</sup> As famílias de posses desejavam ter o corpo morto em batalha para a realização dos ritos. Depois de várias tentativas de impedir a decomposição, que envolvia o uso do gelo, Thomas Holmes criou um método de conservação corporal eficaz que fez muito sucesso e ele

apercebeu-se das potencialidades comerciais do embalsamamento e começou a cedê-lo ao público a cem dólares cada. Sem perder oportunidades para lucrar, empregou caixeiros-viajantes que percorriam o país a vender cupões de embalsamamento às famílias com familiares na guerra. Quando os exércitos se confrontavam, Holmes e a sua equipe instalavam-se perto do campo de batalha até esta acabar, altura em que procuravam os cadáveres com cupões, para os levarem para as tendas de embalsamamento e os prepararem para o seu regresso a casa.<sup>731</sup>

O sucesso do método de embalsamamento de Thomas Holmes pode ser confirmado por meio da realização de um concurso na Academia de Medicina de Paris, que buscava comprovar qual o melhor método, entre três apresentados, para conservar os corpos. A citação a seguir, proveniente de uma tese de medicina de 1882, apresenta detalhes sobre os métodos que experimentaram diferentes produtos químicos na intenção de impedir a decomposição:

Em 1834 Gannal é mais feliz injectando nas artérias um liquido conservador de alúmen e arsénico. Em 1845 o Dr. Sucquet applica e aproveita com bom resultado as qualidades

<sup>729</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 26-27.

<sup>730</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 49.

<sup>731</sup> Ibid., p. 48.

antisepticas do chlorureto de zinco. Quasi pela mesma ocasião M. Dupré procede ao embalsamento, injectando no systema circulatório uma mistura d'acido carbónico e acido sulfuroso. Como resultado originou-se entre estes três homens uma questão que a Academia de Medicina de Paris aproveitou, abrindo um concurso no qual se inscreveram os três competidores. M. Dupré apresenta, como já dissemos, uma mistura dos ácidos sulfuroso e carbónico; M. Gannal ensaia uma solução de sulfato de alumina e de chloru-reto de alumínio, onde não entra arsénico, porque a lei franceza prohibe o seu uso no embalsamento. M. Sucquet experimenta uma solução de chlorureto de zinco a 40° areometricos. Ficou victorioso M. Sucquet, cuja preparação dava ao cadaver uma conservação perfeita e indefinida. Os outros dois processos apenas retardavam a putrefacção.<sup>732</sup>

As tentativas descritas em busca do melhor método de conservação dos corpos apontam que, ao longo do século XIX, o trato com o cadáver ganhou fortes contornos de um ato científico e racional, devendo ficar a cargo de um profissional, baseado em conhecimentos advindos da química e da medicina. Na esteira desse movimento, está a criação de uma escola especializada em embalsamento, a *Cincinnati School of Embalming*, em Ohio, pioneira nos Estados Unidos, pelo Dr. Lukis, da *Pulte Medical College*, em 1822.<sup>733</sup> O embalsamento foi introduzido no rol dos serviços prestados pelos profissionais da morte e, por meio da legislação estadual e federal norte-americana, foram formalizadas as suas funções com relação ao corpo e aos funerais. Nas décadas subsequentes, concorreu para isso o fortalecimento da ideia de que

o embalsamento seria, além de um excelente método de conservação, também um eficiente processo de degermação do corpo, permitindo aos familiares despedidas mais prolongadas de seus entes queridos. Esta técnica possibilitou ao diretor funerário a execução de procedimentos adicionais

---

<sup>732</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 39-40.

<sup>733</sup> BRANCO, Op. Cit., p. 19.



em cosmetologia e práticas reconstrutivas, devolvendo ao falecido uma aparência próxima ao seu estado natural.<sup>734</sup>

A popularidade dos embalsamamentos dos soldados na Guerra da Secessão fez surgir uma categoria profissional que depois de se especializar nos procedimentos de conservação do corpo, comandou o processo funerário com a junção de elementos, como a fabricação de caixões e fornecimento de flores. Depois da guerra, os embalsamadores enfrentaram críticas ao seu trabalho, por conta de denúncias de fraudes, desorganizaram-se e favoreceram o surgimento dos profissionais que se organizariam posteriormente, em torno das casas de embalsamamento, em fins do século XIX. A Guerra da Secessão “foi o momento transformador da história das atitudes americanas perante à morte. O conflito acelerou algumas tendências que existiam antes, alterou outras e criou novas práticas para tratar os mortos e novos significados para a morte”,<sup>735</sup> que chegaram ao mercado funerário brasileiro. A guerra civil norte-americana (1861-1865) igualmente

forçou os americanos a reconsiderar o que era apropriado ao tratamento dos cadáveres e a pensar novas concepções sobre os significados simbólicos da morte. A mortandade nos campos de batalha e nos hospitais gerava enormes quantidades de corpos, tornando-se impossível ter os procedimentos sociais e religiosos convencionais. Os soldados de ambos os lados tentavam dar aos camaradas mortos algo que se assemelhasse a um enterro digno, mesmo que se limitassem a cobrir os cadáveres com terra ou a colocá-los na vala comum.<sup>736</sup>

O processo tornou-se uma carreira nos Estados Unidos e hoje, a tanatopraxia, método correlato sem a retirada das vísceras, é uma forma bastante difundida de preparação dos mortos e característica do *American way of death*, debatido por Jessica Mitford.<sup>737</sup> Naquele país, a tanatopraxia é realizada

---

<sup>734</sup> Ibid.

<sup>735</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 144.

<sup>736</sup> Ibid., p. 44.

<sup>737</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 65.

sem consulta prévia aos parentes, pois é considerado como uma prática rotineira e totalmente indispensável, já que permite a desinfecção e a preservação do cadáver por um longo período para realização da cerimônia de velamento do corpo.<sup>738</sup>

Contudo, Jessica Mitford, em sua obra “*Muerte a la americana*”, que tem como foco o mercado funerário norte-americano, destaca que os embalsamamentos só ocorrem com frequência nos Estados Unidos por “*desconocimiento generalizado acerca de las leyes que rigen la inhumación de los muertos*”. Ela reitera que a maioria dos que procuram uma casa funerária para contratar seus serviços ficam surpresos “*al enterarse de que no es imprescindible embalsamar al difunto por ley salvo em circunstancias muy especiales, como por ejemplo, cuando hay que transportar el cuerpo*”.<sup>739</sup> Pelas leis brasileiras, a tanatopraxia é obrigatória quando o sepultamento vai ocorrer após 36 horas do falecimento.<sup>740</sup>

Para quem contrata este tipo de serviço “*el deber de procurarle un entierro - o cremación - digno y ajustado a lo que merece puede llevar a un consumo innecesario*”,<sup>741</sup> além de que o contratante “*no está dispuesto (o mejor, no está en condiciones) a comprobar la calidad de las prestaciones*”,<sup>742</sup> o que pode, no momento da aquisição dos inúmeros produtos disponíveis no mercado, induzir a compra de itens dispensáveis. Isso abre precedentes para a criação de produtos que são, no mínimo, inusitados, tal como diamantes criados a partir de cinzas, método apresentado mais adiante. José Alberto Olivença Duarte acrescenta que essas práticas são negadas pelos diretores funerários, porém

Os funerais, tal como aqueles que o realizam, perdem de vista o servir o bem público e passam a servir-se dos bens públicos. Isto, porque os diretores funerários começam a dedicar especial atenção ao seu negócio e encarar as pessoas que

<sup>738</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 100.

<sup>739</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 65.

<sup>740</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. Op. Cit., p. 719.

<sup>741</sup> MARCOS, Francisco. Op. Cit., p. 1.

<sup>742</sup> *Ibid.*, p. 10.

vem tratar dos arranjos finais de um funeral como um cliente que vai às compras. Aproveitando-se de um momento de fraqueza, em que a decisão é baseada num lado mais emocional, dada a natureza dolorosa do próprio acontecimento, os directores funerários promovem um negócio que se baseia no impulso do cliente. Esse momento é aproveitado para vender os produtos de maior valor, argumentando que seria essa a vontade do morto.<sup>743</sup>

Para entender o funcionamento da indústria funerária norte-americana, uma das “mais produtivas dos Estados Unidos”<sup>744</sup> alguns pontos são destacados como fundamentais por José Alberto Olivença Duarte, pois dariam legitimidade às suas práticas. Primeiramente, seus representantes defendem esse modelo garantindo sua consonância com o que espera o público consumidor. Outro, que o mercado se fundamenta e é regido por estudos psiquiátricos e que se baseia na legitimidade de tais posturas.<sup>745</sup>

Para o mesmo autor, tais paradigmas não possuem fundamento real: não há nada de tradicional na nova forma de lidar com a morte e nem um público que se portaria desta forma caso não houvesse um mercado disposto a oferecer estes tipos de produtos, questão levantada por Jessica Mitford.<sup>746</sup> Considerando tais argumentos, o que existe na verdade são investimentos na necessidade de uma estética específica a ser aplicada nos corpos que tem como

premissa de que esta perda é uma inevitabilidade que pode ser redimida pela beleza da sua representação, como se a morte pudesse ser escondida por detrás de um artifício cosmético que a indústria apelida de arte restauradora (“restorative art”), utilizando a terminologia correcta para o que se pode considerar a simulação da vida continuada (grifo do autor).<sup>747</sup>

---

<sup>743</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 28.

<sup>744</sup> Ibid., p. 57.

<sup>745</sup> Ibid., p. 30.

<sup>746</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., 2008.

<sup>747</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit, p. 31.

Jessica Mitford fez duras críticas ao mercado norte-americano, direcionadas às grandes empresas que primavam pelo lucro e pela impessoalidade dos rituais, porém que desgostaram os empresários do ramo, que reclamavam o direito de exercer sua função como algo necessário para garantir tranquilidade aos seus clientes em um momento tão penoso. Além de causar desconforto no mercado mortuário ela foi referência para diferentes estudos, como o de José Carlos Rodrigues, Francisco Marcos e Philippe Ariès.

O funeral pode ser definido como “o processo ritual que se segue logo após a morte de alguém, estendendo-se por um tempo mais ou menos longo, chamado luto, entre os parentes do falecido”.<sup>748</sup> Atualmente no Brasil, os trâmites de cuidado com o cadáver e o enterro são feitos, em boa parte, por profissionais que contam com o amparo das legislações municipais que estabeleceram “normas próprias para sepultamento, onde se faz necessária a intervenção do diretor funerário para melhor ajudar os membros da família a sepultarem seus mortos”.<sup>749</sup>

Com críticas aos exageros consumistas incentivados pela oferta de produtos variados, Jessica Mitford mostra-se indignada com as publicações do setor, como a *Mortuary Managment*<sup>750</sup>. Uma das primeiras questões apontadas pela autora é que os procedimentos funerários atualmente oferecidos não fazem parte da tradição dos Estados Unidos. Pouco tempo antes de consolidarem-se como opção (não tão opcional assim!), o que era encontrado em boa parte dos enterros norte-americanos, de acordo com a sua pesquisa, era

*La sencillez hasta el punto de parquedad, una simple caja de pino, el entierro del difunto por parte de amigos y familiares que también eran quienes acompañaban el féretro hasta la tumba...*

---

<sup>748</sup> SILVA, Justino Adriano Farias da. Op. Cit., p. 740-741.

<sup>749</sup> Serviços Funerários. In: **Portal Cidadão Consumidor**. Disponível em: <[http://www.cidadaoconsumidor.com/Biblioteca/12,201,0,0,0,0/Servicos\\_Funerarios.html](http://www.cidadaoconsumidor.com/Biblioteca/12,201,0,0,0,0/Servicos_Funerarios.html)>. Acesso em: 14 jun. 2011.

<sup>750</sup> *Mortuary Managment* é uma publicação direcionada aos diretores funerários e outros, com temas sobre a indústria mortuária. A revista apresenta matérias sobre fabricantes, fornecedores e equipamentos para o setor. Ela é publicada desde 1914 e é considerada como uma das principais fontes de informação sobre o mercado funerário. *Mortuary Managment*. In: *Abbott & Hast Publications*. Disponível em: <<http://www.abbottandhast.com/mm.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

*Ésas eran las tradiciones de los funerales estadounidenses hasta finales del siglo XIX.*<sup>751</sup>

A autora questiona dois pontos sobre os quais está fundamentado o gerenciamento desse mercado: a necessidade do embalsamamento, como forma de garantir a melhor lembrança do morto que deve ser exposto em caixão aberto, e a terapia do luto. Em suas palavras

*Un concepto más nuevo que intentan extender los líderes del sector es que el embalsamamiento y la conservación del difunto son necesarios para la estabilidad mental de los supervivientes. La “terapia del duelo”, el nombre oficial acuñado por los profesionales de la industria funeraria para referirse a este aspecto de su trabajo, es desde hace tiempo la segunda línea de defensa de los embalsamadores.*<sup>752</sup>

De acordo com a autora, o caixão aberto com o corpo devidamente embalsamado, não está relacionado com a necessidade de despedir-se do morto, mas serve mais para justificar a necessidade das taxas extras para conservá-lo. Nesse momento cabe pensar sobre a peculiaridade do serviço funerário, um serviço de primeira necessidade e que deve ser executado com alguma rapidez. Podemos afirmar que *“pocas veces podemos encontrar una situación en la que la vulnerabilidad del consumidor y la naturaleza de los servicios que se contratan condicionen tanto la demanda del servicio”*,<sup>753</sup> salvo nos casos dos planos funerários onde a empresa tem que buscar o cliente e antecipar a compra do produto.<sup>754</sup>

Dentre as várias características do mercado, ele é regulado por necessidades que, de forma geral, alteram as percepções de seus

---

<sup>751</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 49.

<sup>752</sup> Ibid., p. 106-107.

<sup>753</sup> MARCOS, Francisco. Op. Cit., p. 1.

<sup>754</sup> SILVA, Wagner Pires da. **Uma abordagem do mix de marketing para os serviços funerários e cemiteriais:** estudo de caso do Jardim Metropolitano. Monografia (Curso de Administração de Empresas da Faculdade Farias Brito). Fortaleza/CE, 2011. Disponível em: <[www.administradores.com.br/...abordagem-do-mix-de-marketing-pa...](http://www.administradores.com.br/...abordagem-do-mix-de-marketing-pa...)>. Acesso em: 25 nov. 2012.

consumidores. Eles podem sentir-se desamparados frente à notícia de uma morte e das resoluções, quase sempre pesarosas, a serem tomadas. Afora que, geralmente, o cliente desconhece o mercado e seus serviços, algo que para Francisco Marcos, é uma atitude voluntária, provavelmente, relacionada com a ojeriza que cerca a morte e seus temas.<sup>755</sup> São encontradas reclamações de abusos cometidos nas cobranças de taxas, no mau atendimento, o que pode contribuir, de forma significativa, para a má reputação do ramo, já que “convivemos com um histórico nacional de mau atendimento e abuso na venda e na prestação dos serviços funerários”.<sup>756</sup>

Neste sentido, Ronald Haas reconhece os problemas de agenciamentos, maus profissionais e seus intermediários. Além disso, observa que o profissional do setor lida com um mercado com características específicas e com um cliente em situação muito especial. Ronald ainda sublinha:

Porque as pessoas não são críticas nesse momento, enfim, está emotivo, tem um problema para resolver, chega alguém lá se oferecendo, normalmente, e tu não pensas que podes fazer orçamento, [...] que o código do consumidor se aplica.<sup>757</sup>

As notícias de funerárias brigando e constringendo famílias para garantir o atendimento de sepultamentos são facilmente encontradas. Em Cuiabá, virou até caso de polícia. Na porta do Instituto Médico Legal, duas empresas travaram disputa por um corpo apesar de o serviço ser organizado, por meio de plantão, onde a ordem de atendimento deveria ser respeitada.<sup>758</sup> A regulamentação nem sempre é clara, o que provoca problemas na interpretação da lei e o aparecimento

---

<sup>755</sup> MARCOS, Francisco. Op. Cit.

<sup>756</sup> Do Fúnebre ao Bizarro. In: **Centro maiêutica de psicologia aplicada**. Disponível em: <<http://www.centromaieutica.com.br/textos/luto/Finados%20Tem%20que%20Ser%20Todo%20Dia.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

<sup>757</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>758</sup> Funerárias de MT brigam no IML pelo direito de sepultar corpo de rapaz. In: **Funerária on-line**. Disponível em: <<http://www.funerariaonline.com.br/News/Default.asp?idnews=7418>>. Acesso em: 1 ago. 2011.

de “problemas de funerária típicos, de agenciamento, brigas, e tudo mais”.<sup>759</sup>

Contudo, apesar da possibilidade e das críticas de Jessica Mitford, “aproveitar o momento” não pode ser considerado uma regra geral do setor. Como todo negócio, esse segmento conta com aqueles que, como foi anteriormente citado, no caso dos agenciamentos, aproveitam para chegar às famílias em um momento que elas não conseguem absorver as informações dadas, mas há “*una mayoría de empresas funerarias honestas*”,<sup>760</sup> que não se utilizam de enganações para auferir seus ganhos.

Ainda com as contribuições de Jessica Mitford, afora o fato dos procedimentos e produtos à disposição no mercado estadunidense não serem parte da tradição do país, da mesma forma não podem ser considerados como fruto de crenças religiosas, nas palavras de Mitford: “*las confesiones de fe más importantes de Occidente tienen poco que decir acerca de cómo se realizan los funerales*”.<sup>761</sup>

Para Mitford, as confissões cristãs defendem um funeral simples e que reforce a igualdade dentre os homens. Todavia, um olhar sobre as práticas mortuárias acolhidas pela Igreja Católica, principalmente, no período em que os sepultamentos ocorriam dentro dos templos, pode contraditar sua afirmação. Mesmo declarando-se contra tal prática, a Igreja manteve relações estreitas com as irmandades que organizavam tais eventos fúnebres e cedia espaços para serem comercializados para o destino final dos fiéis, como as covas de fábrica.

Jessica Mitford levanta uma questão importante: a não existência de um público que deseja os serviços e produtos oferecidos, como no caso do caixão aberto que requer, muitas vezes, a aplicação de produtos e técnicas para reconstituição do corpo, sendo mais uma forma de auferir ganhos por parte dos negociantes. Contudo, a morte comporta suas peculiaridades e o corpo com o falecimento ganha outro *status*. Ele deixa de fazer parte da comunidade dos vivos, mas continuando a portar lembranças e vivências. Ou seja, para quem perdeu seus parentes, e principalmente, filhos e cônjuges, a oportunidade de ter o corpo tem seu sentido.

---

<sup>759</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010.

<sup>760</sup> MARCOS, Francisco. Op. Cit., p. 9.

<sup>761</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 235.

Com relação aos Estados Unidos, a pesquisadora Paula Freire Moura Carvalho assinala que “o corpo morto sempre foi um lugar de culto, daí a sua necessidade de o terem perto, de o verem e tocarem”.<sup>762</sup> A necessidade de ao menos encontrar o corpo de seu ente, falecido em condições que desfavorecem a sua recuperação, pode ser vista em casos de acidentes aéreos quando os parentes reivindicam o corpo para dar sepultura e ter um lugar para realizar os ritos. A pedagoga e psicóloga Maria Aparecida V. Zaroni aborda, a partir do relato de um pai que perdeu o filho no acidente do voo 1907 do avião da GOL, ocorrido em setembro de 2006, a questão do corpo como forma de apaziguar a dor da perda:

Existe um acolhimento por trás do ritual e os serviços funerários, se bem feitos, podem constituir um dos fatores de proteção na resolução do luto, tanto tornando mais real a perda, quanto oportunizando a expressão de pensamentos e sentimentos sobre o falecido e criando um espaço e momento de apoio dos que vêm para as despedidas e para confortar os enlutados.<sup>763</sup>

A ausência do corpo não permite a realização de certos ritos e sua falta “amplia a dor permanente da morte”, de acordo com Mauro Koury.<sup>764</sup> Para quem sobrevive o corpo e o local de sepultamento, frequentemente, são valorados como um registro, algo que perdura depois do nada da morte. Dalton da Silva afirmou que o corpo é “a impressão da eterna permanência do homem”<sup>765</sup> e embora sob a ótica do saneamento, sendo tal um resíduo sólido e orgânico, ele carrega outros valores, como o registro do que foi o ente perdido.

Portanto, é necessário considerar que o panorama descrito anteriormente tem muitas prerrogativas e esse campo envolve preferências, sentimentos, condições, oportunidades e é trespassado por questões religiosas, culturais, pessoais, além das mercadológicas. E,

---

<sup>762</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 130.

<sup>763</sup> ZARONI, Maria Aparecida V. A importância dos rituais de morte. In: **Clínica de psicologia e apoio ao luto**. Disponível em: <[http://www.abclinicadoluto.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=49&Itemid=52](http://www.abclinicadoluto.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=49&Itemid=52)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

<sup>764</sup> KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Op. Cit., p. 44.

<sup>765</sup> SILVA, Dalton da. Op. Cit., p. 49.



para além dos casos de maus profissionais e abusos, o exercício do trabalho funerário enfrenta situações adversas, não sendo incoerente afirmar que, o profissional desse setor, exerce uma das funções mais complexas, ao lidar diariamente com situações extremas, geradas pelas perdas e lidando constantemente com contrariedades.

As dificuldades enfrentadas por quem desempenha tais funções podem ser vistas no filme “A partida” (Okuribito - Japão, 2008) do diretor Yojiro Takita, ganhador do Oscar de melhor filme estrangeiro de 2009. Ele mostra a trajetória de um musicista que, não tendo encontrado trabalho, torna-se um profissional da morte responsável por um antigo ritual, o *Nokanshi*. Sabendo do preconceito enfrentado pelos que exercem a função, ele resolve esconder seu trabalho, inclusive de sua esposa que ao descobrir, o abandona e o mesmo ocorre com outros familiares. Aos poucos, ele vai percebendo o valor de sua ocupação e reintegrando-se à sua família que precisa de seu serviço por ocasião da morte de uma tia.

Com sensibilidade e excelente enredo, a produção contribui para o debate sobre o lugar da morte em culturas que aparentemente tem uma relação diferente da ocidental, entretanto vivenciam a mesma condição dos profissionais ocidentais desse setor que, como no Japão, ocuparam o lugar da família na realização dos cuidados com o corpo.

Para a pesquisadora Clarissa de Franco, a questão que se impõe para esse tipo de profissional é: como ele consegue lidar com algo que ele deve negar, já que a sociedade assim o faz.<sup>766</sup> Quando questionados sobre a forma como percebem o seu trabalho, funcionários de funerárias declararam que era um trabalho normal, sendo “uma função como outra qualquer”.<sup>767</sup> Apesar de considerarem como algo normal ficou evidente que apresentavam desconforto em ter que lidar com o corpo morto. Algo que igualmente ocorria quando outras pessoas sabiam do seu trabalho. No relato da pesquisadora a rotina de quem lida com algo que incomoda ver fica evidente:

Também observei este aspecto de desconforto enquanto acompanhava a entrega de corpos junto

---

<sup>766</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 173.

<sup>767</sup> SOUZA, Kátia Cristina Caparroz de; BOEMER, Magali Roseira. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 7, nº 1, July 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12901998000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901998000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 Abr. 2011, p. 36.

ao hospital. Embora não falassem, estes trabalhadores muitas vezes não conseguiam controlar-se, apresentando tremores, sudorese intensa e palidez. Quando um dos agentes funerários foi vestir o corpo de uma criança de seis meses tal foi o seu desconforto que ele tremia a ponto de não conseguir acabar de abotoar a roupa e nem conseguir fechar o pequeno caixão, evidenciando, assim, seu sofrimento.<sup>768</sup>

Quando Ronald Haas nasceu, na década de 1970, o seu pai já havia arrendado a funerária, mas ele recorda que, durante a infância, manteve uma relação distante com o negócio da família, pois os corpos não eram preparados na empresa e sim, nas casas das famílias. Afora morar em uma casa com fama de ser mal-assombrada por ter abrigado um depósito de caixões, ele que chegou a estagiar na marmoraria, lembra o aumento do preconceito quando a família passou a trabalhar com a funerária, inclusive, de outros familiares. O pai dele ouviu de um parente que esse trabalho não era uma atividade legal. Ronald acrescenta que a ojeriza com o trabalho na

funerária é bem mais evidente. É assim, de criança sempre percebia, porque todo mundo sabia que trabalhava [...] sempre tem aquela questão de chegar na escola e a professora querer saber o que os pais fazem, falar sobre a profissão dos pais, nessa hora, eu acho, eu acabava sempre falando mais de marmoraria do que de funerária.<sup>769</sup>

Para Ronald, o preconceito é ainda maior com quem trabalha no cemitério, com a figura clássica do profissional da morte: o coveiro. Na adolescência, ele começou a participar mais assiduamente das atividades da funerária, fazendo trabalhos eventuais para ajudar nos momentos de maior movimento. Do seu primeiro trabalho sozinho, sem o acompanhamento de outro funcionário da empresa, ele lembra com detalhes. Tratava-se de um senhor falecido em Gaspar, que ele foi atender na companhia de um amigo de infância. Ele já havia participado de outras preparações, mas pela primeira vez chegava sozinho a casa da

---

<sup>768</sup> Ibid., p. 37.

<sup>769</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

família levando o caixão e com a responsabilidade de preparar o corpo. Ele tinha que higienizar, vestir o morto e ornamentar a urna.

O tamanho dos familiares do morto o assustou um pouco, mas ficou tranquilo ao ver que se tratava de um senhor pequeno e que já fora vestido, com terno e gravata, pela família. Faltava colocá-lo na urna e decorar com as flores. Quando terminou perguntou aos familiares se estavam satisfeitos, se queriam algo mais e eles responderam que deixariam por sua conta, pois era ele que entendia do assunto. Ronald conta que

Isso é bem típico no serviço funerário. As referências que elas tem sempre é de serviços ou de funerais aos quais foram visitar ou participaram. Querendo ou não, quando chegam para contratar, eles perguntam muita coisa.<sup>770</sup>

A família, geralmente, se envolvia no cuidado com o morto quando era alguém mais próximo, como um cônjuge e, no caso de mulheres, a situação era sempre mais delicada, e a família assumia no momento de trocar a roupa, por exemplo.

Para contratar novos funcionários, o mercado tem suas peculiaridades. No caso da Haas, geralmente, o novo funcionário acaba sendo indicado por outro e há pouca rotatividade na funerária. A empresa procura não contratar quem já tenha trabalhado em outra funerária na região, por considerar mais prático treinar do que corrigir determinadas práticas já assimiladas.

Para a área de tanatopraxia, Ronald diz que sempre contou com a indicação de algum funcionário. Um dos últimos contratados para a função pode ser chamado de alguém “vacionado”. De acordo com Ronald, ele foi indicado por um conhecido que falou da sua vontade de trabalhar na funerária e que, por vezes, atuando como diácono, substituiu o padre em bênçãos de corpo presente. Quando surgiu uma vaga, depois de aprovado na entrevista, foi contratado e hoje atua como agente, realizando tanatopraxia e outros.<sup>771</sup>

Para trabalhar na Haas não há necessidade de ter curso de tanatopraxia. Depois de passar por serviços de motorista, remoção,

---

<sup>770</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>771</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

sepultamento, aos poucos o funcionário começa a auxiliar na tanatopraxia e, por meio de convênio com a Pró-Tanato, faz a sua formação na área. Atualmente, são três agentes funerários e Ronald acredita que eles enfrentem situações parecidas, com relação às ironias sobre a profissão e reitera que

É uma atividade diferente e pouco se conversa sobre isso. Com o plano, acho que a discussão universalizou um pouco [...] a gente trabalhou muito e abertamente com rádio e até com folheto instruindo sobre serviço funerário, fazendo com que as pessoas vejam com outros olhos e vejam como um serviço que funciona como os outros.<sup>772</sup>

A concepção de morte influencia diretamente na forma como tais profissionais são vistos em sociedade. Como aquele que resolve um problema ou um incômodo, assemelham-se a outros profissionais, praticamente invisíveis, como os lixeiros, varredores de rua e desentupidores de fossas. Quem passa pelo principal cemitério de Florianópolis, o São Francisco de Assis, por exemplo, onde no entorno circulam ônibus e muitos carros, os coveiros e demais funcionários estão ali na entrada, perto do portão ou executando algum trabalho.

Na maioria das vezes, ignora-se que para exercer uma função essencial eles acabam entrando

em permanente contato com situações adversas e por vezes arriscadas. A presença de corpos em estado avançado de decomposição e a ausência de informações sobre a causa mortis são ameaças constantes que denotam a vulnerabilidade que esses profissionais estão expostos.<sup>773</sup>

Pode-se até acreditar que, qualquer pessoa pode trabalhar no setor, não sendo necessário especialização ou investimento em formação profissional, o que não procede.<sup>774</sup> Erica Quinaglia define quem são e

---

<sup>772</sup> HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012.

<sup>773</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 182.

<sup>774</sup> NALETTO, Ana Lúcia; e OLIVEIRA, Lélia Faleiros. In: **Centro maiêutica de psicologia aplicada**, 2006. Disponível em:

como se veem, ou são vistos esses profissionais. Sua pesquisa e a produção de um documentário intitulado “E a tristeza nem pode esperar em chegar” revelam com sensibilidade, o cotidiano dos operários da morte e define, a forma lastimável como eles são percebidos socialmente:

Aos eternos companheiros da morte jardineiros, lavadores de túmulos e coveiros deste cemitério são, pois, impostos a invisibilidade e o silenciamento. O mesmo tabu que recai sobre a morte e os mortos incide sobre eles. Além de marginais, esses profissionais são também discriminados. Situam-se num espaço fronteiriço: vivem da morte. Impuros e perigosos, são considerados socialmente inadequados. Em nome da higienização moderno-contemporânea, esses homens-tabus, assim como o lixo e os presos, devem ser expurgados do convívio social. Devem, portanto, permanecer fora da sociedade.<sup>775</sup>

A inclusão da opinião de coveiros e de outros que trabalham para garantir o destino final dos corpos é sensível e comovente em seu estudo. A pesquisadora assinala algumas características da profissão, como fato de ser “majoritariamente masculina”<sup>776</sup> sendo raro encontrar mulheres desempenhando, principalmente, funções dentro dos cemitérios. No caso da empresa Haas, além dos irmãos, Ronald e Guido, Elke, trabalha na Haas Blumenau junto com seu pai, Rolf.

Outra característica percebida na trajetória da empresa Haas é o seu caráter hereditário. A administração sempre esteve nas mãos da família, bastante envolvida, ao longo de sua história, com os trabalhos da empresa. Mathias ensinou o seu ofício e teve a contribuição de filhos e netos que o auxiliaram nos negócios. Dos seus filhos, todos exerceram alguma atividade na marmoraria e de seus netos, além de Rolf, Baldur e Bernardo trabalharam na empresa. O filho Eugenio Bernardo chegou a

---

<<http://www.centromaieutica.com.br/textos/luto/Conhecer%20o%20Processo%20de%20Luto.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2011, p. 1.

<sup>775</sup> SILVA, Erica Quinaglia. E a tristeza nem pode pensar em chegar.... **Revista Antropológicas**, v. 20 (1), p. 243-261, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acesso em: 18 ago. 2012, p. 246.

<sup>776</sup> Ibid., p. 251.

montar uma marmoraria em Florianópolis e Ivo trabalhou até se aposentar atuando na área de vendas em seus últimos anos. Ambos estiveram na Alemanha para aperfeiçoar os conhecimentos no ramo da cantaria.<sup>777</sup>

O setor ainda sofre com o pouco interesse pelas vagas em aberto e quando ocorre um concurso público, para admissão de coveiros, a participação da concorrência se restringe, na maioria dos casos, aos parentes dos funcionários mais antigos, os únicos interessados, como assinalado por Erica Silva:

Como profissão marginal e marginalizada, ser jardineiro, lavador de túmulos e coveiro constituiu-se em Florianópolis como uma profissão de linhagem, restrita a famílias que frequentam o Cemitério do Itacorubi. Mesmo o concurso “seleciona” os parentes de profissionais que trabalharam ou trabalham tradicionalmente ali. Há depoimentos, por exemplo, de concursos abertos cujas vagas ficaram ociosas em razão de as pessoas que teriam de preenchê-las não quererem, porque o trabalho era no cemitério. Portanto, aqueles que ali trabalham, ora como concursados, ora como particulares adquiriram a profissão como “herança” deixada pelos parentes antecessores. E aprenderam a exercê-la por meio da observação do ofício de cuidar das plantas, lavar túmulos, inscrever epitáfios, sepultar e exumar (grifo da autora).<sup>778</sup>

Para o profissional que lida com o corpo, apesar das situações vivenciadas e do pouco valor dado a sua categoria, a mudança do mercado ampliou sua atuação. A existência de um mercado estabelecido e cada vez mais dinâmico, apesar de algumas ações pouco elogiosas,

---

<sup>777</sup>Original: “Zwei Söhne von dem Gründer waren von 1939 in Hamburg und Senftenberg / Frankfurt a.d. Oder in der Lehre als Steinmetz und Marmorist. /Ivo W. Haas und Eugen B. Haas arbeiteten im Fach, in Blumenau u. Florianopolis Zwi andere Söhne Mathias R. Haas und João A. Haas sind in Baufach tätig und das in Rio de Janeiro und Brasília - Goias. “ORA ET LABORA” Unser Wahlspruch, “BETE u. ARBEITE”. HAAS, Mathias. **Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas** (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d, p. 2.

<sup>778</sup> SILVA, Erica Quinaglia. Op. Cit., p. 250.

relatadas por Jessica Mitford, não deve ser fruto somente das pressões de um arranjo econômico por mais lucros. A especialização dos serviços e produtos é outro ponto a ser considerado e o setor pode da mesma forma, seguir as mudanças de atitudes. Em outros ramos é cada vez mais comum encontrar serviços, antes realizados pelos próprios consumidores, nas mãos de empresas e profissionais, podendo ser contratados, por exemplo, limpadores de casas e jardins, cuidadores de idosos, recreadores de cães, etc.

O hábito dos consumidores mudou e perdeu muito do seu sentido, realizar grandes investimentos em grandes túmulos ornamentados. É fato que todo o movimento que culminou na profissionalização acabou por gerar uma relação, entre os enlutados e as empresas do ramo, cada vez mais comercial e capitalizada.

O capitalismo move-se pelo que é novo, pela criação de necessidades, sendo o nível de consumo “a medida de uma vida bem-sucedida, da felicidade e mesmo da decência humana”.<sup>779</sup> A constatação de Zygmunt Bauman pode assustar, mas não foge do que pode ser visto na TV, em propagandas que relacionam consumo e felicidade, e reforçam o sentido de renovação, de tudo, desde objetos até relacionamentos:

À primeira vista, a mudança está inscrita no coração do sistema. Velhos produtos são substituídos por novos, por novos aparentemente diferentes, diferentes, principalmente, porque são novos (qualidade importantíssima em uma sociedade de consumo); antigas técnicas são substituídas por novas, reputadas como mais aptas a aumentar a produtividade, a substituir trabalho humano por trabalho artificial. Consumo e produtividade determinam um mundo característico: durante séculos foram as gerações de homens que se sucediam em um cenário estável de objetos; hoje as gerações de objetos se sucedem em ritmo acelerado durante a mesma existência individual.<sup>780</sup>

Para Zygmunt Bauman, as últimas três décadas foram decisivas para a concepção da nossa sociedade ocidental “industrial, capitalista,

---

<sup>779</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Op. Cit., p. 56.

<sup>780</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 210.

democrática e moderna. É esse modo que determina os nomes que as pessoas tendem a dar a seus medos e angústias”.<sup>781</sup> Em busca do novo não escapa o velho, ou melhor, o idoso e a visão de desprestígio que hoje ele carrega, pode comportar visões sobre nossa finitude. O seu lugar de honra e respeito perdeu o sentido diante do prolongamento da expectativa de vida, com especial destaque para as

transformações do modo de vida coletivo, como o aparecimento de preocupações higiênicas, a melhoria das condições de habitação e alimentação, as transformações nas condições de trabalho, a melhor organização das cidades no que diz respeito a esgotos e evacuação de lixo, a introdução de inseticidas, vacinas e antibióticos, a previdência social.<sup>782</sup>

Para Eduardo Morgado, o escamoteamento da morte está relacionado com o aumento da idade média da longevidade.<sup>783</sup> A relação entre os avanços na medicina e o fortalecimento de uma noção de fim da fragilidade humana e para alguns pesquisadores, como para Sandro Blume, de uma imortalidade alcançada, é algo comum em vários estudos consultados.<sup>784</sup> Impera o novo e a forma de prestigiar a si mesmo, já não passa por manter um jazigo monumental para a visita aos domingos. São muitas as novidades do mercado e soa normal, comprar mais uma calça, quando tantas outras ocupam o armário, mas já não são da última moda. É possível perceber uma oposição clara entre o nosso sistema econômico, capitalista, liberal, dinâmico, e o que a morte pode representar.

Criam-se novas caras para velhos conhecidos, que voltam a ser objetos de desejo e agora com a *internet*, a oportunidade de comprar sem sair de casa, contribuiu de forma significativa para a realização de desejos (ocultos, muitas vezes, por trás de falsas necessidades). Tudo isso pode nos desviar de algumas questões e é possível até afirmar que a

---

<sup>781</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Op. Cit., p. 49.

<sup>782</sup> RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., p. 190.

<sup>783</sup> REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida**. Op. Cit.

<sup>784</sup> BLUME, Sandro. Op. Cit., p. 23.



“a sociedade de mercadoria tem que recusar aos seus indivíduos a consciência da morte”.<sup>785</sup>

Quanto a ser uma forma de consumo pressionada por novidades do mercado isso parece evidente. O mercado liberal organiza-se dessa forma, mas há uma série de mudanças que podem ter contribuído para a aceitação de novidades do setor, que dizem respeito ao aparecimento de valores menos religiosos e mais científicos. Para Ariès, as casas funerárias norte-americanas deram o devido destino aos corpos que começavam a incomodar nas residências, onde os velórios eram cada vez mais raros. Para acabar com o incômodo provocado pelos corpos, portanto

Imaginou-se então, nos Estados Unidos, colocar o corpo num lugar neutro, que não fosse nem o hospital anônimo, nem a casa demasiado pessoal, ou seja, na *funeral home*, com uma espécie de hoteleiro especializado em receber mortos, o funeral director. A estadia na *funeral home* é uma acomodação entre a desritualização decente, mas ativa e radical, da morte da Europa, e as cerimônias arcaicas do luto tradicional. (grifos do autor)<sup>786</sup>

Ainda sobre a formação de uma nova sensibilidade com relação à morte e os mortos, e o fortalecimento de um mercado funéreo, pode-se acrescentar mais uma questão: a existência de um número cada vez maior de famílias, que por falta de tempo ou outro motivo, não pode/deseja cuidar dos trâmites da morte de um familiar e buscam por profissionais para resolver as questões e burocracias do processo.

Portanto, há uma mudança de comportamento de consumo, no qual o agente funerário, tal como um despachante pode ocupar-se de todos os encargos, para o consumidor acostumado a pagar por tais serviços. É essencial destacar que “nem as famílias sabem mais tomar as providências, nem a apropriação do mercado da morte pelas empresas funerárias permite que tais providências sejam tomadas por atores autônomos”,<sup>787</sup> considerando a burocratização e os documentos a serem recolhidos para efetivação dos trâmites.

---

<sup>785</sup> BECKER, Ralph Michael. Op. Cit., p. 143.

<sup>786</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 268.

<sup>787</sup> RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit., p. 178.

Pode-se ainda acrescentar a presença da noção, defendida por empresários do ramo, de que é possível apaziguar os incômodos causados pela morte com a contratação de um agente funerário, igualmente, presente na defesa da necessidade de técnicas e determinados produtos. Para Clarissa de Franco, essa tendência

caminha paralelamente à atitude de “lançar” a morte para a responsabilidade de terceiros, especialistas na área que, teoricamente, nada têm a ver com o morto e, portanto, não padeceriam das dores inconvenientes do luto e da perda (grifo do autor).<sup>788</sup>

Outras mudanças podem ser assinaladas neste campo. De acordo com associações do setor, o mercado tem que atender a um novo tipo de cliente, que não procura mais por serviços pomposos, mas por econômicos. De acordo com a Associação Brasileira de Empresas e Diretores Funerários (ABREDIF), tal postura demanda por um investimento maior do que o retorno e

ao contrário do que muitos pensam, o setor funerário sofre direta e drasticamente com a crise econômica. Embora o número de atendimentos não se reduza, a receita da empresa é comprometida com a aquisição de serviços cada vez mais populares. Este fato ocorre em função da condição econômica do contratante. Atendem-se mais gratuitos, elevando o custo operacional, reduz-se à venda de funerais de luxo, diminuindo o faturamento. Este ciclo é vivido toda vez que o país mergulha em uma crise econômica.<sup>789</sup>

Sabe-se que, durante muito tempo, a tarefa de preparar os mortos esteve nas mãos de familiares e de pessoas da comunidade.

---

<sup>788</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p.173.

<sup>789</sup> Quantidade de funerárias por habitantes. Relatório elaborado pela Associação Brasileira de Empresas e Diretores Funerários. In: **Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços Funerários do Estado do Paraná (SESFEPAR)**. Disponível em: <<http://www.sesfepar.org.br/documentos/Funerariasxhabitantes-ABREDIF.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2011, p. 2.

Porém, com a criação de uma série de procedimentos e de uma legislação que regulamentou obrigações e serviços, hoje é algo reservado, em muitos casos, somente aos profissionais funerários “que detém poder sobre o corpo”,<sup>790</sup> como no caso da Haas.

Na transformação da categoria, após a redescoberta das técnicas de embalsamamento, foram registradas algumas mudanças na sua nomenclatura. O empresário do ramo funerário passou a se chamar “Diretor Funerário”, em 1822, com a regulamentação da *National Funeral Directors Association of the United States* (NFDA), órgão responsável pela atividade. A intenção foi “aumentar o valor agregado aos mesmos”.<sup>791</sup>

Contudo, a presença de profissionais na execução dos ritos funerários é mais antiga e pode ser encontrada “na arte medieval da heráldica, que estava incumbida de realizar os funerais da aristocracia”<sup>792</sup>, sendo os arautos responsáveis pelo cerimonial. No início do século XVII, na Europa, inicia-se o processo de mercantilização da morte onde “os negociantes funerários emergentes, então chamados de cangalheiros, estruturaram os apetrechos e os rituais funerários de acordo com as práticas dos arautos”.<sup>793</sup>

Os cangalheiros aspiraram ao lugar dos arautos, por diferentes razões, uma delas é que os arautos somente prestavam seus serviços funerários para pessoas de classe mais abastadas, dado o alto valor cobrado. A partir do século XVIII, os cangalheiros assumem a função e oferecem seus serviços, primeiramente, para as classes médias e depois para as classes menos abastadas e tornam-se, já no século XIX, na Europa e na América do Norte, um grupo influente que estabeleciam as regras e modos do aparato funerário, de acordo com um código de estatuto social.<sup>794</sup>

Para José Alberto Olivença Duarte, as técnicas de trato com o corpo já são vistas, por exemplo, no Egito, com o embalsamamento, considerando a utilização da mumificação, difundida como forma ideal de preparar o corpo para o sepultamento. Para Jean-Pierre Bayard, os serviços funerários nascem no século XVII, por ordem de Luís XIV que criou, em todas as cidades francesas, as funções de jurados-anunciadores de enterro, que passam a ser os profissionais reconhecidos deste

---

<sup>790</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 24.

<sup>791</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. Op. Cit., p. 19.

<sup>792</sup> HOWARTH, Glennys. Agentes funerários. Op. Cit., p. 10.

<sup>793</sup> Ibid.

<sup>794</sup> Ibid.

ramo.<sup>795</sup> Para Jessica Mitford, os trabalhadores do setor funerário surgem a partir de três profissões: do encarregado dos estábulos responsável pelas carroças, do marceneiro e do sacristão que costumava tocar os sino e abrir a tumba.<sup>796</sup> Os três profissionais são partes atuantes do funeral. O primeiro pelo cortejo, o segundo no feitiço do caixão e o último pelo anúncio e por encerrar os ritos do corpo morto, abrindo a cova para o enterro.

Mas é por volta do século XIX que surgem os primeiros profissionais que vão unir os três profissionais. Conhecidos como *undertakers*, eles “forneciam à família um catálogo de caixões de seu estabelecimento, depois supervisionavam a remoção dos caixões para os carros e realizavam as tarefas necessárias até que o corpo estivesse finalmente sepultado”,<sup>797</sup> funções presentes no exercício dos agentes e diretores atuais.

No Brasil, é ao longo do século XX que ocorre a especialização desse ofício. A atividade funerária, em uma de suas definições “é todo ato relacionado com a prestação de serviços funerários, homenagens póstumas, comercialização de planos funerários, translado, embalsamamento (tanatopraxia) e providências administrativas para registro do óbito”,<sup>798</sup> procedimentos realizados pela Haas.

Como decorrência das ações e investimentos do setor, surgem as associações de categoria, como a “Associação Brasileira de Empresas e Diretores Funerários” (ABREDIF). Ela defende posturas para o setor, como o seu caráter cultural, devendo-se “observar o costume da sociedade como forma de demonstrar respeito à sua cultura, bem como estar estruturado para atender pessoas de todas as raças e cultos religiosos”.<sup>799</sup>

Para a associação, apesar de terem sido mantidas as ações de cuidar e venerar os mortos, nos últimos anos, os novos ritos exigiram das empresas, alguns investimentos significativos para o pleno atendimento de seus clientes. É o caso dos velórios, que passam a ser realizados em casas velatórias, muitas delas, a serem mantidas pelas empresas funerárias, como a necessidade de veículos especiais para o translado do corpo, dentre outros.

---

<sup>795</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p.137.

<sup>796</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 246.

<sup>797</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 98.

<sup>798</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. Op. Cit., p. 19.

<sup>799</sup> Quantidade de funerárias por habitantes. Relatório elaborado pela Associação Brasileira de empresas e diretores funerários. Op. cit, p. 1.

Ainda sobre as responsabilidades destaca a importância do manuseio adequado dos cadáveres, para não propagar epidemias, por exemplo. Outro cuidado é com o registro dos óbitos para não comprometer o trabalho de órgãos de prevenção, que precisam das estatísticas de óbitos para suas ações; sendo necessária, a manutenção de uma equipe especializada que trabalhe com normas definidas e com os devidos equipamentos.

Para atuar no ramo não há exigências de curso superior, somente do ensino fundamental, e de cursos específicos, como de tanatopraxia ou reconstituição facial, quando realizar tais procedimentos. Contudo, em relação à capacitação do agente funerário, a associação ressalva que ele deve ser qualificado e vocacionado e “ter conhecimentos de anatomia humana, noções de psicologia, prática em informática, dominar a legislação vigente pertinente, capacidade de agir em condições extremas”.<sup>800</sup> Na categoria de trabalhador funerário estão enquadrados pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os agentes funerários, os tanatopraxistas, os atendentes e os auxiliares de funerária.<sup>801</sup> Outros profissionais podem ser encontrados neste setor, como o mestre de cerimônias. Seriam atividades do agente as

tarefas referentes à organização de funerais, providenciando registros de óbitos e demais documentos necessários. Providenciam liberação, remoção e traslado de cadáveres. Executam preparativos para velórios, sepultamentos, conduzem o cortejo fúnebre. Preparam cadáveres em urnas e as ornamentam. Executam a conservação de cadáveres por meio de técnicas de tanatopraxia ou embalsamamento, substituindo fluidos naturais por líquidos conservantes. Embelezam cadáveres aplicando cosméticos específicos.<sup>802</sup>

No código de ética em tanatopraxia, pela definição da ABREDIF, “o Diretor Funerário é o profissional qualificado responsável

---

<sup>800</sup> Ibid, p. 2.

<sup>801</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p.173-174.

<sup>802</sup> Definição de Trabalhadores dos serviços funerários. In: **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/erro.jsf>>. Acesso 20 jul. 2012.

pelos procedimentos técnicos, legais e administrativos, inerentes à execução de toda atividade funerária exercida no Brasil”.<sup>803</sup> De acordo com Ronald Haas, o termo diretor funerário começou a ser utilizado, com mais frequência, na década de 1990 e tem origem no termo em inglês *Funeral Director*.<sup>804</sup> Nos Estados Unidos, a denominação é utilizada pelo profissional funerário que possui certificação para atividade que pode exigir, dentre outros, um curso de média duração. No Brasil, o termo é utilizado de forma mais abrangente e pode designar o proprietário da empresa. Com relação ao seu *status* de responsável pelo corpo morto e sobre seu lugar na afirmação de um novo modo de gerenciar é preciso acrescentar que para a

sociedade americana, o diretor funerário torna-se o mediador entre a vida e a morte e um agente de revolução na forma como se passou a olhar o ritual funerário. Com ele, as casas funerárias ganharam novos contornos: a criação de um novo espaço social para preparação e visualização do corpo: um local ideal de comunhão.<sup>805</sup>

O diretor ou agente funerário tem a “posse” do corpo, confirmada pelo Estado que lhe garantiu os seus direitos como o responsável pelas ações a serem empreendidas sobre aqueles que faleceram. Mesmo não sendo possível universalizar para muitas famílias, a guarda do corpo por outrem, autorizada pelo Estado, tem suas inconveniências.

A presença do profissional especializado para gerenciar os trâmites pode auxiliar a família diante do aturdimento causado pelos termos técnicos e burocracia existente em torno do evento. Entretanto, o tal sistema, fruto de uma relação capitalizada, fica evidente na atitude de alguns agentes que não conseguem conciliar os compromissos de sua função com ritmos e tradições mantidas pelas famílias. Tal intromissão ou pelo menos a forma como isso acontece, pode atingir os direitos

---

<sup>803</sup> Princípios éticos do Código de ética e auto-regulamentação do setor funerário. In: **Funerária São Francisco**. Disponível em: <<http://www.funerariasaofrancisco.com.br/novo/principioseticos/>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

<sup>804</sup> Haas, Ronald. **Definição diretor funerário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br > em 29 ago. 2012.

<sup>805</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 23.

familiares sobre o corpo do ente querido. Na morte de minha avó, ocorrida em 2008, vivi plenamente essa experiência e mesmo sendo algo pessoal, considerei oportuno partilhar o ocorrido.

Ela morreu em casa vendo televisão, tinha 77 anos e deu um ataque que, em um primeiro momento, assemelhou-se ao cardíaco, pois caiu do sofá onde estava sentada. Minha avó teve a “má ideia” de morrer em um sábado à noite, o que pode ter sido um fator fundamental na série de desventuras que decorreram após a chegada da funerária. Mas retornemos ao começo dos fatos.

Minha tia quando percebeu que minha avó passava mal, tentou socorrê-la e não obtendo resultado foi chamado o Pronto Atendimento de Emergência. A ambulância chegou alguns bons minutos depois e os socorristas tentaram por uma hora, reanimá-la, mas não obtiveram êxito. Depois de comunicado o óbito, eu cheguei a casa de minha avó onde encontrei toda a família reunida, em grande desespero.

Ela era a minha única avó e eu voltara de viagem naquela semana e não tinha ido visitá-la o que me deixou mais triste ao adentrar o portão. Tão logo cheguei à casa fui ao seu encontro na sala de sua casa. Ela estava deitada no chão, sobre um cobertor com a blusa aberta, quase desnuda e com marcas de tentativas de reanimação. Fiquei ao seu lado, chorei e tampei com pesar e, delicadamente, o seu peito com o casaco.

Nesse ínterim, um dos meus primos, juntamente com uma tia, fez contato com a funerária, atendendo às recomendações dos socorristas. Rapidamente, chegou um agente funerário com um carro para remoção do corpo. Resolvi acompanhar os trabalhos do agente, junto com o meu primo, pois acreditava que alguém da família deveria fazê-lo. Quando ele iniciou a colocação do corpo na urna para transporte, perguntei se antes eu poderia recolocar a blusa de minha vó para que ela não fosse transportada com os seios de fora. Ele prontamente respondeu que era algo desnecessário, pois o que estava no chão era apenas o corpo e ele deveria chegar à Central de Óbitos do município, o mais breve possível.

Eu conhecia os valores da minha vó: viúva há mais de 40 anos e muito católica, e insisti, entretanto, ele comunicou que a família deveria levar a roupa para a funerária e que eles mesmos a vestiriam, e começou a colocar o corpo para dentro da urna. Vendo a cena, meu primo perguntou se poderíamos ajudá-lo e ele acenou com a cabeça, indiferente.

Controlando a dor, percebi que fora ferido o direito de minha avó sobre o seu corpo ao colocá-la sem blusa na urna de transporte. E, ao conhecer o “Código de Ética e Auto Regulamentação do Setor Funerário (CEARF)”, em seu capítulo 2, que trata “Das normas e conduta profissional” constatee que desrespeitara também as normas de sua categoria:

Artigo 8º - Respeitabilidade - Toda atividade funerária deverá caracterizar-se pelo respeito à dignidade da pessoa humana, aos seus sentimentos, ao interesse social e ao núcleo da família. Artigo 9º - Decência - O Diretor Funerário preservará os bons costumes, agindo com zelo e discrição, para que o (a) falecido (a), ou sua família, não sejam expostos a situações constrangedoras.<sup>806</sup>

Ao iniciar a retirada do corpo do chão, percebemos que minha avó não caberia na urna. Meu primo havia dito ao telefone que se tratava de uma senhora obesa, algo que foi ignorado: o que me causou mais revolta. Perguntei senão havia outra forma ou urna maior para levá-la, ao que ele respondeu novamente, que ali era só um corpo e começou a falar, tal como um religioso com discurso pronto para encomendação de corpo, que não devemos nos apegar ao invólucro, mas sim ter no coração que a alma, estava longe e com Deus. Contrariando todas as normas que regem a profissão, novamente ele se esqueceu de seus princípios do ofício que sempre ressaltam que “Para evitar perturbar os seus clientes (e para não prejudicar o negócio), os trabalhadores da morte devem tratar a sua “mercadoria” com **dignidade** e cuidado” (grifos do autor).<sup>807</sup>

Vi que não adiantava insistir e pela urgência dele, deveria haver muitos corpos para serem recolhidos naquela mesma noite, já que ele só faltou levar a minha vó, tal como fazemos com os sacos de batatas, sobre os ombros, e correr para o carro, apesar das minhas interrupções inoportunas.

Antes que ele o fizesse, eu e o meu primo cuidamos para que ela fosse depositada da forma mais delicada possível, mas mesmo assim foi carregada praticamente de lado e por pouco não foi com os seios a

<sup>806</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. Op. Cit., p. 182.

<sup>807</sup> HOWARTH, Glennys. Técnicos funerários. Op. Cit., p. 487.



mostra, para tanto, cuidei de colocar o seu casaco por cima. Depois que o corpo deixou a sala da casa, rumo ao carro, cuidei para que minhas tias não a vissem assim, apertada e seminua.

E, enquanto o agente fumava o seu cigarro, fomos informados dos demais passos. Minha avó teria que ir para o Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), pois havia falecido em casa e teria que ser autopsiada. Após ouvir sobre a autópsia a filha mais nova gritou que não queria de jeito nenhum que a mãe fosse cortada, ao que respondeu o agente: “não tem que querer... ela tem que examinada e se...” *ela foi assassinada?* (essas últimas palavras em itálico não foram proferidas, mas ficaram evidentes no tom de sua fala).

Novamente, o desespero tomou conta da família, tal como diante da confirmação da morte. A notícia do procedimento e de seu transporte para um local, do qual não sabíamos que hora seria liberada provocou novas lamentações. No caso de morte em residência, se a família não tem um médico que possa ir até a casa e atestar o óbito, o corpo tem que ser levado para a SVO para exame de autópsia, conforme as regras médicas vigentes.

A atitude de desespero diante da notícia da autópsia pode ter relação com a resistência às ações intrusivas no corpo. São atitudes, possivelmente, embasadas nas recomendações cristãs que zelam pela preservação da integridade do corpo para a ressurreição. Soma-se a esta crença o fato, que durante muito tempo, “a dissecação do cadáver pelos anatomistas e cirurgiões do século XIX era considerada como destino mais horrendo, oficialmente reservados aos cadáveres dos criminosos executados”.<sup>808</sup> Da mesma forma “a lei judaica proíbe dar ao corpo qualquer tratamento degradante, em particular a autópsia e a obstinação terapêutica, visando a prolongar artificialmente a vida vegetativa do corpo”,<sup>809</sup> o que deve estar presente na formação do pensamento cristão sobre a integridade do corpo. Antes como forma de comprovar a morte, o velório poderia “durar três ou quatro dias, devido ao receio de enterrar alguém vivo”.<sup>810</sup>

No seguimento dos fatos que cercaram os primeiros momentos depois da morte de minha avó, depois de acalmados os ânimos, uma das filhas perguntou se era o próprio agente quem traria minha avó para o velório. Prontamente o agente respondeu que o velório não deveria ser

---

<sup>808</sup> HOWARTH, Glennys. Cadáver. Op. Cit., p. 69.

<sup>809</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p. 125.

<sup>810</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 17.

feito em casa e sim, na casa velatória do cemitério. Minha tia decepcionada falou que era desejo da mãe, mas ele disse que não era possível fazê-lo.

A “proibição”, em entrevista com Edicarlos Cardoso da Costa,<sup>811</sup> funcionário de uma das quatro funerárias da capital, mostrou-se um equívoco. Ele reiterou que não existe proibição legal para os velórios em casa e que isso depende da vontade da família e da disponibilidade de local. De acordo com Edicarlos Costa, em vários bairros de Florianópolis, por exemplo, são comuns os velórios em casa, na sala ou em garagens. Já nas áreas centrais, geralmente, as famílias optam por utilizar casas velatórias.

Para o fortalecimento do campo de ação do profissional funerário contribuiu sobretudo a criação e a legitimação de espaços, como as casas velatórias, que distanciam o corpo do ambiente familiar. A retirada do cadáver “para uma casa mortuária fará a fronteira entre os espaços públicos e privados, afastando os familiares da realidade da morte e dos procedimentos obscuros que lhe são inerentes”.<sup>812</sup>

Depois que a minha avó foi levada pelo agente restou-nos esperar a liberação do corpo. A noite foi longa: ela havia falecido perto das 23h00min e nos adiantaram que ela só seria liberada depois das quatro da manhã. Ao amanhecer, mesmo sem o corpo, nos dirigimos ao cemitério onde ela seria sepultada e somente ao meio dia, o corpo finalmente chegou. No SVO, o corpo deve aguardar seis horas para ser autopsiado, como a morte ocorreu em um sábado a noite, a liberação dependeu dos plantões de fim de semana, o que deve ter contribuído para a demora. Sobre as normas e procedimentos depois do óbito,

A lei diz que só podem ser realizados procedimentos invasivos no cadáver depois de transcorridas seis horas de falecimento. Esta se dá pelo fato de que após este número de horas, o corpo destituído de vida, começa a dar sinais de sua morte real, que são denominados *fenômenos cadavéricos transformativos imediatos*, os quais

---

<sup>811</sup> COSTA, Edicarlos Cardoso da. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Florianópolis, 5 maio de 2011.

<sup>812</sup> HOWARTH, Glennys. Agentes funerários. Op. Cit., p. 11.

serão reconhecidos pelo profissional adequadamente preparado (grifos do autor).<sup>813</sup>

Na chegada do corpo ao velório, observamos que minha avó tinha um pouco de sangue no canto da boca fruto das tentativas de reanimação, o que aborreceu mais uma vez a família. Antes de levar o corpo, minha tia pediu ao agente para lavar a minha vó, mas ele prontamente respondeu que esse procedimento seria feito na funerária. Uma das minhas tias lamentou várias vezes, não ter podido lavar e vestir a mãe. De acordo com Edicarlos<sup>814</sup>, caso o corpo siga para a funerária, depois de comprovado o óbito pelo médico, a família se quiser, pode acompanhar a arrumação do corpo, sem restrições. Algo que nos foi negado. Além do sangue, surgiram as mitingas, mosquitos pequenos que aumentavam em número a medida que o dia avançava.

As mitingas são mosquitos comuns em dias de calor, o que não era o caso, já que estávamos em um domingo frio de julho. A constância dos mosquitos aumentava a impressão de que minha avó não havia sido bem preparada, o que incomodava profundamente seus filhos. E para sepultá-la sofremos outros inconvenientes. Eram aguardados familiares que viriam de outra cidade catarinense, distante cerca de três horas. Eles deveriam chegar perto das quinze horas, no mesmo horário, que os coveiros queriam fazer o enterro. Foi outro embate.

A família desejava velar a minha vó por mais tempo, visto que ela somente havia chego ao meio dia e gostaríamos de esperar os familiares que já estavam à caminho. Depois de conversar com os coveiros conseguimos ganhar duas horas e o enterro transcorreu como solicitamos. Mas, para alguns de meus parentes, ficou a impressão de que algo não foi bem feito, até mesmo pelas circunstâncias de sua morte repentina e traumática. O triste momento, aqui narrado, foi cercado de situações inconvenientes, mas ele pode contribuir para entender os embates que ocorrem, algumas vezes, entre familiares e empresas do setor.

Atualmente, em alguns lugares, se a família preferir ela pode comparecer ao velório somente no momento do enterro ou receber o corpo na sala velatória, permanecer por um tempo e depois fechar a porta, retornando na manhã seguinte para as últimas homenagens. Em

---

<sup>813</sup> BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. Op. Cit., p. 27.

<sup>814</sup> COSTA, Edicarlos Cardoso da. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Florianópolis, 5 maio de 2011.

alguns casos, a insegurança de certos cemitérios, localizados em áreas mais violentas, motiva tais atitudes e, inclusive já vem ocorrendo em Florianópolis. Ainda sobre a morte de minha avó, propositalmente na minha fala, eu a trato de avó e o agente a trata de corpo. Glennys Howarth, ao tratar da função do técnico funerário e de suas responsabilidades, destaca que

Quando toma conta do cadáver, o técnico funerário está consciente de que para a família do falecido este não é apenas um corpo, ele está investido de memórias. Desta forma, o cadáver não é um objecto, mas uma pessoa relativamente à qual a família conserva uma ligação emocional.<sup>815</sup>

Dosando a participação destes elementos na formação de um novo lugar para a morte, no caminho da profissionalização, os agentes e diretores tiveram que enfrentar as opiniões contrárias, como de Jessica Mitford que consideraram exagerado o ritual de suas casas fúnebres. Para tanto, em defesa os representantes do setor buscaram aportes na psicologia e na psiquiatria, para defender que rituais breves e, sem as cerimônias colocadas à disposição por suas casas funerárias, poderiam causar danos à saúde mental dos enlutados. Aos moldes de sepultamentos reais, onde a mesa era colocada para o banquete em uma última reunião dos convivas, em torno do monarca morto, assim podem ser vistos os funerais, notadamente, de influência estadunidense onde a família e os amigos se reúnem em uma recepção em torno do morto.<sup>816</sup>

Atualmente, o trabalho dos agentes e diretores está focado na posse do corpo e no gerenciamento da cerimônia e das burocracias envolvidas. Com o controle exercido no momento final e pelas legislações que asseguraram às empresas funerárias a guarda, manipulação e destinação do corpo, é possível afirmar que eles conquistaram um lugar no mercado de livre negócio e criaram um novo modo de dirigir o cerimonial fúnebre.

Nas últimas décadas, no Brasil, o profissional do setor funerário tem aos poucos confirmado o seu lugar. São conhecidos por aqui, como diretores ou agentes funerários, termos difundidos com o surgimento de agências funerárias que oferecem novos produtos, aos moldes da toaleta

---

<sup>815</sup> HOWARTH, Glennys. *Técnicos funerários*. Op. Cit., p. 487.

<sup>816</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 270.

norte-americana e de suas associações, como a ABREDIF com suas recomendações para os que atuam na área.

Com a profissionalização do setor os “ritos *post mortem*” ganharam termos médicos e científicos. Procedimentos como lavar, vestir e arrumar o morto no caixão tornaram-se higienização e preparação do corpo, afora a incorporação de vocábulos como tanatopraxia, aspiração de líquidos e necromaquiagem.<sup>817</sup> A mudança de termos não é à toa. Ela confirma a necessidade de técnicos na execução e gerenciamento de um processo que ficou burocrático e complicado para a família que, anteriormente, executava as tarefas funéreas, como falar com o coveiro e preparar a casa para o velório.

Vimos que o trabalhador e o setor operam em consonância com o mercado atual, conquanto, ambos têm suas obrigações sociais, conforme a ABREDIF. O diretor funerário, de acordo com relatório da associação, é o único obrigado a atender sem remuneração famílias carentes e indigentes. Dentre os seus associados, o atendimento gratuito chega a 12% do total e reitera:

A assistência digna desta parcela da população representa um compromisso sem paralelo dentro das atividades econômicas conhecidas. Nenhum profissional de qualquer outra área é obrigado a atender sem remuneração. Esta característica determina uma responsabilidade social.<sup>818</sup>

O atendimento sem remuneração às pessoas em estado de indigência resulta do entendimento jurídico que trata o serviço funerário como de interesse social e, portanto, as empresas autorizadas a explorar esse ramo passam a ter obrigações sociais. No caso da empresa Haas, ela realiza os funerais para carentes e indigentes, mediante a apresentação de requisição do setor de assistência social da prefeitura de Blumenau. O atendimento abrange a liberação, preparação e higienização do corpo, incluindo a urna, paramentos e velas, e o veículo para transporte do corpo. No caso de Blumenau, a exemplo de outras prefeituras, este atendimento é feito via encaminhamento da Central Funerária que indica, por ordem de atendimento, a funerária que deve prestar tal

---

<sup>817</sup> MITFORD, Jessica. Op. Cit., p. 51.

<sup>818</sup> Quantidade de funerárias por habitantes. Relatório elaborado pela Associação Brasileira de Empresas e Diretores Funerários. Op. cit, p. 1.

serviço. A Haas oferece caixões para famílias de baixo poder aquisitivo.<sup>819</sup>

O auxílio funerário para indigentes é um serviço que deve ser prestado pelo município. Em muitos deles, as funerárias atendem em forma de convênio com a prefeitura. Uma questão interessante relacionada com a garantia de um funeral digno a todos e sem discriminações está presente na lei nº 6.860 de 3 de agosto de 1994, de Ribeirão Preto. A lei versa sobre a não utilização do termo “indigente” nos auxílios prestados pelo município nestes termos: “Fica expressamente vedada à utilização da expressão - “serviço funerário de indigente” no Município, seja para funeral de pessoas carentes, ou seja, funeral de pessoas desconhecidas, ou qualquer outro funeral”.<sup>820</sup>

Ser dado como indigente pode abrir precedentes para atitudes pouco toleradas com relação ao corpo morto em algumas situações. Sem identificação, os mortos recebem atendimento que podemos classificar como modesto da parte de muitas funerárias e seu sepultamento pode ser realizado nas seguintes condições, como ocorre em Maceió onde

o único cemitério destinado a enterrar mortos sem identificação é o Divina Pastora, localizado em Rio Novo, que recebe cerca de setecentos a mil enterros por ano. Ao invés das cruzes ou lápides, os túmulos são marcados por pedaços de paus encravados na terra. Os corpos são sepultados em sacos plásticos nas covas rasas do cemitério. Muitos dos cadáveres sepultados como não identificados são parentes de familiares que não procuram o morto a tempo ou de familiares que não têm condições financeiras para realizar o sepultamento em outros cemitérios da cidade.<sup>821</sup>

Os ritos funerários parecem comportar em diferentes culturas um objetivo comum: providenciar o devido destino ao corpo morto, o que não pode ser negado a ninguém em nossa concepção atual. O ritual destinado aos mortos pode ser visto como uma forma de circunscrever o

---

<sup>819</sup> **Portal da Funerária Haas.** Disponível em: <<http://www.haas.srv.br/indaial/servicos.php>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

<sup>820</sup> Lei nº 6860 de 03 de agosto de 1994. In: **Jus Brasil/Legislação.** Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/687896/lei-6860-94-ribeirao-preto-sp.>>. Acesso em: 7 maio 2011.

<sup>821</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte.** Op. Cit., p. 235.

estado de estar vivo. Dentre as suas muitas funções pode estar “a de provocar separações no cotidiano das pessoas, pois o ritual gera uma ruptura na continuidade do tempo e espaço seculares e profanos, fazendo surgir, em meio a eles, o espaço e o tempo sagrados”.<sup>822</sup> O morto acaba por reafirmar a categoria dos vivos, que tem outro espaço e outra dinâmica e igualmente a separação entre os dois, mas sem dispensar a dependência que partilham e

Em outras palavras, por meio dos rituais que os vivos fazem em torno do corpo morto, opera-se o seu desligamento deste mundo temporal e causal e ocorre a ligação com outro de natureza distinta. Desse modo, o ritual não se destina ao morto, mas aos sobreviventes que, por meio dele podem se desligar efetivamente do falecido ao encontrarem uma explicação, mesmo que não racional e inteiramente afetiva e emocional, para a morte. Ao mesmo tempo, precisam sentir-se seguros quanto à continuidade da vida do defunto.<sup>823</sup>

Os ritos devem ajudar a condução do cadáver ao seu devido destino, como garantia de que tudo poderá voltar a funcionar normalmente. Eles cumprem o que podemos chamar de “papel apaziguador dos mortos e dos vivos, uma terapia contra o excesso maior que é a morte: se não se pode vencer a morte, pode-se, pelo menos, exorcizá-la manipulando, com cuidado, o corpo morto”.<sup>824</sup>

Para Rogério Costa Migliorini, o rito é a forma de dar sentido a “transição de um *status* social que a pessoa tinha quando viva para outro, agora no mundo dos mortos. Ao mesmo tempo, busca-se desconstruir a identidade que a pessoa tinha enquanto vivia, e criar uma nova identidade sua como habitante do além”.<sup>825</sup>

O direito a uma destinação digna para o corpo é antiga e está relacionada com a ideia de uma boa morte. A morte dentre amigos e com tempo para preparar a despedida, conjuntamente com o horror a morte inesperada, é um ideal encontrado tanto dentre os gregos, como dos homens do medievo. No ritual romano, por exemplo, no leito de

---

<sup>822</sup> MIGLIORINI, Rogério Costa. Op. Cit., p. 25.

<sup>823</sup> Ibid., p. 21.

<sup>824</sup> MACHADO, Carlos Alberto. Op. Cit., p. 12.

<sup>825</sup> MIGLIORINI, Rogério Costa. Op. Cit., p. 21.

morte “o contacto físico entre o moribundo e os que sobreviviam era próximo cabendo a um familiar beijar um falecido para apanhar a alma que partia”.<sup>826</sup> A preocupação se estendia ao funeral e o local de repouso eterno. Pierre Grimal destaca que “Em Roma, como na Grécia, o enterro dos mortos era um dever sagrado. Recusar a sepultura a um cadáver era condenar a alma morta a errar, sem repouso”<sup>827</sup> e

Uma vez confirmada a morte, o filho mais velho fechava os olhos do pai e chamava-o uma última vez pelo seu nome. Depois, o cadáver era lavado, preparado, vestido com uma toga e exposto no *atrium*, numa essa, no meio de flores e de grinaldas. Durante vários dias, tocadores de flauta e carpideiras faziam ouvir uma música fúnebre. Depois, chegada a ocasião, formava-se um cortejo para acompanhar o cadáver até fora da muralha da cidade, onde se tinha erigido a pira. Parece que, primitivamente, a cerimônia tinha lugar à noite.<sup>828</sup>

Para Philippe Ariès, o mercado em torno do corpo morto vai muito além de uma exploração comercial e da pressão de interesses de um setor em forte expansão. Para o autor o que move tais opções oferecidas no mercado da morte é a não aceitação de um fim sem ritos<sup>829</sup> e para atender motivações tradicionais e encontradas em várias culturas, desde as mais antigas, o mercado mantém seus artigos à disposição dos consumidores.

Tais condições que parecem ser as ideais, a de um repouso eterno em lugar digno estão presentes atualmente e não se pode dizer, que o ideal seja dispensar o corpo morto em qualquer lugar. Isso reitera a assertiva de Ariès supracitada, de que o setor funerário, apesar dos excessos, cumpre seu papel de resguardar a família o seu desejo quanto ao corpo e para atender a todos os possíveis desejos, ou mesmo criar alguns, o setor mostra-se aquecido com produtos e inovações.

---

<sup>826</sup> GITTINGS, Clare. Boa Morte, perspectivas histórica. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004, p. 64.

<sup>827</sup> GRIMAL, Pierre. Op. Cit., p. 38.

<sup>828</sup> Ibid.

<sup>829</sup> ARIÈS, Philippe. Op. Cit., p. 266.



Porém, o que seria o ideal de morte hodierno? Existe, realmente, uma morte ideal? O que é possível afirmar é que o arquétipo atual não aparenta ser o preferido por homens que nos antecederam no medievo, por exemplo. Celebra-se, na atualidade, a alegria da morte inconsciente, durante o sono, o que já foi considerada “a pior das mortes noutras eras”.<sup>830</sup> Que ela seja, pois, instantânea, sem dar tempo para o sofrimento e para despedidas, podendo-se acrescentar que este desejo “é uma sedutora proposta de nossa cultura: a morte como surpresa, sem que tenhamos tempo de percebê-la, de conviver com sua sombra e, principalmente, sem precisarmos sofrer qualquer angústia em função de sua chegada lenta e cruel”.<sup>831</sup>

Percebe-se que, gradativamente, a partir da instituição do império do relógio, do cronômetro, dos segundos, da jornada de oito horas de trabalho diário, o conceito de boa morte passou a equivaler a uma morte rápida, sem dor e de preferência, na velhice. O mesmo não se pode dizer da morte de crianças ou mesmo de jovens, que sensibiliza até os profissionais que “confessam sentirem tristeza especialmente no enterro de crianças. Vez por outra, é preciso disfarçar tal envolvimento, virar o rosto, afastar-se”.<sup>832</sup> Tais mortes podem envolver sentimentos que vão da culpa, por seu não evitamento ou por ocorrer no momento dileto atual, perante o desprezo pelos sinais da velhice. Sobre a questão reitera, Stanley Krippner

A concepção ocidental da vida e da morte infere que há uma linha reta estendendo-se através do tempo. Aceita-se que quanto mais longa a linha mais bem sucedida foi a pessoa. A morte de uma pessoa jovem é vista como um trágico evento que estremece a fé religiosa das pessoas e requer elaboradas racionalizações, como por exemplo, “o jovem foi chamado por Deus”, “Necessitado no céu”, ou “pagamento de um débito devido a pecados de seus pais”(grifos do autor).<sup>833</sup>

---

<sup>830</sup> GITTINGS, Clare. Op. Cit., p. 64.

<sup>831</sup> SOUZA, Mariana Nolasco de. Por Trás Do Véu. **Contemporânea** - Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre, nº 06, Abr/Mai/Jun 2008. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo199.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2011, p. 92.

<sup>832</sup> SILVA, Erica Quinaglia. Op. Cit., p. 253

<sup>833</sup> KRIPPNER, Stanley. Op. Cit., p. 1.

A mudança na forma como representamos o ideal sobre, a morte e os ritos que a cercam, é perceptível. As pesquisadoras Rachel Aisengart Menezes e Edlaine de Campos Gomes, concordam de que é possível falar de “uma crise entre esses tipos de rituais fúnebres e aqueles dedicados à coletividade, transmitidos de geração a geração”. Sua análise do mercado funerário atual apontou que há uma busca pela individualização dos produtos oferecidos que privilegiam “a singularidade do morto”.<sup>834</sup>

Em suas palavras, as celebrações se voltam mais para o indivíduo e as suas particularidades, como ocorreu anteriormente com as obras tumulares que deixaram de lado o seu foco familiar e passaram a dedicar-se a perda do ser único. Para as necessidades do “morto-indivíduo”, o mercado colocou à disposição dos clientes, caixões com bandeira de time, urnas para cinzas no formato de CPU’s, caixões em formatos de guitarra e de sapatilhas de balé.<sup>835</sup>

A pesquisadora Isabela Andrade de Lima Morais, ao falar dos epitáfios encontrados em cemitérios jardins, destaca o papel do indivíduo na construção dos novos elogios fúnebres, curtos e centrados na pessoa que partiu mais do que na mensagem ou na simples passagem bíblica:

Para compreender estes textos funerários contemporâneos, epitáfios ou dedicatórias, é necessário compreender o gesto que está presente na escrita curta, onde a morte é evocada minimamente, mas o morto é evocado intensamente. Esta escrita funerária, mesmo curta, tem um valor simbólico, representa uma forma encontrada para expressar sentimentos, para reter a memória da pessoa morta e para fazer com que o morto esteja sempre presente.<sup>836</sup>

Em síntese, no que José Alberto Olivença Duarte chamou de sistema “perverso”<sup>837</sup>, a morte passou a ser vista como um objeto

---

<sup>834</sup> MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. Op. Cit., p. 115.

<sup>835</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., 2009, p. 125.

<sup>836</sup> *Ibid.*, p. 77.

<sup>837</sup> DUARTE, José Alberto Olivença. Op. Cit., p. 28.

comercial como outro qualquer<sup>838</sup>, sendo preciso destacar a maior especialização e sofisticação dos produtos que sustentam o seu mercado. Tal como foi com as marmorarias, hoje ele é regido por outros valores e de uma forma capitalista mais agressiva, para um público com necessidades múltiplas e específicas. Tal postura fortaleceu determinados ritos cooptados pelo comércio especializado enquanto outros perderam seu espaço.

Atualizando o seu formato, a Haas conseguiu permanecer em um mercado que já oferece até a possibilidade de tornar um ente querido (ou até nós mesmos!) em diamante após a cremação.<sup>839</sup> Enquanto muitas marmorarias e empresas deixaram de existir à medida que o cemitério perdeu seu lugar basilar dentre os investimentos fúnebres.

Embalados por novidades e conquistas da categoria, o setor funerário mostra-se sintonizado com a dinâmica do mercado atual. A empresa Haas, apesar de viver um bom momento com a comercialização dos planos, ainda deverá incorporar outros produtos e serviços. O mercado está repleto de novidades apresentadas em feiras e exposições e a *web*, ademais de mostrar-se como um promissor espaço para vendas, é um influente meio no qual surgem novos ritos e tendências sobre a finitude humana.

O mercado funéreo, de alguma forma, deverá acerrar-se do dinamismo presente nas ações empreendidas no espaço digital. Os novos produtos e a *web* sinalizam questões fundamentais para o entendimento da morte e os novos rumos que a Haas deverá tomar para seguir em seu segmento.

### **5.3 - Novidades na vitrine, futuros negócios: mortes virtuais, criogenia e diamantes**

Nos próximos anos, algumas das novidades que serão apresentadas a seguir deverão fazer parte do rol de produtos da Haas. No que diz respeito à *internet*, a empresa já tem utilizado esse meio como uma de suas estratégias de mercado. Em seu *site*, percebem-se alguns elementos inspirados nas iniciativas de cemitérios virtuais como o *Le*

---

<sup>838</sup> Ibid., p. 33.

<sup>839</sup> MENEZES, Hamilton F. Coisa de Primeiro Mundo. In: **Site cultural**. Disponível em: <<http://www.escritorhamilton.net/blog.php?idb=25316>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

*cimetière*,<sup>840</sup> o mais afamado nesse formato. Criado em 2003, o *Le cimetière* conta com brasileiros entre os homenageados em seu memorial e o usuário desse espaço pode enviar flores e velas virtuais, deixar homenagens, postar fotos, “depositar” ursinhos e anjos nos memoriais de crianças. No portal da Haas (Figura 71) o seu obituário oferece aos clientes um espaço para homenagens, fotos e vídeos e para colocar os dados do falecido, endereços de páginas pessoais e documentos, como a certidão de óbito.

Figura 71 - Obituário do portal da Haas

The image shows a screenshot of a virtual memorial page on the Haas portal. At the top, there is a search bar for deceased individuals with the text "Pesquisa de Falecidos" and "digite aqui o nome do falecido". Below the search bar, there are navigation options: "Acesso: Moderador | Instituição | Fale conosco" and "Memorial". The main content area is for "RAQUEL PETERS VITORINO CAMP", with the date of death "falecimento: 06/01/2013". There is a "foto" placeholder and a "HOMENAGENS" section with a message written by the moderator. The sidebar on the right contains logos for "PARCEIRIAS (47) 3222 9900", "SIESF-SC", "ABRASIF", "Funerárias.br", "INSTITUTO BemVIVER", and "SITE BLINDADO". At the bottom, there is a footer with contact information and a copyright notice for 2015-2012.

Fonte: Site da Haas

Novidades tecnológicas não faltam e uma delas é o velório virtual, oferecido por muitos empreendimentos cemiteriais de nosso país. O formato condiz, em grande medida, com a noção de espaço virtual como um lugar onde é possível partilhar todos os momentos. Estar presente em um velório apenas pelo computador pode soar, despropositado, mas os empreendimentos mais modernos oferecem o serviço de transmissão dos cerimoniais pela *web*, ao gosto do cliente. Estar distante do lugar do sepultamento de um ente querido, ou mesmo não ter tempo para realizar uma visita ao cemitério, também pode ser resolvido com um *click*. A visita virtual a uma sepultura é algo possível, como:

<sup>840</sup> **Le cimetière virtuel.** Disponível em: <<http://www.lecimetiere.net/>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

No cemitério Memorial da Necrópole Ecumênica, os familiares e amigos podem realizar uma visita virtual à sepultura. Na hora combinada, uma câmera é instalada na frente do jazigo, as imagens ficam em uma website e o acesso é possível através de uma senha. O cemitério também possui uma floricultura online, onde coroas de flores podem ser encomendadas virtualmente para serem entregues durante o velório. (grifos da autora)<sup>841</sup>

Já é possível encontrar lápides digitais ou sistemas de códigos de barras em túmulos que dão acesso a informações sobre o seu ocupante. A tecnologia está “invadindo” muitos espaços da morte, inclusive, pulou o muro do cemitério, como no caso dos vídeos-tributos que

são encontrados no sistema norte-americano *Vidstone*<sup>70</sup> que consiste numa lápide digital, com monitor LCD, em que, através do simples toque na tela do monitor tem acesso a um sistema de sons, imagens e vídeos das pessoas falecidas. O *vidstone* é um sistema de memorialização da vida da pessoa morta. Já as lápides japonesas *kuyou no mado* (janela memorial) têm um código de barras bidimensional impresso na lápide tumular, ao fotografar o código é possível acessar uma *website* em memória do falecido, contendo fotos, vídeos e depoimentos da família (grifos da autora).<sup>842</sup>

É fato que a presença de determinadas tecnologias tem aumentado, o que pode oferecer pistas sobre a visão acerca da finitude, advinda das novas formas de comunicação. As novas tecnologias disponíveis permitem “constituir um novo campo do audiovisual, proporcionando ao receptor acolher o mundo em seu fluxo, ou seja, mesmo a morte passa a ser rerepresentada a partir da simulação de um tempo ‘vivo’ ou ‘presente’” (grifos do autor).<sup>843</sup>

---

<sup>841</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p.134.

<sup>842</sup> *Ibid.*, p.129.

<sup>843</sup> REZENDE, Renata; BARBOSA, Marialva Carlos. Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea.

O computador pessoal e a *internet* estão ocupando cada vez mais espaço nas diferentes ações do cotidiano e tem aparecido também no momento final. Muitos dos que já partiram desta vida seguem “vivos” por meio de páginas em redes sociais e continuam recebendo mensagens após o falecimento; ou podem ter suas vidas preservadas por meios de *blogs*, criados por eles ou feitos para homenagem póstuma. No caso desses últimos, são espaços onde, parentes e amigos, compartilham os momentos de dor, a ausência, as datas que marcam a separação por meio de mensagens, homenagens e imagens. São *blogs* feitos de narrativas pessoais de mães, pais e irmãos, que partilham momentos passados após o falecimento com declarações comoventes, como a que segue: “A morte de um filho é uma gravidez às avessas volta pra dentro da gente para uma gestação eterna”.<sup>844</sup>

Nas redes sociais, como *Orkut*<sup>845</sup> e *Facebook*,<sup>846</sup> são encontrados inúmeros perfis de pessoas que já faleceram, mas que

In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Santos, 2007. Anais da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012, p. 6.

<sup>844</sup>**A história de Éverton.** Disponível em: <<http://ahistoriadeeverton.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012. Outros *blogs* podem ser citados como:

**Princesa Joyce.** Disponível em: <<http://princesajoyceteamo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Diário da mãe de um anjo.** Disponível em: <<http://espacoangelical.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Thais Albuquerque in memóriam.** Disponível em: <<http://thaisalbuquerquememoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Felipe uma lição de vida e amor.** Disponível em: <<http://felipeznegrao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2012.

<sup>845</sup>“O Orkut foi criado em 24 de janeiro de 2004 por um ex-aluno da Universidade de Standford, o engenheiro turco Orkut Buyukokkten. [...] A rede social abrange perfis pessoais e comunidades. No primeiro, acessado através de email e senha, é possível criar perfil com dados pessoais, preferências do usuário, adicionar fotos e vídeos, procurar e selecionar amigos, visualizar perfis de outros usuários, enviar recados, dentre outras opções. As comunidades têm a finalidade de discutir sobre determinados temas afins, podendo ser abertas ao público ou acessadas apenas aos participantes. Nelas são encontradas informações gerais sobre a comunidade, como apresentação, data de criação, quantidade de membros, além de possuir fóruns de discussões”. In: TOMASI, Julia Massucheti. A morte no mundo virtual e o patrimônio imaterial: Os ritos

continuam sendo “alimentadas” por mensagens. São dados os pêsames aos familiares e até felicitações pelo aniversário direcionadas ao morto<sup>847</sup>. Nesse espaço recente de sociabilidade, o das redes sociais, a morte já chegou, por meio de seus usuários, que ali partilham suas vidas e a morte, sendo pertinente dizer que

A web está a tempo bastante no ar para que muitos dos que surfaram suas ondas já tenham falecido e esse tipo de situações promove iniciativas de “adaptação espontânea” e utilizações inusitadas por parte daqueles que vivenciam esses espaços, acrescentando elementos à uma “antropologia online”, uma “semiose da net”. E as soluções perpetradas, estão associadas ao próprio processo pelo qual passa o

---

post-mortem na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). In: IIº SEMANA ACADÊMICA DE HISTÓRIA RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: POR UMA HISTÓRIA DO BRASIL. Anais IIª Semana Acadêmica de História Rupturas e Permanências: Por uma História do Brasil. Florianópolis: FAED/UEDESC, 2011. v. 2, p.1.

<sup>846</sup> “Facebook é um site de relacionamento que surgiu nos Estados Unidos em 2005. Segundo uma reportagem do jornal online *O Globo* “. ‘O Brasil já é o segundo país no mundo em número de assinantes do Facebook — mais de 47 milhões de usuários ativos —, atrás apenas dos EUA. Depois de destronar o Orkut, primeira grande rede social a cair no gosto do internauta brasileiro, o Face tem hoje 23,38% de penetração na população brasileira total, sendo 61,90% na população on-line do país’”. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191#ixzz216rprkbq>. Acesso em 18/07/2012. In: RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberspaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/index>>. Acesso em: 18 jan. 2013, p. 1.

<sup>847</sup> O tema do luto e da morte no espaço das redes sociais, mais especificadamente no *orkut*, é tema da dissertação de mestrado recém defendida por Julia Massucheti Tomasi. TOMASI, Julia Massuchetti. "**Eternamente off line**": as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011), 2013. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.

“entendimento de morte” dentro da estrutura social atual (grifos do autor).<sup>848</sup>

É neste ínterim onde se vive, também digitalmente, no mundo constituído por perfis sociais e suas pequenas biografias, crônicas do cotidiano, registros de encontros virtuais e de conversas a distância, que o luto e a dor têm despontado, por vezes, como lamentos ou formas de desabafos das dores daqueles que são atingidos pela perda. A mãe declara seu amor e sua dor quando escreve para a filha morta que “Temos um pacto de amor eterno... Afinal o AMOR é muito maior que a morte. Minha filha querida... és um anjo, e anjos não morrem, apenas voam para o Céu. Te amo... para sempre!!!”<sup>849</sup> no espaço do blog, em um ambiente onde se sente confortável para declarar sentimentos que podem não ter espaço na vida real.

Na *internet*, os vídeos que homenageiam falecidos são facilmente encontrados.<sup>850</sup> No formato de pequenos filmes,<sup>851</sup> eles são

---

<sup>848</sup> SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. Morte e luto no ciberespaço. In: IIº SIMPÓSIO DA ABCIBER. Anais do II Simpósio da ABCiber. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simpósioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012, p. 5.

<sup>849</sup> **Thais Albuquerque in memoriam.** Disponível em: <<http://thaisalbuquerquememoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

<sup>850</sup> Os vídeos-tributos são facilmente encontrados no site Youtube, em endereços como:

SOUZA, Rafaela. **Camila Mendes , te amamos [LUTO]**. YouTube, 11 jul. 2010. Disponível em:

<[http://www.youtube.com/watch?v=pTOt0q\\_Mr5w&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=pTOt0q_Mr5w&feature=related)>. Acesso em: 15 jul. 2012;

NEVES, Thamires. **Danilo Said Eternas saudades.** YouTube, 7 dez. 2009. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=4OD5VceB9iw&feature=related>>. Acesso em: 15 jul. 2012; BENNTO, Patty. **Mamãe não chore por mim... sou teu anjo aqui!!!** YouTube, 17 de janeiro de 2011. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=v0Ptfnd-8Dk&feature=related>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

<sup>851</sup> Esses são em formato de vídeo: HOSHIDA, Renata. **Missa do Nathan.** YouTube, 27 de fevereiro de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CVneNSXH4gY&feature=related>>.

Acesso em: 12 jan. 2012; WENDLAND, Luciane Dorneles. **LAURA E LUIZA, nossos amores eternos....** YouTube, 5 out. 2010. Disponível em:



feitos com recortes de momentos da vida e da morte do homenageado. Por meio de imagens e, geralmente, com trilhas sonoras, muitos mostram passagens com a família e da convalescência, com mensagens de conforto, em sua maioria, religiosas. Estes vídeos já são encontrados em número considerável e estão à disposição no site *Youtube* onde podem receber comentários de visitantes e avaliações, por meio de símbolos que representam “gostei” e o “não gostei”.

A morte surge, nesses meios, narrada por meios de homenagens, imagens de momentos felizes, recados, que podem ser curtidos ou compartilhados, inclusive, mas não é possível afirmar que ela seja vista como algo a ser inserido como tema pelos usuários. Mesmo os *softwares* sociais ignoram, de certa forma, acontecimentos como a

morte de seus usuários. Esta situação estranha acaba por obrigar os usuários - que, em geral, estão despreparados para a morte real em um meio virtual - a construir suas próprias formas de lidar com essa questão, subvertendo as ferramentas dos sistemas na criação de rituais.<sup>852</sup>

A popularidade desses meios remete a questões bastante contemporâneas sobre os lugares da morte e pedem novos olhares sobre fontes documentais com características distintas como seus suportes e a duração desses documentos em um meio ágil como a *web*.<sup>853</sup> O sentido de uma certa “imortalidade” na era digital e de relações que ultrapassam barreiras físicas, podem ofertar alguns contornos de uma geração que parece pouco se debater com a sua finitude, mas que conta com muitas possibilidades tecnológicas para interagir na vida (e por quê não?) depois da morte.

---

<[http://www.youtube.com/watch?v=C\\_s8\\_wFNaB4&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=C_s8_wFNaB4&feature=related)>. Acesso em: 12 jan. 2012.

<sup>852</sup> SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. Op. Cit., p. 2.

<sup>853</sup> A utilização das fontes digitais no campo da história e seus desafios já são objetos de estudo, com destaque para o trabalho de Julia Masucheti Tomasi que aborda os documentos virtuais como fonte para o estudo dos ritos fúnebres: TOMASI, Julia Massuchetti. “**Eternamente off line**”: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011), 2013, 175p. Dissertação (Programa de pós-graduação em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.

Em 2002, a notícia de um filme que iria expor a decomposição de um corpo em tempo real, por meio de uma câmera digital, é parte do que pode ser encontrado nesse campo atualmente. A proposta do filme surgiu da ideia de um jovem que relatou à sua mãe seu desejo de ter no caixão uma câmera digital, gravando sua decomposição. A mãe transformou a ideia em um projeto cinematográfico, que enviou para um concurso do canal Vara, da TV holandesa, e acabou vencendo o concurso. Com 50 minutos, o filme intitulado "Necrocam" tem sua trama em torno de quatro colegas que por meio de um pacto, decidem que o primeiro a morrer, teria a companhia em seu caixão de uma *webcam* e por meio de seus computadores pessoais os pactuantes poderiam controlar “um termostato ao lado do cadáver”<sup>854</sup> podendo com o calor ativar a decomposição.

Pode ser assustadora a proposta, mas na mesma linha, alguns *sites* com imagens de mortos por afogamento, atropelamento e com muitos corpos carbonizados são visitados por milhares de pessoas diariamente. O conteúdo de um deles<sup>855</sup> assusta pela diversidade de temas e postagens, além de oferecer um arquivo repleto de imagens de morte por diferentes causas. O número de frequentadores, seguidores e de acessos chama a atenção, chegando a um deles a marcar um milhão de acessos.<sup>856</sup> A contagem do *site*, os comentários e as constantes atualizações indicam a presença de um público fiel para imagens de mortos e corpos deformados, ali tratados, por muitos dos visitantes, como mero entretenimento.

Para Antônio Álvaro Zuin, o sucesso desses meios e também de filmes de terror, esportes de aventuras em situações extremas, ou situações de perigos filmadas por pessoas comuns, na maioria das vezes com equipamentos domésticos, devem ser investigadas. O autor acredita que o êxito desse tipo de produção “que oferecem o contato com

---

<sup>854</sup> ZUIN, Antônio Álvaro S. Quase morte: notas sobre a indústria cultural contemporânea. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, nº 2, 2004. Disponível

em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/viewArticle/5425>>. Acesso em: 11 fev. 2011.

<sup>855</sup> Outro site contendo imagens de pessoas mortas: **Assustador**. Disponível em: <<http://www.assustador.com.br/principal.php?corpo=browse.php?cid=18>>. Acesso em: 2 ago. 2012.

<sup>856</sup> **Arquivos da morte**: brutal, chocante, real. Disponível em: <[http://www.tragediasemortes.com/2012\\_01\\_08\\_archive.html](http://www.tragediasemortes.com/2012_01_08_archive.html)>. Acesso em: 18 mai 2012.

situações-limite, as quais quase tocam a morte, de forma simulada ou não, são os que fornecem ao indivíduo a sensação de que ele está vivo, cheio de energia”.<sup>857</sup>

É possível observar que, das primeiras atividades e relações travadas de forma virtual, como namoros e amizades iniciadas e mantidas desta forma, muito do que antes era inconcebível, como conhecer e conviver com alguém distante ou somente pela tela do computador, é pouca coisa diante do que se pode fazer com a morte ou o morto no mundo digital. Bastante atual, a “sobrevivência” - quiçá a eternidade - ofertada pelas redes sociais tem permitido algumas práticas vanguardistas. O que dizer das mensagens de pesar, deixadas no perfil, porém jamais ditas aos parentes pessoalmente? O que pensar diante de *scraps* falando de saudade no perfil do morto? E as homenagens feitas por amigos, com direito a vídeos e imagens, ofertadas nos murais das comunidades virtuais? Será que não podemos afirmar que no final, nem sempre se morre totalmente?

É cedo talvez para reflexões muito acertadas sobre um campo tão mutável, versátil, imprevisível como esse onde se desenha, com certeza, o que há de mais novo no âmbito funéreo contemporâneo e onde deverá ainda se afirmar muitas das ações comerciais nesse segmento. Dentre elas, já é encontrada o próspero comércio de coroas de flores para velório que são compradas e enviadas sem sair de casa para qualquer lugar do Brasil pela *internet*. Esse formato de negócio, criado por um jovem que não conseguiu enviar uma coroa à distância é um sucesso e foi destaque na mídia<sup>858</sup>. Conquanto, o mercado funerário na *internet* não se restringe a coroas de flores. A rede *Walmart* colocou caixões a venda em seu *website*,<sup>859</sup> sem contar as revendas de material para o setor que utilizam a *web* para suas vendas. São muitos os negócios virtuais para as empresas do ramo, dentre ela, a Haas.

O espaço virtual e as ações ali empreendidas vêm ocupando um lugar das condolências dadas por meio da presença nos velórios. Alguns

---

<sup>857</sup> ZUIN, Antônio Álvaro S. Op. Cit., p. 2.

<sup>858</sup> **Coroas para velório.** Disponível em: <http://www.coroasparavelorio.com.br/coroadefloresparatodo-brasil>.

Acesso em: 22 dez. 2012.

<sup>859</sup>

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/10/091030\\_walmartcaixao\\_ba.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/10/091030_walmartcaixao_ba.shtml)

pesquisadores já estão dedicando estudos sobre a temática,<sup>860</sup> como Flávio Pestana Zanella, para quem com “o avanço de outras manifestações do luto, logo não seria surpresa termos como *reflexo abrupto* destas novas práticas a decadência dos espaços antigos destinados à memória” (grifo do autor).<sup>861</sup>

O culto dos mortos que antes estava restrito aos visitantes cemiteriais, no entendimento do pesquisador Antônio Álvaro Zuin, com as tecnologias de comunicação e de exposição, não estará mais condicionado a tal reserva. As novas mídias facultam suas próprias formas de lembrar, de recordação. O ritual mortuário, antes partilhado somente pelos próximos, agora pode ser visto por milhares e “passa a ser cultuado na sua exposição, sujeito a ser ‘visitado’ por qualquer pessoa que domine a técnica computacional” (grifo do autor).<sup>862</sup> Sem medo é factível admitir que

a internet transformou-se numa expansão do espaço “*offline*” e questões concernentes à vida e morte materiais, migraram para dentro do mundo *online* em busca de ressignificações e com usuários buscando expressar um sentimento de luto, em sistemas que não significam a morte (grifo do autor).<sup>863</sup>

Não só da *web* vive a morte atualmente. Produtos, inusitados, já estão na lista à disposição dos clientes do segmento mortuário. De forma muito hodierna, o segmento de crematórios já tem a sua versão *pet*: o *Pet Memorial*, o primeiro crematório para animais domésticos da América Latina, em São Bernardo do Campo, São Paulo. A proposta do local é oferecer serviços como recolhimento do corpo, local para realização de cerimônias, urnas para colocação das cinzas e placas de

---

<sup>860</sup> Podemos citar outros como José Carlos Silvestre, Nuricel Villalonga Aguilera e Antônio Álvaro Zuin, todos presentes nesse estudo.

<sup>861</sup> ZANELLA, Flávio Pestana. A decadência dos sentidos póstumos: transumância devotada à memória em um dia de visita aos mortos. **Biblos** (Rio Grande), v. 23 (1), p. 155-169, 2009. Disponível em: < [www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=9235](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=9235)>. Acesso em: 4 fev. 2011, p. 166.

<sup>862</sup> ZUIN, Antônio Álvaro S. Op. Cit., p. 2.

<sup>863</sup> SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. Op. Cit., p. 4.

recordação.<sup>864</sup> Inaugurado em junho de 2000, o *Pet Memorial* possui um espaço virtual onde são deixados depoimentos sobre os animais falecidos. Estão disponíveis ainda a venda: urnas em formato de cães, gatos ou com espaço para colocação de fotos, aos moldes do obituário do portal da Haas. Estes produtos e serviços acompanham o crescimento de famílias que possuem animais de estimação e que mantém uma relação estreita e de cuidados especializados em clínicas veterinárias e casas de produtos, os *pet shops*. O serviço do *Pet Memorial* atende as famílias que possuem um animal de estimação e, muitas vezes, não sabem como dar a devida destinação na sua morte.

Anteriormente, a cremação foi apresentada como uma das alternativas do mercado. Para aqueles que querem optar pelo procedimento, além das opções de ter suas cinzas jogadas no mar ou depositadas em columbários, outro serviço é oferecido por agentes funerários nos Estados Unidos: ser incinerado e depois virar um diamante. A proposta é transformar as cinzas nessa pedra preciosa e o serviço já está disponível no Brasil. A patente do processo foi requerida pela *LifeGem Memorials*, empresa de Chicago, que fornece o diamante acompanhado de certificado emitido pelo *European Gemological Laboratory*, de Nova Iorque.<sup>865</sup> E qual não foi a surpresa encontrar, em publicação de fins do século XIX, dentre o repertório de motivos para adoção da cremação, algumas possibilidades de utilização das cinzas, bastante parecidas com o produto oferecido pela *LifeGem Memorials*, como está a seguir:

Com as cinzas misturadas a outras substancias, pode reproduzir-se, quer em busto, quer em medalhão ou estatua, o retrato da pessoa falecida...;. Com as cinzas do coração d' uma rapariga misturadas a quartz-kaolin..., pode obter-se uma barra de crystal que poderia ser engastada para servir de reliquia.<sup>866</sup>

---

<sup>864</sup> **Grupo Altstut.** Disponível em: <Disponível em: <<http://www.memorialsantos.com.br/historia/historia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

<sup>865</sup> **Portal da CPRM.** Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/imprensa/Site/artigobrancoperciodemorais02b.htm>>. Acesso em: 04 set. 2006.

<sup>866</sup> CRUZ, Manoel Pereira da. Op. Cit., p. 103.

Outro destino oferecido no mercado para as cinzas é o seu envio para o espaço. Depois da cremação, parte das cinzas é despachada para uma empresa nos Estados Unidos que as envia para o infinito dentro de uma pequena cápsula de foguete. A família pode acompanhar a última viagem, pessoalmente ou se preferir, posteriormente por meio de vídeos feitos pela empresa, que é a única a oferecer “vôos espaciais memoriais no mundo”.<sup>867</sup>

Contudo, para os que desejam viver eternamente, o mais próximo, é o método da criogenia, que se compromete a preservar o corpo, evitando sua deterioração, para quando for possível curar a enfermidade ou restaurar a vida. O método “exprime com rara nitidez até onde pode ir a ideologia individualista de nossa sociedade”.<sup>868</sup> O processo de criogenização consiste em logo após decretada a morte

agir dentro de quinze segundos para se ter probabilidade de sobrevivência: o corpo, colocado sob reanimação por massagem cardíaca externa, é, ao mesmo tempo, esfriado por meio da criogenização, com a substituição do sangue, nas vinte e quatro horas seguintes, por uma solução isotônica, para que a água biológica do corpo se solidifique em estado vítreo, e não cristalino.<sup>869</sup>

A empresa *Alcor Life Extension Foundation* oferece pelo método de nome *Cryonics*, a possibilidade de “evitar a perda de informações dentro do cérebro, que codifica a memória e a identidade da personalidade, que é o limite real entre a vida e a morte”.<sup>870</sup> Impregnados de um “quê” de ambição em vencer a morte, a atitude de milionários norte-americanos que pagam fortunas para serem congelados e, até mesmo, para congelar seus animais de estimação<sup>871</sup> pode assustar, mas já é possível fazê-lo.

---

<sup>867</sup> Envio de cinzas ao espaço. In: **Funerária Vaticano**. Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio\\_de\\_cinzas\\_ao\\_espaco.htm](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.htm)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

<sup>868</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Op. Cit., p. 170.

<sup>869</sup> BAYARD, Jean-Pierre. Op. Cit., p. 197.

<sup>870</sup> **Alcor Life Extension Foundation**. Disponível em: <<http://www.alcor.org/>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

<sup>871</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 37.

Outra novidade é oferecida pelo Cemitério Vertical de Curitiba. O empreendimento, juntamente com os serviços de assistência funeral, cremação e sepultamento disponibiliza um detector de falsa morte que é acionado ao menor movimento<sup>872</sup> para os que sofrem de taphofobia. Tal dispositivo já pode ser encontrado em determinados modelos de caixões, que podem vir com um “sistema de informação (sinos e fios) que permitem ao ocupante se comunicar caso ainda esteja vivo”.<sup>873</sup>

O medo de ser enterrado vivo, a taphofobia, não é encontrada somente a contemporaneidade e, tampouco, pode ser visto como mero embuste mercadológico. O pavor de morrer sufocado a sete palmos, já fez levar para o caixão veneno, facas e armas e foi

uma inquietação que promoveu, entre 1843 e 1910, o registro de dez patentes de mecanismos que detectavam se alguém voltava a respirar. Um deles consistia em uma campainha mantida acima do nível do chão e presa a um cordel que a ligava a uma das mãos do cadáver.<sup>874</sup>

Durante anos, os velórios exigiam algumas boas horas de seus participantes, principalmente, dos familiares. Agora, em uma das modalidades de velório norte-americana, o modelo *drive-thru*, o tempo não é mais problema. Esse serviço é oferecido por uma funerária de Los Angeles (EUA) para aqueles que, sem ao menos sair do carro, desejam passar de forma breve pelo velório e ver o corpo exposto em seu caixão em um tipo de “vitrine”. Para a gerência da funerária, que oferece este serviço desde 1974, o serviço “é uma alternativa para pessoas idosas que têm dificuldade de caminhar, para quem tem pressa e para famílias de pessoas famosas, cujos velórios atraem muitos visitantes”.<sup>875</sup> José Carlos Rodrigues destaca o investimento em produtos que oferecem

---

<sup>872</sup> Conheça o cemitério vertical de Curitiba. In: **Cemitério Vertical de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.cemiteriovertical.com.br/conheca>>. Acesso em: 5 maio 2011.

<sup>873</sup> MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**. Op. Cit., p. 124.

<sup>874</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 17.

<sup>875</sup> EUA: funerária oferece velório "drive-thru" em Los Angeles. **Portal Terra**, 9 fevereiro 2012. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5604065-EI8141,00-EUA+funeraria+oferece+velorio+drivethru+em+Los+Angeles.html>>. Acesso em: 6 mar. 2012.

agilidade, rapidez e praticidade em sintonia com o ritmo acelerado da vida e da morte:

Nas versões mais leves, temos os drive-thru funerals, estabelecimentos nos quais, na época do fast food, da fast spirituality e do fast sex, tornou-se possível assinar o livro de condolências sem sair do automóvel, certamente para olvidar bem rápido, antes do próximo compromisso agendado. Quanto ao morto, é possível que vá “confortavelmente” habitar uma dessas moderníssimas sepulturas equipadas com bateria solar, em que, como diz o anúncio, poderá “escutar sempre” suas músicas prediletas (grifos do autor).<sup>876</sup>

Em consonância com as propostas ecologicamente sustentáveis estão os enterros em caixões biodegradáveis, feitos de vime ou papel reciclado. Da mesma forma, a proposta de virar um recife para corais, por meio de uma técnica que mistura as cinzas do falecido com cimento é outros dos destinos possíveis após a incineração.<sup>877</sup> Enfim, são muitos as inovações e produtos que ainda podem compor o catálogo oferecido pela Haas.

Como foi visto, nas últimas décadas consolidou-se o atendimento mortuário feito por agências funerárias em substituição aos cuidados e trâmites realizados essencialmente pela família. A própria Haas tornou-se uma funerária na década de 1970 e passou a oferecer serviços especializados para o atendimento de seus clientes. Porém, um retorno ao antigo modelo pode ser visto nos funerais feitos sem nenhuma participação de profissionais do setor, conhecido como “*Do-it-yourself funerals*”. A proposta conta com a adesão de muitas famílias norte-americanas que realizam todo o funeral sem o auxílio de agentes e respeitando os quesitos legais, não há impedimentos para sua realização. O enterro pode ser feito no quintal com caixões construídos em madeira ou papel cartão. Nos Estados Unidos, só não é possível realizar esse tipo de rito “em apenas em cinco Estados: Connecticut, Indiana, Louisiana,

---

<sup>876</sup> RODRIGUES, José Carlos. **Sentidos, sentimentos**. Op. Cit., p. 62.

<sup>877</sup> CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. Op. Cit., p. 90-91.



Nebraska e Nova Iorque, os únicos com leis que exigem o envolvimento de um agente funerário até determinado momento do funeral”.<sup>878</sup>

Realmente, o século XX e o começo do XXI, com seus cemitérios verdes, necrópoles-jardins, *funeral homes* e diamantes, pode ser considerado o período em que os modelos e métodos funéreos mais se especializaram. Como sublinhado pela pesquisadora Paula Cristina Freire Guerra Moura Carvalho, percebe-se que algumas propostas buscam dissimular o evento, como no caso dos velórios *drive-thru*, enquanto outras buscam dar mais intimidade,<sup>879</sup> como no caso dos enterros organizados pelas próprias famílias. Mas, considerando todas as novidades encontramos-nos diante de um mercado bastante aquecido, que importa tendências, em sua maior parte, estadunidenses. No Brasil, o mercado movimentava cerca de dois bilhões de reais por ano e mais de 5.500 empresas estão em funcionamento atualmente,<sup>880</sup> a maioria de caráter familiar, como no caso da empresa Haas.

Para atender as necessidades desse momento, para a qual parecemos sempre despreparados, principalmente, diante da burocratização do processo, as empresas especializadas no atendimento funerário tem buscado oferecer produtos que se encaixam em uma nova forma de lidar com a morte. Mas algo que não muda na história dessa família é o envolvimento a cada nova geração com o empreendimento de Mathias. Atualmente, a empresa envolve os seus bisnetos no trabalho, que surgiu a partir do pedido para construir a lápide de uma criança na recém-fundada colônia de Ibirama.

Para estes momentos finais, um dos manuscritos de Mathias pode completar um pouco de uma história dedicada a atender um mercado fúnebre, sem ser por isso, uma história funesta. Ele que morreu com 76 anos, considerou essencial fazer um balanço de sua vida e de si mesmo, com o texto intitulado “Confissões de Vida”, em 1950.<sup>881</sup> Conforme suas palavras, o objetivo era rever o que alcançou e o que deixou como resultado de uma longa vida. Em um de seus últimos escritos, Mathias não fala de morte em seu texto, mas de uma vida de trabalho, realizações e mostrou-se feliz com suas conquistas. Ele fala de sua família e do apoio que teve de sua esposa e filhos. Uma longa vida

---

<sup>878</sup> Ibid., p. 93.

<sup>879</sup> Ibid.

<sup>880</sup> CURY, Anay. Op. Cit.

<sup>881</sup> HAAS, Mathias. *Bilanz. Auszug aus dem Manuskript Lebensbekenntnisse - Saldo (Trecho do manuscrito as confissões da vida)*. Manuscrito datilografado. Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 7 ago 1950.

que ele considerou feliz e, mesmo tendo tido visto vivido em torno da morte, não se sentia menos abençoado por isso.

## O COMEÇO COMO FIM: CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOMENTO FINAL

Eis o meu começo. Lembro-me que o meu primeiro contato ou tomada de consciência sobre a morte foi algo realmente assustador. Até então não havíamos sido apresentadas, mas eu desconfiava de que havia algo errado desde que uma vizinha de minha avó havia desaparecido depois de eu a ter visto deitada na sala de sua casa cercada por pessoas tristes.

Eu devia ter cinco anos e assistia a um programa de televisão, quando passaram imagens de uma cerimônia indígena. Devia ser um ritual, como o Quarup,<sup>882</sup> onde os índios estavam vestidos com palha até os pés e dançavam, enquanto o locutor descrevia o ritual. Não me recordo de ter tido alguma explicação de meus pais que, diante da minha cara de medo, mandaram apenas eu sair da sala.

Mas ao deitar, a palavra morte já começava a fazer sentido e estava associada à imagem de um “monstro vestido de palha”. Depois desse encontro, passei a temer aquele ser, ora no papel da morte e ora acreditando que ele habitava dentro de mim e dali sairia a qualquer momento, levando-me para longe de meus pais. De qualquer maneira as duas formas pareciam-me ameaçadoras.

Por mais insano que possa parecer, lembro-me que dali em diante eu percebi que não era única no mundo e que estava à mercê do tal “monstro” e senti-me acuada. Essa experiência foi marcante e culminou com algumas descobertas: a primeira e a mais aterrorizante foi a de que eu poderia acabar na sala deitada como a vizinha e a mais triste, a que eu perderia os meus pais um dia. Difícil explicar: mas não consegui mais olhar da mesma forma para o que me cercava: o monstro de palha fez nascer o temor de perder tudo, inclusive, a minha mãe. A morte deu sentido ao que eu sentia pela vida, o elemento imprescindível para a nossa consciência de humanidade, da qual fala Michel Serres.<sup>883</sup>

Por meio da minha recordação infantil relatei um momento que considero crucial para as minhas primeiras impressões sobre o valor da vida. A ideia de desaparecer e perder meus pais assustou-me, mas ao

---

<sup>882</sup> “Os índios do Xingu dramatizam o nascimento do mundo e a migração na festa do Quarup”. In: CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 72. Para saber mais sobre a festa ou o ritual do Quarup, sugiro a leitura de: AGOSTINHO, Pedro. **Kwarîp**: mito e ritual no alto Xingu. São Paulo: EDUSP, 1974.

<sup>883</sup> SERRES, Michel. Op. Cit., p. 10.

escrever a tese, a recordação desse momento pareceu-me acenar com possibilidades melhores para a morte.

Por certo, não há como dizer que o assunto não assusta e confesso que a pesquisa, por vezes, entristeceu-me. Foram muitas imagens de mortos e mortes, vídeos de tributos, depoimentos de mães que não sabem como seguir adiante sem os filhos e aí o estudo foi interrompido, diversas vezes, por conta da vista nublada. É algo próximo ao que declarou a pesquisadora Jurema Barros Dantas, para quem o estudo da morte faz pensar “essa nossa condição irremediável de estarmos lançados em um futuro que desconhecemos e que tem como fator limitador a experiência da morte”.<sup>884</sup>

O contato com a morte, durante a escrita, colocou-me em situação de fragilidade (relatada por outros pesquisadores e enlutados) ao mesmo tempo em que valorou pequenas coisas da vida. Algo como destacou José de Anchieta Corrêa, ao afirmar que “A morte, então, longe de tirar o sentido da vida, torna-se fundamento, causa e convite para valorizar ainda mais a vida do tempo presente”.<sup>885</sup>

Em si, a morte põe limites a muitos sonhos, mas pode ser um estímulo a realizá-los antes. Ela desperta sentimentos de medo, mas valora mais os bons momentos. Ela pode muito e parece ser o maior desafio humano. E ainda, como ignorar a morte se desde o nascimento inicia-se um processo irreversível e natural que a cada dia de, alguma forma, marcará o rosto, o corpo, a mente e gradativamente, todos morrerão. Após o trabalho da tese, acabei concordando com Zygmunt Bauman, quando diz que “com efeito, quando se trata de traçar um limite verdadeiramente intransponível à imaginação humana, a morte não tem concorrentes”.<sup>886</sup> É fato que quando somos atingidos pela perda de um familiar é que a morte se impõe como uma realidade inevitável, mas será que pensar antes na morte, como algo inerente ao trajeto de vida de todos, não causaria menos estragos? Para Clarissa de Franco o saber da morte pode ser menos trágico e permite dar

um sentido à existência. O fato da vida ser findável torna possível uma quantidade de realizações finitas ao homem e, por isso, mesmo, a morte permite, em última instância, o uso de nossa capacidade de escolha, escolher isto a

---

<sup>884</sup> DANTAS, Jurema Barros. Op. Cit., p. 901.

<sup>885</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit., p. 108.

<sup>886</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Op. Cit., p. 44-45.

despeito daquilo, uma vez que ambos não cabem numa mesma vida.<sup>887</sup>

A morte “não é apenas destrutiva, e sim, profundamente criadora” acrescenta Arnason Arnar.<sup>888</sup> Michel Seres define a morte como fundamental para a criação da civilização humana e se preocupa com o risco de seu desaparecimento do horizonte e do cotidiano.<sup>889</sup> Zygmunt Bauman vai mais além e afirma: “foi a consciência da morte que insuflou vida na história humana”.<sup>890</sup>

A morte que pode ganhar sentidos menos funestos foi o que motivou a história da empresa da família Haas. A sua trajetória foi o argumento para abordar as atitudes e o mercado fúnebre ao longo do século XX. A tese, por meio da história dessa família e suas escolhas mercadológicas, buscou refletir sobre diferentes momentos da morte e nossa relação com os mortos, o que foi abordado por meio dos seus cinco capítulos.

A Haas é uma empresa de caráter familiar que tem como produto a morte. Ela começou com a fabricação de túmulos, seguiu para o atendimento dos ritos dirigidos ao corpo morto e hoje, tendo especializado de forma importante o seu trabalho como agência funerária, comercializa planos funerários. A versatilidade da Haas ajudou-a a permanecer no mercado o que faz de seu trajeto, algo especial e tornou possível pensar sobre as atitudes e sensibilidades em torno da morte e dos ritos mortuários.

A primeira parte desta tese apresentou a vida de Mathias como empreendedor e como o mestre de uma arte que é pouco valorada e que encontrou no cemitério convencional, um importante lugar de destaque. A vida e a produção desses “artistas da pedra” estavam cercadas por antigos ritos fúnebres mais familiares, como os velórios residenciais e o uso de roupas pretas. O mercado da morte, até metade do século, estava mais centrado em torno da figura do marmorista e negócio próspero de arte funerária proporcionou o crescimento da empresa Haas com a construção da nova sede, inaugurada em 1929 em Blumenau. No caso específico de Mathias, a sua produção permitiu conhecer

---

<sup>887</sup> FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**. Op. Cit., p. 18.

<sup>888</sup> ARNAR, Arnason. Antropologia. In: Howarth; Leaman, Oliver. **Enciclopédia da morte e da arte de morrer**. Portugal: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

<sup>889</sup> SERRES, Michel. Op. Cit., p. 10.

<sup>890</sup> BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Op. Cit., p. 203.

particularidades do mercado singular da arte funerária teuta, encontrado no Vale do Itajaí em Santa Catarina e em muitas outras regiões formadas por imigrantes teutos, onde seus cemitérios apresentam pouca monumentalidade e raras esculturas.

O declínio da produção dos marmoristas, como Mathias, acompanhou uma mudança de atitude que impôs ao mercado adequações das obras cemiteriais com a produção em série, novos formatos e materiais. Com o granito, muito utilizado em Santa Catarina, afirmou-se a padronização da pedra lustrada em construções de menor investimento que suas antecessoras. Na Haas, esse momento é experienciado na transferência da gerência para o filho Guido que acompanhou, desde fins da década de 1940 até 1967, um período de queda dos investimentos em arquitetura mortuária. São percebidas mudanças consideráveis na sensibilidade fúnebre e aos poucos a empresa Haas percebeu que a fabricação de túmulos não poderia ser mais o seu foco: o artista marmorista deu lugar ao profissional do corpo morto no mercado funerário.

A mudança para o ramo das funerárias, na década de 1970, inaugurou uma nova fase na vida da empresa e também nos ritos: o cemitério perdeu sua importante posição e o cerimonial em torno do cadáver passou a ser ocupação das empresas do setor, com destaque para a influência do mercado norte-americano. Algumas mudanças ocorridas no Brasil e no mundo, de certa forma, destituíram o poder da família e da comunidade sobre o corpo morto, delegando-o aos profissionais do ramo funerário que confirmaram o seu poder por meio da criação de uma área de saber tanatológica. A nova área de atuação profissional dotou-se de procedimentos e técnicas desenvolvidas para gerenciar os procedimentos sobre o cadáver e sua preparação para os ritos religiosos e familiares.

A trajetória da Haas mostrou que, a partir das últimas décadas do século XX, o investimento em obras arquitetônicas de alto valor não é mais o que movimenta o mercado cemiterial evidenciado pelo aparecimento e crescimento das agências funerárias. Ficou evidente que os modelos jardins, verticais e crematórios conquistaram seu espaço, enquanto os cemitérios convencionais seguem lotados e sem ações para salvaguardar parte fundamental da história fúnebre ocidental: impressas em seus túmulos.

Atuando ainda como funerária, a Haas iniciou a venda de planos funerários, o seu principal produto atualmente. Especializou-se no tratamento do cadáver, com a tanatopraxia e outros procedimentos e

segue com a incorporação de mais produtos e inovações. O seu segmento, como outros, tem ocupado espaços no mundo digital, com portais de vendas e de divulgação, já utilizados pela Haas e por empreendimentos cemiteriais, além da tecnologia *web* utilizada para transmissão de velórios e que permite visitas tumulares virtuais.

O dinamismo dos meios digitais também alcançaram a morte que mostra-se nas redes sociais onde os falecidos seguem com seus perfis ativos e recebem vídeos de homenagens, *blogs* ou mesmo, podem vir a figurar em um dos muitos *sites* especializados em expor corpos mortos. No caso das redes sociais, o uso da *internet* parece apontar atitudes contrárias à introspecção estimulada nos ambientes de crematórios, por exemplo, ou a encontrada pela pesquisa sobre luto de Mauro Koury. Conquanto, para quem utiliza esse meio parece ser mais uma atitude de falar sobre a perda, onde já é falado sobre tudo.

Mudou a face da morte e ela parece mais distante. O trabalho mostrou que a finitude, de certa forma, “passou a ser assunto de especialistas e não mais do homem comum, do próprio mortal”.<sup>891</sup> Seus representantes clássicos como os cemitérios convencionais, as alegorias em mármore, os velórios em residências e as roupas pretas estão cada vez mais raros ou extinguíram-se, e foi perdida a familiaridade com a sua concretude. Contudo, o afastamento da morte, o seu deslocamento ou ocultamento, refere-se mais a alterações na forma como ela se apresenta ou mesmo, a um determinado incômodo quando ela se faz presente, do que ao seu interdito.

É possível falar de uma mudança na sua clássica figura que contava com um conjunto de elementos como: velórios em casa, cortejos, caveira com foice, mausoléus, roupas pretas de luto, do que de seu desaparecimento em si. Como afirmou Régis Debray, as práticas de ocultar as dores no hospital, transformar os corpos em cinzas, de esconder os sinais da morte com as maquiagens do *funeral home*, seria uma forma de “embotar nosso sexto sentido do invisível e, por efeito indireto, os outros cinco”.<sup>892</sup> Essas atitudes acabaram por condenar a morte a uma transfiguração material e simbólica de nossa existência e seus efeitos podem levar ao sentimento de que ela anda está escondida e ausente ultimamente. Mas, o maior dos silêncios caiu mesmo sobre os

---

<sup>891</sup> CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. Op. Cit., p. 8.

<sup>892</sup> DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 36.

enlutados e aquele que se demora nesse estado é tido quase como um doente.

Ao constatar o aumento da adoção de formatos cemiteriais mais “ocultos” na paisagem, a preocupação volta-se para os espaços onde os mortos serão lembrados e para os marcos da morte relacionados com as antigas práticas. Tal como a morte, a memória dos mortos e de seu evento gerador aparentam estar migrando para formas mais sóbrias e menos presentes no meio urbano, na mesma medida que cresce em formatos digitais. Contudo, se “o nascimento da imagem está envolvido com a morte”<sup>893</sup> a vida agitada dos grandes centros parece negar à finitude humana o direito à sua representação.

A perspectiva é que os lugares mortuários tenham formas menos evidentes e os antigos espaços cemiteriais, caso não sejam preservados, desaparecem a mercê do tempo e das intempéries, condenando à extinção de forma irremediável, as obras dos marmoristas e um arquétipo que por anos representou a morte em nossa sociedade. Preocupo-me com o acervo que hoje ainda sobrevive, apesar de todos os infortúnios pelos quais passam os cemitérios, mas o tempo é cruel com a pedra e inclemente com os epitáfios. Outra preocupação aparece na fala de pesquisadores, como José de Anchieta Corrêa, para quem o fim de muitos registros e ritos pode ter contribuído para o esquecimento de nossa finitude.<sup>894</sup>

A morte ganhou outros espaços, outros formatos o que leva a considerar seu desaparecimento material ou arquitetônico do cotidiano da sociedade atual, mais do que um tabu sobre a mesma. Sem caveiras, cruzes e velas, a morte anda meio desaparecida de nossas vistas, mas presente como sempre na dinâmica de toda sociedade, que dela não pode prescindir, já que ela faz também o motor girar. Em grande medida, não se sabe o que dizer diante da morte, apesar dela não ter sido vencida, mas o mercado em torno dela é promissor e conquistou um lugar na administração e na condução dos ritos, antes mais familiares.

O mercado funerário, ao longo das últimas décadas, passou por transformações significativas e parece ter acompanhado as mudanças culturais, além de apresentar novos produtos que foram incorporados no ritual funerário como visto pela Haas. Em um primeiro momento, o mercado aparenta ter respondido às alterações ocorridas na sensibilidade funérea passando a fornecer produtos correspondentes ao progressivo

---

<sup>893</sup> Ibid., p. 20.

<sup>894</sup> CORRÊA, José de Anchieta. Op. Cit.



comedimento nos atos e na arquitetura mortuária. Nos últimos anos, o surgimento de novos produtos e serviços parece mais corresponder ao desenvolvimento de um importante mercado em torno da morte.

Esse movimento, entre mercado e ritos, parece entrelaçar-se com o desaparecimento de algumas atitudes fúnebres, sendo possível afirmar que nada parece ser mais coerente com o mercado de consumo, que o comedimento observado em atos e projetos arquitetônicos mortuários. A existência da morte pode “fragilizar”, de forma significativa, um sistema que se baseia na necessidade de acumular bens, muitas vezes, desnecessários ao sustento e à manutenção da vida.

Nesses momentos finais é importante acrescentar que o acervo documental da família Haas, de grande valor para as pesquisas sobre o tema da morte e mercado funerário, apresenta outras inúmeras possibilidades de pesquisa. Isso reforça a necessidade e a validade da proposta em andamento, financiada pela família, que visa à criação de um instituto ou centro de preservação para o acervo. O processo de inventariamento está em sua fase inicial e estuda-se a possibilidade de criar um museu funerário virtual de forma a proporcionar o acesso ao rico corpo documental e encontrar parceiros para o projeto. A efetivação do projeto da família, que visa dar acesso ao acervo para pesquisadores e público em geral, vai possibilitar a realização de outros estudos dessa documentação que trata de diversos temas, além dos aqui abordados.

Por fim, dentre os muitos caminhos, que eu poderia percorrer desde que adentrei à sala onde estava o acervo da família Haas, o que segui levou-me até aqui. Reconheço que os documentos cedidos pela família, junto com a consulta a várias obras e com o esforço para atender os objetivos da tese, deixaram questões que poderiam ser respondidas de outra forma. A história dessa família foi uma oportunidade única de pensar sobre a morte e as atitudes que a cercam e a sua elaboração foi como repetir para mim mesma, a todo o momento: não perca tempo com coisas tão pequenas. Espero ter, finalmente, entendido.



## Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Pedro. **Kwarìp**: mito e ritual no alto Xingu. São Paulo: EDUSP, 1974.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARNAR, Arnason. Antropologia. In: Howarth, Glennys; Leaman, Oliver. **Enciclopédia da morte e da arte de morrer**. Portugal: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida**: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Jardim regado com lágrimas de saudade**: morte e cultura visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (Século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: morrer é morrer. São Paulo: Paulus, 1996.

BECKER, Jean-Jacques. O handicap do a posteriori. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BORGES, Maria Elizia. **Arte funerária no Brasil (1890-1930)**: ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

BRANCO, Sérgio Luiz da Rocha Fiúza. **Tanatopraxia**: teoria, prática e legislação. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

CASTRO, Elisiana Trilha (coord). **Inventário do cemitério da comunidade de Santa Maria, município de Antônio Carlos (SC)**. Antônio Carlos: Prefeitura Municipal de Antônio Carlos, 2010.

\_\_\_\_\_. **Lugares de antepassados, lugares de história**: inventário de cemitérios em Vila Itoupava (Blumenau/SC). Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 2010.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Hier ruht in Gott**: Inventário de Cemitérios de Imigrantes Alemães da Grande Florianópolis. 1. ed. Blumenau: Nova Letra, 2008.

CATROGA, Fernando. A Monumentalidade funerária como símbolo de distinção social. In: **Os brasileiros de Torna-Viagem**. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, 2000.

\_\_\_\_\_. **O céu da memória**: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Minerva, 1999.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, Companhia da Letras, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro. Ed. José Olympio, 2008.

CORRÊA, José de Anchieta. **Morte**. São Paulo: Globo, 2008.

COSTA, Adelaide Pereira Millán da. O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da baixa Idade Média. In: MATTOSO, José (org). **O reino dos mortos na Idade Média peninsular**. Lisboa: João Sá da Costa, 1996.

CYMBALISTA, Renato. **A cidade dos vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2002.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de janeiro: Rocco, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.

**Dicionário do Aurélio**. Disponível em:  
<<http://www.dicionariodoaurelio.com/Jazer.html>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em:  
<<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=jaz>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuários, catolicismo e gauchismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**, seguido de Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra**: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina. 2ª ed. Florianópolis: UFSC; Itajaí: UNIVALI, 2005.

FERRARI, Cezário de Campos. **Um novo conceito de funerária**. Piracicaba: C.N. Editora, 2006.

FRANCO, Clarissa de. **A cara da morte**: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

GITTINGS, Clare. Boa Morte, perspectivas histórica. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

GOMES, Laurentino. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

GRIMAL, Pierre. **A vida em Roma na antiguidade**. Publicações Europa-América, Portugal, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HENNEZEL, Marie de; LELOUP, Jean-Yves. **A arte de morrer: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOWARTH, Glennys. Agentes funerários. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

\_\_\_\_\_. Association for Death Education and Counselling. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portugal: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

\_\_\_\_\_. Cadáver. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

\_\_\_\_\_. Técnicos funerários. In: HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portuguesa: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

HOWARTH, Glennys; LEAMAN, Oliver. **Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer**. Portugal: Quimera Editores e Círculo de Leitores, 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Ser discreto: um estudo sobre o Brasil urbano atual sob a ótica do luto**. Relatório de Pesquisa, João Pessoa, Grem/DCS/UFPB, 2001.

KRIPPNER, Stanley. **Aspectos mitológicos da morte e do morrer**. Tradução de: ANDRADE, José Ascanio de. Disponível em: <<http://www.inic.com.br/pdf/aspectos.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2010.

MACHADO, Carlos Alberto. **Cuidar dos Mortos**. Sintra: Instituto de Sintra, 1999.

MITFORD, Jessica. **Muerte a la americana**: el negocio de la pompa fúnebre en Estados Unidos. Barcelona: Globalrhythm, 2008.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. **Pela hora da morte**: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia no Grupo Parque das Flores, em Alagoas / Isabela Andrade de Lima Moraes. Recife: O Autor, 2009.

MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2009.

\_\_\_\_\_. Cemitérios oitocentistas: nas fronteiras entre antropologia e história. In: AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites de; PEREIRA, Levi Marques. **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica**: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação. Dourados: Editora da UFGD, 2010. Disponível em: <[www.ufgd.edu.br/...e...historia...fronteiras...antropologia.../pdflivro](http://www.ufgd.edu.br/...e...historia...fronteiras...antropologia.../pdflivro)>. Acesso em: 20 fev. 2013.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

QUEIROZ, Júlio de. **Morrer para principiantes**: ensaios. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Séc. XIX. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: narrativa cultural tetrarracial*. Florianópolis: Lunardelli/UFSC, 1988.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da morte, necrópole da vida**: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa. São Paulo: Carthago Edithorial, 2000.

\_\_\_\_\_. **O céu aberto na terra**: uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana. São Paulo: Necrópolis, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

RYBCZYNSKI, Witold. **La Casa**: historia de una idea. Donosita-San Sebastián: Nerea, 1989.

SAEZ, Oscar Calavia. **Fantasmas Falados**: Mitos e Mortos no Campo Religioso Brasileiro. São Paulo: Unicamp, 1996.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Curitiba: DAP, 2005.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval** (trad. Maria Lucia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: **Repensando o Estado Novo**. Organizadora: Dulce Pandolfi. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getulio Vargas, 1999, p. 199-228.

SILVA, Justino Adriano Farias da. **Tratado de Direito Funerário**. Tomo I. São Paulo: Método, 2000.



VILAR, Hermínia Vasconcelos. **A vivência da morte no Portugal medieval.** A estremadura portuguesa, 1300-1500. Cascais: Redondo, 1995.

### **Teses, dissertações e monografias**

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções:** Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 320 p. Tese (Doutorado) Programa em História Social da Cultura, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VGRO-7BYFBK>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. **Da barraca ao túmulo:** Cigana Sebinca Christo e as construções de uma devoção, 2008. 284 p. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1884/17236>>. Acesso em: 21 fev. 2010.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais:** memória pública, étnica e artefactual (1858-1950), 2010. 169p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Pelotas, 2010. Disponível em: <[http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO\\_Elaine\\_Maria\\_dissertacao\\_2010.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/v03-01/wp-content/uploads/2012/05/BASTIANELLO_Elaine_Maria_dissertacao_2010.pdf)>. Acesso em: 3 ago. 2012.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul:** recortes do cotidiano. 2010, 290 p. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <[http://bdtd.unisinos.br/tde\\_arquivos/8/TDE-2011-03-16T132038Z-1351/Publico/SandroBlumeHistoria.pdf](http://bdtd.unisinos.br/tde_arquivos/8/TDE-2011-03-16T132038Z-1351/Publico/SandroBlumeHistoria.pdf)>. Acesso em 4 abr. 2012.

BORGES, Déborah Rodrigues. **Registros de Memória em imagem:** usos e funções da fotografia mortuária em contexto familiar na cidade

de Bela Vista de Goiás (1920/1960). 2008, 161p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais, 2008. Disponível em: <  
[http://www.bc.ufg.br/sophia/index.php?codigo\\_sophia=125045](http://www.bc.ufg.br/sophia/index.php?codigo_sophia=125045)>.  
 Acesso em: 21 mar. 2012.

CARNEIRO, Maristela. **Construções tumulares e representações de alteridade:** materialidade e simbolismo no Cemitério Municipal São José, Ponta Grossa/PR/BR, 1881-2011. 2012, 165p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas), Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke. **A antiguidade clássica na representação do feminino:** pranteadoras do Cemitério Evangélico de Porto Alegre (1890-1930). 2009, 256p. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte), Porto Alegre: PPGAV/UFRGS, 2009. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/15708>>. Acesso em 80 abr. 2011.

CARVALHO, Paula Cristina Freire Guerra Moura. **Six Feet under:** a temática da morte nos Estados Unidos da América. 2009. 162p. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos). Universidade Aberta, Lisboa, 2009. Disponível em: <<https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1356>>. Acesso em 4 abr. 2012.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui jaz um cemitério:** a transferência do cemitério público de Florianópolis, 1923-1926. 2004, 82p. (Monografia) Curso de História da Universidade Estadual de Santa Catarina, UDESC, 2004.

\_\_\_\_\_. **Aqui também jaz um patrimônio:** identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). 2008, 195p. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <  
[repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../257466.pdf?...1](http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../257466.pdf?...1)>.  
 Acesso em 4 abr. 2012.

CERONI, Giovani Costa. **A exposição do centenário da Revolução Farroupilha nas páginas dos jornais Correio do Povo e A Federação.** 2009, 160p. Dissertação (Mestrado de Faculdade de História, Pós-Graduação em História). Pontifícia Universidade Católica Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: < Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras.** Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro séculos XVI e XVII. 2006, 428p. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 6 set. 2012.

DUARTE, José Alberto Olivença. **“Da beleza das almas”:** para uma autópsia do corpo físico e social em Six Feet Under de Allan Ball. 2009, 142p. Mestrado (Mestrado em Estudos Anglísticos). Universidade de Lisboa, Faculdade de Lisboa, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 6 set. 2012.

FONSECA, Humberto José. **Vida e morte na Bahia colonial:** sociabilidade, festa e rituais fúnebres. 2006, 250p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-6Y8M3B/tese\\_de\\_humberto\\_jos\\_fonseca.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VGRO-6Y8M3B/tese_de_humberto_jos_fonseca.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 6 set. 2012. >. Acesso em: 6 set. 2012.

FONTINHA, Márcia Costa Rodrigues. **Perspectiva de morte:** relação entre suporte social e solidão em idosos. 2010, 90p. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia, no curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias., ULHT, Lisboa, 2010. Disponível em: < Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-16112010-141818/>>. Acesso em: 18 set. 2012.

GARCIA, Valéria Eugênia. **O cotidiano na separação entre igreja e cemitério**: Um exercício de investigação metodológica. 2005, 49p. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono\\_valeria\\_garcia.pdf](http://www.eesc.usp.br/nomads/SAP5846/mono_valeria_garcia.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2012.

MIGLIORINI, Rogério Costa. **Corpos mortos e vivos**: as cerimônias mortuárias e as representações da morte entre católicos brasileiros. 2009, 130p. Dissertação (Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião), São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/6/TDE-2009-05-13T155752Z-642/Publico/Rogério%20Costa%20Migliori.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2009-05-13T155752Z-642/Publico/Rogério%20Costa%20Migliori.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2012.

SANT'ANNA, Sabrina Mara. **A boa morte e o bem morrer**: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822). 2006, 142p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, 2006, Disponível em: <[www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../dissertacaosabrinamarasantanna.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/.../dissertacaosabrinamarasantanna.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2010.

SARMENTO, Gilmara Gomes da Silva. **“Até que a morte nos separe”**: um estudo sobre os rituais matrimoniais e funerários numa comunidade rural fluminense. 2006. 147p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em: <[r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/.../m\\_gilmara\\_gomes\\_2006.pdf](http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/.../m_gilmara_gomes_2006.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2010.

SILVA, Dalton da. **Os serviços funerários na organização do espaço e na qualidade sócio-ambiental urbana**: uma contribuição ao estudo das alternativas para as disposições finais funerárias na Ilha de Santa Catarina. 2002. 216 f. Tese (Doutorado). Curso de Engenharia de Produção, Departamento de Pós Graduação, UFSC, Florianópolis, 2002. Disponível em: <[repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82268](http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82268)>. Acesso em: 21 nov. 2010.

SILVA, Wagner Pires da. **Uma abordagem do mix de marketing para os serviços funerários e cemiteriais**: estudo de caso do Jardim Metropolitano. Monografia (Curso de administração de empresas da Faculdade Farias Brito). Fortaleza/CE, 2011. Disponível em: <[www.administradores.com.br/...abordagem-do-mix-de-marketing-pa...](http://www.administradores.com.br/...abordagem-do-mix-de-marketing-pa...)>. Acesso em: 25 nov. 2012.

SOBRINHO, Bráulio Miranda Dos Reis. **Cemitério e meio ambiente**. 2002, 28p. Monografia (apresentada ao final do curso de especialização em Gerenciamento Ambiental) - Universidade Católica de Salvador, Bahia. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=107&class=21>> Acesso em: 02 out. 2011.

TOMASI, Julia Massuchetti. **"Eternamente off line"**: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011), 2013, 175p. Dissertação (Programa de pós-graduação em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.

### **Artigos de periódicos e portais *on line***

AGUILLAR, Fernando Herren. Serviços funerários são serviços públicos? **MIGALHAS Informativo Jurídico**. Disponível em: <<http://www.migalhas.com.br/depeso/16,MI108545,11049-Servicos+funerarios+sao+servicos+publicos>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Representações e Práticas Mortuárias na Cultura Popular Brasileira: Influências e Apropriações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, p. 239-265, 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf3/texto10.pdf>>. Acesso em: 24. fev. 2012.

ARAUJO, Paula Vanêssa Rodrigues de; VIEIRA, Maria Jésia. A questão da morte e do morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, nº 3, Junho 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000300022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000300022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 maio 2012.

BARBOSA, António. Pensar a morte nos cuidados de saúde. **Análise Social**, Vol. XXXVIII, nº 166, 2003. Disponível em: <[analisesocial.ics.ul.pt/.../1218737559Q5dRD9fa3Zz85OZ8.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/.../1218737559Q5dRD9fa3Zz85OZ8.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2012.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. Os artefatos em mármore como suporte de memória. **Mouseion (Unilasalle)**, v. 01, p. 88-95, 2011. Disponível em: <[www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../234](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/.../234)> Acesso em: 20 jul. 2011.

BECKER, Ralph Michael. A dança em cima do túmulo: o imaginário da morte enquanto fenômeno cultural. **Revista Antropológicas**, ano 12, volume 19 (2):137-156, 2008. Disponível em: <[www.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/.../100](http://www.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/.../100)>. Acesso em: 11 jan. 2012.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. A freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto: Locais de sepultamentos e escatologia através de registros de óbitos da época barroca. **Varia História**, nº 31, janeiro de 2004, p. 159-183. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/varia/admin/pdfs/31p159.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

CARDITA, Ângelo. Pensando a morte desde a religião: para pensar a cultura desde a morte. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXII, 2011, p. 39-53. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9899.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2012.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, nº 20, p. 163-182, jan.-jun. 2010. Disponível em: <[http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f\\_catroga\\_20.pdf](http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF20/f_catroga_20.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CHEREM, Rosângela Miranda. Perturbações de um retrato. "A morta", de Victor Meirelles. **Revista Patrimônio: Lazer & Turismo da Unisantos.**, Iconografia. Disponível em:

<<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/iconografia.php?cod=6>>. Acesso em: 21 maio 2011.

COE, Agostinho Júnior Holanda. “Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”: O século XIX e as atitudes diante da morte e dos mortos. **Outros Tempos**, volume 02, p. 97-111. Disponível em: <[www.outrostempos.uema.br](http://www.outrostempos.uema.br)>. Acesso em: 21 jun. 2012.

CUNHA, Maria Teresa Ramos. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Memória** (UNESP. Online), v. 3, p. 1-18, 2007. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/8>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

DANTAS, Jurema Barros. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 10, p. 898-910, 2010. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/html/v10n3a16.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

DESPRET, Vinciane. Acabando com o luto, pensando com os mortos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, nº 1, p. 73-82, Jan./Abr. 2011. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=587726&indexSearch=ID>>. Acesso em: 21 abr. 2012.

FRANCO, Clarissa de. A crise criativa do morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. **Revista Kairós**, v. 10, p. 109-120, 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/2577/1631>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. Mercado Funerário: novas representações sobre a morte, seus espaços e ritos. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção (Online)**, João Pessoa, GREM, Dez/ 2004, v. 3, nº 9, p. 404-413, 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, SP, v. 38, nº 1, p. 13-19, 2005. Disponível em: <[http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf](http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf)>. Acesso em: 8 nov. 2011.

GURGEL, Ayala. Silogismo da Morte: a relação orgânica entre o Estado e a Morte nas sociedades capitalistas. **Ciências Humanas em Revista**, Universidade Federal do Maranhão, v. 4, p. 91-112, 2006. Disponível em: <[http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2006\\_2/wildobert\\_o\\_gurgel\\_v4\\_n2.pdf](http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2006_2/wildobert_o_gurgel_v4_n2.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2010.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 19, p. 41-67, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2041>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

HOEG, Jerry (Tradução: Eva Paulino Bueno). Práticas funerárias nos Estados Unidos. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 30, novembro, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/030/30ehoeg.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

LEIS, Héctor Ricardo. A sociedade dos vivos. **Sociologias**, Porto Alegre, nº 9, Jan. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222003000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222003000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 ago. 2012.

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 2, nº 1, 1994.

LÖWY, Michael. Barbárie e modernidade no século 20. Tradução: Alessandra Ceregatti. **Revista Espaço Acadêmico**. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/col\\_lowy.htm](http://www.espacoacademico.com.br/col_lowy.htm)>. Acesso em: 30 jun. 2011.



KOVACS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, nº 41, Dec. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300004>>. Acesso: 8 fev. 2011.

MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**. Departamento de Antropologia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, Volume 54 (1), janeiro-junho, 2011, São Paulo, p. 89-132. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>>. Acesso em: 8 out. 2011.

\_\_\_\_\_. Tecnologia e “Morte Natural”: o morrer na contemporaneidade. **Physis** (UERJ, Impresso), Rio de Janeiro, v. 13, nº 2, p. 367-385, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v13n2/a08v13n2.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2010.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, nº 33, p. 55-80, jan./jun. 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ha/v16n33/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n33/05.pdf)> Acesso em: 9 fev. 2011.

MORAIS, Flávia D. Costa. A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística. **Falla dos Pinhaes**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.1, nº 1, jan./dez.2004. Disponível em: <[ferramentas.unipinhal.edu.br/ojs/falladospinhaes/.../getdoc.php?...](http://ferramentas.unipinhal.edu.br/ojs/falladospinhaes/.../getdoc.php?...)> Acesso em: 26 out. 2012.

MEYEREWICZ, André Borges. Poesia, morte e contemporaneidade. **Belo Horizonte**, v. 8, p. 47-53, dez. 2004. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Em-tese-2003-pdfs/05-Andre-Borges-Meyerewicz.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Em-tese-2003-pdfs/05-Andre-Borges-Meyerewicz.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2012.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; CUNHA, Maria Teresa Ramos. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Educação em Questão**, v. 25, p. 40-61, 2006. Disponível em: <

<http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v25n11.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

NALETTO, Ana Lúcia; e OLIVEIRA, Lélia Faleiros. Conhecer o processo de luto. **Centro maiêutica de psicologia aplicada**, 2006.

Disponível em:

<<http://www.centromaieutica.com.br/textos/luto/Conhecer%20o%20Processo%20de%20Luto.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2011.

ODEBRECHT, Rolf; Renate ODEBRECHT. O primeiro culto em Blumenau. **O caminho**: um pedaço do mundo luterano em suas mãos. Setembro, 2011. Disponível em:

<<http://www.jornalocaminho.com.br/noticia.php?edicaoId=100&cadernoId=7&noticiaId=4612&highlight=hist%F3ria>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

OLIVA-AUGUSTO, Maria Helena. O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. **Tempo Social**. Revista Sociologia. USP, S. Paulo, 6(1-2): 91-105, 1994 (editado em jun. 1995). Disponível em: <

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol06n12/Moderno.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2012.

OLIVEIRA, Lenise Grasielle de. Da inscrição ao apagamento: memória e morte. **Memento**, Três Corações, v. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3999166>>. Acesso em: 19 nov. 2012.

PENNA, Rejane Silva; GRAEBIN, Cleusa Maria . Acervos privados: indivíduo, sociedade e história. **Saeculum** (UFPB), v. 23, p. 123-133, 2010. Disponível em: <

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11524/6621>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Coloquios**, 2005. [En línea], 04 fev. 2005. Disponível em:

<<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 17 out. 2011.

RABELO, Marta Klumb Oliveira. Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental: Testemunho histórico-antropológico. **Outras Palavras**: Revista científica da ESPAM. Brasília, v. 3, p. 71-84, jul, 2006. Disponível em: <[http://www.renacionaldetanatologia.psc.br/Artigos/artigo\\_24.htm](http://www.renacionaldetanatologia.psc.br/Artigos/artigo_24.htm)>. Acesso em: 24 jan. 2012.

REESINK, Mísia Lins. Quando Lembrar é Amar tempo, espaço, memória e saudade nos ritos fúnebres católicos. **Etnográfica** (Lisboa), vol. 16 (2), p. 365-386, junho de 2012. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1535>>. Acesso em: 18 set. 2012.

RODRIGUES, Cláudia. Os cemitérios públicos como alvo das disputas entre Igreja e Estado na crise do Império (1869-1889). **Diálogos** (Maringá), v. 13, p. 119-142, 2009. Disponível em: <[http://historyandreligion.com/wp-content/uploads/2012/01/Revista\\_D...pdf](http://historyandreligion.com/wp-content/uploads/2012/01/Revista_D...pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

RODRIGUES, José Carlos. Sentidos, sentimentos. **ALCEU**, v. 1 - nº 1, p. 47- 63 - jul/dez 2000. Disponível em: <[http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n1\\_Rodrigues.pdf](http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Rodrigues.pdf)>. Acesso em: 8 jun. 2011.

SALES, Tatiane da Silva; BARROSO JÚNIOR, Reinaldo dos Santos. Mercado Católico de Bens Fúnebres: notas sobre os óbitos de São Luís do século XVIII (1739-1749). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, nº 11, Setembro 2011 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

SILVA, Erica Quinaglia. E a tristeza nem pode pensar em chegar... **Revista Antropológicas**, v. 20 (1), p. 243-261, 2009. Disponível em: Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. A identidade teuto-brasileira pensada por J. Aloys Friederichs - um dos intelectuais do grupo étnico. **Anos 90** (UFRGS), Porto Alegre, v. 21-22, p. 295-332, 2005. Disponível em: <[seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6377/3825](http://seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6377/3825)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

\_\_\_\_\_. Biografando um imigrante: mas por que Jacob Aloys Friederichs? **Métis: história & cultura**, América do Norte, 2, ago. 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1046/712>. Acesso em: 12 Jun. 2012.

SOUZA, Kátia Cristina Caparroz de; BOEMER, Magali Roseira. O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 7, nº 1, July 1998. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12901998000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901998000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 Abr. 2011.

SOUZA, Mariana Nolasco de. Por Trás Do Véu. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, nº 6, Abr/Mai/Jun 2008. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/site/wp-content/artigos/artigo199.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2011.

TAMURA, Celia. **Recalcamento da morte na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/r00007.htm>. Acesso em: 20 jul. 2012.

VALLADARES, Clarival do Prado. Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros. **Revista brasileira de cultura**. Conselho Federal de Cultura, nº. 15, jan/março 1973, Rio de Janeiro, ano 5, p. 15. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002996.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2011.

VILAR, Márcio. Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica. **Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Universidade Federal da Paraíba. nº 1, abril de 2000. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/numero1.html>. Acesso em: 29 maio 2012.

VILLELA, Clarisse M. Artes e ofícios. A cantaria mineira. **Arquitextos**, São Paulo, 4.41. **Vitruvius**, out. 2003. Disponível em: <http://70.32.107.157/revistas/read/arquitextos/04.041/646>. Acesso: 2 fev. 2011.

ZANELLA, Flávio Pestana. A decadência dos sentidos póstumos: transumância devotada à memória em um dia de visita aos mortos.

**Biblos** (Rio Grande), v. 23 (1), p. 155-169, 2009. Disponível em: <[www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=9235](http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=9235)>. Acesso em: 4 fev. 2011.

ZUIN, Antônio Álvaro S. Quase morte: notas sobre a indústria cultural contemporânea. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, nº 2, 2004. Disponível

em:<<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/viewArticle/5425>>. Acesso em: 11 fev. 2011.

ZARONI, Maria Aparecida V. A importância dos rituais de morte.

**Clínica de psicologia e apoio ao luto**. Disponível em:

<[http://www.abclinicadoluto.com.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=49&Itemid=52](http://www.abclinicadoluto.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=49&Itemid=52)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

### Artigos de anais

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. A Pompa Fúnebre na Cidade de Bagé-RS-Brasil. In: **XII ENCUESTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS**

PATRIMONIALES, 2011, Salvador. Anais XII Encontro da RED e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 01. p. 299-305.

BATISTA, Patrícia Pereira. Do diário ao blog confessional:

continuidade ou o surgimento de uma nova prática?. In: **II SEMINÁRIO INTERNO DOS ALUNOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UERJ**, 2008, Rio de Janeiro. Anais do II

Seminário Interno dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, 2008. v. 1. p. 105-118. Disponível em: <

[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_11ex/07\\_PatriciaBATISTA\\_IISeminarioPPGCOM.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCOM.pdf)> Acesso em: 14 jul. 2011.

BORGES, Maria Elizia. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. In: **VII ABANNE: G`T ANTROPOLOGIA DA EMOÇÃO**, Edições do GREM, 8, 2004, CD-

Room. Disponível em: < Disponível em: <

[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_11ex/07\\_PatriciaBATISTA\\_IISeminarioPPGCOM.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11ex/07_PatriciaBATISTA_IISeminarioPPGCOM.pdf)> Acesso em: 14 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Cemitérios convencionais: espaço de popularização da arte erudita no Brasil (1890-1930). In: XXIV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA NAÇÃO E CIDADANIA. Anais XXIV Reunião brasileira de antropologia nação e cidadania, 2004, Olinda: ABA, 2004. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/cemiterios%20convencionais.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. Na travessia das artes, São Paulo, 11: ANPAD, 2001, p. 10 - 15. Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/imagens%20devocionais%20nos%20cemiterios%20do%20brasil.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Os Riscadores de Pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. In: IIIº ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, GOIÂNIA, 2008. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Goiânia, 2008. Disponível em:<[http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/Riscadores%20de%20pedra%20\\_III%20ABEC2008.pdf](http://www.artefunerariabrasil.com.br/admin/upload/artigos/Riscadores%20de%20pedra%20_III%20ABEC2008.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes “históricos” diante da morte, do morrer e do luto: um estudo de rituais mortuários, representações e adaptações em contexto de secularização. In: IV CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES: “IMAGENS DA MORTE”. Anais do IV Congresso latino-americano de ciências sociais e humanidades: “Imagens da morte”, Rio de Janeiro, julho de 2010.

CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. Entre a lembrança e o esquecimento: implicações do descaso patrimonial para a arte funerária do Rio Grande do Sul. 2010. In: XIX ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS. ANPAD, 2010. Anais do Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, Cachoeira, Bahia, 2012. Disponível

em: <http://www.anpap.org.br/2010/html/chtca.html>. Acesso em: 2 maio. 2011.

\_\_\_\_\_. A palavra para o historiador da arte - a palavra como história da arte: noticiário semanal da Casa Aloys e algumas considerações a partir dos escritos de Jacob Aloys Friederichs. In: IIIº ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS CEMITERIAIS, GOIÂNIA, 2008. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Goiânia, 2008.

COE, Agostinho Júnior Holanda. A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís. In: IIº ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Anais do IIº Encontro Estadual de História. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/anaisagostinho.htm>>. Acesso em: 11 set. 2006.

CORREA, Mariele Rodrigues; HASHIMOTO, Francisco. A condição humana na atualidade e suas relações com a morte. In: I JORNADA INTERNACIONAL DE PRÁTICAS CLÍNICAS NO CAMPO SOCIAL, 2010 Anais da Iª Jornada Internacional de Práticas Clínicas no Campo Social. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010. p. 1-10. Disponível em: <[http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i\\_jornada/061.pdf](http://www.ppi.uem.br/camposocial/eventos/i_jornada/061.pdf)> Acesso em: 5 out. 2011.

MENDONÇA, Míriam da Costa Manso Moreira de. Amor em branco e preto. In: XII ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES, 2011, Salvador. Anais do XII Encontro da RED e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 1. p. 32-38 (cd rom).

MENEZES, Rachel Aisengart. Um modelo para morrer: última etapa na construção social contemporânea da Pessoa? In: IV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 2001, Curitiba. Anais do IV Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba: Editora da UFPR, 2001. v. 1. p. 144-145. Disponível em: <[ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/.../1338](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/download/.../1338)>. Acesso em: 5 out. 2011.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima. Consumidores fúnebres "verdes": o consumo consciente na morte ecologicamente correta. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2011. Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 26 a 29 de julho de 2011, Curitiba (PR). Disponível em: <[www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com)>. Acesso em: 21 mar. 2012.

REZENDE, Renata; BARBOSA, Marialva Carlos. Fragmentos de um corpo: as novas tecnologias da comunicação e a construção da morte contemporânea. In: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Santos, 2007, p. 6. Anais da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0085-1.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

RIGO, Kate Fabiani. Curtir? Compartilhar? Comentar? Chorar? Cyberespaço e suas manifestações sobre a morte no Facebook a partir da perspectiva da Imortalidade de Zygmunt Bauman. In: ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.460-476. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/index>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

RODRIGUES, José Carlos. Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte. IN: XIX ENCONTRO DA COMPÓS, NA PUC-RIO, JUNHO DE 2010, Rio de Janeiro. Anais XIX ENCONTRO DA COMPÓS, 2010. Disponível em: <[http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2\\_jose\\_carlos\\_rodrigues.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt2_jose_carlos_rodrigues.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2012.

RODRIGUES, Paula; ARRAES, Rosa. Artes nos Cemitérios Históricos da Amazônia: Estudo de Dois Casos Específicos nas Cidades de Belém(PA) e Manaus (AM). In: XIIº ENCUESTRO IBEROAMERICANO DE VALORIZACIÓN Y GESTIÓN DE CEMENTERIOS PATRIMONIALES, 2011, Salvador. Anais do XII



Encuentro da Red e V encontro da ABEC. Goiânia: CEGRAF/ UFG, 2011. v. 01. p. 172-178.

SILVESTRE, José Carlos; AGUILERA, Nuricel Villalonga. Morte e luto no ciberespaço. In: IIº SIMPÓSIO DA ABCIBER. Anais do II Simpósio da ABCiber. Disponível em: <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

TOMASI, Julia Massucheti. A morte no mundo virtual e o patrimônio imaterial: Os ritos post-mortem na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). In: IIº SEMANA ACADÊMICA DE HISTÓRIA RUPTURAS E PERMANÊNCIAS: POR UMA HISTÓRIA DO BRASIL. Anais IIº Semana Acadêmica de História Rupturas e Permanências: Por uma História do Brasil. Florianópolis: FAED/UDESC, 2011. v. 2.

SCHILLING, Voltaire. História Síntese da cultura alemã. In: MÜLLHER, Max José. In: ANAIS DO IIIº SIMPÓSIO SOBRE IMIGRAÇÃO E CULTURA ALEMÃS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS. Florianópolis: Nova Letra, 2009.

### **Portais de internet**

**Abbott & Hast Publications.** Disponível em: <<http://www.abbottandhast.com/mm.html>>. Acesso em: 20 jan. 2013.

**Alcor Life Extension Foundation.** Disponível em: <<http://www.alcor.org/>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

**Alibaba.** Disponível em: <<http://portuguese.alibaba.com/product-free/american-style-caskets-11483728.html>>. Acesso em: 24 out. 2012.

**Arte Funerária Brasil.** Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

**Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.** Disponível em: <[http://www.arquivodeblumenau.com.br/arqhistorico\\_4e.html](http://www.arquivodeblumenau.com.br/arqhistorico_4e.html)>. Acesso em: 1 out. 2012.

**Arquivos da morte:** brutal, chocante, real. Disponível em: <[http://www.tragediasemortes.com/2012\\_01\\_08\\_archive.html](http://www.tragediasemortes.com/2012_01_08_archive.html)>. Acesso em: 18 mai 2012.

**Associação religiosa ecumênica São Francisco de Assis.** Disponível em: <<http://www.cemiteriosaojose.com.br/>>. Acesso em: 2 fev. 2012

**Assustador.** Disponível em: <<http://www.assustador.com.br/principal.php?corpo=browse.php?cid=18>>. Acesso em: 2 ago. 2012.

**Banco de dados Projeto Victor Meirelles.** Disponível em: <[www.museuvictormeirelles.gov.br](http://www.museuvictormeirelles.gov.br)>. Acesso em: 12 jul. 2012.

**Boa vida Assistência familiar.** Disponível em: <<http://www.boavida.com.br/noticias.php?pg=150>>. Acesso em: 21 jul. 2011.

**Bolcidades.** Disponível em: <<http://bolcidades.nafoto.net/photo20101104093305.html>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

**Caixa Econômica Federal.** Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

**Câmara Municipal cidade do Porto (Portugal).** Disponível em: <<http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/2375>>. Acesso em: 22 set. 2012.

**Cemitério Memorial do Carmo.** Disponível em: <<http://www.memorialdocarmo.com.br/cemvert.htm>>. Acesso em: 04 set. 2012.

**Cemitério SP.** Disponível em: <[http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Enterrar\\_para\\_cima.pdf](http://www.cemiteriosp.com.br/pdf/Enterrar_para_cima.pdf)> . Acesso em: 20 set. 2012.

**Cemitério Vertical de Curitiba.** Disponível em: <<http://www.cemiteriovertical.com.br/conheca>>. Acesso em: 5 maio 2011.

**Centro maiêutica de psicologia aplicada.** Disponível em: <<http://www.centromaieutica.com.br/textos/luto/Finados%20Tem%20que%20Ser%20Todo%20Dia.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2011.

**Chayachitrakar.** Disponível em: <<http://chayachitrakar.blogspot.com.br/2011/06/sorrow-dolore.html>>. Acesso em: 25 jan. 2013.

**Classificação Brasileira de Ocupações.** Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/erro.jsf>>. Acesso 20 jul. 2012.

**Coroas para velório.** Disponível em: <<http://www.coroasparavelorio.com.br/coroa-de-flores-para-todo-brasil>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

**Crematório Vaticano.** Disponível em: <[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/crematorios\\_vaticano.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/crematorios_vaticano.html)>. Acesso em: 2 fev. 2012.

**Damasceno Consultoria.** Disponível em: <<http://damascenoconsultoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2012.

**FOL - Funerária On line.** Disponível em: <[http://www.funerariaonline.com.br/forum/topic.asp?TOPIC\\_ID=1585](http://www.funerariaonline.com.br/forum/topic.asp?TOPIC_ID=1585)>. Acesso em: 6 mar. 2011.

**Funerária São Francisco.** Disponível em: <<http://www.funerariasaofrancisco.com.br/novo/principioseticos/>>. Acesso em: 29 ago. 2012.

**Funeral Home.** Disponível em: <<http://www.funeralhome.com.br/funeralhome.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2012.

**Funerária Vaticano.** Disponível em:

<[http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio\\_de\\_cinzas\\_ao\\_espaco.html](http://www.funerariavaticano.com.br/paginas/envio_de_cinzas_ao_espaco.html)>. Acesso em: 8 jul. 2011.

**Grupo Altstut.** Disponível em: <Disponível em:

<<http://www.memorialsantos.com.br/historia/historia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

**IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1)>. Acesso em 6 ago. 2012.

**IE Working Paper, WEP 18/03, 28/10/2003.** Disponível em: <

[http://latienda.ie.edu/working\\_papers\\_economia/WPE03-18.pdf](http://latienda.ie.edu/working_papers_economia/WPE03-18.pdf)>.

Acesso em: 5 set. 2012.

**Jardim da Paz - Cemitério parque.** Disponível em:

<<http://www.cemiterioparquejardimdapaz.com.br/jardim.php>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

**Jus Brasil.** Disponível em:

<<http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca;jsessionid=62139EA0BEEC6E07D692BCA05422FD00?q=semana+inglesa&s=jurisprudencia>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

**Le cimetière virtuel.** Disponível em: <<http://www.lecimetiere.net/>>.

Acesso em: 18 dez. 2012.

**Memorial crematório do cemitério Dom José.** Disponível em:

<<http://crematoriodomjose.com.br/columbario>>. Acesso em: 28 dez 2012.

**Metropolitano cemitério vertical.** Disponível em:

<<http://www.cemiteriometropolitano.com.br/site.html>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

**Moto.com.br.** Disponível em:

<[http://www.moto.com.br/acontece/conteudo/bizarro\\_piloto\\_e\\_embalsamado\\_em\\_sua\\_moto-29485.html](http://www.moto.com.br/acontece/conteudo/bizarro_piloto_e_embalsamado_em_sua_moto-29485.html)>. Acesso em: 1º out. 2011.

**Octavo.** Le crime. Disponível em:

<<http://www.octavo.com.br/livros.asp?ID=26>> Acesso em: jan. 2013.

**Poética Prosa.** Disponível em: <

[http://lounge.obviousmag.org/poetica\\_prosa/2012/11/fotos-post-mortem.html](http://lounge.obviousmag.org/poetica_prosa/2012/11/fotos-post-mortem.html)>. Acesso 28 nov. 2012.

**Partidas e chegadas.** Disponível em:

<<http://www.partidaechegada.com/2009/11/2010-tera-estreia-de-cinco-filmes.html>>. Acesso em: 6 ago. 2012.

**Portal Angels.** Disponível em:

<<http://www.portalangels.com/oracoes/oracoes-para-os-santos/oracao-a-sao-francisco-de-assis.html>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

**Portal Cidadão Consumidor.** Disponível em:

<[http://www.cidadaoconsumidor.com/Biblioteca/12,201,0,0,0,0/Servicos\\_Funerarios.html](http://www.cidadaoconsumidor.com/Biblioteca/12,201,0,0,0,0/Servicos_Funerarios.html)>. Acesso em: 14 jun. 2011.

**Portal Cortel.** Disponível

em:<[http://www.cortel.com.br/w\\_crematorio\\_saojose/](http://www.cortel.com.br/w_crematorio_saojose/)>. Acesso em: 28 ago. 2006.

**Portal da CPRM.** Disponível em:

<http://www.cprm.gov.br/imprensa/Site/artigobrancoperciodemorais02b.htm>>. Acesso em: 04 set. 2006.

**Portal da Funerária Haas.** Disponível em:

<<http://www.haas.srv.br/indaial/servicos.php>>. Acesso em: 21 jun. 2011.

**Portal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB.** Disponível

em:<[http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com\\_content&task=category&sectionid=12&id=56&Itemid=47](http://www.ieclbhistoria.org.br/home/index.php?option=com_content&task=category&sectionid=12&id=56&Itemid=47)>. Acesso em: 20 dez. 2012.

**Portal Luterano.** Disponível em:

<<http://www.luteranos.com.br/portal/site/conteudo.php?idConteudo=4477>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

**Portal Terra.** Disponível em: <<http://saude.terra.com.br/pacientes-poderao-decidir-por-morte-digna-em-caso-de-situacao-terminal,cb02a11969979310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

**Portal Uol Notícias.** Disponível em:<<http://www2.uol.com.br/debate/1311/cidade/cidade11.htm>>. Acesso em: 04 maio 2006.

**Portal funerária on-line.** Disponível em: <[http://funerariaonline.com.br/News/\\_Imprimir.asp?idenews=4959](http://funerariaonline.com.br/News/_Imprimir.asp?idenews=4959)>. Acesso em: 10 set. 2006.

**Pro - Tanato.** Disponível em: <[http://www.protanato.com.br/site/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](http://www.protanato.com.br/site/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1)>. Acesso em: 20 ago. 2012.

**Projeto Pibid na escola.** Disponível em: <<http://planggpid.blogspot.com.br/2011/06/visita-macabra.html>>. Acesso em: 18 set. 2012.

**Renaux.** Disponível em: <<http://www.renaux.com.br/conteudo/index.aspx?codigo=2>>. Acesso em: 20 set. 2012.

**SEBRAE.** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/momento/quero-abrir-um-negocio/que-negocio-abrir/tipos/empresa-familiar/>>. Acesso em: 23 ago. 2012.

**Secretaria municipal de educação de Brusque.** <<http://www.semebrusque.com.br/eefrb.antigo/projetos/antigas/html/Consul.html>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

**Serviço funerário do Portal da Prefeitura de São Paulo.** Disponível em:<[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico\\_funerario/noticias/index.php?p=3913.asp](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/noticias/index.php?p=3913.asp)>. Acesso em: 12 jun. 2012.

**SINCEP/ACEMBRA** - Sindicato dos cemitérios particulares do Brasil, 2003. Disponível em:  
<<http://www.sincep.com.br/?key=53c3bce66e43be4f209556518c2fcb54>>. Acesso em: 11 maio 2011.

**Sindicato dos Estabelecimentos de Serviços Funerários do Estado do Paraná (SESFEPAR)**. Disponível em:  
<<http://www.sesfepar.org.br/documentos/Funerariasxhabitantes-ABREDIF.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2011.

**Site cultural**. Disponível em:  
<<http://www.escriptorhamilton.net/blog.php?idb=25316>>. Acesso em: 27 jun. 2011.

**The Natural Death Centre**. Disponível em: <  
<http://www.naturaldeath.org.uk/>>. Acesso em: 18. set. 2012.

**UOL Educação**. Disponível em:  
<<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u560.jhtm>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

**Web Santa Catarina**. Disponível em:  
<[http://www.websantacatarina.com.br/santa\\_catarina/mesorregiao\\_vale\\_do\\_itajai/microrregiao\\_blumenau/brusque/paginas%20dia/100.html](http://www.websantacatarina.com.br/santa_catarina/mesorregiao_vale_do_itajai/microrregiao_blumenau/brusque/paginas%20dia/100.html)>. Acesso em: 22 out. 2012.

**WebJur. Informador Jurídico**. Disponível em:  
<[http://www.webjur.com.br/doutrina/Direito\\_Administrativo/Concess\\_o\\_e\\_Permiss\\_o.htm](http://www.webjur.com.br/doutrina/Direito_Administrativo/Concess_o_e_Permiss_o.htm)>. Acesso em: 6 maio de 2011.

**Zé Variedades**. Disponível em: <http://www.zeveriedades.com/o-cemiterio-monumental-de-staglieno-genova-italia/>. Acesso em: 25 jan. 2013.

## Leis

Lei nº 7211 de 17 de dezembro de 2007 de Blumenau. Dispõe sobre o serviço funerário no âmbito do município de Blumenau e dá outras providências. In: **Jus Brasil Legislação**. Disponível em:

<<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/259945/lei-7211-07-blumenau-sc>>. Acesso em: 4 mai. 2011.

Lei nº 3.376 de 18 de Junho de 2004. In: **Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda**. Disponível em: <http://www.sedest.df.gov.br/sites/300/382/00000317.pdf>. Acesso em: 20 jun 2011.

Lei nº 6860 de 03 de agosto de 1994. In: **Jus Brasil/Legislação**. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/687896/lei-6860-94-ribeirao-preto-sp>>. Acesso em: 7 maio 2011.

## Filmes

A VINGANÇA DE WILLARD. Direção de Glen Morgan, Produção James Wong e Glen Morgan, roteiro de Gilbert Ralston. EUA: New Line Cinema, 2003. (110min).

A SETE PALMOS. Direção, criação e roteiro de Alan Ball. EUA: HBO, 2001-2005 (série).

A PARTIDA. Direção: Yojiro Takito. Japão, 2008.

## Jornais

Romaria aos cemitérios começou cedo e foi maior no Caju. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 13, nº 257, 2/11/1965. In: Acervo digital do Jornal do Brasil. Google news. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19651102&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 out. 2013.

Cemitérios abrem até às 18h em Finados com chuva. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, nº 208, 2/11/1978. In: Acervo digital do Jornal do Brasil. Google news. Disponível em: <<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19781102&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 15 out. 2023.



ALMEIDA, Kamila. ZH dominical traz reportagem sobre famílias que perderam seus jovens em acidentes, 13 nov. 2010. **Zero Hora**.

Disponível em:

<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2010/11/zh-dominical-traz-reportagem-sobre-familias-que-perderam-seus-jovens-em-acidentes-3108629.html>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

BASTOS, Angela. Na Barra da Lagoa, Leste da Ilha, velórios saem do salão paroquial para região turística, 1 out. 2012. **Hora de Santa Catarina**. Disponível em:

[http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/horadesantacatarina/19,0,3902066\\_Na-Barra-da-Lagoa-Leste-da-Ilha-velorios-saem-do-salao-paroquial-para-regiao-turistica.html](http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/horadesantacatarina/19,0,3902066_Na-Barra-da-Lagoa-Leste-da-Ilha-velorios-saem-do-salao-paroquial-para-regiao-turistica.html) > Acesso em: 12 out. 2012.

CARRANCA, Adriana. Cemitério cheio faz cremação crescer em São Paulo, 31 jan. 2010. **Estadão.com.br** Disponível em:<

<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,cemiterio-cheio-faz-cremacao-crescer-em-sp,504251,0.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

CURY, Anay. Com estabilização da mortalidade, funerárias investem em inovação. **Portal Globo.com** - Economia e negócios, 04/07/2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/07/com-estabilizacao-da-mortalidade-funerarias-investem-em-inovacao.html>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

DESLANDES, Fernanda. Cartas psicografadas revelam notícias do mundo de lá. **ParanáOnline**, 20 out. 2012. Disponível em:

<<http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/630768/?noticia=CARTAS+PSICO+GRAFADAS+REVELAM+NOTICIAS+DO+MUNDO+DE+LA>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

EUA: funerária oferece velório "drive-thru" em Los Angeles. **Portal Terra**, 9 fevereiro 2012. Disponível

em:<<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5604065-EI8141,00->

[EUA+funeraria+oferece+velorio+drivethru+em+Los+Angeles.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5604065-EI8141,00-EUA+funeraria+oferece+velorio+drivethru+em+Los+Angeles.html)>. Acesso em: 6 mar. 2012.

Pacientes poderão decidir por "morte digna" em caso de situação terminal. **Portal Terra**. Disponível em: <<http://saude.terra.com.br/pacientes-poderao-decidir-por-morte-digna-em-caso-de-situacao-terminal,cb02a11969979310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 31 ago. 2012.

TÂMEGA, Oiseryl J.; GARCIA, Progresso J. Tanatopraxia: informações e Curiosidades. **Folha fúnebre**. Disponível em: <<http://folhafunebre.blogspot.com/2009/01/tanatopraxia-informaes-e-curiocidades.html>>. Acesso em: 6 maio 2011.

Vandalismo em cemitério de Porto Alegre atinge 60% das sepulturas, 12/08/08. **G1: Portal de notícias**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL720094-5598,00-VANDALISMO+EM+CEMITERIO+DE+PORTO+ALEGRE+ATINGE+DAS+SEPULTURAS.html>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

## Revistas

CARARO, Aryane; HUECK, Karin. Médiuns: Eles falam com espíritos, prevêm o futuro, resolvem mistérios e curam doenças. Ou pelo menos acreditam fazer tudo isso. **Revista Superinteressante**, maio 2008. Disponível em: < <http://super.abril.com.br/religiao/mediuns-447506.shtml>> . Acesso em: 15 dez. 2012.

CINQUEPALMI, João Vito. Você pode ser imortal. **Revista Superinteressante**, Rio de Janeiro, nº 275, fevereiro, 2010. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/voce-pode-ser-imortal-535997.shtml>. Acesso em: 20 fev. 2012.

FRUTUOSO, Suzane. Mensagem para você: como as pessoas que creem na comunicação com os mortos transformaram suas vidas a partir de cartas psicografadas. **Isto é, Comportamento**, nº Edição: 2048. 11. fev. 09. Disponível em: < [http://www.istoe.com.br/reportagens/6504\\_MENSAGEM+PARA+VOC E?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/reportagens/6504_MENSAGEM+PARA+VOC E?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)> . Acesso em: 18 dez. 2012.

FURQUIM, Fernanda. 10 anos de a sete palmos. **Veja online**, 5 jun. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/tag/a-sete-palmos/>>. Acesso em: 22 jan. 2012.

Onda espírita no cinema aumenta venda de livros. **ISTOÉ Online**, Variedades, 03. Maio 2010. Disponível em: <[http://www.istoe.com.br/noticias/data/70045\\_ONDA+ESPIRITA+NO+CINEMA+AUMENTA+VENDA+DE+LIVROS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/noticias/data/70045_ONDA+ESPIRITA+NO+CINEMA+AUMENTA+VENDA+DE+LIVROS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage)>. Acesso em: 17 dez. 2012.

## Blogs

**A história de Éverton**. Disponível em: <<http://ahistoriadeeverton.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Diário da mãe de um anjo**. Disponível em: <<http://espacoangelical.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Felipe uma lição de vida e amor**. Disponível em: <<http://felipeznegrao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2012.

**Princesa Joyce**. Disponível em: <<http://princesajoyceteamo.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

**Thais Albuquerque in memoriam**. Disponível em: <<http://thaisalbuquerquememoria.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

## Vídeos do YouTube

BENNTTO, Patty. **Mamãe não chore por mim... sou teu anjo aqui!!!** YouTube, 17 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=v0Ptfnd-8Dk&feature=related>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

HOSHIDA, Renata. **Missã do Nathan**. YouTube, 27 de fevereiro de 2012. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=CVneNSXH4gY&feature=related>>  
 . Acesso em: 12 jan. 2012.

NEVES, Thamires. **Danilo Said Eternas saudades**. YouTube, 7 dez. 2009. Disponível em:  
 <<http://www.youtube.com/watch?v=4OD5VceB9iw&feature=related>>.  
 Acesso em: 15 jul. 2012.

Santos, Giba. **Blumenau década de 1920**. YouTube, 23 de dezembro de 2012. Disponível em: <  
<http://www.youtube.com/watch?v=0UuHfi1clxc>>. Acesso em: 22 maio 2011.

SOUZA, Rafaela. **Camila Mendes , te amamos [LUTO]**. YouTube, 11 jul. 2010. Disponível em:  
 <[http://www.youtube.com/watch?v=pTOt0q\\_Mr5w&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=pTOt0q_Mr5w&feature=related)>.  
 Acesso em: 15 jul. 2012.

WENDLAND, Luciane Dorneles. **LAURA E LUIZA, nossos amores eternos....** YouTube, 5 out. 2010. Disponível em:  
 <[http://www.youtube.com/watch?v=C\\_s8\\_wFNaB4&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=C_s8_wFNaB4&feature=related)>.  
 Acesso em: 12 jan. 2012.

### *E-mails*

HAAS, Ronald. **Atualização da situação empresa - razões sociais** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[elisiana.castro@yahoo.com.br](mailto:elisiana.castro@yahoo.com.br)> em 1 fev. 2013.

Haas, Ronald. **Definição diretor funerário** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[elisiana.castro@yahoo.com.br](mailto:elisiana.castro@yahoo.com.br)> em 29 ago. 2012.

HAAS, Ronald. **Imagens urnas** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[elisiana.castro@yahoo.com.br](mailto:elisiana.castro@yahoo.com.br)> em 24 out. 2012.

HAAS, Ronald. **Nome do instrumento** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[elisiana.castro@yahoo.com.br](mailto:elisiana.castro@yahoo.com.br)> em 3 out. 2012.

HAAS, Ronald. **Sobre urna** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elisiana.castro@yahoo.com.br > em 16 out. 2012.

### **Acervo particular da família Haas**

#### a) Documentos

**Contrato de Assistência Funerária 24 horas.** Acervo da empresa Haas, 2011.

**Declaração de Firma Individual,** 3 março de 1948. In: Acervo da família Haas, Blumenau (SC).

#### b) Manuscritos

HAAS Rosa Johanna. *Errinnerungen (Memórias)*, 1975. Acervo particular da Família Haas, Blumenau (SC).

HAAS, Mathias. *Bilanz. Auszug aus dem Manuskript Lebensbekenntnisse - Saldo (Trecho do manuscrito as confissões da vida)*. Manuscrito datilografado. Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 7 ago 1950.

HAAS, Mathias. *Biografie. Lebenslauf und Betätigung von Mathias Haas: 1887-1955. Deutschland-Stammesheimat / Brasilien-Wahlheimat* (Biografia: Currículo e ocupações de Mathias Haas: 1887-1955. Alemanha-Pátria Mãe / Brasil-Pátria Adotiva). In: *Interessant und lehrreich Eindrücke Mathias Haas Werdegang Erlebnisse = Reisen 1904 - 1954* (Interessantes e instrutivas impressões sobre a carreira de Mathias Haas = Experiências de viagem 1904 - 1954). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1955.

HAAS, Mathias. *Famillienchronik geschrieben von Mathias Haas, 09/08/1937* (Crônica familiar escrita por Mathias Haas). *Gedenken über Vergangenes und Gegenwärtiges - Deutschland/Blumenau/Brasilien* (Memórias sobre o passado e o presente - Alemanha/Blumenau/Brasil). In: *Gedenkbuch und werdegang von Marmoraria Haas*. (Livro de

Memórias e Trajetória da Marmoraria Haas - Alemanha-Brasil). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, 1937.

HAAS, Mathias. *Lebenslauf und werdegang von Marmoraria Haas* (Currículo e trajetória da Marmoraria Haas). Acervo Particular Família Haas, Blumenau, s/d.

c) Publicações

BRACHT, Hans van. *Grabmale aus naturstein*. Munique: Georg D. W. Callwey, s/d.

WALDECH, E. *Inschristen Grabdenkmäler*. Leipzig: Derlag von Bernh. Friedr. Voigt: 1907.

## Entrevistas

COSTA, Edicarlos Cardoso da. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Florianópolis, 5 maio de 2011. Duração: 8 mimx12seg. Arquivo pessoal da autora.

HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Maria Helena dos Santos Moratelli**. Blumenau, 2 de maio de 2008. Arquivo pessoal da autora.

HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 2 de maio de 2011. Duração: 1hora 15min 1 seg. Arquivo pessoal da autora.

HAAS, Rolf Mathias. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012. Duração: 8min 36 seg. Arquivo pessoal da autora.

HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 5 de junho de 2010. Duração: 1hora 12min 14 seg. Arquivo pessoal da autora.

HAAS, Ronald. **Entrevista cedida a Elisiana Trilha Castro**. Blumenau, 13 de outubro de 2012. Duração: 18min 45seg. Arquivo pessoal da autora.

## Teses

CRUZ, Manoel Pereira da. **Cemitérios**. Dissertação inaugural apresentada a Escola de Médico-Cirurgica do Porto. PORTO: Typographia Ocidental, 1882. Disponível em: <[http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16457/3/31\\_7\\_EMC\\_I\\_01\\_P.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/16457/3/31_7_EMC_I_01_P.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2011.

FANZERES, Gabriel Cardoso. **Inhumação e Cremação**: ligeiro estudo sob os pontos de vista hygienico e médico-legal. Porto: Typographia Universal (a vappor), 1910. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/17219>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

## Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

**Jornal O conciliador**, Lages 13 de novembro de 1929, nº 31, ano 1.

## Center for Research Libraries - Brazilian Government Documents

PARDAL, João Carlos. Discurso pronunciado na Abertura da Assembleia Legislativa da Provincia de Santa Catharina na primeira sessão ordinária da segunda Legislatura Provincial em 1838. In: **Center for Research Libraries - Brazilian Government Documents**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/953/>>. Acesso em: 4 set. 2012.